HENRYK SIENKIEWICZ

SEM DOGMA

Traducção de Eduardo de Noronha

Jone Borges dos Reis
Em 30/10/1938.

VOLUME I

LISBOA
Secção Editorial da Companhia Nacional Editora
Largo do Conde Barão, 50
1901

Jone Borges dos Reis.
Bl., 30/10/9

SEM DOGMA

Roma, 9 de janeiro

Passei, não ha muito tempo, alguns dias com o meu antigo condiscipulo e amigo José Sniatynski, que occupa presentemente um logar distincto entre os escriptores contemporaneos de mais fama. Nas nossas conversações interminaveis ácêrca de assumptos litterarios, Sniatynski attribuia ás memorias, fôsse qual fôsse a fórma como apparecessem, uma importancia consideravel. Dizia, que deixar um diario sincero, bem ou mal redigido, era transmittir aos psychologos e romancistas do porvir, não só uma imagem fiel das épochas passadas, mas ainda os unicos e verdadeiros documentos humanos a que se poderia recorrer sem desconfiança.

Previa que a fórma preferida do romance futuro seria a das notas intimas, tomadas dia a dia; e concluia que o auctor de qualquer memoria trabalhava para o bem da sociedade e cumpria para com ella uma obra meritoria.

Como tenho trinta e cinco annos feitos e não me recordo de ter contribuido de qualquer maneira para a felicidade do meu paiz, pois logo que sahi do collegio, passei

a vida, com pequenos intervallos de residencia na minha patria, no extrangeiro; resolvi redigir as minhas memorias. Se isso constitue merito, sejamos laboriosos e mereçamos alguma consideração por esta maneira.

Principio por declarar que tenciono ser absolutamente sincero. A idéa de me examinar a mim mesmo todos os dias, sorri-me e deleita-me. Sniatynski affirma que o habito de registar os proprios pensamentos e impressões, se transforma de prompto n'uma distracção das mais agradaveis ao espirito. Se assim não fôra, não respondia pelo resultado do meu trabalho.

A não contar com este prazer intimo, o emprehender tal tarefa seria enganar-me a mim proprio; seria não prevêr que poderia ser bruscamente interrompido no meu intento, de fórma analoga áquella como se quebra uma corda submettida a demasiada tensão. Estou disposto a sacrificar-me pela sociedade, mas não até o ponto de me expôr ao tedio. Isso excede a medida das minhas fôrças.

O que, porém, estou decidido é a não succumbir ante as difficuldades da estreia. Tratarei de me acostumar e de me entreter com esse labor.

No decorrer das nossas discussões, Sniatynski repetia-me sem cessar: "Não cáias, sobretudo, na mania de fazer estylo, não escrevas nunca como estylista.„ Coisa facil de dizer! Concebo, de bom grado, que quanto mais talento tem um escriptor, menos se preoccupa com os effeitos litterarios; eu, porém, que escrevo como *dilettanti,* temo as difficuldades da fórma. Sei que o principal é pensar e sentir com intensidade, e exprimir sinceramente estes pensamentos e sentimentos, pois d'esse modo se chega a produzir uma obra excepcional. Mas, ai! tão prompto começa a lide, logo se entra desgraçadamente nos dominios da *pose,* na emphase e na phraseologia banal ou vulgar. O braço, os dedos e a penna nem sempre servem de fio conductor de confiança para transmittir a scentelha do nosso raciocinio e dar-lhe fórma. Nem sempre o cerebro dirige a penna; com frequencia a penna impõe ao cerebro formulas sem relevo, ôccas e artificiaes. É necessario evi-

tar este escolho. Podem faltar-me o habito, a experiencia, o colorido, a simplicidade litterarias, mas creio que o criterio não me faltará; ora este criterio innato pode tomar horror tão profundo ao meu estylo, que torne impossivel a realisação da tentativa. O tempo o dirá. Entretanto e para entrar no assumpto farei preceder estas memorias d'uma curta noticia autobiographica.

Chamo-me Leão Ploszowski; tenho, como disse, trinta e cinco annos. Pertenço a uma familia rica, que soube conservar a riqueza intacta até nossos dias. Pelo que me diz respeito, estou persuadido que não augmentarei o patrimonio, mas que tambem o não hei de perder. A minha situação social dispensa-me de certos esforços que outros teem de fazer para chegar a determinadas posições na sociedade, e da humilhação de ahi ser admittido á custa de dinheiro. Conhecendo a vida, não me seduzem as distracções ruidosas.

Minha mãe morreu quando eu tinha apenas oito dias. Meu pae, que a amava mais que a vida, cahiu n'um accesso de invencivel melancholia. Procurou allivio ás suas dôres em Vienna e não quiz tornar a vêr a terra natal, porque as sombrias recordações que alli o atormentavam continuamente, dilaceravam-lhe o coração. Cedeu as suas propriedades de Ploszow á irman mais velha, e fixou-se em Roma, d'onde não sáe ha trinta annos. Mas nem por isso se separou do tumulo onde repousava minha mãe, porque me esquecia dizer que trasladou os seus restos para os inhumar no *Campo Santo*.

Possuimos, em Babuino, um palacio denominado *Casa Osoria* (1), titulo que provém do nosso brazão. É quasi um museu: meu pae reuniu alli uma collecção de antiguidades christans. Colleccionar, constitue actualmente a unica paixão da sua existencia. Na juventude era um cavalheiro de

(1) Os brazões das familias nobres polacas possuem um titulo que se pode juntar ao seu nome patronymico, como por exemplo: Osoria-Ploszowski; Cidek-Poniatowski; Jelita-Zamoyski, etc.

infinita elegancia e graça. O seu nome e a sua grande riqueza, abriram-lhe todas as carreiras e todas as portas e presagiavam-lhe as mais risonhas esperanças no porvir. Soube estes pormenores por um dos seus antigos condiscipulos da universidade de Vilna. Occupava-se meu pae, n'aquella época, de profundos estudos de philosophia, e esperava-se que o seu nome figurasse, com o andar dos tempos, ao lado dos psychologos mais distinctos. As exigencias da vida mundana e as suas felizes aventuras com mulheres, distrahiram-n'o dos puros trabalhos especulativos do espirito. Appellidavam-n'o nos salões o "Leão Invencivel„. Apesar d'esta aura, cultivava com amor a philosophia antiga e moderna.

O mundo sabio esperava vêl-o produzir uma obra que tornasse o seu nome celebre na Europa. Estas illusões depressa se dissiparam. Do antigo brilho e afamada elegancia só resta hoje uma expressão profunda e caracteristica no semblante, que o torna uma das physionomias mais bellas e mais nobres que tenho visto. Os pintores são absolutamente da minha opinião. Um d'elles dizia-me que era difficil imaginar-se um typo mais perfeito de patricio. No ponto de vista scientifico, meu pae é e continuará a ser um amador aristocrata dos mais illustres. Creio até que esta vocação é peculiar a todos os Ploszowski presentes e futuros, e quando tratar de mim tenciono insistir n'esta asserção.

Sei que meu pae guarda n'uma gaveta da sua secretária um tratado philosophico intitulado: "Das Trindades„. Li-o outr'ora com tedio, confesso-o. Lembro-me ainda de varias theorias ácêrca das trindades materiaes oppostas a outras de differente ordem: oxigenio, hydrogenio e azote, trindade em opposição á transcendental que o christianismo consubstanciou depois, na concepção de Deus Padre, Deus Filho e Deus Espirito Santo. Depois continuava n'uma extensa serie de trindades analogas, a começar pelo Bello, pelo Bem, pela Verdade para terminar pelo syllogismo formado das suas premissas, tal como nol-o ensina a logica, — maior, menor e consequencia.

É uma singular mescla de idéas hegelianas e de hypotheses á moda de Hoene-Wronski, um immenso, subtil e vão trabalho de pensamento. Demais estou convencido que meu pae não mandará imprimir o seu famoso tratado talvez pela decepção soffrida ácêrca do valor que a philosophia tem no mundo.

A primeira causa d'esta decepção intellectual foi a morte de minha mãe. Meu pae, que apesar da antonomasia de "Invencivel„ e da sua reputação de despreoccupado era um homem excessivamente sensivel, examinou á luz da sua philosophia um sem numero de terriveis questões: como não obtivesse resposta, nem consolação satisfactoria, reconheceu a inanidade d'esta sciencia em frente das miserias moraes da vida. Devia ter-se passado no seu ser uma espantosa tragedia, ao vêr em ruinas os dois apoios da existencia: o coração e a alma. A melancholia obscureceu-lhe o cerebro e abraçou-se á piedade. Passou dias e noites em continuas orações, ajoelhava nas ruas e á porta das egrejas, e ao vêr o seu extranho fervor consideravam-n'o em Roma, uns como louco e outros como santo.

Encontrava nas práticas religiosas mais consolo que na philosophia. Tranquillisou-se por este modo e começou de novo a viver a vida real. Este conselho fel-o entabolar negociações com o grande Rossi, de quem se tornou em pouco tempo verdadeiro amigo. Os dois passavam dias inteiros nas catacumbas. Meu pae, devido ás suas especiaes faculdades de assimilação, chegou a ter uma intuição tão prodigiosa da antiga cidade, que admirava o proprio Rossi.

Mais d'uma vez pensou escrever o resultado das suas observações e trabalhos; mas nunca chegou a terminar a obra começada. É possivel que os cuidados assiduos que punha em completar as collecções lhe absorvessem todos os instantes. Se não deixou nada completo, além do museu, deve ser attribuido a que nunca soube cingir-se, no meio das suas investigações, nem a uma época, nem a um ramo de arte nitidamente definidos.

Dentro em pouco a Roma feudal dos barões exerceu sobre elle uma attracção egual á exercida pela Roma dos

primeiros christãos. Houve um tempo em que tinha a cabeça cheia dos Colonna e dos Orsini. Depois dedicou-se com ardor aos estudos sobre a Renascença. Das inscripções tumulares, e dos primeiros vestigios da architectura christan, passou a tempos mais proximos e estudou as luctas ardentes entre guelfos e gibelinos. Dos pintores bizantinos, passou aos Fiesole e a Giotto, para chegar por fim aos mestres do seculo xv. Entretido simultaneamente por estudos tão diversos e complicados de esculptura e de pintura e a colleccionar exemplares raros para o museu, a obra sonhada a respeito de Roma, nunca passou de projecto. Meu pae queria por sua morte legar á Cidade Eterna a sua famosa collecção, desejava que as suas curiosidades fossem installadas n'uma sala com o nome de "Museu Ploszowski„. O que me surprehendia era a convicção que d'elle se apossara que d'este modo favorecia melhor os interesses dos seus compatriotas, que se legasse taes thesouros a qualquer cidade polaca.

— D'esta maneira, — dizia-me, — todo o mundo apreciará o valor das raridades, pois vem aqui gente de todos os paizes, e isto redundará em honra do nosso, ao passo que alli ninguem verá os thesouros que possuo.

Não trato de averiguar se tal desejo era determinado com o orgulhoso fito de que o nome dos Ploszowski figurasse gravado n'uma placa de marmore em qualquer parte da Cidade Eterna. Inclino-me a crer que era esta a principal causa do donativo.

Em compensação, minha tia que vive em Varsovia, onde penso ir acabar meus dias, via, a boa senhora, com muito maus olhos, as nossas collecções ficarem em Roma. As desencontradas opiniões de meu pae e de minha tia em tal assumpto, motivaram renhidas discussões epistolares, e se as coisas não passaram além de certos limites, foi devido a que o carinho de minha tia por mim fazia com que cedesse a meu pae, apesar do seu caracter fogoso.

É mais edosa que meu pae. Quando a desgraça que o ferira o obrigou a abandonar a patria e a proceder á partilha de bens de familia, ficou com os capitaes, e deixou a

sua irman o dominio de Ploszow. Minha tia administra as suas propriedades ha trinta annos, com a competencia d'um homem acostumado a taes misteres. Deve isto talvez á sua educação pouco vulgar. Enamorou-se aos vinte annos de um mancebo que morreu no momento em que se dispunha a ir ter com elle ao extrangeiro, para se casarem. Desde então repelliu todos os partidos e conta ficar solteira. Morta minha mãe, consagrou-se a meu pae, acompanhando-o a Vienna e a Roma, dando-lhe provas de solicitude sem limites Mais tarde, fui eu o alvo de toda a sua ternura. É uma nobre senhora, na verdadeira accepção da palavra, um pouco despotica e um pouco altiva, a ponto de não se constranger para dizer a quem quer que seja as verdades na cara, mas é, no fundo, a mulher mais bondosa do universo. Debaixo d'um aspecto brusco esconde um coração de oiro, um coração que não ama só os seus, isto é, meu pae, os seus amigos, os parentes, mas a humanidade inteira. Possue tão grandes virtudes, que pergunto a mim proprio se ha n'isso merito, de tal fórma parecem inherentes ao seu temperamento. A sua caridade é proverbial. Descobre os necessitados com o faro d'um policia e acode-lhes com o amor d'um S. Vicente de Paula. Profundamente religiosa, nunca a mais leve sombra de dúvida lhe inquietou a alma. As suas acções baseiam-se em principios inquebrantaveis, e não hesita nunca no caminho a seguir. D'aqui resulta ser uma mulher perfeitamente ditosa e tranquilla. O seu tom brusco valeu-lhe o apodo de "bemfeitora rabugenta„. Ha alguem, especialmente no sexo feminino, que lhe recusa as suas invejosas sympathias, mas pode affirmar se, sem receio de desmentido, que gosa de immensa estima em todas as classes sociaes.

Ploszow está situada ás portas de Varsovia, onde minha tia possue um palacio. Passa os invernos na cidade, e n'essa estação insiste em que vá viver com ella, com o decidido empenho de me casar. Agora precisamente acabo de receber uma carta em que insta commigo para que lhe faça uma visita. Devia acceder aos seus desejos, porque ha bastante tempo que não respiro o ar da minha terra e

demais a pobre senhora diz-me que está velha e que não quer morrer sem vêr-me.

Confesso ingenuamente que o regresso ao meu paiz me seduz medianamente. Um dos desejos mais ardentes de minha tia é vêr-me casado, e a minha reluctancia em mudar de estado desgosta-a immenso. Sinto um vago terror ante a idéa do casamento; pois creio que com o matrimonio começa uma segunda existencia, e a primeira deixou-me extremamente fatigado.

Depois considero a minha situação particularmente embaraçosa. Minha tia e os amigos de meu pae obstinaram-se em acreditar que possuo faculdades excepcionaes. Esperam de mim não sei que brilhantes acções. Alentar estas esperanças parece-me um acto reprehensivel, e destruir as suas illusões parece-me demasiado cruel.

Temo, e não sem fundamento por desgraça, que bastantes amigos e muitos indifferentes não participem da opinião de minha tia. O que acabo de dizer leva-me naturalmente a apresentar-me com toda a franqueza ao leitor.

Os meus nervos são muito sensiveis e vibrateis por selecção de muitas gerações. Os primeiros cuidados da minha infancia foram confiados a minha tia, mas quando ella sahiu de Roma, cahi em mãos mercenarias. Meu pae, que desejava que eu falasse a lingua patria, conservou a meu lado uma polaca.

Esta excellente mulher ficou em nossa casa de Babuino e dirige actualmente o pessoal domestico. Ao chegar aos cinco annos meu pae incumbiu-se de me educar. Explicava-me em termos precisos e claros o que eu não podia comprehender sósinho. Talvez o desenvolvimento precoce do meu espirito se deva attribuir ao systema de educação recebida. Mais tarde quando os seus estudos, as suas investigações archeologicas e os seus desvelos de collecionador não lhe deixavam tempo para nada, deu-me um preceptor: o abbade Calvi. Era um homem já de edade, sereno na fé e na alma. Amava a arte sobre todas as coisas. Presumo que a religião não era para elle mais que um culto do Bello. Muitas vezes em frente dos *capo lavoro* dos museus,

ou ouvindo os canticos da Capella Sixtina, musica unica do mundo, esquecia-se de si e do universo inteiro. O amor profundo que sêntia pela arte não tinha nada de pagão; no seu culto não entrava nem o sybaritismo levado ao excesso, nem o attractivo das voluptuosidades sensuaes; provinha dos sentimentos mais elevados e menos pessoaes que se possam conceber. O abbade Calvi amava a arte com o amor puro e reflectido que bebera em Fiesole, Cimabuë e Giotto: mais ainda, amava-a com toda a humildade do coração, porque nunca possuira o menor predicado. Não posso dizer quaes eram as fórmas da arte que preferia. Creio que o meu preceptor admirava como forma suprema de arte a harmonia, pois era ella o reflexo da harmonia da sua alma. Cada vez que contemplo o quadro de Raphael, "Santa Cecilia„, e me fixo n'aquelle velho entregue aos arroubamentos das symphonias celestiaes, lembro-me do padre Calvi.

Entre dois homens como meu pae e o bom Calvi travou-se de momento uma amizade profunda que só a morte podia quebrar. Foi elle quem despertou em meu pae a paixão pelas coisas da antiguidade e o amor á Cidade Eterna. A affeição que ambos me dedicavam era um novo laço que os unia. Os dois prognosticavam para mim não sei que maravilhoso porvir. Penso muitas vezes que eu era para elles uma especie de harmonia, um complemento necessario para o mundo dos seus pensamentos, e que me amavam quasi da mesma maneira que amavam Roma e a arte.

Este ambiente exerceu em mim uma influencia decisiva. A minha educação apresenta mais d'um lado original. Percorria já com Calvi, já com meu pae, não só os museus e as galerias, mas tambem os arredores da cidade, as suas ruinas e as catacumbas. Calvi, tão sensivel ás bellezas da natureza como ás da arte, preparou o meu espirito para sentir o melancholico e poetico attractivo da campina romana, a perfeição com que se recortam no céo as linhas e os arcos dos aqueductos, a pureza dos contornos dos pinheiros bravos. Antes de saber as regras de arithmetica

acontecia-me, ao visitar os museus, rectificar as heresias de alguns inglezes, capazes de confundir os nomes de Caraci e de Caravaggio.

Pude muito novo exprimir-me em latim, porque a lingua italiana, que falava usualmente, me facilitava immenso esse estudo. Aos onze annos tinha idéas proprias. Apreciava não só os pintores italianos, mas tambem os mestres extrangeiros. A ingenuidade das minhas observações fazia trocar olhares, entre Calvi e meu pae, de verdadeiro assombro. Não gostava de Ribera; as suas personagens demasiado negras ou demasiado brancas, inspiravam-me um vago terror. Em troca idolatrava Carlo Dolce. N'uma palavra, passava tanto aos olhos de meu pae como aos dos amigos da casa — sem falar de Calvi — por uma creança prodigiosa. Os elogios que faziam do meu intellecto não podiam deixar de excitar a minha vaidade.

Coisa singular: estas influencias não exerceram em mim estimulo para me dedicar á arte, como facilmente se poderia acreditar. Se não me tornei artista é porque não tinha nem disposições nem talento natural para isso. Os meus professores de musica e de desenho diziam o contrario, mas era por lisonja. Como se explica que nem meu pae, nem Calvi tenham podido infundir em mim o amor sagrado da arte? Sou capaz de sentir o Bello? Com certeza. Posso conceber a sua absoluta necessidade? Tambem. Todavia, essas duas pessoas, que evocava ha pouco, amavam a arte pela arte, ao passo que eu me limito a gosal-a como amador e a servir-me d'ella como complemento indispensavel a todas as impressões agradaveis e deliciosas da existencia. Sim, repito-o, não concebo a vida sem arte; mas não poderia consagrar a minha vida inteira á arte.

Como os lyceus e os collegios em Italia deixam em geral muito a desejar, meu pae mandou-me para o collegio dos jesuitas de Metz. Sem muitos esforços alcancei as distincções e recompensas que se costumam obter nas aulas. Um anno antes do destinado á minha sahida do collegio, fugi e fui para Hespanha alistar-me no exercito de D. Carlos. Durante dois mezes percorri os Pyrinéos na divisão

commandada pelo celebre Tristany. Graças á intervenção do consul francez em Burgos, fui de novo mandado para o collegio para me penitenciar da aventura.

Não será prolixo dizer que o castigo não foi nem muito pesado, nem muito longo, pois meu pae e os professores no intimo orgulhavam-se com a travessura. Os brilhantes exames que fiz acabaram por me valer um perdão completo. Escusado será mencionar que no collegio todas as sympathias eram pela causa de D. Carlos, e a minha proesa apresentava-me aos olhos dos meus condiscipulos com a aureola d'um heroe. Continuava a ser o primeiro alumno da aula e exercia entre os meus condiscipulos uma especie de primasia incontestavel e incontestada. Crescia com a intima convicção que succederia o mesmo no futuro n'uma arena mais vasta. A maior parte dos meus professores compartilhavam esta convicção. Ora hoje, quantos dos meus antigos condiscipulos occupam uma situação eminente, no mundo das sciencias, das lettras, das artes ou da politica, ao passo que eu não escolhi nenhuma carreira, e que me veria muito embaraçado se me impuzessem a obrigação de escolher uma! Possuo, é verdade, uma excellente posição social. Herdeiro unico dos bens maternos, juntarei a esses os de meu pae e serei um dia dono das propriedades de Ploszow. Rico, poderia administrar o meu patrimonio com mais ou menos prudencia e sensatez, tendo sempre em vista que interesses e preoccupações de ordem tão inferior devem excluir de mim qualquer papel importante entre os meus contemporaneos. Mas nunca empregarei energia nos negocios, porque horisontes mais amplos se rasgarão aos desejos das minhas aspirações infinitas.

Pergunto a mim proprio com frequencia: Nós, Ploszowski, não nos illudiremos ácêrca das nossas supposta aptidões? Talvez eu me illuda. Mas equivocar-se-hão tambem os outros? Porque não occupo então o logar que me assignala a opinião que de mim forma o mundo?

Só citarei um exemplo, para provar que não é temerario o meu juizo:

Durante a minha estada na universidade de Varsovia,

onde fiz o curso superior, tive por condiscipulo José Sniatynski, em quem já falei. Julgavamos ambos alcançar uma brilhante posição litteraria. Fizemos tentativas; os meus trabalhos superavam os do meu amigo, e elle, todavia, está proximo a conquistar um glorioso nome litterario, e eu continúo a ser o Ploszowski de porvir seguro, e de quem se repete: "Ah! bastava só que elle tivesse querido!„

O mundo não quer saber d'esta verdade: o querer é uma sciencia. Se não fôsse rico teria precisão de dedicar-me a uma carreira. Vêr-me-hia reduzido a ganhar o pão de cada dia como qualquer outro; o que me induz a pensar que o dinheiro paralysou grande parte das minhas faculdades naturaes. Todavia, Darwin e Buckle fruiam boas rendas: é indubitavel que a riqueza é um auxiliar poderoso para o desenvolvimento da actividade e da intelligencia humanas. Pelo que me diz respeito, devo confessar que arredou as deformidades moraes e os compromissos a que infallivelmente está exposta a miseria. Não quero dizer que o meu caracter seja fraco; sinto, pelo contrario, que se avigoraria na lucta. Convém notar, porém, que quantas menos pedras se encontram no caminho, menos necessidade ha de saltar-lhes por cima para chegar ao fim.

Não attribuo a minha nullidade á preguiça natural do corpo e do espirito. Possuo preciosas faculdades de assimilação e uma curiosidade innata de saber. Li muito e com proveito. Talvez me falte tenacidade para um labor perseverante de grande fôlego; mas a falta d'esta perseverança é compensada, com usura, pela facilidade e acuidade das minhas percepções. No fim de contas, nada me obriga nem impelle a escrever um grande diccionario, como escreveu Littré. O brilho da luz rapida d'um meteoro não rivalisa, algumas vezes, com o resplendor persistente do sol? Mas esta nullidade no passado! Esta nullidade provavel no futuro! cruel incerteza! cruel amargura! A minha bôcca está como impregnada de azedume; sinto nauseas.

Roma, 10 de janeiro

Hontem, no sarau em casa do conde Malatesta ouvi a alguem pronunciar estas palavras: "a improductividade slava„. Senti uma consolação semelhante á que deve sentir um nevropatha a quem o medico affirme que os phenomenos morbidos que soffre estão determinados pela sciencia e são communs a numerosos enfermos. Estas palavras são verdadeiras! Quantos compatriotas atacados pela terrivel enfermidade! Não só na extensa terra slava, que ainda não percorri toda, mas ainda no nosso limitado territorio! Pensei toda a noite n'essa improductividade. Quem inventou a formula, não é com certeza um tonto. Sim, existe em nós certa esterilidade: certa falta de aptidão congenita para produzirmos tudo quanto podemos. Deus muniu-nos de arcos e de frechas, mas não nos deixou meios para retezar a corda e atiral-as. Este assumpto encherá completamente o meu diario, e constituirá todo o valor das minhas confissões. Nada mais natural que expandir-mo-nos no ponto que mais de perto nos diz respeito. Todo o homem tem em si a sua tragedia. A minha, é a improductividade dos Ploszowski. Não desconheço que é de mau gôsto expôr aos olhos de todos, os symptomas manifestos do mal incuravel e secreto que nos mina. Quando florescia o romantismo na poesia e nos corações, todos ostentavam as tristezas como as dobras artisticas d'um manto; hoje occultam-se por debaixo da roupa, á guisa de camisola. Como escrevo memorias, devo mostrar com sinceridade a minha tragedia.

Roma, 11 de janeiro

Fico ainda alguns dias aqui e aproveito-os para olhar para o passado. Creio ter já dicto que é projecto meu es-

crever uma autobiographia pormenorisada. O proceder futuro dos meus actos e a minha vida se encarregarão de demonstrar o que sou e o que posso ser. Uma analyse demasiado minuciosa do passado seria contrária á minha indole. É uma especie de addição fastidiosa. Escreve se uma serie successiva de algarismos e procede-se á somma. Das quatro regras, a addição, sobretudo, inspira-me invencivel tedio.

Quero, todavia, saber, mais ou menos exactamente, qual é a importancia total inscripta no meu activo a fim de vêr claro em mim proprio. Delinearei assim a traços largos o meu perfil.

Depois de sahir da Universidade, fui para a eschola de Grignon, para proseguir nos estudos; continuei alli a ser bom estudante, apesar de estudar sem fé, pois pensava que a agricultura não seria a minha occupação habitual, nem satisfaria as minhas ambições. A frequencia da eschola ensinou-me duas coisas práticas: a primeira certificar-me que a agricultura não é um conto inventado pelos administradores ruraes; a segunda convencer me que com a vida san do corpo poderia adquirir provisão de saude e fôrças musculares, mercê das quaes consegui arrostar impunemente com a vida agitada que levei, mais tarde, em Paris.

Os annos seguintes passei-os entre Paris e Roma, com excepção de algumas temporadas que ia visitar minha tia á Polonia. A bôa senhora continuava com a obsessão de casar-me com uma menina rica. Paris era a minha residencia habitual porque a grande cidade attrahia-me mais que as outras capitaes. Apesar da boa opinião que de mim formava, apesar de attribuir ao meu espirito mais valor do que realmente tem, apesar da minha riqueza e da minha posição social me terem dado desembaraço e confiança no meu criterio, nem por isso deixei de, a principio, representar um papel demasiado ingenuo no grande tablado do mundo. Tive aventuras amorosas. Estive quasi para casar com uma actriz da Comedia Franceza. Não recordo com prazer os incidentes tragi-comicos de tal aventura. Envergonho-me ainda quando d'isso me lembro. Depois deixei-me

cahir mais d'uma vez em armadilhas, mas succedia tambem fazel-o com conhecimento de causa. A mulher franceza, como a polaca, até quando conserva intacta a virtude, por pouco joven que seja, e que pertença ás espheras elegantes da sociedade, faz lembrar os mestres de armas. Da mesma maneira que um atirador esgrime para adquirir destresa, ellas manejam as armas femininas no terreno do sentimento, para os assaltos do coração. Joven, com titulo e de aspecto agradavel, fui convidado para este genero de exercicios, que algumas vezes, por ser candido, tomei a serio. Não soffri, confesso, feridas graves, mas apanhei algumas arranhaduras bastante dolorosas. A duração da prova não foi demorada. Para tal mundo tal vida, e todos n'elle teem de pagar o tributo da ingenuidade. Hoje, amestrado n'estes assaltos, não os temo; liquidei todas as dividas, e se ha occasiões em que me mostro fraco, é pelo prazer de me fingir vencido.

O nome e o dinheiro deram-me entrada em todas as casas, e estudei a sociedade parisiense frequentando desde os salões aristocraticos, onde se reunem os defensores do legitimismo, até os palacios luxuosos dos banqueiros, passando pelas espheras onde Dumas filho e Sardou teem por costume copiar as marquezas, princezas e duquezas das suas comedias. O que alli me attrahia era a mulher fina, nervosa, ávida de impressões novas e de gosos, mas desprovida em absoluto de ideal e mais perversa, quasi sempre, que os romances que lê. A sua moralidade não se apoia nem em bases religiosas, nem na tradição do dever. Uma sociedade rutilante e eis tudo. As horas de esgrima vão do dia á noite, e são com frequencia perigosas, porque não é costume embotar a ponta da espada. Falar das minhas aventuras seria ridicula fatuidade: direi apenas que diligenciei manter as tradições paternas.

Os circulos inferiores d'esta sociedade confinam com as regiões superiores do *demi-monde*. É mais perigosa do que parece á primeira vista. O cynismo occulta-se debaixo de apparencias artisticas. E eu, que andei mettido com esta gente, se deixei poucas pennas nas suas garras, foi

devido a que tinha já bico e unhas para me defender. Pode dizer-se da vida parisiense, em geral, que deixa quasi pulverisados os que conseguem salvar-se da trituração das suas mós. As victorias que se obteem podem comparar-se com os triumphos de Pirrho. Se, graças ao vigor natural do meu organismo pude sahir são e salvo d'esta prensa, em compensação os meus nervos ficaram diabolicamente doloridos.

Paris, entretanto, possue uma superioridade incontestavel sobre todos os outros grandes centros da vida humana. Não conheço parte nenhuma onde os germens da sciencia e da arte, as idéas mais nobres se expandam mais livremente e illuminem mais o cerebro humano. Alli a intelligencia não só assimila os grandes descobrimentos do dominio do espirito, mas é ainda imparcial, tolerante, n'uma palavra, civilisa-se. Sim, civilisa-se... porque na Italia, na Allemanha, na Polonia e n'outros paizes, apesar de se encontrarem cerebros privilegiados, são tão intolerantes, que só admittem como bons os seus modos de vêr.

Em Paris não ha enfermidades d'este genero. Da mesma forma que, no rapido curso, a levada arredonda as pedras com o seu reciproco attricto, assim as correntes da vida pulem e humanisam o espirito. Não ha dúvida que, pela acção d'esta corrente, o meu cerebro tambem adquiriu o brunido do cerebro do homem civilisado Sei hoje desculpar muitas fraquezas; não solto guinchos de pavão por mais que ouça emittir opiniões contrárias ou absolutamente extranhas ás minhas idéas. É possivel que este respeito pelas convicções alheias redunde em indifferença e nos tire a energia necessaria para a acção. Tanto peor! Não posso modificar a minha indole.

Esta corrente intellectual parisiense seduzia-me e deixei-me arrastar por ella. As minhas relações mundanas, os salões, os toucadores das formosuras celebres, o club, occupavam grande parte da minha vida, mas não toda. Entabolei relações com as celebridades scientificas e litterarias em evidencia. A minha instrucção ampliou-se e completou-se em mais d'uma materia. Demais, sou um ser o mais

consciente possivel de si mesmo. Lembro-me muitas vezes de mandar ao diabo este segundo *eu* que analysa e disseca o primeiro, e não permitte que me entregue á vontade a nenhum sentimento ou paixão. A consciencia do *eu* pode denotar um alto grau de cultura e de requinte espiritual, mas diminue singularmente a fôrça das sensações. Trazer em si um critico cujos olhos estão constantemente abertos, é separar da alma uma das partes essenciaes ao conjuncto, é sentir a vida e as impressões, não em globo, mas com uma parcella separada do todo. Só posso comparar a fadiga que nos causa tal exercicio com a difficuldade que tem a ave em voar apenas com uma aza. Esta consciencia de si mesmo, muito desenvolvida, enfraquece a iniciativa. A não ser ella, Hamlet atravessaria logo no primeiro acto seu tio de lado a lado, e entraria tranquillamente na posse da herança.

Pelo que me toca, se algumas vezes me salva de tomar resoluções imprudentes, atormenta-me, impede-me de recolher e concentrar as fôrças n'uma idéa, ou n'um determinado intento. Tenho dentro em mim constantemente dois seres bem distinctos; emquanto um depõe e julga sem cessar, o outro, sempre accusado, vê-se simultaneamente privado de liberdade e de decisão. Longe de sacudir este jugo, soffrer-lhe-hei pelo contrário a progressiva tyrannia á medida que se robusteçam as faculdades criticas do meu fôro intimo. Suspeito que á hora da morte analysarei ainda o Ploszowski que expira, a não ser que o delirio da febre me inutilise o cerebro. Herdei, por certo, de meu pae este espirito de synthese que me incita a generalisar os factos. A sciencia que mais me attráe é a philosophia. Mas no tempo de meu pae esta sciencia abrangia nem mais nem menos que a universalidade dos mundos e dos seres e parecia possuir a solução de todos os problemas. Hoje que se fez mais humilde e confessa a inanidade da antiga accepção da sua forma, só existe como uma philosophia especial adaptada a certos ramos do saber humano. Isto dá-me a convicção, de que o espirito tem tambem a sua tragedia, que dimana da convicção da nossa impoten-

cia. Não tenho a vaidade de passar por philosopho de profissão, mas como ser pensante, interessa-me o movimento philosophico moderno; tenho soffrido e soffrer-lhe-hei ainda a influencia; julgo-me pois com direito a falar do que entrou na composição do meu ser e do que concorreu para a formação definitiva da minha personalidade intellectual e moral.

Devo declarar, em primeiro logar, que as minhas crenças religiosas do collegio não resistiram á leitura de alguns tratados de philosophia natural. Quer isto dizer que sou atheu? Não. O caso podia ter importancia em tempos onde o que não cria na alma invocava a materia e se dava por satisfeito com esta formula. A philosophia actual não adopta taes principios. Hoje ás perguntas d'este genero responde simplesmente: "Ignoro„, e o "Ignoro„ fica gravado nas almas. Hoje a philosophia submette a uma analyse exacta os phenomenos psychologicos em todas as suas formas; mas interrogae-a sobre a immortalidade da alma, por exemplo: a resposta será sempre a mesma: "Ignoro„. Com effeito, não só ignora tudo, mas ainda é impotente para apprender e ensinar.

O estado do meu espirito, d'aqui em deante, é facil de definir, resume-se em duas palavras: "Ignoro„, "Ignoro„. É n'esta impotencia manifesta do intellecto humano que consiste a tragedia de todos. Porque sem me demorar no facto, que o principio immaterial do nosso ser exigirá sempre e por todo o preço a solução de certos problemas metaphysicos, não é essa uma questão da mais viva, da mais real importancia, que interessa e preoccupa o homem durante toda a vida? Se a eternidade existe, as dôres da terra reduzem-se a zero. Poderia applicar-se-lhe a exclamação de Hamlet: "Pois bem, o diabo que se vista de luto; eu, por mim, prefiro a pelliça forrada de zibellina!„ "Resigno-me com a morte, escreveu algures Renan, mas com a condição de saber que me ha de ser proveitosa„, e a philosophia responde-lhe: "Ignoro-o„. O homem debate-se em vão no meio do desconhecido, angustiado, porque, se pudesse contar com um ponto de apoio, áquem ou

além tumulo, respiraria mais á vontade. Que fazer? Devemos condemnar a philosophia, porque fatigada de edificar systemas, prestes a desabar ao menor sôpro — verdadeiros castellos de cartas — se soccorreu da analyse e da coordenação dos phenomenos accessiveis ao nosso entendimento? Presumo, todavia, que estamos no direito de lhe dizer: "Admiro a tua lucidez, o rigor da tua analyse, mas és a causa das minhas penas. Não tens, porque assim o confessas, poder para responder ás perguntas que te faço, e não obstante, tiveste bastante poderio para minar a fé que depositava na sciencia, n'essa sciencia que respondia não só d'uma maneira decisiva ás minhas dúvidas, mas que tambem me reconfortava e me acalmava. Não creio nas tuas palavras quando proclamas, que como não affirmas nada, me deixas a liberdade de crer em tudo. Mentes! O teu methodo, as tuas tendencias, a tua razão de ser, n'uma palavra, não são mais que critica e dúvida. Este methodo, este scepticismo, inoculaste-m'o na alma; dotaste-me com uma segunda natureza. Tocaste com pedra infernal em todas as fibras das minhas crenças mais intimas, de tal modo, que se agora quizesse crer não teria forças para isso. Permittes que me ajoelhe ante o altar da missa quando a phantasia o solicite, mas empeçonhaste-me com o veneno da dúvida, a tal ponto que me encontro já sceptico ante ti e ante o meu proprio scepticismo. E ignoro! ignoro! ignoro! e revolvo-me debalde, e o meu culto perde-se nas trevas.„

Roma, 12 de janeiro

Deixei-me ir hontem á mercê dos pensamentos, ao escrever estas notas; creio, porém, ter posto a nú a podridão da minha alma, e a da alma humana em geral. Ha occasiões em que a solução d'estes problemas me deixa indifferente, ha outras, porém, em que me atormenta uma obsessão tanto mais aguda, quanto é um soffrimento se-

creto, cuidadosamente occulto. O homem quer saber o que o espera, para poder regular a vida em harmonia com essa espectativa. Quantas vezes disse commigo: "Basta! Para que perder-me em problemas irresoluveis? Não tenho o sufficiente para satisfazer os instinctos materiaes?„ Taes argumentos, porém, não me satisfazem. Pretende-se que a natureza do slavo é impellida pelo mysticismo e pelo desejo de conhecer o mysterio de álém tumulo. Por mim estou convencido d'estas tendencias, accentuadas pela ultima evolução dos escriptores modernos da nossa raça. E eu proprio, se manifestei estas angustias, é porque desejava conhecer exactamente o estado presente do meu animo. O homem precisa algumas vezes justificar-se aos proprios olhos. Apesar de ter o "ignoro„ na alma, não deixo de observar os preceitos religiosos, sem por isso me arguir de falta de franqueza ou de sinceridade. Não succederia o mesmo se á dúvida e á ignorancia que me opprimem, pudesse responder com a seguinte affirmativa categorica: "Sei que não existe nada álém do tumulo!„ O nosso scepticismo, porém, está longe de ser uma negação absoluta: é antes uma inquietadora e dolorosa suspeita, a supposição do nada possivel, uma bruma espessa que nos envolve, que nos opprime e esconde a nossos olhos a luz do dia. Levanto as mãos supplices para o sol occulto na opacidade da nebrina. Supponho que não sou o unico a invocal-o: porque, a prece de todos os scepticos, que como eu, vão á missa ao domingo, não devia limitar-se a estas palavras tão simples: "Senhor, dissipae o nevoeiro!„

Roma, 13 de janeiro

Tenho de partir d'aqui a tres ou quatro dias, e desejo resumir o que escrevi. Sou um homem um tanto fatigado, muito impressionavel e muito nervoso. Tenho a consciencia do *eu* em elevado grau: a minha instrucção é sufficiente

e posso considerar-me como um ser de cerebro desenvolvido.

O meu scepticismo, um scepticismo elevado ao quadrado, exclue de mim a posse de immutaveis principios. Vejo, observo, analyso; parece-me por vezes ter encontrado a razão verdadeira das coisas; mas estou sempre prompto a duvidar do resultado final dos meus raciocinios. Já falei dos meus sentimentos religiosos. No que diz respeito ás minhas convicções sociaes sou conservador, até onde pode sel-o um homem da minha estirpe, e tanto quanto o espirito de conservação se amolda aos meus gôstos. Não necessito insistir na enorme distancia que separa estas opiniões de qualquer doutrina, que tentasse erigil-as em dogma indiscutivel. Estou muito civilisado, muito culto para tender d'uma maneira absoluta, quer para o lado da aristocracia, quer para a democracia propriamente dicta. Actualmente só se fala n'isso n'algum velho castello, perdido nos rincões da provincia, onde as idéas, como as modas, chegam com alguns annos de atrazo. Desde a abolição dos privilegios, o assumpto não tem importancia. Onde existem ainda preconceitos, tornou-se, não uma questão de principio e sim de vaidade ou de nervos. Gosto de pessoas de concepções largas, de systema nervoso sensivel, e procuro-as por toda a parte onde as possa encontrar.

Estimo-as como estimaria uma obra de arte, como gosto d'uma bella paizagem, ou de formosas mulheres. Porque possuo com o culto da esthetica nervos subtis, extraordinariamente vibrateis. Tudo concorreu para isso, tanto a minha innata impressionabilidade como a primeira educação que recebi. Esta impressionabilidade esthetica tem-me dado tantos deleites como decepções. Mas prestou-me e prestar-me-ha um inapreciavel serviço, o de me preservar do cynismo, ou para dizer melhor, da corrupção suprema. É para mim uma especie de peia moral. Não cahirei nunca em certas fraquezas, não porque as considere baixas em si, mas porque a sua fealdade repugna ao meu culto do Bello. N'uma palavra, se me julgo em certas occasiões capaz d'uma semi-perversidade, não deixo de continuar a

ser homem honesto, — mas suspenso, entre o céo e a terra, — por isso que nem as minhas crenças religiosas nem as minhas convicções sociaes me podem servir de base ou de ponto de apoio.

Antes de terminar esta synthese, uma palavra ainda a proposito das minhas suppostas aptidões. Meu pae, minha tia e os meus amigos crêem n'ellas com afinco. Mas a improductividade slava não dissipará estas bellas esperanças fundadas na minha pessoa? A julgar pelos meus actos, e sobretudo por este facto innegavel, que nunca consegui fazer nada util, quer para mim quer para os outros, é necessario, receio, concluir pela affirmativa. Esta confissão é para mim mais custosa do que á primeira vista se poderia suppôr; a ironia transforma-se em amargura. O barro de onde Deus tirou os Ploszowski não será uma terra esteril por isso que os germens ahi semeados crescem e desenvolvem-se, mas sem nunca produzir grãos nem fructos! Se ao menos, a despeito d'esta esterilidade ou d'esta impotencia, tivesse qualquer faculdade genial, poderia chamar-me um genio ocioso Não ha paiz no mundo onde se desperdicem com mais profusão tão preciosas faculdades como no meu, e onde até aquelles que produzem muito chegam a produzir tão pouco, tão infinitamente pouco, quando se comparam as suas obras com os dons que tão prodigamente lhes dispensou a Providencia, que mais confirmam este asserto.

Roma, Babuino, 14 de junho

Recebi segunda carta de minha tia instando para que a vá vêr. Parto, escrevi-lhe, devido unicamente ao carinho que vos dedico. Tinha mais d'um motivo para não sahir de Roma. O principal é que meu pae está doente; tem metade do corpo paralysado. O medico veiu hoje visital-o, e meu pae, conforme o antigo costume, apressou-se a guardar n'um armario os remedios prescriptos. "Olha, disse-me um dia,

mostrando-me innumeras garrafas, frascos, boiões, emplastos e caixas, se o homem mais saudavel da terra tivesse tomado todas estas tizanas, ha muito tempo que não pertencia ao numero dos vivos.„ Esta maneira de apreciar a medicina, que até agora tem produzido excellentes resultados, inquieta-me pelo futuro.

Outro motivo por que me custa a sahir de Roma, é o empenho que tem minha tia em casar-me. Não sei se já terá encontrado noiva para mim. Tenho dicto commigo mais d'uma vez: "não gosto das polacas.„ Tenho trinta e cinco annos, vivi muito, corri innumeras aventuras e com este conhecimento da existencia cheguei á convicção arreigada de que as polacas são as mulheres mais exigentes e mais incommodas da terra. Não sei se, em geral, são mais virtuosas que as francezas ou italianas, o que não ignoro, é que são muito mais patheticas. Estremeço ao pensar n'isto. Concebo a elegia do cantaro quebrado, quando se vêem pela primeira vez os pedaços no chão; mas repetir a elegia e reiterar as mesmas declamações, a proposito d'uma bilha cem vezes partida, não! é proprio de operetta. Penalisa me o espectador sensivel que, por conveniencias sociaes, tem de tomar essas lagrimas e suspiros a serio. Singulares e phantasticas creaturas com temperamento de gêlo e cabeça de fogo! Os seus sentimentos não teem nem simplicidade nem alegria. Accommodam-se ás formas exteriores das coisas e inquietam-se pouco com o seu valor intrinseco. Nunca conhecereis a polaca. É uma mulher complicadissima. Uma franceza ou uma italiana, depois de estudada, consegue-se conhecel-a. Uma polaca, nunca. Quando se mette na cabeça d'um homem que dois e dois são cinco, é possivel convencerem-n'o do êrro, mas se uma mulher affirma que dois e dois são qualquer coisa, uma lanterna, por exemplo, não a demovereis do erro ainda que quebrasseis a cabeça de encontro á parede. As polacas são mulheres que sustentam as opiniões mais extravagantes, e argumentam com razões tão extranhas e inesperadas, que nos desnorteiam. Talvez a sua virtude esteja mais bèm guardada que a de outras mulheres, graças aos meios

de que dispõem, e tambem porque o assaltante da praça se arrisca a morrer de tedio. O que não se lhes pode perdoar é que esta defesa exagerada só representa muitas vezes um jogo, não tanto para repellir os assaltos como para proporcionar á sitiada commoções de lucta e allegar circumstancias attenuantes.

Um dia, com todos os rodeios, porque me dirigia a uma senhora intelligente, tratei d'esta questão com uma compatriota, nascida de pae italiano, e meia polaca por consequencia. Depois de me deixar falar á vontade, respondeu-me:

— Tem n'este assumpto a opinião da raposa, que ronda em volta do pombal. Desagrada-lhe vêr que as pombas tenham o vôo mais alto e rapido que as gallinhas. Tudo quanto disse honra as polacas.

— Porque?

— Porque? Porque quanto mais insupportavel pareça como mulher de outro, mais a desejará e melhor a achará quando lograr possuil-a.

Não soube que responder. Registei a comparação apresentada pela minha interlocutora e resolvi, sobretudo se me casar com alguma polaca, não procurar as pombas de vôo rapido e alto e de branca plumagem.

Colloco-me na situação do peixe ao qual perguntassem de que modo preferia ser comido, e que responderia, com muita razão, que de nenhum. Volto a insistir nas censuras feitas ás minhas bellas compatriotas, para lhes dizer: Amaes em geral o drama no amôr, mais que o proprio amôr. "Ha uma rainha encantada em cada uma de vós. É o que vos distingue das extrangeiras. Quereis que vivamos para vós, mas não nos consagraes a vossa vida, em justa reciprocidade. Daes preferencia aos filhos sobre o marido, que está condemnado a desempenhar o papel de satellite." Aqui e alli brilham algumas raras excepções, dir-se-hiam diamantes misturados com farelos. Ah! queridas princezas, permitti que vos adore de longe.

Repellir d'uma vez para sempre todos os objectivos e todos os ideaes, queimar incenso todos os dias nas aras

da mulher, e o que é peor, nas da propria: confessae, que é conceder-nos muito pouco.

É verdade que a minha consciencia me pergunta desapiedada: "E que ha melhor que isso? Quaes são os teus projectos? Porque te não sacrificas em holocausto?„ Não, por Deus! Por causa do matrimonio é preciso renunciar a tantos habitos, gôstos e inclinações, que só um verdadeiro e profundo amôr nos pode compensar de tantos sacrificios. O casamento é um acto tão prodigioso de vontade e de fé na mulher amada, que nunca poderei decidir-me a tal. Está assente. Não desejo nenhum môlho para condimento.

Varsovia, 21 de janeiro

Cheguei esta manhan, depois de me ter demorado em Vienna, o que me evitou a fadiga de uma viagem precipitada. É tarde, os nervos impedem-me de dormir; assento-me para traçar estas linhas. Sniatynski tinha razão: escrever estas memorias, entra a pouco e pouco nos meus habitos e proporciona-me uma verdadeira distracção. Que affectuoso acolhimento me fez minha tia e quão bondosa é! A commoção que sentiu tirou-lhe o somno, como já lhe roubára o appetite. Em Ploszow, á hora das refeições, costuma embrenhar-se em discussões com M. Chwastowski, seu administrador, fidalgo de antiga data, que lhe responde á lettra. Quando a discussão chega a tom tão elevado, que parece inevitavel uma ruptura, então minha tia concentra-se n'um silencio majestoso, e come com um appetite, que toca as raias do furor. Os olhares de ternura reprimida que me dirige, não ha penna que os descreva. No meio restricto dos seus intimos, chamam-me o seu idolo, o que a faz encolerisar.

As minhas presumpções e os meus temores realisaram-se. Não se trata de um projecto, a escolha está feita. Minha tia tem o costume de passear a passos largos de-

pois de jantar, e de exprimir os seus pensamentos em voz alta. Sem querer, surprehendi o seguinte monologo:

"Joven, formoso, rico; é preciso ser muito louca para renunciar a sua mão, para não ficar logo apaixonada.„

Estamos convidados para assistir ámanhan a uma festa organisada pelos rapazes solteiros em honra das damas.

Varsovia, 25 de janeiro

Na minha qualidade de *homo sapiens!* aborreço-me soberanamente nos bailes. Como candidato a marido, tenho horror a taes festas, não obstante lisonjearem algumas vezes os meus gôstos de artista. Que formoso espectaculo o da ampla escadaria, adornada de flôres e fulgurante de candelabros, cujos reflexos illuminam os degraus por onde sobem mulheres graciosas! Quando as contemplo arrastando o vestido de comprida cauda, fazem lembrar-me os anjos da escada de Jacob. Enthusiasma-me essa animação, as luzes, as flôres, os leves tecidos que envolvem as jovens como n'um transparente vapor. E que dizer dos collos, dos hombros, dos braços nús, que sáem das mantilhas, que parecem congelar-se, solidificar-se no ar, e embeber-se do polido e da rigidez do marmore! O meu olfacto tambem se deleita, porque adoro os perfumes delicados.

O baile foi brilhante. É justo confessar que Staszewski não tem rival para organisar festas d'este genero. Chegámos juntos minha tia e eu, mas perdi-a em seguida de vista, porque Staszewski lhe offereceu o braço para entrar no salão. Minha tia estava verdadeiramente majestosa. Trazia o seu esplendido manto adornado de arminhos: o traje dos dias de gala. Chamam-lhe por tradição "a augusta romeira„. Demorei-me um instante no salão do baile para me orientar entre os convidados. Experimentei a sensação particular, que se experimenta ao encontrar-se, passados alguns annos, caras conhecidas. Vemos então que nos são

mais familiares que as outras que costumamos encontrar n'outros sitios.

Digam o que quizerem, a nossa sociedade polaca é d'uma elegancia requintada. Vi ahi innumeros semblantes, formosos e feios, mas taes como só uma civilisação antiga e apurada é capaz de produzir. As damas especialmente, causavam-me admiração. A curva juvenil do collo e dos hombros fazia-me pensar nos finos *biscuits* de Sèvres. Oh, que pés de deusas, que mãos tão delicadas, que contornos deliciosos!

Perguntava com certa curiosidade a mim proprio: "Qual d'estas senhoras me destinará minha tia?„ Vieram distrahir-me dos meus pensamentos Sniatynski e sua esposa a quem conhecera em Roma. A senhora Sniatynski é summamente sympathica, é uma d'essas mulheres que não absorvem a vida do marido, e a quem, todavia, se consagram em absoluto. Um instante depois de estar falando, approximou-se de nós uma menina que depois de trocar algumas palavras com a senhora Sniatynski se voltou de subito para mim, e extendendo-me a mão enluvada me apostrophou n'estes termos:

— Não me reconheces, Leão?

A pergunta, confesso-o, deixou-me perplexo. Tentava debalde recordar-me onde vira a elegante joven que tinha ante meus olhos. Apertei a sua pequenina mão, sacudi a cabeça e comecei a repetir com um sorriso estereotypado nos labios:

— Como não?... Pelo contrario, encantado! Recordo-me!... como toda a gente que se esforça por observar as regras da delicadeza.

O meu gesto devia desmentir as palavras, porque a senhora Sniatynski disse-me sorrindo:

— Effectivamente não a reconhece? É Angela!...

Angela, minha prima! Como havia de reconhecel-a? Quando a vi pela ultima vez, ha dez ou onze annos, ainda trazia vestidos curtos! Lembro-me muito bem, era no jardim em Ploszow: trazia meias vermelhas, e como os mosquitos lhe mordiam as pernas sem piedade, a pobresinha

pulava como um cavallo desboccado. Como poderia reconhecel-a com esse corpete ornado de violetas, com tão adoravel semblante, com esses olhos tão expressivos e tão negros; como poderia adivinhar que essa joven, em todo o desenvolvimento da sua graça, era a pequena das pernas finas d'outr'ora! Como é linda! a lagarta transformou-se em borboleta. Cumprimentei-a pela segunda vez, mais cordialmente que da primeira. Os Sniatynski afastaram-se e offereci o braço a Angela para saudar sua mãe, que estava ao pé de minha tia na outra extremidade do salão.

De golpe um raio de luz illuminou-me o espirito e recordei-me do monologo que ácêrca do meu casamento ouvira a minha tia. "Eis a noiva que me destinam„, reflecti. Minha tia amára sempre muito esta creança e tomava muito a peito as difficuldades financeiras da senhora P... Surprehendia-me uma coisa, era não vêr morar em casa de minha tia Angela e sua mãe. De repente abandonei o fio do meu raciocinio. Preferia contemplar Angela. Minha prima não se pode dizer que seja morena, apesar de á primeira vista o parecer. Os seus cabellos teem reflexos de bronze doirado: os olhos são claros vistos de perto, ainda que se nos afigurem negros, de longe, devido á sombra que sobre elles projectam as compridas pestanas. As sobrancelhas, que descrevem um arco, são profundamente negras. O traço caracteristico da sua cabeça gracil, com fronte de deusa, consiste na exuberancia dos cabellos, das sobrancelhas, dos cilios, da pennugem que por debaixo das faces tem a transparencia avelludada d'uma flôr. Apesar de muito nova, as curvas suaves do busto accusam a vitalidade opulenta do seu organismo e representam já uma mulher cheia de seiva, de calor e de attractivos. É o typo que sonhei. Minha tia, que sempre ao ouvir falar de Darwin o julgava má pessoa, não podia no caso presente negar as suas theorias de selecção de raça. D'esta vez, confesso, puzeram no anzol uma isca de primeira qualidade temivel.

Do seu braço ao meu transmittiu-se como uma corrente electrica. Reconheci, com agrado, que lhe causára certa im-

pressão. O exame a que submetti as particularidades da sua pessoa acabou por convencer-me da seducção que exercia já sobre mim aquella mulher. Não tem nada de vulgar. A educação que recebem as jovens de raça patricia inocula-lhes o pudor, como se inocula a vaccina nas creanças. Angela tem esse pudor; mas por debaixo da candura da innocencia vibra a chamma d'um temperamento ardente. Este extranho contraste auctorisa-me a chamar a minha prima "diabo innocente„.

Suspeito que ha n'ella uma pontinha de garridice, e que conhece o encanto que a sua formosura exerce. Sciente da admiravel belleza das suas pestanas, baixa constantemente os olhos sem motivo. A maneira de levantar a cabeça e de olhar para o interlocutor, é d'uma graça infinita. Se a principio não se mostrou com naturalidade, foi talvez por eu a ter intimidado. Bastaram alguns minutos para dissipar essa leve perturbação, e mostrar-se com toda a confiança a meus olhos. Conversámos cordealmente como se nunca nos tivessemos separado.

Minha tia, attreita a notaveis distracções, começou a divulgar, ao vêr-nos, o segredo da conjura que urdira contra mim. Ao approximarmo-nos e perceber a minha desusada animação, e a sua causa, seus olhos brilharam de alegria, e, voltando-se para a mãe de Angela, disse-lhe:

— A pequena é encantadora: as violetas ficam-lhe muito bem. Tivemos uma bella idéa em a trazer ao baile.

A senhora P... ficou enleiada; Angela ruborisou-se, e comprehendi então o motivo por que a mãe e a filha não residiam em casa de minha tia. Indubitavelmente as duas senhoras eram alliadas no trama urdido contra mim. Creio que Angela não tomava parte em taes conciliabulos, mas adivinhava-os, guiada pela penetração natural das jovens n'estes assumptos.

Para acabar com situação tão embaraçosa voltei-me para minha prima e exclamei:

— Previno-te que danço muito mal, mas se queres fazer-me o favor de inscrever uma valsa no teu *carnet*, para que te não esqueça... dançal-a-hemos.

Apresentou-me o *carnet* e respondeu:

— Escreve tu mesmo.

Não me apraz o papel de manequim, e para protestar contra esse papel, e assignalar a minha acção pessoal na politica das duas bondosas senhoras, recebi o *carnet* das mãos de Angela e escrevi rapidamente:

— Percebeste que nos querem casar?

Leu as minhas palavras, empallideceu e depois de permanecer alguns instantes silenciosa, para que a voz não lhe denunciasse a perturbação, ou para encontrar resposta, levantou por fim os olhos encarando-me fixamente, e murmurou:

— Percebi.

Era Angela quem me interrogava agora, não com os labios, mas com o olhar fixo e penetrante. Como conhecia os projectos da mãe, o seu pensamento estava naturalmente concentrado em mim; por isso comprehendi a muda linguagem do seu olhar: "Sei, significava essa linguagem, que minha mãe e minha tia desejam que nos entendamos."

Em vez de responder passei-lhe o braço em volta da cintura e arrastei-a no movimento compassado da valsa. Lembraram-me os assaltos de esgrima. Esta resposta expressiva não era de molde a acabar de perturbar o coração da joven, surprehendida já com o que eu escrevera no *carnet?* E porque não suscitaria n'ella essa commoção? Não iria além dos limites que a mim proprio marcára?

Minha prima dança admiravelmente: dança como entendo que deve dançar uma mulher, com certa paixão e abandono. Reparei que as violetas que lhe ornavam o peito arfavam com mais rapidez, que a marcada pelo compasso da orchestra. Comprehendi que se passava no seu intimo alguma coisa extraordinaria. O amor é uma simples necessidade physica, reprimida, com extremo cuidado, pela educação e pelos exemplos dados ás jovens das elevadas espheras da sociedade; mas não é por isso menos invencivel. De onde resulta que, logo que se lhes permitte amar, o fazem com um ardor que excede a auctorisação concedida.

Angela esperava, sem dúvida, que depois de eu ter escripto aquellas palavras no *carnet*, lhe faria alguma allusão aos projectos que interessavam a ambos. Mas terminou a valsa, e esquivei-me a tal conversação com o diabolico prazer de mallograr a sua curiosidade. Queria observal-a a distancia. Decididamente é o meu typo. As mulheres com este genero de formosura attráem-me como um iman. Ah, se ella tivesse trinta annos e não fôra a mulher que me destinam!

Varsovia, 30 de janeiro

Minha prima e sua mãe vieram residir para nossa casa. Conversei hontem toda a noite com Angela. A sua alma contém mais paginas que é costume haver nas das meninas da sua edade. O futuro se encarregará de encher o maior numero d'essas folhas; mas ha alli margem para bellas coisas. Tem muita sensibilidade e uma intelligencia agudissima; possue em alto grau o dom de escutar, concentrada em si mesmo, fixando em nós os seus formosos olhos pensativos, francamente rasgados. A mulher que sabe escutar possue um meio mais de captivar os corações, porque lisonjeia assim uma das fibras mais sensiveis do nosso amor proprio. O que Angela faz é espontaneo n'ella ou será devido a algum instincto de garridice feminina? Tanto ouviu falar de mim, que minha prima chegou a dar ás minhas palavras virtude de oraculo. Indubitavelmente não é desprovida de garridice. Perguntei-lhe o que desejava com mais ardor n'este mundo? "Vêr Roma„, respondeu-me, descendo sobre os olhos a franja das compridas pestanas, que a tornam bella acima de todo o elogio. Conhece o attractivo que exerce sobre mim e regosija-se. É deliciosa a sua garridice, porque nasce de um coração a trasbordar de alegria, que quer agradar a outro coração seu eleito. Esta alma vôa para mim, como a mariposa para a luz. Pobre creança! como se conforma tão submissamente com o accôrdo

tacito das nossas parentes! Pode observar-se hora a hora a singular mudança que se opera n'ella. A consciencia interroga-me cruelmente. "Se não queres casar, porque perturbas a alma d'essa innocente?„ Quero afogar a voz de taes escrupulos. Sinto-me a seu lado tão ditoso e tão tranquillo! Que mal faço n'isto?

Angela apresentou-se esta manhan, ao almoço, vestida com uma larga camisola azul marinho, por debaixo da qual transpareciam os puros contornos das suas formas. Declaro que só com presumir as suas graças, soffria loucamente. Os seus olhos pareciam adormecidos e como que banhados ainda pelos vapores do sonho. É prodigioso o effeito que causa em mim esta mulher.

31 de janeiro

Minha tia dá um baile em honra de Angela. Sou eu o encarregado de fazer os convites. Estive em casa dos Sniatynski, onde me demorei um grande pedaço a conversar. Estou alli muito á vontade. Em regra, quando ha só um cobertor para um casal, cada um dos conjuges esforça-se por puxar por elle em beneficio proprio; aqui, se se der este caso, cada um dos esposos teria especial prazer em cedel-o a favor do outro. Ao contemplar tal harmonia, qualquer se convence que a felicidade não existe só nos livros, que tambem penetra na existencia. Sniatynski é dotado de grande penetração de espirito, sensivel como um Stradivarius a qualquer nota desafinada, e gosa, com absoluta consciencia, da sua felicidade. Esta ventura quil-a e conseguiu possuil-a. É uma coisa que me parece digna de inveja. Conversar com pessoas tão contentes com a sua sorte, dá verdadeiro prazer. Offereceram-me uma taça de excellente moka, e falámos da impressão que me produzira Varsovia, depois de tão grande ausencia. Depois a senhora Sniatynski conversou ácêrca do ultimo baile. Suspeita, segundo creio, dos projectos de minha tia. Como

nasceu na Wolhynia é conterranea de Angela e sua amiga de infancia; interessa-a tambem o facto e tem certo desejo de se intrometter na historia do casamento.

Evitei, com summo cuidado, tocar em tal assumpto. Falámos em compensação demoradamente da nossa sociedade. Manifestei aos meus amigos o meu parecer ácêrca do extraordinario progresso intellectual dos nossos compatriotas. Sniatynski mostrou concordar com as estes dictames e declarou-me:

— Agrada-me ouvir essa opinião dos teus labios, porque ninguem melhor que tu se encontra em condições de estabelecer parallelos, e demais és pessimista por natureza.

— Não sei — repliquei — como o meu juizo não te parece ainda mais pessimista, que de costume.

— Porque?

— Porque uma cultura tão requintada como a nossa, faz-me pensar nas caixas cheias de porcelanas e de cristaes, sobre as quaes se lê, escripta em grandes lettras, esta palavra: "Fragil„. Tu, querido amigo, cujo espirito vem em linha recta dos athenienses, eu e outros como nós, encontramo-nos mais á vontade n'este meio. Mas se quizeres edificar alguma coisa em cima de base tão fraca, é preciso ter cautella que não cáia o edificio sobre a nossa cabeça.

A estas palavras, Sniatynski levantou-se como impellido por uma mola e replicou com vivacidade:

— Não eras tu o que ha pouco te enthusiasmavas com a nossa extraordinaria illustração? Suppões acaso que não ha mais nada no nosso paiz além d'essa cultura? Vens do extrangeiro e falas como se vivesses sempre aqui.

— Não sei o que se pode encontrar além d'essa cultura. O que não ignoro é que em parte nenhuma do mundo existe o desequilibrio que existe aqui, no desenvolvimento intellectual e moral das massas. D'um lado a mais completa florescencia, ia para dizer, a subtilisação d'esta cultura; do outro, a barbarie mais profunda... as trevas.

Acalorou-se tanto a discussão que já se approximava a noite quando me despedi dos donos da casa. Sniatynski

acompanhou-me até a porta, e instou para que voltasse a visital-o, pois queria mostrar-me os aneis intermediarios que ligam os extremos da nossa cadeia social; homens nem demasiado crentes nem scepticos, nem atrazados nem barbaros; n'uma palavra, homens sãos, de têmpera solida, que trabalham e teem vontade. Descia a escada e o meu amigo continuava argumentando:

— Os senhores não farão nada, mas não duvidem que seus filhos o façam. Confessem-se vencidos mas não tratem de legar tal herança a seus descendentes, porque se assim o fizerem, enfraquecerão a coragem necessaria para emprehender a obra regeneradora.

É indubitavel que em these era eu quem tinha razão. Reproduzi fielmente a conversação, porque desde que cheguei aqui, fixo-me com persistencia n'esta falta de equilibrio. As nossas differentes classes sociaes estão separadas por um abysmo. É facto averiguado. Ante este abysmo, todo o accôrdo, toda a acção commum são impossiveis. Sniatynski declara, com ingenuidade, que a nossa sociedade se compõe de camadas superiores, saturadas d'uma civilisação desenvolvida até o excesso, e d'outras inferiores onde esta cultura não penetrou de modo nenhum. E esta observação vem favorecer as minhas opiniões. Por cima as mais finas porcelanas de Sèvres, por debaixo o barro mais grosseiro; n'um lado "o fragil„ das caixas que conteem preciosidades, no outro o *rudis indigestaque moles* de Ovidio. Tarde ou cedo os productos de Sèvres quebrar-se-hão, ao passo que o barro grosseiro, o porvir, esse eterno obreiro, se encarregará de modelar as formas que mais lhe convierem.

2 de fevereiro

Realisou-se hontem em casa de minha tia o baile dado em honra de Angela. Minha prima chamava a attenção de todos. Os seus hombros alvos, surgindo de entre bordados,

cassas e rendas, faziam lembrar os hombros divinos de Venus sahindo da escuma das ondas. O boato do nosso casamento espalhou-se por Varsovia. Angela não despregava os olhos de mim e distrahia-se a contemplar-me. A pobre menina não sabe dissimular os sentimentos que a agitam, e mostra-se satisfeita e ditosa quando estou a seu lado. Confesso, sem rebuço, que começo a amal-a infinitamente. Sniatynski e sua mulher assistiram á festa, e parecem felizes como sempre. Hontem perguntei muitas vezes a mim proprio: "Sniatynski comprehende a vida melhor ou peor que eu?„ Não resolvi ainda nenhum dos problemas da vida; nunca fui util a ninguem, mina-me o scepticismo, foge-me a felicidade... elle tem o seu *eu*, como eu o meu: crê, trabalha, ama e é amado por uma linda mulher. Não ha dúvida que tem a sua philosophia especial e para elle não ha enigmas nem cuidados. O systema philosophico do Sniatynski baseia-se em dogmas austeros. Antes do seu consorcio dizia-me: "Olha, Leão, ha duas maximas em que não ouso tocar com o meu scepticismo, que não critico e que não criticarei nunca; uma d'ellas é que: "o litterato pertence á sociedade„, a outra é que: "o homem particular pertence á mulher amada„. As minhas tendencias para a analyse dos sentimentos e as minhas audacias de raciocinio, converteram-me n'um homem menos feliz que Sniatynski. — E como é encantador o meu dogmasinho de compridas pestanas! Sim, fraquejo: não ha dúvida. Esta attracção extraordinaria que me impelle para Angela não se explica só com as leis da selecção natural. Não! Ha alguma coisa mais n'este impulso. Até hoje só Angela me amou com um sentimento puro e terno.

A mulher a quem se entrega o coração, se ama e tem paciencia, terá sempre a victoria por si, por mais forte que seja o adversario. "A ave perdida, disse o nosso poeta Slowacki, voltará, tarde ou cedo, ao ninho, para buscar a tranquillidade, e o regresso parecer-lhe-ha tanto mais doce quantas mais saudades e penas tenha soffrido no incerto vôo.„ Nada ha que mais seduza um coração masculino que o encanto de sentir-se amado. Vilipendiei, nas minhas me-

morias, a mulher polaca, tenho que rectificar as opiniões expendidas, ainda que o meu amor proprio soffra. Torno a insistir na mesma obcessão. Nenhuma creatura humana me satisfez tanto as aspirações de artista como minha prima. Hontem, depois do sarau, e reunidos para tomar chá, Angela, sua mãe, minha tia e eu, gosámos n'esta intimidade um dos prazeres mais puros que senti na vida. Começava a nascer o dia. A luz da aurora inundou subitamente a sala, e coloriu-se, ao misturar-se com os clarões das vélas accesas, de tintas azues intensas e deliciosas. Angela, banhada por esta tenue claridade, parecia aureolada com um resplendor de saphiras. Tive a impressão que surgia do fundo d'umas das grutas glaucas de Capri. Que matizes deliciosos havia nos seus hombros nús! O meu temperamento é tão sensivel, que bastou aquelle instante para que minha prima me conquistasse completamente.

Angela, illuminada por tão suaves reflexos, apresentava-se-me ao coração sob um aspecto mysterioso; cria que esta esplendida luz emanava do seu ser. Agarrei-lhe na pequenina mão e conservei-a durante muito tempo nas minhas; minha prima, que sorria, disse-me:

— Não boa noite, mas bom dia, meu primo.

Cego ou louco? Não importa! A harmoniosa voz de Angela e o olhar com que me envolvia, deixavam adivinhar que palpitava em seus labios a seguinte phrase:

— Amo-te! Amo-te!

Pouco faltou para que eu não pronunciasse essas palavras.

Minha tia, radiante de felicidade, contemplava-nos através das lagrimas que lhe empanavam a vista.

Ámanhan vamos para Ploszow.

Ploszow, 5 de fevereiro

É hoje o segundo dia que passamos no campo. Disfructamos um tempo magnifico. Sol e gêlo. A neve desfaz-se

debaixo dos pés, e brilha nos campos. Ao pôr do sol, estas immensas planicies brancas embebem-se de tons côr de violeta. Os bandos de gralhas passam e repassam, a grasnar por cima das altas tilias do parque. O inverno é formoso. Tem um não sei que de forte, de solenne e de sincero. Assim como um amigo nos diz a verdade de frente, sem subterfugios nem ambages, da mesma maneira o inverno nos acommette com o frio bruscamente; mas o seu vigor saudavel parece communicar-se ás almas.

Sentimo-nos todos felizes por viver aqui. Nossas tias, porque suppõem o seu caro sonho estar prestes a realisar-se, eu porque n'esta carruagem que nos levava para longe da cidade, tinha Angela a meu lado, e sentia o seu hombro encostar-se devagarinho ao meu. E Angela? Por bastantes vezes durante o trajecto se inclinou para minha tia para a beijar, impellida pela alegria que lhe trasbordava do coração. Como me parece bonita, com o pescoço envôlto em pelles, com uma gorra de lontra, a sorrir com os seus olhos limpidos, com as faces rosadas pelos osculos da neve! Dir-se-hia que toda a graça e juventude brotavam d'ella n'um suave lampejo.

Que retiro tão doce e tranquillo é Ploszow! Adoro, sobretudo, conversar agradavelmente, ao agasalho do lume das antigas chaminés. Minha tia, que trata dos bosques com extrema solicitude, não poupa os troncos que crepitam na lareira, onde as chammas dançam, sempre alegres e brilhantes. Hontem passámos toda a tarde ao pé do fogo. Falei de Roma, dos seus monumentos, e escutavam-me com tal uncção, que até me envergonhava. Minha tia não perdia Angela de vista, lendo-lhe nos olhos as manifestações de admiração, que considera como legitimas. Ah! meu Deus! esses lindos olhos estão sempre dispostos a admirar. Quando acabei, Angela commentou com enthusiasmo:

— Outro qualquer, ainda que passasse toda a vida em Roma, não surprehenderia as bellezas que tu surprehendeste.

Minha tia accrescentou em tom dogmatico:

— Era tambem o que eu pensava.

Só a mãe de Angela é a nota discordante no meio d'esta alegria. Soffreu tantas amarguras na vida, que não é de extranhar o seu caracter um pouco sombrio. Tem contínuos presentimentos de desgraças occultas. Seu marido deu-lhe acerbos desgostos, e pela sua morte, a pobre senhora teve de se encarregar da administração das vastas propriedades, que estavam em completo abandono. Para cumulo da desventura, padece de insupportaveis enxaquecas.

Angela pertence a essa categoria de mulheres mais abundantes do que se julga, no nosso paiz, a quem pouco interessam os assumptos economicos.

Não a amo menos por isso; porque essa indifferença indica sempre aspirações mais elevadas.

Esta manhan, no corredor, encontrei-me com uma criada de Angela que levava o seu vestido e os seus sapatos. Ao vêr estes objectos, especialmente o seu calçado tão pequeno, commovi-me; como se o facto de possuir taes coisas e servir-se d'ellas, representasse o fastigio da perfeição e da virtude.

Nós os homens, somos em geral muito debeis. Posso contar as pancadas do coração, que me indicam os symptomas da febre sentimental: o meu pulso está agitado.

Ploszow, 8 e 9 de fevereiro

Minha tia recomeçou as hostilidades com Chwastowski. Estas verdadeiras batalhas são tão vivas, que bem merecem uma pagina das minhas memorias. Suspeito que minha tia necessita d'ellas para conservar o appetite. Chwastowski, administrador zeloso e honrado, tem um caracter extraordinariamente susceptivel e não tolera imposições. Logo que chegam á casa de jantar, os dois adversarios começam por cruzar olhares cheios de funestos presagios. Servida a sôpa minha tia dispara os primeiros tiros. Eis como, pouco mais ou menos, se travam os recontros. Minha tia encara o seu administrador e começa:

— Senhor Chwastowski, já me não lembro que me desse novas das sementeiras de outomno. Juraria que o faz de proposito, porque me fala de tudo, excepto do que me interessa.

— Senhora condessa — replica logo o administrador — a semente germinou bem no outomno, mas como agora está coberta por dois pés de neve, não posso saber do seu estado. Não sou Deus para o saber.

— Rogo-lhe que não invoque o nome de Deus a proposito de tudo.

— Quero dizer que só Deus sabe o que se occulta debaixo da neve. Não tive idéa de o offender.

— Sou eu então que o offendo?

— Com certeza, senhora condessa, é a senhora!

— Senhor Chwastowski, está intoleravel!

— Toleravel, quereis dizer, e tolerante, porque supporto tudo.

É assim que d'um e d'outro lado chegam ao diapasão mais elevado. Bem raro é o jantar em que a animosidade dos dois se limita a um só combate. Minha tia acalma-se por fim, depois d'este apperitivo, e começa a jantar então como se quizesse voltar a ira contra os pratos. Dotada de excellente appetite, desanuvia a fronte a cada iguaria que lhe servem, e chega gradualmente a recuperar a alegria habitual. Quando nos levantamos da mesa offereço o braço á mãe de Angela, e Chwastowski a minha tia, e todos, na melhor harmonia do mundo, tomamos café no salão. Minha tia e o seu administrador, que sentem, no fundo, um pelo outro, reciproca estima, conversam de estudos universitarios e dos progressos dos filhos de Chwastowski.

Angela nos primeiros dias impressionava-se com taes disputas. Informada por mim da insignificancia d'estas altercações, divertem-n'a actualmente, e desde os primeiros golpes dados na liça, dirige-me olhares furtivos e sorri para mim maliciosamente. Acho-a tão formosa que me enlouquece. Nunca admirei tão lindas fontes. Teem a transparencia do alabastro e as veias entrecruzam-se n'ellas n'uma rêde de infinita delicadeza.

12 de fevereiro

O mundo, e até eu, parece que soffremos as metamorphoses de Ovidio. O bom tempo fugiu, chove copiosamente, vivemos rodeados d'umas trevas dignas d'aquellas com que Moysés envolveu outr'ora o Egypto. O céo parece ter apodrecido, não podia encontrar imagem mais justa. Que clima tão horrivel! Em Roma, nos dias mais asperos do inverno, apparece o sol. Aqui temos que accender as luzes logo ao meio dia. Esta humidade negra e pesada, penetra-nos no pensamento e reveste-o de côres sombrias. Actua lugubremente nos meus nervos.

Chwastowski e minha tia disputaram hoje com encarniçamento sem egual.

Chwastowski allegava que não lhe deixando cortar lenha, a condessa soffria enorme prejuizo, porque as arvores das mattas morriam de velhice. Minha tia respondia que não precisava do seu auxilio para devastar e destruir as florestas...

— Estou velha, acabou por dizer, deixe que as arvores envelheçam commigo.

Creancices. Vamos ao facto. A mãe de Angela causou-me, hoje, um desgosto profundo. N'uma conversa que tive com ella na estufa, contou-me com essa vaidade maternal, desprovida em absoluto de delicadeza, que um tal Kromicki, das nossas relações, cortejava Angela. Soffri a mesma sensação que se me tirassem um espinho da mão com os dentes d'um garfo. Da mesma forma que os reflexos ceruleos de n'outro dia me pareceram um adorno privativo de minha prima, assim as assiduidades de Kromicki resfriaram logo o meu amor, como se as devesse attribuir á garridice de Angela. Conheço Kromicki, é muito antipathico. É originario da Silesia austriaca, onde os Kromicki possuiam outr'ora (ao menos assim o affirma) vastos dominios territoriaes. Apregôa tambem que o titulo de conde

com que se adorna, já os seus antepassados o usavam no seculo xv e assigna, n'essa conformidade, no livro de registro do hotel, "Graf von Kromitzky„.

Kromicki é d'um loiro tão arruivado que me produz repulsão physica. A fealdade de Kromicki influia, para que ou, injustamente, sentisse certa irritabilidade contra Angela. Como se ella tivesse culpa!

Não comprehendo por que a mãe de Angela me contou essas coisas com tão minuciosos pormenores.

Ouço-a ainda falar a respeito de Kromicki.

— Confesso-lhe — dizia-me esta dama — não sou contraria á inclinação de Kromicki. Estou farta de tratar de negocios improprios d'uma senhora, faltam-me já as fôrças e a saude. Kromicki, que dirigiu grandes empresas em Odessa, e está actualmente encarregado da exploração de poços de petroleo em Bakum, saberá augmentar as nossas rendas. O que lhe difficulta os planos é a sua condição de subdito austriaco; supponho, porém, que se casar com Angela, se naturalisará russo, para administrar os bens conjugaes.

— E Angela? — perguntei com impaciencia.

— Angela não manifesta por elle nenhum interesse, mas se considerar que é um homem sympathico e que por minha morte ficará só, talvez se resolva..

Cortei de improviso esta conversação tão pouco agradavel. Não guardo rancor a minha prima, pois sei que não alimentou a paixão de Kromicki. Como pôde supportar que um tal homem levantasse os olhos para ella? Mais ainda! Como pôde hesitar, ainda que fosse só por um instante, em não o despedir sêccamente?

É para mim uma pura questão de nervos. O que esqueço, porém, é que nem toda a gente tem nervos sensiveis, e que Kromicki, apesar da sua côr de açafrão, passa quasi por um homem bonito aos olhos de certas mulheres.

Tenho curiosidade de saber os negocios a que este homem se dedica. Esqueceu-me perguntar á mãe de Angela se o austriaco estava de passagem em Varsovia ou se fôra

alli de proposito. Costuma ir lá todos os invernos, de modo que não é para extranhar que estivesse na cidade. As suas empresas commerciaes podem ser brilhantes; mas, ou eu me engano muito, ou as bases em que assentam não são solidas.

Confesso a minha incompetencia em assumptos economicos, e esta franqueza já demonstra em mim certo merito. Não creio nos nossos aristocratas como homens de negocio, e suspeito que as aptidões de Kromicki não serão com certeza herdadas, e sim um caso excepcional. A todos os grandes senhores, que se dedicaram ao commercio, sorriu-lhes a principio a fortuna, mas acabaram por abrir fallencia.

Desejo, todavia, ao "Graf Kromitzky„ o melhor exito nas suas especulações mercantis.

14 de fevereiro

Paz! Paz! Paz! Fugiram as más impressões. Angela adivinha tudo. Apenas viu uma sombra de frieza nas nossas relações, dissipou-a logo.

Estava hoje no salão, a folhear um album, em sua companhia, e notei que empallidecia visivelmente. Lembrei-me que hesitasse por natural timidez em me communicar qualquer segredo. Suppuz por um instante que chegavamos ao capitulo das confissões.

Recordei-me logo que minha prima era polaca e que não chegaria nunca a taes extremos. As minhas compatriotas, preferem morrer a dizer-nos primeiro: "amo-vos„. É já para agradecer se ás nossas declarações mais ferventes respondem com um "sim„ apenas perceptivel Angela interrompeu-me os pensamentos perguntando-me, confusa, mas com desusada franqueza:

— Que tens, Leão? Tens algum motivo para andares preoccupado?

Sorri para lhe desvanecer as dúvidas, ella porém insistiu:

— Não, não o occultes. Conheço-te demasiado, a tua alma é tão facil de se melindrar, qualquer coisa te magôa. Tens motivo para andares descontente? Pronunciaria algumas palavras de que não gostasses? Eu pelo menos...

A voz começou a tremer-lhe; ergueu os formosos olhos para mim e fixando-os nos meus accrescentou:

— A minha consciencia não me accusa de nada. Não é assim. Leão?

Ao ouvil-a, estive quasi a dizer-lhe: "sim, falta uma coisa para a minha felicidade, e essa coisa és tu, minha Angela„. Senti-me tomado d'um terror subito, para empregar a linguagem de Homero. Não com medo d'esse semblante tão querido, mas da porta que se ia abrir na minha vida.

Agarrei-lhe nas mãos delicadas, beijei-lh'as, e disse-lhe com paixão:

— És a creatura mais adoravel que conheço.

Não te inquietes nunca com os meus pesares, e não esqueças, visto seres minha hospeda, que sou eu quem devo velar pela tua felicidade e evitar-te contrariedades.

Levei pela segunda vez as suas mãos aos labios e beijei-lh'as com ardor. O meu parentesco permittia taes transportes, e declaro-o, senti alegria em encontrar esta desculpa.

Não posso occultar que na minha inclinação por Angela ha muita sensualidade. Sinto ainda nos labios a impressão deliciosa da sua pelle, e a imaginação accende em mim desejos sem limites Hoje não posso duvidar que me ama, e que intimos sentimentos nos impellem um para o outro. Ante estes factos pergunto: "Porque retardarei uma coisa que considero já inevitavel?„ Tenho verdadeira ancia de saborear commoções, os estremecimentos intimos que nos produzem as phrases de amor, o profundo relancear d'olhos e as entrevistas mysteriosas. Desejo tecer o trama do meu romance até o ultimo fio.

Angela e eu estivemos muito alegres o resto do dia. A noite ajudava-a a recortar *abat-jours* porque esse entre-

tenimento permittia tocar-lhe nas mãos e no vestido. Brincava, não a deixando trabalhar. Ella divertia-se immenso com as minhas diabruras e virando-se para minha tia, com voz plangente de creança contrariada, dizia-lhe:

— Tia, ralhe com Leão para que esteja quieto.

16 de fevereiro

Não sei que má idéa me levou hontem a Varsovia para assistir a uma reunião de homens serios, em casa do deputado S... Este senhor trabalha para chegar a uma concentração politica dos partidos, com auxilío de chá e fatias. Suspeito que nem elle sabe o que quer. Assisti á reunião incitado pela curiosidade de conhecer de perto o que pensam os homens graves da localidade. Estava lá muita gente e o aborrecimento manifestava-se na razão directa das pessoas reunidas. Como em todas as assembléas numerosas, as pessoas que eram da mesma opinião aggremiavam-se em pequenos grupos, onde trocavam amabilidades e sustentavam as mesmas idéas. Conheci ahi muitos dos nossos edís e alguns representantes da imprensa. No extrangeiro ha profunda differença entre escriptores de profissão e jornalistas. Os primeiros são considerados artistas, os segundos quasi artifices. Esta differença não tem aqui razão de ser. Os que escrevem n'esses dois campos são conhecidos pela unica designação de litteratos. E com effeito quasi todos se occupam simultaneamente de litteratura e de jornalismo. Teem, na maior parte, mais valor pessoal que os seus collegas do extrangeiro. Detesto a imprensa porque a julgo um dos males infligidos á humanidade. A rapidez das suas informações fica desvirtuada com a insufficiencia d'ellas. A imprensa extraviou completamente a opinião publica; graças aos jornaes, perdemos quasi todos o bom senso que nos permittia distinguir o verdadeiro do falso, perdemos o sentimento do justo e do

injusto, o da violencia e o do direito. Abram um jornal qualquer e encontrarão nas suas columnas o mal a ostentar-se desaforado; a injuria falando com apparencias de equidade: n'uma palavra, a alma humana apparece alli as mais das vezes immoral ou cega.

Entre os membros ahi reunidos estava o celebre Stawowski. Passa por ser o coripheu do partido radical e progressista. Dispõe de grande eloquencia, mas tem dois defeitos incuraveis: uma hipertrophia da fé e do *eu*. Este *eu* leva-o elle, como um copo cheio a trasbordar, a ponto que ao vêl-o parece que vae dizendo: "Cautella, não esbarrem commigo!„ A sua presença exerce grande suggestão sobre os que o rodeiam e ninguem o contradiz. A auctoridade, que impõe a todo o mundo, procede da confiança que tem em si mesmo e na justiça da sua causa; quem o tomasse por sceptico equivocava-se, pois, pelo contrario, pertence á raça dos antigos fanaticos. Se vivesse no tempo de Lambardemont, e fôsse membro d'um tribunal da época, com certeza que mandaria cortar a lingua a muitos infelizes por blasphemos. Hoje arde em ira contra tudo quanto outr'ora adorou; no fundo, porém, continúa a ser o mesmo noctario. Observei uma coisa curiosa: que os nossos conservadores, defensores do throno e do altar, faltos de energia, como acontece em toda a parte, acercavam-se de Stawowski com uma amabilidade que tocava as raias do servilismo. Dirigiam-lhe a palavra, sorrindo, e não sem antes se servirem da formula usual: "Apesar de ser conservador, entretanto...„ e este *entretanto* era uma porta por onde fugiam o arrependimento e os antigos compromissos. Ninguem ousava contradizel-o; por isso quando rebati um dos seus assertos, o meu acto produziu verdadeira estupefacção. Stawowski falava das classes exploradas, e condoia-se do isolamento a que estavam condemnadas e da sua falta de fôrça para defender-se, quando interrompi o seu discurso dizendo-lhe:

— Permitta que lhe faça uma pergunta, senhor: acredita na theoria de Darwin, ácêrca da lucta pela existencia?

— Indubitavelmente — respondeu-me.

— N'esse caso é impossivel deixar de lhe chamar inconsequente. Eu, christão, estou no meu papel preoccupando-me com a sorte dos fracos, dos opprimidos, mas o senhor, na qualidade de defensor da sua divisa "Struggle for life„ de homem progressivo, não lhe deve importar que o fraco pereça; é uma lei da natureza. Assim, repito, não posso explicar a mim proprio a sua linguagem.

Ou porque Stawowski não estivesse habituado a que o contradissessem, ou porque não lhe tivessem apresentado a questão debaixo d'este aspecto, o certo é que ficou perplexo e não soube que responder-me. Esta insignificante victoria que obtive foi o bastante para captar as sympathias dos conservadores que, em massa, se inclinaram para o partido que tomára. Não pude disfructar por muito tempo os laureis de vencedor, porque vi que era tarde e dispuz-me a partir para Ploszow. Procurava inutilmente o monoculo na sobrecasaca e na pelliça, quando Stawowski se approximou de mim, dizendo:

— Perguntou-me, senhor, ha um momento, porque...

Eu, que estava bastante contrariado com a perda do monoculo, interrompi-o bruscamente:

— Devo declarar-lhe com franqueza que a materia que discutiamos me é absolutamente indifferente... É tarde, o auditorio retira-se e, como presumo pouco mais ou menos o que me vae dizer, permitta que solicite as suas ordens.

Creio que Stawowski nunca na sua vida me perdoará este desgôsto.

Era cêrca de uma hora quando cheguei a Ploszow. Esperava-me ahi uma agradavel surpreza. Angela estava na casa de jantar á minha espera. Ao vêl-a, inundou-se-me o coração de alegria. Estava formosissima, fizera dos esplendidos cabellos uma trança, que lhe pendia pelas costas abaixo até a cintura. Quando penso que bastava uma palavra, uma só palavra, para que dentro d'um mez, dois mezes o maximo, tivesse direito a desmanchar por minhas mãos essas tranças e vêl-as cobrirem-lhe os hombros! Ra-

lhei com ella por esperar por mim até tão tarde, mas desculpava-se, dizendo:

— Não tinha somno! Pedi licença para te esperar, e ainda que a maman, com muita razão, dissesse que não era correcto o que pensava fazer, persuadi-a por fim, expondo-lhe que se podiam dispensar as conveniencias sociaes entre parentes tão proximos. A tia, que tomou o meu partido, acabou por convencel-a.

— Tomaremos uma chavena de chá, juntos, — propuz.

— Com muito gôsto, — respondeu-me.

Angela serviu o chá. Admirava aquellas mãos ageis e graciosas, que quizera cobrir de beijos. De quando em quando levantava os olhos para mim e encontrava sempre a minha vista fixada n'ella e baixava as palpebras. Faláva-mos em voz baixa como se tivessemos receio de despertar minha tia e sua mãe, que dormiam em alcovas no outro extremo da casa. Reinava entre nós uma cordialidade, uma confiança tal como só existe entre pessoas muito chegadas. Contei-lhe o que vira e observara n'aquelle dia, depois relatei-lhe as minhas impressões ácêrca da sociedade polaca. Ouvia-me silenciosa, concentrada, com os seus olhos pregados nos meus, feliz por se vêr associada aos meus pensamentos.

— Porque não escreves essas observações, Leão? perguntou-me.

— Por muitos motivos, e entre outros que poderia enumerar-te, por este muito simples de que não tenho ninguem a meu lado que continuamente me diga: "porque não empregas o tempo em alguma coisa util?„

Calámo-nos ambos. Nunca as pestanas de Angela lhe projectaram mais sombra no rosto. Quasi lhe ouvi bater o coração por debaixo do corpete, e estive a ponto de lhe propôr:

— Queres ficar a meu lado para sempre, e falar-me assim toda a vida?

Encontrava, porém, mais encanto em retardar taes momentos, e experimentava mais voluptuosidade n'estas semi-declarações que ficavam como suspensas por um fio.

— Boas noites — disse, ao cabo d'um instante.

E esta celestial creatura não me deixou nem sequer suspeitar a desillusão cruel que talvez sentisse.

Levantou-se e, com a sua voz dôce e triste, respondeu-me:

— Boas noites!

Dirigimo-nos cada um para seu lado depois de termos apertado as mãos. Mas, ao chegar ao limiar da porta, estaquei de subito.

— Angela... exclamei.

Encontrámo-nos de novo em frente um do outro, ao pé da mesa.

— Dize-me, Angela, mas com sinceridade: não me tens julgado algumas vezes no teu fôro intimo um ente phantastico? Não me tens tomado por maniaco?

— Por maniaco? Não! Tenho pensado algumas vezes que és um homem singular; mas depois reflecti que homens taes como tu teem direito a ser singulares.

— Só uma pergunta mais: quando pensaste isso?

Angela ruborisou-se subitamente e respondeu:

— Não me lembro... é tão difficil! não posso dizer-t'o.

— E se adivinhar, dizes-m'o? Só te lembrarei um incidente da nossa primeira entrevista.

— Que incidente? — perguntou com inquietação.

— O do *carnet*, é ou não verdade?

— É — murmurou Angela, baixando a cabeça.

— Quero explicar-te por que escrevi o que sabes. Desejava que existisse um laço que nos ligasse desde a nossa primeira entrevista, alguma coisa de mysterioso entre ambos... e depois... Ao dizer isto apontei para um ramo de flôres que o jardineiro trouxera de manhan.

— E depois... da mesma maneira que essas flôres precisam de claridade para desabrochar, quero que tudo seja claro entre nós para que o nosso carinho floresça.

Angela ficou durante alguns instantes silenciosa, e depois continuou:

— Posso não te comprehender muitas vezes, mas creio-te sempre, sim, creio em ti.

Calámo-nos de novo. Apertei-lhe a mão. Quando chegámos á extremidade da sala, onde tinhamos que nos separar, voltámo-nos guiados pelo mesmo pensamento, os nossos olhares cruzaram-se. Ah! como esta corrente interior vae encapellando as ondas! Trasbordará d'um momento para o outro.

23 de fevereiro

O homem é semelhante ao mar; tem tambem o seu fluxo e refluxo. Hoje chegou a hora do refluxo da minha vontade, da minha energia, do desejo de operar, até do desejo de viver. Succede-me isto sem motivo nenhum; questão de nervos... Transvasam então os meus negros pensamentos. Um homem como eu, cujos nervos estão exgottados, com a alma gasta, tem direito de casar-se? Acodem-me sem querer á memoria as palavras de Hamlet: "Para que queres gerar peccadores? O teu logar é n'um convento!„ Sahirá a minha descendencia á imagem e semelhança do progenitor? Não me quero preoccupar mais com isso, e sim com Angela. Tenho direito a casar com ella? Ser-me-ha permittido ligar essa vida em que tudo é mocidade, frescura, fé no mundo e em Deus, ás minhas dúvidas, á minha improductividade, ao meu espirito de crítica, aos meus nervos? Não rejuvenesceria a seu lado; não remoçaria; o meu cerebro continuaria desordenado; os meus nervos congelar-se-hiam. E que succederia então? Pereceria ella para acalmar as minhas inquietações? Não ha n'isto alguma coisa de monstruoso? Posso acceitar o papel affrontoso do polypo que chupa o sangue da victima para conservar a vida?

Obscureceu-me o pensamento uma nuvem. Se isto é assim porque me deixei arrastar até este extremo? Que liz desde o dia em que vi Angela? Percorri com a mão o teclado da sua alma e deixei transportar-me pelos accordes arrancados; o que era para mim uma sonata *Quasi una phantasia* póde intitular-se para ella *Quasi un'dolor*.

Embriaga-me desde pela manhan até a noite com estes concertos. Não me posso arrepender. Desejo esta creança como uma mulher; amo-a! não tem que vêr: amo-a!

Que devo fazer? Fugir? Partir para Roma? Era expôr Angela a uma decepção humilhante, fazel-a talvez desgraçada. Quem sabe até que ponto o sentimento que me domina lhe penetrou no coração? Casar com ella? Isto é, sacrifical-a aos meus gôstos, tornal-a ainda mais desditosa. Que circulo vicioso! Só um Ploszowski é capaz de se perder n'este inferno. Debalde me dirão que estes Plozowski se encontram aos milhares, que o seu numero constitue legião; isto não basta para me consolar. Porque não encontrei Angela dez annos antes, quando as velas da minha barca se enfunavam com o vento da esperança?

Se a minha boa tia suspeitasse o mal que me causa sem querer e com a melhor intenção do mundo, choraria. Era então pouco para mim essa tragedia intima que derivava da consciencia da minha nullidade; d'esse nevoeiro de dúvida onde se perde o meu alento! Eis agora um novo *to be or no to be* a apresentar-me o seu terrivel enigma.

26 de fevereiro

Fui obrigado a ausentar-me de Ploszow. Tinha que fazer em Varsovia. Receberam-se cartas de Kromicki; duas para Angela e sua mãe e uma para mim. Receando que lhe desse a phantasia para vir vêr-nos aqui, fui cumprimental-o ao hotel; encontrei-o em casa por desgraça e tive de estar com elle cêrca d'uma hora. Começou por participar-me a sua ida a Ploszow, mas evitei a visita communicando-lhe que retirariamos breve do campo para vir residir na cidade. Perguntou-me pela senhora P... sem demonstrar outro interesse na pergunta, que não fosse o de cumprir as regras da urbanidade. Como Kromicki é antipathico! Os tartaros de Batuchan deviam ter commettido

todo o genero de excessos no bello paiz que hoje se chama Silesia austriaca, depois da victoria de Liegnitz, porque juraria que os olhos de Kromicki, dois grãos de café torrado, não são de origem slava, nem silesia. A sua amabilidade é tão fastidiosa como excessiva.

Passado pouco tempo a conversação recahiu no estado da riqueza da mãe de Angela. A seu vêr, a situação poderia salvar-se se a senhora P... consentisse em vender as suas propriedades. A repugnancia que esta senhora sente pela venda, é apodada por Kromicki de puro romantismo.

Este homem gosta de discorrer. Espraiou-se n'um longo discurso, a proposito da incapacidade que teem certas classes para se dedicar a negocios. Assim para não ir buscar exemplos longinquos, citava o que lhe acontecera: seu pae morrera crivado de dividas, só lhe deixára alguns milhares de florins de patrimonio, e hoje, se os seus negocios do Turkestan progredissem, como esperava, ficaria a coberto de contingencias e em condições de se dedicar a grandes empresas.

Deus preserve Angela de unir a sua sorte a este homem! Pode possuir grandes qualidades; creio, porém, que é individuo de moralidade duvidosa.

28 de fevereiro

Estas senhoras começam a sentir inquietações ao vêr que os preliminares caminham tão devagar. Minha tia, insoffrida por natureza, morde-se de impaciencia. A expressão de alegria que se estampa nas feições de Angela deve mitigar taes temores e inspirar-lhes confiança. A pobresita continúa a acreditar em mim, o seu olhar interroga-me com uma fé sem limites. A sua imagem não me sáe da idéa. Cada dia a desejo mais. Estes accôrdos de alma não me satisfazem. É Angela, a propria Angela que quero.

4 de março

Acabou o dia d'uma maneira tão imprevista, que necessito de toda a minha serenidade e sangue frio para recordar com methodo os incidentes e não começar a narrativa das minhas impressões pelo fim. Não posso conter-me mais. Os dados estão lançados. Passei o Rubicon! Se não começasse por dizer isto, não podia proseguir.

Relatarei agora o occorrido. Os Sniatynski vieram logo de manhan pedir-nos de jantar. Representa-se esta noite no Grande Theatro o drama do meu amigo. É preciso, pois, que regressem cedo á cidade. Apesar da nossa vida de eremitas nos ser muito agradavel, esta visita causou-nos verdadeiro prazer. Angela dedica á senhora Sniatynski grande amizade e por certo desejará confiar-lhe os sentimentos que lhe enchem o coração. A esposa do meu amigo é uma confidente discreta. Adivinhou tudo e faz o que pode para apressar o desenlace.

Logo que chegou a casa disse a minha tia:

— Que bem se está aqui! E como estes dois jovens devem ser felizes!

Angela e eu comprehendemos a intenção das suas palavras. Os olhares que nos lançava, exprimiam tantas sympathias, e uma tão profunda e amigavel curiosidade, que de bom grado lhe perdoei a insistencia. Reparei n'uma coisa singular: as orelhas da senhora Sniatynski purpurisavam-se denunciando a commoção que sentia, ao ouvir os elogios dirigidos ao marido. Tal commoção depois de oito annos de casada, é raro! Não teria por acaso escripto em qualquer parte d'estas memorias, sandices da peor especie, ao apreciar as polacas!

O jantar foi muito alegre. Com um casal como os Sniatynski a jovialidade é contagiosa. Ao vêl-os toda a gente deseja casar-se. É a primeira vez que admiro um par verdadeiramente feliz e sem demonstrar esse aborrecimento reciproco, que se nota nos esposos. Angela entrevia, por

certo, o nosso futuro através d'este prisma de felicidade, porque tinha o parecer radiante.

Depois de jantar ficámos á mesa Sniatynski e eu. Falámos dos tempos passados, dos primeiros dias da juventude quando ambos abriamos as azas para voar. Contou-me a historia dos seus inicios litterarios, os trabalhos soffridos para vencer, como os resultados eram obtidos gradualmente, as dúvidas que o atormentaram, as que ainda agora o inquietam

— Dize-me, querido amigo, que fazes da tua celebridade? interrompi eu bruscamente.

— Que faço da minha celebridade? repetiu surprehendido.

— Sim. Cíngel-a á fronte como um diadema, léval-a ao pescoço como o tosão de oiro, reservas-lhe um posto de honra no gabinete de trabalho ou pendura-l'a n'algum sitio do salão? Quizera saber o que é a celebridade, e de que nos pode servir quando a adquirimos.

Sniatynski, surprehendido com a pergunta, parecia reflectir.

— Pois bem, admittamos que adquiri essa celebridade, — respondeu ao cabo d'alguns instantes —; era preciso que fôsse um pobre de espirito ou um louco para me julgar satisfeito por fazer da gloria um diadema com que cinja a fronte. Convenho que a celebridade lisonjeia o nosso amor proprio, mas só a felicidade dos vaidosos é que se sacía com tão pouco. Coisa differente é a consciencia que se tem das obras produzidas, a certeza de as vêr apreciadas, o orgulho de despertar echos através das massas. Só a idéa de julgar que me sinto feliz, porque qualquer nescio se approxima de mim para me dizer quatro logares communs, me subleva. "Destes-me horas de inexplicável gôso com o vosso talento!„ Este *cliché* irrita-me. Ou suppôr que acalmam as minhas aspirações noticias de jornaes como esta: "Julgamos do nosso dever communicar uma triste nova aos leitores: o senhor X..., conhecido auctor dramatico, tem uma colica.„ Crês que isto pode fazer a minha ventura? Por quem me tomas?

— E a consideração que deriva, como consequencia, da celebridade?

Sniatynski, que cessára de passear a passos largos pelo aposento, como costuma durante a nossas discussões, assentou-se n'uma poltrona, onde continuou a perorar:

— Consideração! Enganas-te absolutamente. Os polacos são homens singulares. No nosso paiz ha rivalidades especiaes. Quem julgas tu que inveja a minha fama de auctor dramatico? Os meus collegas? Não. Inveja-a um banqueiro, um medico, um corretor, um engenheiro; pessoas que nunca escreveram uma linha na sua vida. Esta gente, nas suas relações comnosco, fazem toda a diligencia por evidenciar o mediocre conceito em que nos teem; tratam-nos com altivez sempre que falam de nós com um terceiro, deprimem-nos, para mais se exaltarem a si proprios. Se mando fazer um fato ao meu alfaiate, os invejosos encolhem os hombros e exclamam com desdem: "Não sabes, Sniatynski veste-se da casa de X... como qualquer outro.„ Aqui tens os bons boccados que proporciona a celebridade.

— Algum valor deve ter quando tanta gente se afadiga por conquistal-a.

Sniatynski olhou para mim durante instantes como para me adivinhar o pensamento, e accrescentou depois com gravidade:

— A fama só vale, refiro-me á vida privada, para a pôr, á guisa de almofada, aos pés da mulher a quem amamos.

— Essa definição grangear-te-ha uma celebridade de novo genero, retorqui em ar de gracejo.

Sniatynski, que falava muito a serio, não fez caso da resposta, e approximando-se de mim, continuou em tom fogoso:

— Sim, mil vezes sim! Quando tiveres conquistado gloria, celebridade e laureis, vae ter com a mulher amada e dize-lhe: a gloria, por causa da qual tantos ambiciosos perecem, a gloria que é considerada como a mais alta expressão da felicidade, que é tão requestada como a riqueza, conquistei-a só para ti, para t'a lançar aos pés.

Quando fizeres isto, meu caro, amar-te-ha, convence-te, durante toda a vida. Ahi tens para que me serviu a celebridade.

A senhora Sniatynski e Angela interromperam com a sua apparição a conversa. A senhora Sniatynski vinha pedir licença ao marido para sahir, e obtida esta, virou-se para mim e disse-me intencionalmente:

— E o senhor, concede auctorisação a Angela para ir commigo vêr as estufas do jardim?

Que estas palavras fizessem córar minha prima até as pupillas, explica-se; mas que um homem da minha especie, habituado ás luctas da vida, ficasse sem saber que responder, é imperdoavel. Serenei logo e dirigindo-me a Angela, respondi, depois de lhe beijar a mão:

— Minha prima é quem manda aqui, e sou eu o primeiro a obdecer aos seus desejos.

De boa vontade a acompanharia ao jardim, mas como desejava falar com Sniatynski de Angela e do meu futuro casamento, fiquei.

— Acreditas — interroguei — com fé inquebrantavel, nos teus dogmas?

— Mais que nunca, — replicou — e os factos confirmam a minha crença. Não existe no mundo palavra que tenha sido mais empregada que a do amor, porque fóra d'elle não encontrarás nada: amor, na acepção geral, e amor no sentido particular. Não ha crítica que resista ao amor. São esses os canones da vida. A minha philosophia consiste em os acceitar sem discussão. Com amor a vida é supportavel; sem elle não vale um caracol.

— Tomemos, — disse — o amor no sentido particular; para falar com mais propriedade substituamos o termo amor pelo de mulher.

— Perfeitamente, — respondeu.

— Não pensas que é perigoso edificar a felicidade em cima de tão debeis alicerces?

— Esses alicerces são tão solidos como a propria vida; nem mais nem menos!

— Não julgues o caso pelo que se passa comtigo. Foste

feliz na escolha, mas nem todos poderão contar com a mesma ventura.

Não me deixou concluir. A seu vêr ha cem probabilidades contra uma para ser feliz. As mulheres, na sua opinião, são creaturas melhores, mais puras e mais nobres que nós.

— Nós somos uns miseraveis! — bradava agitando os braços e sacudindo a farta e loira cabelleira. — Digo-te isto, eu, que na minha qualidade de escriptor dramatico tenho de observar a vida.

Tornou a assentar-se e puxou a cadeira para o pé de mim.

— Ha muitas bonecas de Nod, como escreveu Dumas. Essas são temiveis, mas acautela-te em te não deixar seduzir por ellas. Em regra, a mulher só engana o marido quando elle a corrompe, quando destroe as suas mais arreigadas crenças, quando a repudia com o seu egoismo e mesquinhez de pensamento. Ama sempre a mulher! Que não seja só a tua fêmea, mas sim a tua companheira mais querida, a tua amiga. Aperta-a de encontro ao peito, que sinta o teu calor; e fica tranquillo! Aconchegar-se-ha, unir-se-ha tão estreitamente a ti, que formarão um ser unico. Mas se não lhe proporcionas este abrigo, abandonar-te-ha, procurará um coração mais generoso, pois a mulher tem tanta necessidade de affeição e de carinho como de ar para respirar. Casa-te.

E vendo Angela dirigir-se para casa, disse-me, apontando para ella:

— Ahi tens a tua felicidade. Casa com essa menina, compra-a a pêso de oiro, apesar de nem o oiro nem os diamantes poderem pagar tal thesouro. Vives sem abrigo, não só no ponto de vista material mas tambem no moral; não possues base para teres socego; ella t'o dará. Aconselho-te, porém, a que não a submettas ao escalpêllo da tua analyse, porque a perderias do mesmo modo que perdeste dons tão preciosos e os trinta e cinco annos da tua existencia, porque a philosophia nem para tudo serve.

Sniatynski não podia dar-me conselho mais digno e

mais em harmonia com os meus desejos; apertei-lhe carinhosamente as mãos.

— Não quero philosophar mais, exclamei, porque a amo!

N'este momento entravam Angela e a senhora Sniatynski, que, ao vêr-nos tão affectuosos, commentou:

— Quando sahimos, parecia que discutiam; mas noto agora que a reconciliação é completa. Não é indiscreção perguntar qual era o motivo da controversia?

— As senhoras.

— Nós? E chegaste a accôrdo?

— Completo, bem o vêem, e as felizes consequencias d'elle não se farão esperar.

Os Sniatynski despediram-se; esperava-os o trenó. Os nossos amigos tinham de regressar a Varsovia.

Angela e eu combinámos ir acompanhal-os á extrema do parque. Subimos os quatro para o trenó, que nos conduziu até a estrada; despedimo-nos alli. Os reflexos do crepusculo illuminavam o horisonte. Distinguia perfeitamente as feições de Angela. Parecia commovida. Conclui que tivesse falado de mim á sua amiga. Acreditará que vou, por fim, pronunciar as palavras de amor que me queimam os labios? Coisa singular! Eu, que me julgo mestre na arte de dominar impressões, estou timido como um collegial e não sei que dizer-lhe.

Caminhávamos em silencio. Na nossa frente, ao fundo da alameda, desenhavam-se os degraus da escadaria. Dava o braço a minha prima, porque debaixo dos patins do trenó a neve polira-se como um marmore. Quando senti a pressão do seu braço no meu, um estremecimento intimo revelou-me que Angela era para mim a mulher mais desejada de todas. E um frémito de scentelhas fulgurantes propagava-se a todo o meu ser.

Entrámos no vestibulo. Não havia mais ninguem; ainda não se tinham accendido as luzes; através das grades da chaminé, brilhavam os reflexos vermelhos da chamma. Sempre em silencio e immersos n'esta meia sombra, ajudei Angela a tirar a pelliça; mas quando o calor perfu-

mado do corpo me envolveu com o seu bafo de subtis aromas, cingi-a com os braços e apertando-a de encontro ao peito, beijei-a na fronte. Não tive consciencia d'este movimento, tão espontaneo e rapido foi.

Angela, surprehendida, por certo, não oppoz a menor resistencia; comtudo desprendeu-se acto contínuo dos meus braços. Na casa proxima soaram os passos d'um criado que trazia luzes: separámo-nos; ella dirigiu-se para o quarto; eu entrei, profundamente inquieto, na casa de jantar.

Por pouco galanteadores que tenhamos sido, fomos mais de uma vez na vida heroes de aventuras d'este genero. Tive-as como toda a gente, mas não me lembro de ter perdido a presença de espirito, nem o sangue frio. N'esta, pelo contrario, experimentei uma extranha inquietação; rodopiavam-me no cerebro impressões e pensamentos desconhecidos impellidos pela lufada da paixão. Por fortuna, a casa de jantar estava deserta; minha tia e a mãe de Angela não tinham ainda sahido dos aposentos. Ao cabo de alguns minutos fui procural-as, mas sentia-me tão perturbado, que nem soube responder ás perguntas que me faziam. Só pensava em Angela; via-a só no quarto, com a cabeça encostada ás mãos. A minha unica preoccupação era adivinhar-lhe os pensamentos.

Tinha quasi a certeza de que não appareceria n'aquella noite ao serão; por isso quando a vi entrar, respirei como se me tirassem um grande pêso de cima do peito. Vestigios ainda recentes de pó de arroz, indicavam que a pobre menina tentára refrescar o rosto abrazado. Contemplava-a com paixão, sentia-me doidamente enamorado d'ella.

Angela pegára no bordado para dissimular o enleio e trabalhava com a cabeça pendida. Notei que o seio arfava agitadamente. Uma vez, surprehendi de relance o seu olhar triste, prescrutador, velado pela angustia.

Esta observação commoveu-me. Afim de lhe dissipar o pesar intrometti-me na conversação travada entre a senhora P... e minha tia, e disse em voz alta:

— Sniatynski censura-me continuamente por ter a mania de philosophar, observar, dissecar as coisas; demonstrar-lhe-hei ámanhan que se engana.

Sublinhei a palavra ámanhan e vi que Angela me comprehendera perfeitamente, porque me dirigiu um olhar de intelligencia. Minha tia, que não sabia o que se passava, perguntou-me:

— Vaes visitar ámanhan Sniatynski?

— Vou; quer que assistamos á representação da sua peça e se Angela consentir, tenho tenção de a levar ámanhan ao theatro.

Angela levantou para mim o olhar ainda velado, mas cheio de confiança, e respondeu com voz muito meiga:

—Por mim não ha inconveniente.

Estive quasi a declarar-me francamente, como era do meu dever; mas como dissera *ámanhan* não me quiz desdizer. Experimento a sensação do mergulhador, que tapa os olhos e o nariz antes de descer ao fundo do mar.

Mas ao menos apanharei uma verdadeira perola.

Casa Osoria, 6 de março

Estou em Roma desde hontem; meu pae não está tão doente como receava encontral-o. O braço e o lado direito estão insensiveis. Os medicos ainda conservam esperanças. O coração não está affectado. Pode viver muitos annos n'este estado.

7 de março

Angela lá ficou mergulhada na incerteza, na anciedade, na agonia d'um coração que soffre. Podia proceder d'outra maneira?

No dia seguinte ao da visita dos Sniatynski, no mesmo dia em que resolvera declarar o meu amor a Angela e de a pedir a sua mãe, recebi uma carta de Roma. Meu pae informava-me que cahira enfermo: "Deixa tudo, querido filho, — escrevia-me, — porque queria abraçar-te pela derradeira vez.„ Escuso dizer que me metti no primeiro comboio e só parei na nossa casa de Babuino.

Julguei não o encontrar com vida. Minha tia tentou, em vão, socegar-me, dizendo-me: "Se houvesse verdadeira gravidade, em vez de nos escrever pelo seu punho, telegraphava-nos.„ Não quiz attender a taes razões. Conhecia demasiado as suas manias, no numero das quaes figurava em primeiro logar a aversão que sentia pelo telegrapho. Minha tia, não obstante apparentar tranquillidade, estava tão inquieta como eu.

Podia e devia pensar em casamento em occasião tão tragica? Creio que haveria n'isto alguma coisa de cynico, de contrário ás leis da natureza. Murmurar ternas palavras de amor, no proprio momento em que meu pae exhalava talvez o ultimo suspiro! Toda a gente me comprehenderá e Angela melhor que ninguem.

No momento de me metter na carruagem disse-lhe:

— Escrever-te-hei de Roma.

— Oxalá que ao chegares se dissipem os teus receios, — respondeu-me.

Como esta innocente tem fé em mim! E no emtanto passo aos olhos das mulheres por ser extremamente voluvel. Adivinho a resposta que Angela daria se esta fama, merecida ou não, chegasse aos seus ouvidos: "Calumniaram-o. As que o accusam de inconstancia equivocam-se; são ellas as inconstantes, porque não o souberam amar nem tão honestamente nem com tanto fervor como eu.„ E tem razão. Os meus caprichos podem ser tão variaveis como o vento; parece-me muitas vezes que a mobilidade e a versatilidade dos sentimentos humanos, que possuo, como estou convencido, influiram necessariamente no meu caracter. O seu sôpro bastou para me ferir e resequir a alma. Mas uma creatura tão casta como é Angela deve

pagar as faltas alheias? Não, porque creio que ainda é tempo de me salvar; que a regeneração ainda se pode realisar. Quem sabe se é talvez demasiado tarde; e se um coração puro não possue a virtude de rususcitar mortos!

Creio que o homem possue em si uma fonte inexhaurivel de regeneração. Toda a gente conhece a lenda da rosa de Jerichó. Murcha já, basta uma gôtta de chuva para fazer reviver e florescer as suas petalas. Sim, o temperamento do homem dispõe de mais recursos que o da mulher. O homem, ainda que cáia na maior degradação, tão repugnante e odiosa que uma parcella de lodo seja o bastante para cobrir a mulher de lepra mortifera, consegue não só sacudir de si essa immundicie e recuperar a saude e o vigor moral, mas ainda reconquistar uma virgindade. Encontrei mulheres com a alma tão gangrenada, que tinham perdido a noção e o respeito do poder do amor. Nunca conheci homens tão depravados.

Decididamento o amor dá-nos uma nova virgindade.

Estas confissões, feitas por um sceptico, parecerão singulares. É bom notar, porém, que escrevo taes palavras dominado pelos sentimentos que me inspirou Angela. Nem ella suspeita da habilidade da sua tactica. Pela sua inalteravel confiança, demonstrada sempre e em todas as occasiões, Angela apoderou-se-me do coração e fundiu-o no seu.

E essa tragedia intima que se passa em nós! esse scepticismo que me levaria a recordar ao amor o *vanitas vanitatum* da Biblia! E comtudo, é preciso estar cego, para não reconhecer que de todos os factores que entram em jogo na combinação da nossa existencia, o amor é o mais forte. Quando trato de abranger n'um olhar o oceano universal das coisas e dos seres, fico attonito ante o espectaculo d'esta omnipotencia. É um phenomeno tão evidente como a marcha apparente do sol pelo espaço, ou como o fluxo e refluxo das vagas. Desde o dia em que Empedocles adivinhou que Eros tirára o mundo do chaos. a metaphysica estacou. Só a morte é uma fôrça tão absoluta como o amor. Mas na

lucta eterna d'estes dois principios, é o amor que empolga a morte pelo pescoço, que lhe põe o punho no peito, que a derruba dia e noite, que a hostilisa, que a persegue passo a passo, e que em cada coval aberto por ella, arroja ás mãos cheias germens de vida nova. Os homens, levados pela corrente das occupações diarias, olvidam ou não querem lembrar-se que o amor é o seu despota. O guerreiro, o ministro que dirige um imperio, o agricultor, o negociante, o sabio, o poeta, todos no meio dos seus esforços e do seu labor tão differente, só são em resumo obreiros do amor. Todos obedecem a esta lei natural, que determina que as mãos dos homens se extendam eternamente para a mulher.

Recordo-me d'um conto arabe que li quando estudava na universidade; o auctor comparava n'este conto o amor ás tenazes encandescentes do inferno. Esqueci-me do nome do poeta, mas a fabula ficou-me gravada na memoria. Sentem-se vertigens ao pensar n'este poderio. Os innumeros phenomenos da vida são apenas as formas diversas d'um mesmo principio: é o *ên kai pán* dos antigos. Sim, esta fôrça é unica no mundo, só ella reina, só ella perdura, só ella germina e só ella cria.

10 de março

Rasguei esta manhan tres ou quatro rascunhos de cartas destinadas a Angela. Depois de jantar fui ter com meu pae ao seu gabinete de trabalho para o consultar ácêrca dos meus projectos. Encontrei-o dispondo-se a examinar com a lente um *épilichnion*, que acabava de receber de um dos portos do Peloponeso. Tinha um aspecto grandioso, seja dito entre parenthesis, no meio de vasto aposento, com proporções de museu, illuminado por grandes vitraes brancos e azues, rodeado de vasos etruscos, télas, estatuas, recordações de toda a especie, antiguidades gregas e romanas. As suas feições desenhavam-se no fundo

d'este quadro semelhantes ás do divino Platão. Interrompeu o trabalho, ouviu-me attentamente e terminou por me perguntar.

— Ainda hesitas?

— Não; reflexiono apenas; n'uma palavra, desejo saber porque quero.

— Pois bem! eis o que te diria... Eu, como tu, quiz sempre escalpelar os meus sentimentos e todas as manifestações da vida humana; mas apenas vi tua mãe, perdi logo o prazer e a necessidade da analyse. Apenas sabia uma coisa: que a amava e que, além d'ella, não desejava nada no mundo.

— E depois?

— Depois... se tu amas essa menina como eu amei tua mãe, casa; e desfructarás a felicidade que eu desfructei, até o instante em que a morte me roubou a esposa.

Ficámos durante algum tempo silenciosos, absortos nos nossos pensamentos.

Meu pae interrompeu-os para me perguntar:

— É formosa?

Como julguei as palavras mesquinhas para descrever Angela, tirei do bolso o seu retrato, muito parecido, e entreguei-o a meu pae.

Não despregava os olhos d'elle; a minha curiosidade não era menor que a sua. O artista, o entendedor illustre, o admirador apaixonado das damas, despertou n'elle. Resuscitou o "Leão Invencivel„ d'outro tempo. Encostou a photographia ao braço esquerdo, rigido, meio morto, agarrou na lente com a mão direita, e ora approximando-a ora afastando-a do retrato, communicava-me as suas impressões.

— A avaliar por certas particularidades, este semblante pertence ao genero de Ary Sleffer. Deve ser encantadora, sobretudo, quando a commoção lhe humedecer os olhos de lagrimas. Nem toda a gente gosta d'esta expressão angelica, bem sei. Mas eu sustento que ensinar um anjo a converter se em mulher é o supremo triumpho. Re-

pito, é formosa e muito original. Ah, meu caro, o mais bello que ha no mundo é a mulher!

Levou de novo a lente aos olhos e continuou:

— Posso enganar-me, apesar de ter passado por habil em tal materia; deve ser uma natureza leal e franca. As mulheres d'este genero de formosura revêem-se na pureza e brancura da plumagem. Que Deus os abençoe, meus filhos, e os faça felizes! porque, declaro-te, agrada-me infinitamente a tua escolha. Receei que casasses com uma extrangeira. Prefiro a tua Angela a todas.

Approximei-me d'elle; passou-me o braço direito em volta do pescoço, beijou-me e disse-me:

— Oxalá pudesse abraçar assim os dois!

Assegurei-lhe que esse empenho não levaria muito tempo. Começámos a conversar dos nossos projectos, da tenção que formava de residir em Roma. Seria essa a expressão do meu primeiro desejo, logo que escrevesse a pedir a mão de Angela. Tão depressa fôsse acceito o pedido, celebrariamos o consorcio em Roma... o que não demoraria muitos dias.

Estes projectos agradaram em extremo a meu pae. As pessoas edosas e doentes gostam de sentir em volta d'ellas a vida e o movimento. Sabia que Angela se julgaria feliz com tal concurso de circumstancias. Tudo se podia decidir e arranjar em oito dias. Temia, entretanto, que uma resolução tão prompta e uma energia tão immediata não estivessem em desharmonia com o meu caracter, mas só a idéa de demonstrar uma vez na vida decisão e vontade, lisonjeava o meu amor proprio. Imaginava já dar o braço a Angela e servir-lhe de cicerone na Cidade Eterna.

A nossa conversação foi interrompida pela entrada dos senhores Davis, que todos os dias visitam meu pae. Elle descende de judeus inglezes; ella é filha d'um gentil-homem italiano e casou-se por interesse. Este semita, cretino e rachitico, abusou da vida duas vezes mais que lhe permittia o seu misero organismo. Acommettido d'uma paralysia parcial, passa indifferente a tudo quanto o rodeia, e faz ^{c}mbrar esses desgraçados doentes que apparecem am-

parados pelos enfermeiros nos gabinetes de hydrotherapia. Em compensação ella tem o quer que seja de Juno. As sobrancelhas unem-se-lhe na fronte pequena e formosa; as suas formas possuem os maravilhosos contornos d'uma estatua grega. Não me é sympathica; a sua virtude obriga-nos a pensar na torre de Pisa, que está sempre inclinada, mas que não cáe nunca. O anno passado cortejei-a; não me desanimou completamente; mas as nossas mutuas intenções não deram nenhum resultado preciso. Em troca, meu pae manifesta-lhe certa sympathia. Suspeito que anda namorado d'ella. Deve admiral-a na dupla qualidade de artista e de pensador, porque é verdadeiramente formosa e d'uma intelligencia nada vulgar. As conversações dos dois são interminaveis; meu pae denomina-as "palestras romanas„. Talvez o facto de decifrar os enigmas da vida na intimidade d'uma tão formosa mulher, lhe pareça uma das recreações de espirito digna dos bellos dias do renascimento italiano. De quando em quando tomo parte nas discussões; a sinceridade da senhora Davis não me convence. Afigura-se-me que a sua intelligencia pouco commum não provém nem do cerebro nem da alma; presumo que nada a apaixona tanto como a sua propria formosura e a saciedade de prazeres. Encontrei aqui, com frequencia, mulheres de aspirações elevadas, pelo menos na apparencia, para as quaes a religião, a philosophia, a arte e a litteratura só lhes servem no fundo para accessorios do modo de trajar. Indubitavelmente a senhora Davis pertence a estas mulheres.

Tenho perguntado mais d'uma vez a mim proprio, a que devia attribuir-se a amizade, para melhor dizer, a affeição que esta mulher demonstra por meu pae; julgo ter encontrado resposta. Meu pae, com a sua admiravel cabeça de philosopho patricio, com as suas maneiras que recordam o seculo XVIII, é para ella um magnifico e intelligente espelho onde se reflectem por inteiro o seu espirito e a sua formosura Fica lisonjeada por se vêr apreciada, sem restricções, por elle.

Pode ser isto o que inspirasse á senhora Davis esta

amizade que a pouco e pouco se converteu em verdadeiro habito. Demais, como não passa por santa aos olhos do mundo, pode dizer aos seus detractores: "Vejam com quanta injustiça me accusam. Serão capazes de acreditar que tento seduzir um velho septuagenario? Como explicam então a estima absolutamente ideal que lhe dedico?„

As relações com meu pae dão-lhe tambem ensejo para conviver com a gente mais distincta de Roma.

Houve tempo em que perguntava a mim proprio: "serei eu a causa d'estas visitas quotidianas?„ Com certeza não são os meus merecimentos que a attráem; ella, porém, lastíma que eu a aprecie com scepticismo e basta isto para lhe excitar os nervos. Não juraria que me tenha horror; talvez até não desgostasse de me vêr um dia a seus pés. Em resumo, a senhora Davis é um exemplar admiravel da especie feminina. Seria capaz de peccar, quando não fôsse por outra coisa, só pelas suas sobrancelhas e collo dignos de Juno.

Logo que os Davis entraram, meu pae iniciou as suas famosas palestras. O thema da discussão foi a analyse dos sentimentos humanos. A senhora Davis emittiu idéas muito justas. Do salão-museu fômos para o terrado que dá para os jardins. Não obstante estarmos a 10 de março, sente-se já o sôpro fecundo da primavera. Os dias são ardentes, as magnolias cobertas de flôres, parecem nevadas; as noites são tépidas como em pleno junho. Como é differente este céo do de Ploszow! Respiro com prazer. No terrado, illuminado pelos raios prateados da lua, a senhora Davis parece-me bella, d'uma belleza de phantasia grega. Sentia que estava tambem dominada pela impressão do encanto indiscriptivel d'esta noite de Roma; a sua voz vibra mais discreta e com infinita doçura. Pode ser que até n'este momento, como sempre, se rodeie d'estes poeticos raios de luar, se sature com o perfume das magnolias, só com o fim de realçar a sua belleza. Se o meu coração não estivesse completamente occupado por Angela, ficaria subjugado pela seducção d'este quadro.

Cada vez que assisto a uma d'estas "palestras„ fico

com a impressão que meu pae, a senhora Davis e eu, todos quantos pertencemos a certa camada da sociedade, não vivemos a vida natural e real. Alguma coisa se agita e se desenrola a nossos pés. É a lucta pela existencia, pelo boccado de pão de cada dia; é a vida positiva onde labuta um formigueiro humano com as suas exigencias, com os seus appetites, com as suas paixões e com os seus esforços; vida immensa, tangivel, vibrante de rumores, que surge e encapella as ondas como o oceano. E nós passamos o tempo nos terrados, discutindo arte, litteratura, amor; extranhos a essa vida, muito longe d'ella, apagando d'um traço seis dias dos sete da semana, de golpe, de fórma que só temos, por assim dizer, gôstos, nervos e alma de domingo. Mergulhados no nosso *dilettantismo* beatifico, como n'um banho morno, vivemos n'uma meia somnolencia. Ruminamos bago a bago a nossa herança moral e physica, todas as provisões armazenadas de fôrças musculares e nervosas. Sentimos que o chão nos falta debaixo dos pés. Sômos como o polen das plantas que o vento espalha; apenas encontramos um ponto de apoio, logo o sôpro da vida real nos arrebata de novo, porque perdemos toda a fôrça de resistencia.

Quando me deixo absorver por estas idéas, ferem-me o espirito mil contrastes. Julgamos resumir em nós a ultima palavra da civilisação, chegámos ao mais alto grau da cultura intellectual e moral, mas perdemos a fé em nós mesmos. Só os ingenuos é que acreditam ainda na razão de ser da existencia. Procuramos instinctivamente as exterioridades da vida, os dias alegres, o deleite, a ventura... e não acreditamos na ventura. O nosso scepticismo leve e vago, comparavel ao fumo que se ennovela dos charutos, occulta a nossos olhos os horizontes longinquos. Por debaixo d'este véo, através d'estes vapores, creámos um mundo aparte, isolado da immensa e universal existencia; um mundo exclusivo, concentrado em si proprio, ôcco e semelhante á phantasmagoria dos sonhos.

Se se tratasse só da aristocracia chamada de nascimento ou de dinheiro, o phenomeno offereceria menos gra-

vidade. Mas a este mundo artificial pertencem, mais ou menos, todos quanto possuem um espirito culto ; todos quanto de perto ou de longe se dedicam á sciencia, á arte e á litteratura. O perigo está ahi. Este mundo não é inherente á natureza. Gravita em redor d'ella, sem haurir d'ahi a vida, e terminará por se mirrar. Nem sequer terá contribuido para tornar menos grosseiras e menos crueis as necessidades d'esses milhões de existencias humanas, que se agitam em massas confusas a seus pés.

Note-se que não falo como reformador; não tenho qualidades para tanto. Faça-o quem puder. Ha momentos em que tenho a visão semi-lucida d'um prodigioso cataclysmo onde se abysmará a nossa illustração. Este cataclysmo que a fará desapparecer da superficie da terra, arrastará comsigo um mundo muito mais requintado, que o das cabelleiras empoadas e o das camisas com bofes. É tambem certo, que estes imaginavam que com elles terminaria o universo.

Como é delicioso, n'uma d'estas noites tépidas e luminosas assentarmo-nos no alto d'um terrado e conversar com voz languida de arte, de litteratura e de amor, admirando aos reflexos prateados da lua o perfil divino de uma mulher tão formosa como Laura Davis!

10 de março

Rochas, montanhas, aldeias e campanarios, tudo se desvanece e confunde, á medida que nos afastamos, n'um vapor azulado; da mesma forma uma nebrina psychica nos intercepta aos olhos as pessoas amadas, que o espaço separa de nós. A morte é apenas uma separação, mas tão incommensuravel, que os entes mais queridos se fundem n'esse infinito, perdem a pouco e pouco a consistencia, evaporam-se e só nos apparecem como formas vagas. Assim o comprehendeu o genio grego quando povoou os Campos Eliseos de sombras.

Mas para que recorrer a comparações funebres quando vou falar de Angela? Estou absolutamente convencido que a distancia não arrefeceu o meu carinho. E no emtanto ella não se me apresenta á imaginação, diluida n'um afastamento menos real e menos viva que me apparecia em Ploszow? Já não a diviso no meio dos meus sentidos; parece-me agora uma alma mais querida, mas uma creatura menos desejada talvez. Será melhor assim? Será o desejo que a senhora Davis despertou em mim, a causa d'este resfriamento? E depois, não é a essa dissolvencia, com que a memoria envolve as pessoas ausentes, que se deve attribuir o não ter escripto a Angela? O seu perfil de deusa grega, tão nitidamente reproduzido no fundo da minha pupilla, é apenas uma impressão transitoria. Quando comparo estas duas mulheres, a estima por Angela augmenta com toda a doçura d'uma intensa saudade, e lamento que tenha estado até hoje immersa na incerteza, na mais anciosa espectativa! Na carta em que meu pae informava hoje minha tia das melhoras da sua saude, apenas accrescentei algumas simples palavras para Angela.

Era difficil dizer muita coisa n'um *post-scriptum*; mas podia ter promettido escrever breve e mais largamente. Esta esperança teria mitigado o anceio de Angela. Não o fiz. É que chegaram para mim, outra vez, as horas de refluxo. A ancia de viver e a fé no porvir recuaram tão longe no meu horisonte, que apenas são visiveis, e a meus pés só se extende uma praia esteril e arenosa. Não posso desterrar esta idéa que me obseca. Em minha consciencia, só devo casar com Angela, tendo a certeza que d'esta união depende a felicidade dos dois. Deveria poder jurar-lh'o e jural-o a mim proprio. É, no emtanto, mentira! Enganal-a-hia antes do padre nos ter enlaçado as mãos com a estola sagrada; porque perdi a fé na felicidade, para só conservar a dúvida e o desánimo da vida. Ella soffre com a espectativa, com a incerteza! mas eu tambem soffro... e tanto mais cruelmente... quanto a amo com mais ardor.

11 de março

Laura Davis, a quem repeti, no decorrer d'uma conversação, ao luar, o que penso e escrevi nas minhas memorias, ácêrca do poder do amor, chamou-me "Anacreonte polaco„ e prometteu offerecer-me grinaldas de pampanos; depois accrescentou muito a serio:

— Se está tão compenetrado do poderio do amor, porque é pessimista? A fé n'esse poderio devia bastar para o fazer ditoso.

Não soube que responder-lhe, e o que é peor, não sei tambem o que responder a mim proprio. O amor, indubitavelmente, triumpha da morte, mas só salva a especie. Que consôlo e proveito tiro em vêr que se perpetua a especie, se estou condemnado ao inevitavel e implacavel nada?

Não pode existir um requinte mais accentuado de crueldade! Que nome, a não ser o de barbara, se pode dar a uma lei, que quer que um sentimento como o amor, exclusivo do individuo, só se applique á conservação da especie? Sentir agitar-se dentro de si uma fôrça immortal e ser condemnado a morrer, não é o cumulo da angustia! Na realidade, o individuo só existe por si proprio: a especie só é uma concepção geral e o nirvana mais absoluto, com relação á unidade. Comprehendo o amor filial ou paternal, prolongado até a terceira ou quarta geração, porque contém precisamente o carinho e a saudade do individuo votado á morte; mas o patriotismo ou o amor da especie só pode, a meu vêr, alojar-se no cerebro d'um Tartufo ou d'um doutrinario apoucado. Comprehendo perfeitamente porque, no decorrer dos seculos, a Empedocles succederam os Schopenhauer e os Hartmann.

Roma, 13 de março

Meu pae morreu esta manhan. A sua agonia foi rapida.

Pegli, Villa Laura, 22 de março

A morte é abysmo tão espantoso que, apesar de sabermos que um dia temos de ser tragado por elle, cada vez que se abre para um dos seres queridos, nós, os sobreviventes, detidos á beira do barathro, sentimos a alma agitada pelo temor, e dilacerada pela afflicção e pelo desalento. Os nossos raciocinios perdem-se n'este limite supremo, e só experimentamos uma necessidade, a de implorar consôlo, que ninguem pode prestar-nos.

Este refugio, este conforto unico, poderiam encontrar-se na fé; mas aquelles a quem este facho divino não allumia podem vêr afundar-se o espirito na noite eterna d'esse abysmo insondavel! Todas as vezes que dizia commigo que tal não aconteceria, que repugna ao instincto, que é demasiado horrivel, outras tantas vezes uma voz sahida da minha consciencia me respondeu: "É assim, não o duvides.„

23 de março

Quando cheguei a Roma meu pae conservava tanta vitalidade, que ninguem pensaria estar proximo o seu fim. Que singulares repregas tem a consciencia! Deus sabe que experimentei a mais viva e sincera alegria ao vêl-o fóra de perigo, e todavia a idéa provavel da sua morte obse-

cou-me de tal fórma, durante a viagem; lamentára tanto a minha sorte, julgando vêr o seu cadaver rodeado de cirios, e vendo-me eu proprio ajoelhado junto do ataúde, que soffri quasi um sentimento de decepção e como pesar d'uma dôr inutil. Esta recordação atormentava-me como um remorso.

Que desditoso é o homem cuja alma perdeu a simplicidade e a candura! Tão amargo, tão doloroso como um remorso, tenho a consciencia que em mim assistiam á agonia de meu pae dois seres distinctos. Um, o filho, cheio de dôr, afogando os suspiros; outro, o sceptico, o espirito forte que estudava a psychologia da morte. Sinto-me miseravel, porque miseravel é a minha natureza!

Meu pae conservou até o ultimo instante a lucidez de espirito. A doença aggravou-se no sabbado á noite. Mandei chamar o medico e pedi-lhe que ficasse em nossa casa para maior descanço. Receitou alguns remedios, que meu pae, conforme o costume, recusou por inefficazes, affirmando que o que conseguiriam era provocar um novo accesso. O doutor socegou-me, pois julgava que não existia perigo e que o nosso querido doente podia ainda viver muitos annos. Meu pae, que ouvia tudo, agitou a mão, e com gesto incredulo, limitou-se a dizer: "Veremos!„ Mas como esta opposição, ou esta incredulidade na sciencia medica, era, como já disse, um habito constante e inveterado, não tomei a serio as suas palavras. Ás dez, quando se servia o chá, ergueu-se de chofre e gritou:

— Vem, Leão, vem depressa!

Mettemol-o na cama e uma hora depois começava a agonia.

24 de março

O homem conserva intactos até o ultimo momento os traços do seu caracter, e mais ainda, as suas manias.

Assim, em meio dos solennes pensamentos que se nos

levantam na alma, á approximação da morte, meu pae manifestava, todavia, certa satisfação em demonstrar uma vez mais, o êrro do medico e a justificação da sua desconfiança. Eu escutava ávidamente as palavras que pronunciava nas horas derradeiras e lia-lhe no rosto a expressão dos pensamentos. Via n'elle uma consciencia profunda da solennidade do momento, uma curiosidade de conhecer finalmente o mysterio da existencia, sem sombra de dúvida sobre a certeza do além tumulo, mas com certa inquietação ácêrca do acolhimento que lhe estava reservado n'esse mundo desconhecido, inquietação mitigada pela convicção natural, direi até ingenua, de que não seria tratado como os outros. Não poderei morrer da mesma maneira, porque careço d'essas bases indestructiveis, até na hora da morte. Meu pae partiu d'esta vida com a fé profunda e o arrependimento d'um verdadeiro christão. Quando recebia o viatico das mãos do sacerdote, pareceu-me tão edificante, n'uma palavra, tão santo, que nunca a sua imagem se apagará da minha memoria.

Que vão e miseravel é o meu scepticismo ante este poderoso fervor da fé, que ainda mais forte que o amor, chega a triumphar da morte, no momento preciso em que ella extingue em nós a chamma da vida!

Depois da communhão e da extrema uncção, apoderou-se do moribundo um grande enternecimento, agarrou-me as mãos e conservou-as entre as suas, como se procurasse agarrar-se á vida. Todavia não entrava n'este movimento nem terror nem desalento. Não! não tinha medo. Notei em breve que os olhos que estavam fitos em mim, ficavam immoveis e se obscureciam. Da testa cahiam-lhe gôttas de suor. A cara tomou a pallidez do marmore, entreabriu repetidas vezes os labios para respirar... e... entregou a alma n'um suspiro derradeiro e profundo.

Não pude assistir ao embalsamento do seu corpo. Faltaram-me as forças. Realisada esta triste operação não abandonei o cadaver um instante. Repugnava-me confiar a mãos extranhas os intimos cuidados do derradeiro vestuario. Que terriveis são estas cerimonias funebres! O

carro, os cirios, as confrarias, os irmãos com as cogulas a tapar-lhes a cara e as psalmodias! As notas graves e gemebundas do *anima ejus* e do *requiem æternum* resoam ainda aos meus ouvidos. Desprende-se de todas estas coisas o sombrio e terrivel gêlo da tumba. Os restos de meu pae foram primeiro expostos em Santa Maria Maior. Foi ahi que contemplei pela ultima vez o seu querido e augusto semblante. Com a precocidade d'esta primavera, o cemiterio parece um ilhote de verdura; as arvores estão em flôr e o sol inunda de luz os marmores brancos dos mausoléos.

Triste e pavoroso contraste! Aqui, a vida a germinar por toda a parte, a verdura, o sol, as arvores vibrantes de gorgeios! e alli o prestito funebre. Acompanhava o feretro uma multidão compacta, porque a bondade de meu pae fizera-o tão popular em Roma como o pode ser minha tia em Varsovia. Esta affluencia de gente, estes semblantes curiosos que pareciam que a primavera lhes communicara a sua alegre animação, irritavam-me e molestavam-me. As multidões, e especialmente as multidões italianas pasmam de qualquer coisa.

Chegou minha tia. Do alto da sua inquebrantavel fé, considera a morte como uma transformação, a ultima e a mais gloriosa do nosso ser. Eu, sinto-me incapaz de tal resignação. Minha tia recebeu sem protestos o golpe recebido. Lavada em lagrimas, em frente do ataúde conservou toda a serenidade de alma. Tivemos uma demorada explicação, que produziu certa frieza entre nós. É verdade que attribui ás suas palavras um sentido contrario ao seu pensamento; lamento-o hoje infinitamente. Sem fazer a menor allusão a Angela, falou do meu isolamento futuro: insistiu no meu breve regresso a Ploszow. "Encontrarás alli — dizia — corações affectuosos; e sobretudo o meu que procurará consolar-te da magoa soffrida.„

Através d'esta pretenção, julguei vêr os seus projectos de casamento. Esta pressa pareceu-me um verdadeiro crime ante o cadaver ainda tépido; senti-me profundamente irritado. Não! Não é agora, em que a morte ainda me cobre com a sua sombra, que posso pensar na vida, em ternas

confissões, nos gosos nupciaes. Levado pela amargura da minha dôr, recusei o convite da pobre senhora d'uma fórma quasi brutal. Disse-lhe que tencionava ir á Grecia ou a Corfú, voltar depois a Roma, regular os assumptos da herança, e só depois é que talvez voltasse para Ploszow.

Não oppoz a menor objecção aos meus projectos; o meu desgosto commovera-a tanto, que lhe inspirava uma condescendencia absoluta.

Não embarquei para Corfú. Os Davis levaram-me com elles, e resido ha alguns dias na sua *villa* de Pegli.

Laura Davis é sincera ou não? Não me apraz profundar este assumpto; sei apenas que a irman mais terna, não me rodearia de tão solicitos cuidados, nem compartilharia com mais extremos da dôr que me alanceia. A minha natureza envenenada pelo scepticismo impelle-me á suspeita; mas se a sua injustiça se demonstrasse d'esta vez, sentir-me-hia culpado de ingratidão para com esta mulher, cuja bondade excede os limites da misericordia humana.

Pegli, 26 de março

As minhas janellas abrem-se sobre as incomparaveis e ceruleas aguas do Mediterraneo, orladas na extremidade d'um cairel mais sombrio com tons de saphira. As vagas, levemente encrespadas, reluzem como uma enorme armadura de escamas e beijam os alicerces da *villa:* mais ao longe, unidas e tranquillas, parecem dormir nas tintas d'um azul purissimo. No horizonte alvejam as velas latinas das barcas de pesca. Uma vez por dia passa o vapor que vae de Marselha a Genova. Da chaminé sáe um branco pennacho de fumo que fluctua nos ares e se desfaz em pouco tempo. A paizagem impregna-se d'um immenso socego. O pensamento tambem fluctua entre o azul do mar e o azul do céo, e o homem deixa-se embalar pelo inconsciente torpor d'esta existencia, semelhante á vida vegetativa das

plantas. Hontem sentia-me abatido; hoje respiro a plenos pulmões a brisa fresca do mar, que deixa em meus labios humidos atomos salinos. Esta praia, é, sem dúvida, a melhor obra do Creador. Reproduzo na imaginação as borrascas desencadeadas continuadamente sobre Ploszow: subitos nevoeiros, variações inesperadas de frio e calor, bruscas geadas, com a neve a cahir em frocos, claridades fugitivas onde o sol se mostra um momento para logo desapparecer. Aqui o céo é transparente e puro; a brisa maritima, que me refresca a fronte, assemelha-se á caricia d'um beijo. Pelas janellas abertas ascendem dos canteiros do jardim, como de grandes incensorios, perfumes inebriantes de jasmins, rosas e heliotropos. Oh, paiz encantado "onde floresce a larangeira„! oh, residencia phantastica, onde tudo quanto pôde reunir os milhões de Davis, está subtilizado pelo finissimo gosto de Laura! Estou rodeado de obras primas: quadros, esculpturas, productos inextimaveis de ceramica antiga e moderna, joias cinzeladas pela mão d'um Benevenuto. Os olhos deslumbrados pelo brilho da natureza e pelos esplendores da arte, só se apartam d'estes objectos para descançar a vista sobre essa admiravel pagan, dona de todos estes thesouros, e cuja unica religião é o Bello!

Não tive razão para chamar pagan a Laura; porque, repito-o novamente, sincera ou não, toma parte na minha dôr e esforça-se por mitigal-a. Falamos de meu pae durante muitas horas e vejo então as lagrimas humedecerem-lhe as palpebras. Como sabe que a musica me acalma os nervos doentes, acarinha-me com doces canticos e symphonias, que se prolongam pela noite adeante. Muitas vezes, ao entardecer, assento-me no salão e vejo ao longe o mar, cujas ondas se encrespam como as malhas d'uma rede de oiro e escuto essas symphonias e cantos, misturados com o rumôr das vagas... Escuto até a completa abstracção do meu ser, até um estado de devaneio em que se perde a noção das coisas e se esquece a realidade das dôres e dos tormentos.

29 de março

Não encontro nenhum prazer em registar impressões no meu diario. Eu e Laura lêmos juntos os ultimos livros da *Divina Comedia*. Outr'ora, sentia-me empolgado pela descripção plastica do inferno, tão cheia de pavor! Actualmente engolfo-me com delicia n'essa luminosa atmosphera, povoada de almas ainda mais luminosas, com que brilha o céo de Dante. Afigura-se-me que vejo n'esse mundo phantastico caras conhecidas e amadas, e as minhas tristezas tornam-se então quasi doces. Comprehendo agora todas as bellezas do *Paraiso;* em parte nenhuma o espirito humano abriu mais poderosamente as suas azas, nem abraçou mais as vastas immensidades, nem hauriu tanto nas fontes do infinito, como n'este poema immortal. Antes de hontem e hontem, liamos embalados pelo baloiçar do barco. Vamos quasi sempre para o mar largo, e se ha calmaria, colho a vela, e começamos a lêr ao marulhar das ondas, ou para melhor dizer, ella lê e eu escuto. Hontem ao pôr do sol o céo cobriu-se completamente d'uma abobada de purpura. Assentada em frente de mim e como inspirada, Laura erguia, por instantes, os olhos para o céo, onde se reflectiam os clarões do crepusculo. Entre estes esplendores vespertinos, longe da praia, só n'uma barca, aos pés d'esta mulher admiravel, e acalentado pelos versos de Dante, afigura-se-me que não vivo n'este mundo.

30 de março

Os meus desgostos, que algumas vezes parecem adormecidos, despertam de subito com lancinante mágoa.

Villa Laura, 31 de março

Pensei hoje muito em Angela. Parece-me que Ploszow está situado na extrema das regiões hyperboreas. Experimento a sensação affictiva de que nos separam mares e continentes. É uma illusão, onde o sentimento pessoal passa ao estado objectivo. Não é Angela que está afastada, sou eu, que cada dia me arredo mais de Ploszow, que outr'ora me enchia o coração e os pensamentos. A minha ternura não se extinguiu, perdeu unicamente as suas virtudes impulsivas. Hontem amava, desejando uma personalidade definida; hoje amo ainda mas sem desejar ninguem. A morte de meu pae destruiu o recolhimento de minha alma. É como se estivesse absorvido por uma obra litteraria, e me visse de chofre distrahido por qualquer preoccupação extranha. As minhas faculdades affectivas estão tão tensas como as cordas d'um arco; agora, sob o pêso dos meus desgostos e da influencia d'este céo tão placido, d'esta atmosphera, d'este mar que me acalenta o somno, tornei a cahir na inercia.

Cedo ao cançaço. Experimento o enervamento que nos acommette n'um banho tepido. Nunca tive menos vontade de trabalhar. Se tivesse de inventar uma divisa, escolheria a seguinte: "Não me despertem.„

Resolvemos sahir de Pegli em meados de abril, na época do calor, para irmos para a Suissa. Receio que tenham de internar o pobre Davis n'uma casa de saude. É a loucura que começa: concentrado n'um mutismo absoluto, só levanta os olhos do chão para examinar as unhas, que imagina vêr desprenderem-se dos dedos. Eis aqui até onde leva uma vida extremamente agitada e o abuso da morphina.

2 de abril

Houve hontem uma tempestade grandiosa. As nuvens corriam impellidas pelo vento sul como uma manada de bufalos furiosos. Ora as unia, ora as dispersava pelo espaço, ora as tornava a juntar e as arremessava com impetuosidade sobre o mar. N'um abrir e fechar d'olhos, a superficie ensombrada das ondas, como o rosto d'um homem colerico, ferveu em cachoeira e levantou montanhas de escuma. Os dois colossos, o céo e o mar, luctavam n'um combate estupendo, servindo-se do trovão e do raio. Os elementos desencadeados depressa serenaram, mas tivemos de renunciar ao passeio habitual. Em compensação, gosámos da galeria aquelle espectaculo imponente, que se nos desenrolava ante a vista. No meio d'esta briga do vento e das aguas, os nossos olhares procuravam-se e encontravam-se sem cessar. Nem Laura nem eu, tinhamos pronunciado qualquer palavra que parecesse suspeita á amizade; nenhum aventurára a menor confissão de amor, e não obstante, quando falamos, sentimos que as palavras exprimem um sentido differente d'aquelle que os nossos labios imaginam dar-lhes... Persegue-nos a mesma impressão quando passeamos por mar, ao lêr os sublimes tercetos de Dante, ou quando eu escuto o seu canto ou a sua musica. As nossas acções encobrem-se com uma capa artificial, debaixo da qual se disfarça, crescendo, uma realidade muda ainda, com a face occulta, mas sempre vigilante, e nos segue passo a passo, como uma sombra. Este phenomeno produz-se sempre que entre o homem e a mulher começa a esboçar-se a attracção carnal. Não sei o momento preciso em que cahi debaixo da fôrça d'esta attracção; apenas devo registar que não me apanhou desprevenido.

3 de abril

A bondade de Laura produz-me o effeito d'um raio de lua, que brilha e não dá calor. Laura possue a belleza das formas, mas falta-lhe a alma. As relações com seu marido são d'isto prova concludente. Este millionario que passa uma existencia tão miseravel, no meio do luxo que o cerca, é digno de inspirar compaixão. Parece indifferente a tudo, mas o homem, emquanto lhe restar uma chispa de razão, é sensivel á bondade. Não tem por mim verdadeira gratidão, porque me interesso pela sua saude? Quando o vejo com o rosto macillento, extremamente definhado, com as pernas debeis, com o corpo envôlto n'um *plaid* até quando faz calor intenso, não sei que pungente sensação me opprime o peito. Não quero fazer-me melhor que o que sou. Não o pouparei por generosidade. Presinto a tentação que me ha de fazer cahir no peccado; e creio que os meus escrupulos e consciencia não são assás fortes para a repellir. Shakespeare disse que o mugem só vive para ser tragado pelo lucio. Logo que se trata da mulher, os homens combatem entre si, sem mercê. Ha n'isso um resto de instincto animal: a lucta até a morte do macho que deseja a fêmea; e n'esta lucta, desgraçado do mais fraco! Nem a honra lhe serve de freio. Só a religião o condemna sem appêllo.

13 de abril

Ha dez dias que não abro o diario. Chegou a crise. Esperava o que succedeu. As mulheres como Laura, nem nas horas de abandono perdem de vista a moldura que mais convem ao seu genero de belleza. Bemdigo a minha habilidade de piloto, graças á qual posso aventurar-me no barco, pelo mar, tão longe quanto os nossos olhos e a nossa

phantasia desejem. Laura desejou ha pouco fazer uma excursão maritima á hora mais calida do dia. Como Hecate, gosta dos ardores do sol. Uma ligeira brisa levou-nos rapidamente para longe da praia. Depois o mar tornou-se calmo. Os raios solares reflectidos pelas ondas augmentaram ainda mais o calor da tarde. Laura, deitada em esteiras da India que atapetavam o fundo da embarcação, com a cabeça reclinada em almofadas, permanecia immovel. O toldo da barca, projectava sobre ella ondas de luz. Apoderou-se de mim uma languidez indizivel. Ao vêr esta mulher, cujas fórmas divinaes se desenhavam por debaixo do fino tecido do seu traje, estremeci de voluptuosidade. Dominava-a egual volupia. Com os olhos extaticos, com os labios entreabertos, todo o seu ser denunciava abandono e sensualidade. Quando a envolvia com o fogo do meu olhar, ella, baixando os olhos, parecia dizer-me: "Sou tua, não posso resistir.„

Voltámos tarde á *villa* e o regresso ficar-me-ha gravado por muito tempo na memoria. Aos ultimos clarões do dia, quando o céo e o mar se fundem n'um immenso resplendor e parecem não ter limites, succedeu uma noite deliciosa, que não me lembro de ter visto outra assim. A lua redonda e vermelha surgiu das aguas, illuminando as trevas com suave luz e traçando longa e scintillante esteira, por onde nós deslisávamos, indolentemente baloiçados, a caminho da praia. O mar agitava-se n'esse manso ondear nocturno de onde parecem exalar-se profundos suspiros. As vozes dos pescadores ligurios, vindas de terra, chegavam-nos aos ouvidos, unidas em côro harmonioso. A brisa trazia nas azas e espalhava ao longe perfumes de flôr de laranjeira. Apesar de não ser de molde a deixar-me absorver completamente por uma sensação, extasiava-me, todavia, pelo encanto d'esta doçura infinita, derramada por cima da terra e das aguas e cahindo como um orvalho benefico sobre as almas e as coisas. Fitava com insistencia Laura, bella como a antiga Helena, que me apparecia como uma alvorada prateada com os raios da lua. Afigurava-se-me que, subitamente transportado ás praias da antiga Hel-

lada, vogava em direcção dos bosques sagrados de mirtos e de oliveiras, onde se realisavam os mysterios de Eleusis. Os nossos transportes não provinham já da exaltação natural dos sentidos, e sim d'um culto mysterioso, d'um laço mystico, que ligava os nossos seres com aquellas aguas, com aquella noite, com aquella natureza encantada.

15 de abril

Chegou o dia em que deviamos partir, e não obstante os projectos feitos, ainda permanecemos aqui. Hecate não teme o sol; é esse astro tambem o unico medico que pode dar allivio ao marido. Para mim é indifferente estar na Suissa ou em Pegli.

Preoccupa-me o espirito uma idéa singular. Parece-me que a alma d'um christão, ainda que tenha exgottado o manancial da fé, não se pode satisfazer com o simples culto da belleza. É uma triste inducção, que se viesse a confirmar-se, faria com que o solo em que me apoio me faltasse de repente debaixo dos pés. Este pensamento tortura-me. Sômos uma raça de contextura differente. As nossas almas estão cheias de ogivas e de flechas gothicas de que nunca se podem despojar, o que não comprehendem as almas gregas. As nossas almas lançam se instinctivamente para o céo; as almas gregas, serenas e simples, pairam por cima da terra. Os homens do norte, nos quaes predomina a indole da antiga Grecia, teem, não ha dúvida, a avidez do Bello, que procuram com ardor; mas desejariam que a sua Aspasia possuisse as feições da Beatriz do Dante. Tambem tenho estas exigencias. Quando penso que Laura me pertence, e me pertencerá durante tanto tempo quanto queira, experimento uma dupla alegria: o orgulho do varão e a satisfação absoluta do artista; mas falta alguma coisa á minha felicidade. No altar do meu templo pagão, ergue-se uma divindade de marmore. Mas o meu santuario gothico

está vazio. Encontrei no meu caminho a belleza plastica da forma; mas diviso tambem a sombra que ella projecta. Pensava outr'ora que as palavras de Gœthe: "Sê como os deuses e como os animaes„, abrangiam a sciencia da vida e resumiam toda a sabedoria. Agora que observo esta maxima, noto que falta um anjo no meu culto.

17 de abril

Davis surprehendeu-me esta manhan, aos pés de Laura, com a cabeça encostada aos seus joelhos. O rosto exangue, o olhar apagado, não perderam, nem sequer por um instante, a expressão habitual de indifferença e de abatimento. Com as suas chinelas indianas bordadas a oiro, deslisou como uma sombra e desappareceu em seguida no quarto proximo. Laura estava soberba, com as pupillas fulgurantes de colera. Levantei-me e esperei a continuação do drama. Suppuz, por segundos, que Davis ia sahir da bibliotheca com um revólver. Estava resolvido a atiral-o pela janella a elle, ao revólver e ás chinelas indianas. Esperei debalde, não sahiu. Que poderia fazer? Reflectiria na sua miseria? Choraria ou continuaria sumido na sua tranquilla indifferença. Á hora do almôço sentámo-nos todos tres á mesa, como se nada occorrera. Parecia-me apenas que Laura o olhava ameaçadoramente, e que no semblante pallido do desventurado se percebia um não sei que de dolorosa impressão. Soffrerá? Confesso que seria um desenlace que me incommodaria. Sem ser espadachim, estou sempre disposto a responder pelos meus actos; antes de tudo sou um cavalheiro. Preferia que este homem não estivesse tão debil, tão enfermo, n'uma palavra, tão desarmado. Experimento a horrivel impressão de ter esbofeteado um paralytico. Não renunciámos, comtudo, ao nosso passeio ordinario. Repugnava-me que Laura pudesse suspeitar que eu me retrahia por consideração para com o marido. Todavia no

decorrer da excursão, tivemos o primeiro amúo. Confesseilhe os meus escrupulos, e como os recebesse em ar de gracejo, disse-lhe:

— Esse riso não te fica bem. Podes fazer tudo, excepto o que te prejudique a belleza.

Laura franziu as sobrancelhas e respondeu-me:

— Depois do que se passou entre nós, tens direito a faltar-me ao respeito, mais ainda que a insultar Davis.

Merecêra esta censura; não tive mais remedio que pedir-lhe perdão, que me foi logo concedido. Começou então a falar de si. A sua linguagem tinha certa pretenção de originalidade, mas não queria por forma nenhuma passar por victima da desgraça. A sua sinceridade tocava as raias da insolencia; poder-se-hia classificar de cynismo. Demais, não erigira o cynismo á categoria de systema? A sua esthetica era a sua moral. "Prefere o busto de Apollo á corcova de Polichinelo: é o resumo da sua philosophia." Casou com Davis, não por causa do dinheiro, apesar de se contar por milhões, mas porque a riqueza lhe permittiria embellezar a vida na mais elegante e mais artistica accepção da palavra. Depois, não se encontra ligada a elle por nenhum dever, como o advertira com toda a franqueza. Inspira-lhe tanta piedade como repugnancia. Indifferente, alheio a tudo, tem direito a não se importar com elle; é apenas um morto. Impozera-lhe' como condição indiscutivel, que não se opporia ao que constituisse o encanto e a alegria da sua existencia. As relações sociaes preoccupavam-n'a pouco. Se demonstrara viva amizade por meu pae, não era pela posição superior que fruia na alta sociedade, e sim porque apreciava n'elle uma das obras mais artisticas da natureza humana. Amava-me havia tempo; com certeza eu a estimaria mais, se a sua posse me tivesse custado mais esforços; mas não quizera regatear a propria felicidade.

Causava-me uma impressão singular ouvir estes principios cahirem de labios tão admiraveis, formulados com voz carinhosa, tranquilla, onde ás vezes vibravam inflexões metallicas. Emquanto falava, ageitava o vestido,

como se quizesse arranjar-me um logar a seus pés. Os seus olhos seguiam por vezes o vôo das gaivotas, depois fitavam-me, curiosos por adivinhar os meus sentimentos. Ouvi-a com deleite. As suas confidencias vinham provar-me que lhe adivinhara em parte o temperamento. Ennobreciam-n'a até certo ponto. Equivoquei-me, porém, em parte: obedecia aos seus principios, indubitavelmente viciosos, mas em perfeito accôrdo com os seus actos; nunca a calculos interesseiros. Assim, imaginara eu, que pretendia casar commigo depois da morte de Davis. Laura provou-me quão grande era o meu êrro. "Claro que não se sentiria com valor de me negar a sua mão, se a pedisse em casamento, porque me ama mais que eu supponho (ao dizer isto córou extremamente), mas sabe que tal não succederá. O coração é inconstante, e tarde ou cedo abandonal-a-hei. Mas que importa? Mergulha o seu braço na agua porque sente frescura: para que privar-se d'este prazer, não obstante conhecer que basta um raio de sol para destruir essa sensação agradavel?„

Ao terminar estas palavras, inclinou-se na borda do barco. O seu busto admiravel desenhou-se com a perfeição absoluta das suas formas; depois, retirando os braços das ondas, fulgurantes, carminados pelo sol, extendeu-os para mim, e com voz meiga e carinhosa, murmurou:

— Vem!

20 de abril

Não vi Laura hontem durante o dia. Apanhou um resfriamento e soffre d'uma nevralgia na cara. Fui vêl-a aos seus aposentos. Recebeu-me no toucador, mas notei logo que a minha visita a contrariava. Não gostava que a visse com a face levemente inchada pela constipação. Lembrei-me das minhas antigas lições de desenho. Observara então, que delineando uma physionomia moderna, se ommittia algumas particularidades, ou a esboçava com

inexactidões, nem por isso se perdia a semelhança da imagem, com tanto que se tivessem fixado as linhas principaes. Não succede o mesmo quando se trata dos modelos antigos. A menor alteração das linhas perturba a harmonia das feições e imprime-lhes uma expressão differente. Laura era um exemplo vivo d'esta lei. A inchação da face, apenas visivel, ter-me-hia passado inadvertida, tão grandes esforços fazia para se apresentar sempre de perfil; mas os olhos um pouco vermelhos, as palpebras mais cahidas, bastavam para lhe privar o semblante d'essa harmonia perfeita, que é o traço habitual e caracteristico da sua belleza. Tive o cuidado de lhe occultar esta impressão, e todavia acolheu as minhas caricias com certo sobresalto, como se o remorso lhe atormentasse a consciencia. Por certo que segundo os seus principios, um defluxo equivale a um peccado mortal!

Que extraordinarios principios! dir-se-ha. Amo-a como um pagão; todavia debaixo da capa do pagão encontra-se em mim outro homem. A philosophia de Laura pode occasionar-lhe decepções. Concebo que o Bello, tomado na accepção geral, seja susceptivel, em rigor, de nos servir de culto; mas elevar a propria belleza á altura d'um dogma, é preparar desillusões crueis. Bella religião que um resfriamento é capaz de abalar e que uma borbulha na ponta do nariz pode destruir!

25 de abril

Necessito emprehender a viagem á Suissa O calor começa a ser intoleravel. O *sirocco* traz-nos o sôpro abrazador de Africa. A brisa maritima refresca de quando em quando a pesada respiração do deserto... mas eu suffoco.

Davis tambem soffre muito. Como o medico que actualmente o trata em casa lhe prohibiu as injecções de morphina, o pobre homem tão depressa é victima d'uma sobreexcitação nervosa indiscriptivel, como, pelo contrario, cáe n'uma prostração absoluta. Quem sabe se no cerebro

d'este semi-louco não germinou a mania da perseguição; e se não suspeita que Laura e eu cogitamos attentar contra os seus dias? As relações que mantenho com elle são, em geral, um dos lados mais sombrios da minha existencia; digo um dos lados, porque ha outros, tambem infinitamente desagradaveis. A minha alma não está só desvairada, corrompe-se ao pé d'esta mulher.

É impossivel descrever quantos desgostos, amarguras e remorsos me inspira a idéa de vêr-me enterrado n'este charco de voluptuosidades carnaes, pouco depois da morte de meu pae. A minha consciencia e a delicadeza dos meus sentimentos andam indignados. A humilhação que experimento é tamanha, que não me atrevo a examinar esta vergonha no diario. Sinto-me indifferente a tudo; fustigo-me com arguições, não cesso um momento de censurar-me, mas nem sequer córo. Tento esquecer Angela, porque a sua recordação mortifica-me, ou antes, porque é impossivel concentrar-me. Quando penso no episodio da minha vida que se desenrolou em Ploszow, ora me parece que não soube merecer Angela, ora que representava ao pé d'essa joven, nem peor nem melhor que tantos outros, um papel dos mais ridiculos. Sinto o amor proprio ferido, e penso que foi ella quem teve a culpa. Succede que durante uma hora, tenho a percepção nitida das offensas commettidas, e que uma hora depois, considero essas mesmas offensas como uma frioleira. A distincção entre o bem e o mal vae se obliterando pouco a pouco em mim, ou o que é peor, essa distincção deixa-me impassivel. Acostumei-me ao que a principio affectava mais sensivelmente a minha honra. Esbofeteio já o paralytico sem escrupulos.

Nem sequer nos damos ao trabalho de esconder os nossos amores. Nunca suppuz que o meu orgulho se embotasse a este ponto. Não posso banir de mim o pensamento importuno, que a minha morena Juno devia chamar-se antes Circéa, e que na minha ligação com ella, para me servir até o fim de comparações mythologicas, me vi transformado em companheiro de Euméa.

E se procurasse agora uma explicação ás tristes experiencias a que acabo de proceder, encontraria uma que equivale á ausencia completa das convicções anteriores.

O nosso amor foi simplesmente uma attracção de dois corpos, não a inclinação de duas almas. Chego com estes dados á conclusão, que o homem moderno é dominado por exigencias mais elevadas. Laura e eu nivelámo-nos com os deuses e com os animaes; mas não fomos seres humanos.

30 de abril

Chegou hontem á surprehender-me uma carta que recebi de minha tia. Reexpediram-m'a de Roma. A boa senhora suppõe que estou em Corfú, e presumindo para breve o meu regresso, escreve-me:

"Desejamos ter depressa noticias tuas, querido sobrinho; esperamol-as com grande impaciencia e inquietação. Eu, velha, criei tão profundas raizes na terra, que não é a primeira borrasca que me deita ao chão. Mas causa dó vêr Angela. Acreditou, a principio, que tu lhe escreverias de Vienna ou de Roma, mas vendo que o não fazias apoquentou-se immenso. Fiz-lhe notar, que preoccupado com a morte de teu pae não pensavas n'outra coisa que não fôsse n'esse lancinante desgôsto, mas que passado tempo voltarias ao convivio ordinario da existencia. Falavamos por meias palavras, mas comprehendiamo-nos muito bem, Angela e eu. Quando por fim decorreram bastantes semanas sem dares o menor signal de vida tornou a affligir-se. Compartilho as suas inquietações; escrevi-te varias vezes para Corfú e dirigi a minha carta para a posta restante, sempre sem resultado Mando hoje esta carta para Roma, porque só o pensar que podes estar doente envenena-me os dias e as noites. Escreve: sobretudo domina a tua dôr e vem para Ploszow, querido Leão. Vou ser franca comtigo; o desgosto

intimo de Angela tornou-se mais profundo com os murmurios de certa gente. Imagina a minha indignação! Insinuaram a sua mãe que és o mais perigoso seductor conhecido. Celina não se cança de repetir isto á filha, e, emquanto uma soffre sem treguas das enxaquecas, a outra enfraquece e definha-se a olhos vistos. Que pena! É tão meiga e tão boa creatura a nossa Angela! Finge-se alegre para não entristecer a mãe. Em Roma, respeitando a tua dôr, não quiz falar-te dos meus projectos, mas pensa que é necessario resignares-te com a vontade divina e não desesperar nunca da vida. Não poderias mandar-nos algumas linhas que nos tranquillisassem? Tem piedade d'esta menina! Sabes que o meu mais vehemente desejo era vêl-os unidos, logo depois do luto; não poderias encontrar melhor! Angela é um cherubim. Se não te conveem estes projectos, é justo ao menos que nol-o digas. Sabes que nunca exaggero, e que se te escrevo tão extensamente é porque a saude de Angela me inspira verdadeira inquietação.

"É preciso que não ignores que se trata do seu futuro. Kromicki começa a honrar estas damas com visitas frequentes. É indubitavel que tem projectos. Occorreu-me fechar-lhe a porta, sem mais preambulos, á minha moda, tanto mais que creio ter sido este sujeito quem propalou os boatos de que te falei. Celina porém conjurou-me a não o fazer. Anda desanimada e não tem nenhuma esperança na tua estima por Angela. E se os seus presentimentos maternaes se justificassem? Responde o mais prompto possivel. Abraça-te a tua velha tia que só te tem a ti no mundo.

"Angela tencionava escrever-te dando-te os pesames, mas Celina não lh'o consentiu. Zangámo-nos por causa d'isto. É a melhor senhora do mundo, mas tem o condão de me irritar com frequencia. Recebe lembranças de todos.„

Suppuz no primeiro momento que esta carta me deixasse indifferente. Depois reconheci que me enganára. A minha commoção augmentava a cada instante, e chegou

gradualmente a um ponto de prodigiosa intensidade. Ao cabo d'uma hora terminei por dizer commigo: "Só penso em Angela.„ Agitavam-se em mim os sentimentos mais diversos com a rapidez das nuvens que o vento impelle. Enterneci-me a principio com a sorte da pobre menina. Toda a affeição que lhe dedicava, occulta no fundo da minha alma, surgia á superficie, como um impetuoso jacto de vapor. Ir ter com ella, socegal-a, acalental-a com o meu amor: tal foi o primeiro movimento, o primeiro impulso do coração. Quando a imaginava, com o rosto lavado em lagrimas, com as minhas mãos apertando as suas, a antiga attracção que me chamava para ella despertou com todo o ardor. Comparava-a, no meu pensamento, com Laura; e a comparação era desfavoravel á deusa de Pegli.

A vida que levára pareceu-me então insupportavel. Necessitava respirar ar mais puro; precisava de socego, de bonança e sobretudo de honestidade. Inundou-me a alma uma alegria profunda ao pensar que nada se perdera, que tudo se podia reparar ainda, e que a salvação dependia da minha vontade. Depois, de golpe, a imagem de Kromicki ergueu-se-me deante da vista, e por detrás d'elle a mãe de Angela, que, não acreditando na rectidão das minhas intenções, favorecia os planos do meu rival. A colera apoderou-se de mim, cresceu dentro em pouco e depressa suffocou outros sentimentos. Quanto mais a consciencia me obrigava a reconhecer o direito que a senhora Celina tinha de duvidar da minha sinceridade, mais melindrado ficava por me manifestar uma desconfiança tão offensiva. Acommetteu-me não sei que furia contra mim e contra todo o mundo...

Analysei com mais serenidade esta manhan a carta de minha tia, e notei, não sem surpresa, que o rancor que hontem me produziu, longe de diminuir augmentára, tão profundamente me penetrou na alma. Sinto-me dominado por elle. Por muito que repita tudo quanto pode pensar um homem sensato, sinto-me offendido e não posso perdoar a offensa, nem a Kromicki, nem á mãe de Angela, nem á propria Angela. No fim de contas, podia com uma palavra ter

desilludido d'uma vez para sempre esse homem. Se o não fez, é porque approva as vistas de sua mãe e me sacrifica ás suas enxaquecas. Por outro lado, Kromicki rebaixa Angela na minha estima; desfigura-a, redul-a ao typo chão e vulgar de menina casadoira.

Não posso continuar a falar d'estas coisas; fatigam-me e irritam-me os nervos.

1 de maio

Esperava que a noite me acalmasse. Baldada illusão! A ira que sinto contra a senhora Celina, contra Angela, contra minha tia, contra mim mesmo, invade-me completamente a alma. É preciso que saibam com quem tratam. A minha sensibilidade é extremamente delicada.

Acaso não estou bem em Pegli? Laura é um admiravel bloco de marmore. Não me canço a seu lado, o meu espirito permanece em repouso, porque Laura nada mais tem para me offerecer além da sua belleza. Não quero saber de almas mimosas e sentimentaes. Que Kromicki as console!

2 de maio

Deitei hoje a carta no correio. O seu contheudo era o seguinte: "Desejo ao senhor Kromicki as maiores prosperidades com Angela, e a felicidade mais completa a Angela com o senhor Kromicki." Minha tia desejava uma resposta?... Ahi a tem.

10 de maio

Decorreu uma semana.

Estou como um homem ébrio. A minha dôr e as minhas saudades são immensas. Angela não foi, nem nunca

me será indifferente. Acode-me á memoria a phrase de Hamlet: "Amava Ophelia mais que a amariam mil irmãos.„ Eu apenas diria: "Amava Angela mais que mil Lauras.„ E fui eu quem fiz a sua infelicidade. Diligenceio consolar-me com a idéa de que a sua desgraça consistiria precisamente em unir a sua sorte á minha. Van desculpa! Se fôsse minha saberia fazel-a ditosa!... E depois martyrisa-me este pensamento: talvez Kromicki lhe baste para a tornar feliz. Tremo ao escrever estas palavras. Sinto-me capaz de lhe mandar outra carta egual á primeira. Cumpra-se o destino. É esta a unica compensação que resta ás pessoas da minha especie: permitte-lhes ao menos cruzar os braços, e continuar a corromper-se no atoleiro.

12 de maio

Nunca amei Laura apesar de ter sentido e sentir ainda a sua fascinação. A paixão que não se apoia no affecto e estima reciprocas, só contém amarguras e tormentos.

É preciso destinguir entre o amor dos sentidos e o amor da alma. Pode qualquer enamorar-se de Laura com loucura, seduzido pelos seus cabellos pretos, pelas suas formas esculpturaes, pelas suas sobrancelhas, pela sua voz, pelo seu olhar, pelo seu ar de rainha; mas não se pode sentir por ella um verdadeiro carinho nascido do fundo de alma. Singular mulher que nos attráe e nos repelle ao mesmo tempo. A sua intelligencia é apenas uma escrava docil da sua belleza! Vi-a, ha oito dias, a dar esmola a um pobre filho d'um pescador, que se afogara. Se suppozesse, pensava eu, que assentava melhor ao seu genero de belleza cravar um alfinete nos olhos d'essa creança, com certeza o faria com a mesma graça e o mesmo sorriso. Comprehende tudo, excepto esta verdade. Mas em compensação que formosa é! Quando hontem descia pela escadaria da *villa*, baloiçando-se sobre os divinos quadris, julguei que

ia cahir morto, como disse o nosso poeta Slowaki. Solicitam-me duas fôrças oppostas: a attracção carnal que me impelle para essa mulher, e a aversão que sinto logo depois. Tenciono partir para a Suissa, e de alli regressar a Roma. Não sei ainda que partido tomar. Ribot disse, que querer era um simples acto da consciencia e não um acto da vontade! Estou decidido a participar a minha partida a Laura, hoje ou ámanhan. Como receberá a noticia? Tenho tanto mais curiosidade em sabel-o, quanto não faço idéa nenhuma do que succederá. Acho-me tão fatigado, que me é impossivel pensar no effeito que a minha carta deve ter produzido em Ploszow. Penso n'essa localidade, até quando estou junto da minha deusa. Como é feliz Laura, com o seu eterno socego!

Apraz-me a idéa da viagem. Pegli, apesar da praia, é um logar absolutamente deserto. Faz um calor tropical. O mar não move as ondas, como se o calor do céo tivesse exaurido a sua fôrça. A brisa sopra de quando em quando, mas suffocante, trazendo nas azas nuvens de pó que cobre de espessa camada as folhas das palmeiras, das figueiras e dos jasmins. Tenho os olhos inflammados. As paredes reverberam de tal modo a luz solar, que é impossivel fixar n'ellas a vista.

.....

Roma, Casa Osoria, 18 de maio

Necessitava de solidão. Estou triste, mas a minha tristeza parece-me quasi doce; é a mesma sensação que experimentei quando cheguei a Pegli, com a differença que aqui encontro-me livre da inquietação que despertava em mim a presença de Laura. Percorro a nossa casa deserta e silenciosa; uma porção de particularidades fazem lembrar-me meu pae. A sua imagem tambem se apagou com o tempo. Encontro a cada passo recordações da sua existencia.

Em cima da mesa, os cristaes e as lentes por debaixo das quaes passaram tantos vestigios preciosos de edades desapparecidas, as pinças de bronze destinadas a retirar o humus depositado no fundo das retortas, a paleta e os pinceis, manuscriptos por terminar, alguns dados relativos ao seu museu: parece-me que acaba de sahir e que virá breve para continuar nas suas occupações habituaes. Invadem-me a alma amargas saudades, venero-o; não só n'estas recordações que me rodeiam, mas ainda como repousa alli, no cemiterio, com os olhos cerrados pelo eterno somno.

Dos seres creados, o homem é o unico cujos actos estão muitas vezes em lucta formal, com a expressão da sua vontade. Resolvêra sahir de Pegli, e todavia, prolonguei alli a minha residencia. Na vespera da partida, ainda julgava não ter valor de me afastar de lá. Foi a propria Laura quem me tirou de perplexidades, de maneira inesperada. Falava-lhe d'uma carta que me escrevêra o meu tabellião de Roma, onde me dizia que era necessaria a minha presença ahi. Estavamos sós: esperava arguições, uma crise de lagrimas e talvez um veto categorico contra a viagem. Pois não foi assim. Escutou-me tranquilla, e depois, approximando o seu rosto do meu, murmurou, tocando-me com os labios: "Voltarás, não é verdade?„

Ainda agora pergunto qual poderia ser a significação verdadeira d'estas palavras. Acreditava Laura na sinceridade d'esta desculpa? Não duvidava que voltaria, ou antes aproveitou a occasião que se lhe apresentava para se desembaraçar de mim? Quasi tenho a certeza que ella quizera dizer-me: "Sou eu, querido amigo, quem te mando embora.„ Confesso que a sua diplomacia é tanto mais de surprehender quanto a fórma d'esta despedida cheia de denguice me deixou na incerteza: Quereria zombar de mim? Sim; Laura ganhou a partida. Mas, coisa extranha, o meu amor proprio de ordinario tão susceptivel, não soffre nada com esta confissão.

Na ultima noite que passei na *villa* manifestou-me mais carinho que nunca. Vejo-a ainda, com um castiçal na mão,

acompanhando-me até a porta com os olhos baixos. No dia immediato despedimo-nos na estação. Em Genova esqueci no compartimento do comboio o ramo de rosas chá que me dera em Pegli. Singular mulher! Á medida que me afastava d'ella, áparte algumas recordações puramente physicas, experimentava um verdadeiro sentimento de liberdade. Cheguei a Roma com a impressão do passaro que consegue fugir da gaiola.

22 de maio

Não encontrei aqui nenhum dos meus conhecimentos antigos... O calor afugentou todo o mundo. As ruas estão quasi desertas; apenas alguns extrangeiros, inglezes na maioria, com o *Bœedecker* na mão, com o famoso capacete na cabeça, passeiam pela Cidade Santa. A certa hora do dia, a solidão é tão completa que se ouvem resoar os passos dos transeuntes. Em compensação, ao anoitecer, os passeios estão coalhados de gente. É a hora a que me assaltam não sei que inquietações e oppressões nervosas; sáio então a respirar um pouco de ar fresco e ando, até experimentar cançaço physico absoluto onde o meu espirito encontre certo descanço. Quasi sempre os meus passos me levam ao Pincio. Percorro esse delicioso sitio tres ou quatro vezes. Vêem-se alli bastantes namorados aos pares. Uns passeiam lentamente, de braço dado, com os olhos fitos no céo, como transportados em ineffavel extase; outros preferem o isolamento dos bancos, á sombra opaca das velhas arvores. D'estes arcanos escuros, á luz vacillante dos candieiros, surgem rapidos, ora o perfil d'um *bersaglieri,* com a cara meio occulta pelas plumas fluctuantes do chapéo, ora a sáia clara d'alguma joven. Aqui o rude semblante d'um operario; alli o vulto d'um estudante. Ouvem-se por toda a parte, n'um vago ruido, murmurios, suspiros e juramentos de amor, canções entoadas a meia voz, que me dão a impressão de u[illegible]ra

val primaveril. Encontro singular prazer em misturar-me com esta gente, e respirar esta san atmosphera de alegria. Esta simplicidade commove-me; acalma-me melhor os nervos que as doses de chloral. As noites são claras e tepidas, impregnadas d'uma aragem vivificante. A lua que surge por detraz da *Trindade do Monte,* parece uma barca de oiro que voga por meio d'esta colmeia humana, embranquecendo com os seus raios as comas das arvores, os telhados do casarío e os campanarios das egrejas. Aos pés do terrado, zumbe a cidade, que brilha com os reflexos de innumeras luzes, e lá ao longe, no meio da bruma prateada, eleva-se a massa sombria de S. Pedro, cuja cupula reluzente se assemelha a outra lua, gemea da que atravessa o espaço. Nunca Roma me pareceu tão pinturesca. Cada dia lhe encontro novos encantos. Recolho muito tarde e deito-me quasi ditoso, com o pensamento de despertar n'esta admiravel cidade — e adormeço! — não! é a fadiga que me exgotta os nervos! A verdade é que durmo com um somno de chumbo, que me deixa, ao acordar no dia seguinte, mergulhado n'um estado de profundo entorpecimento.

Passo as manhans em casa do tabellião, em seguida vou para casa e distráio-me a inventariar as collecções de meu pae. No testamento em que me institue herdeiro universal não dispôz do museu a favor da cidade de Roma. Conformar-me-hia com as suas antigas intenções, mas talvez os argumentos de minha tia tivessem acabado por lhe despertar escrupulos. Talvez se decidisse a legar as suas riquezas artisticas á sua patria. Não comprehendo, como meu pae se pudesse esquecer de dispôr do museu, quando ha numerosas clausulas no testamento, que provam que as collecções não deixavam de o preoccupar. Uma sobretudo commoveu-me de maneira extraordinaria: "Lego, estipulou, á minha futura nora, a Madona de Sassoferato.„

29 de maio

A legislação italiana em materia de heranças é d'uma lentidão pasmosa. Os magistrados gostam de complicar os pleitos e tratam d'elles com extremo vagar, a despeito da sua vivacidade innata. Ando aborrecido. Encommendei romances francezes modernos, e passo os dias a lêr. Que habeis pintores são os romancistas francezes! Andam á compita a vêr qual delinea melhor as suas personagens. Que força e caracter imprimem aos seus protagonistas! A sua pericia excede tudo quanto se pode sonhar no genero. E todavia vou applicar-lhes o que dizia mais atraz, de mim mesmo. Os seus heroes só se amam com os sentidos. N'elles só ha attracção carnal. Admitto as excepções, por certo, mas não se amará em França, tão larga e tão extensa, d'outra maneira!... A sua litteratura é superior. A preoccupação das côres intensas, e a pintura das realidades grosseiras, dão ao romance actual um ar de falsidade! O homem prefere um individuo feito á sua semelhança, isto é uma unidade. Ora não é só o rosto, os olhos, o tom da voz e o aspecto, que entram na composição do conjuncto d'este ser, e sim uma infinidade de principios physicos e moraes! A minha ligação com Laura demonstra até a evidencia, que um sentimento provocado pela adoração exclusiva das formas exteriores, não merece o nome de amor.

8 de junho

Registo todos os incidentes d'estes ultimos dias. Recebi cartas do meu paiz. Entre outras uma de Sniatynski. O meu amigo está tão contrariado com o rumo que levaram os meus projectos de casamento que até se esquece

dos seus sermões habituaes. Participa-me que sua mulher me odeia mortalmente. Sou um monstro que gosa com os tormentos infligidos á victima. D'esta vez, ao menos, procedo como bom christão; porque longe de ter rancor á senhora Sniatynski, agradeço-lhe infinitamente a sua franqueza. É um coração honesto e expansivo. Sniatynski considera a causa perdida, ou antes, como definitivamente resolvida, pois se abstem de conselhos e conclue nos seguintes termos: "Praza aos céos que possas encontrar uma mulher que se compare com a que acabas de perder." Meditei muito nos differentes paragraphos da carta, e entre outros, n'este: "Li, não sei onde, escreve Sniatynski, que o oiro está com frequencia coberto por uma camada de quartzo, do qual é difficil separar o metal precioso. Supponho que o teu coração se occulta tambem, sob um envólucro d'este genero. No fundo brilha o oiro puro, mas em redor apparece a crosta dura, que não foi submettida a sufficiente ebulição, quando estiveste a ultima vez em Ploszow. Demoraste-te pouco, e não amaste tua prima com bastante ardor. Possues talvez a energia necessaria para a acção, mas não tens a coragem das decisões francas e irrevogaveis. Logo que te viste longe d'ella, segundo o costume, dissecaste e analysaste os teus sentimentos. Resultou de ahi o que te prognostiquei, perdeste, ao passal-a pelo crivo da tua philosophia, não só a tua ventura mas a alheia. Sejam quaes fôr as tuas qualidades, juraria, que sempre acontece fazeres soffrer as pessoas que te são mais queridas. Segundo as leis da natureza, é preciso que toda a semente dê fructo. Toma cautela, não lances uma na tua alma, cujo veneno te empeçonhe."

Sniatynski tem razão; não tenho coragem. Mas porque não procederei ao menos uma vez na vida, como se esquecesse este epitheto de sceptico, que estou condemnado a arrastar, como uma grilheta prêsa aos pés? Que melhor podia fazer que agarrar na mala e partir, sem perda de tempo, para Ploszow? Qualquer homem com um pouco de energia, decidir-se-hia a seguir immediatamente; fazendo-o adquiria maior estima aos proprios olhos. Só com esta

idea tudo se illumina deante de mim; vejo o semblante mais carinhoso, mais suave e mais amavel do mundo. Sim! com certeza, ao menos d'esta vez harmonisarei os meus actos com a minha vontade.

Roma, 9 de junho

A noite é boa conselheira. Não parto ainda. Seria andar com leviandade; escrevi uma carta a minha tia, muito differente da que lhe mandei de Pegli. A resposta chegará dentro de oito ou dez dias, o mais tardar, e conforme o que me responder, irei ou não. Ignoro, por ora, que partido definitivo tomarei. Contaria, indubitavelmente, com resposta favoravel, se lhe escrevesse, por exemplo: "Querida tia, supplico-vos que mandeis quanto antes Kromicki para o diabo; adoro Angela, appello para a sua generosidade e peço lhe que me conceda a sua mão." Ai! Mas a minha carta não era concebida n'esses termos, nem deixava sequer adivinhar o meu pensamento. Essa missiva servir-me-ha de guarda avançada para reconhecer o terreno. Redigi-a de forma que minha tia deveria não só contar-me o que se conspira em Ploszow, mas especialmente o que se passa na alma de Angela. Ah! se Angela tivesse repellido as pretenções de Kromicki, como lhe seria infinitamente grato! Que logar tão elevado occuparia na minha estima! Abandonaria Laura, e como uma ave ferida iria cahir a seus pés. Minha tia fez mal em me informar das pretenções de Kromicki. N'esta épocha de nevrose aguda, basta um contacto mais rude para a alma se retrahir, muitas vezes para sempre. Segue-se que Kromicki vale mais que eu? A sua nevrose é superior á minha? Não é a primeira vez que me comparo a elle no meu fôro intimo. Sômos habitantes de dois planetas oppostos. Se se trata de estabelecer relação entre as nossas almas, creio que para chegar á minha é preciso subir os degraus d'uma escada, talvez com risco de quebrar a cabeça, ao passo que uma

creatura como Angela, vêr-se-ha na necessidade de descer para se pôr ao nivel da alma d'um Kromicki. Seja como fôr, custar-lhe-ha muito descer. Observei na Polonia, a este respeito, coisas inexplicaveis. A mulher, que no nosso paiz é, em regra geral, superior ao homem, submette-se até um extremo inconcebivel. Vi meninas a que só faltavam azas para se converter em anjos, cheias dos mais nobres impulsos, sensiveis ao Bello e ao Bem e que, sem embargo, acabam não só por casar com um villão da peor especie, mas ainda por se impregnar do seu egoismo, da sua vaidade e da sua pequenez, desde a noite de nupcias, como se o antigo ideal de solteira só servisse para ser arrecadado com a corôa de flôr de larangeira. E é que estão convencidas de que assim são boas esposas, sem se lembrar de que sacrificam as mais puras aspirações da sua alma, aos instinctos ou aos appetites d'um animal. É verdade que tarde ou cedo sôa a hora de reacção: a Titania de Shakespeare é um typo que todos temos encontrado.

16 de junho

Tive noticias de Laura. Foi o meu tabellião quem m'as forneceu, porque se occupa tambem dos negocios de Davis. Elle foi mettido n'uma casa de alienados. Ella está em Interlaken, nas abas do Jungfrau, e prepara-se, sem dúvida, para escalar a montanha. Vejo-a, sobresahindo no fundo grandioso dos Alpes, adornando-se com as neves, com as madrugadas, com a transparencia dos limpidos lagos, ou então debruçada á beira dos abysmos. Manifestei ao tabellião toda a pena que me inspira o desventurado Davis, e a parte que tomo na justificada dôr de sua esposa, que tão nova fica sem apoio e sem protecção no mundo. O velho tabellião apressou-se a tranquillisar-me. O conde Maleschi, napolitano e primo de Laura, julgou do seu dever reunir-se a ella em Interlaken. Conheço Males-

chi, formoso como Antínuo, mas jogador e cobarde! Não tive razão em comparar outr'ora Laura com a torre de Pisa?

Acontece-me, pela primeira vez, que ao lembrar-me d'uma mulher que não amei, mas a quem jurei amor, sinto profunda repugnancia. Sou ingrato e pusillanime para com Laura. Uma vergonha! Por que este rancor? Talvez seja porque desde o começo das nossas relações commetti uma infinidade de baixezas com que nunca manchára a minha vida. Não respeitei a morte de meu pae; insultei a fraqueza de Davis; atolei-me na indolencia e na corrupção, e escrevi a minha tia essa funesta carta. Nào ha dúvida, que de tudo isto fui eu quem tive a culpa. Mas o cego que tropeça n'uma pedra e cáe, maldiz a pedra, em vez de attribuir a queda á cegueira.

Florença, 20 de junho

O meu castello de cartas desabou; recebi carta de minha tia. Angela casa com Kromicki. O consorcio celebrar-se-ha, o mais tardar, dentro de algumas semanas. Foi ella quem fixou praso tão breve. Esta noticia deixou-me como louco. Não sei como, encontrei-me dentro d'um vagon. Queria chegar de improviso a Ploszow, mas raciocinando que tal deliberação era uma doidice e que não ganhava nada com um escandalo, detive-me em Florença. A impressão do primeiro momento passou, pude reflectir.

Florença, 22 de junho

Recebi, ao mesmo tempo, a carta de minha tia e uma participação do casamento. A lettra do sobrescripto era de mulher. Não é lettra de Angela, nem de sua mãe. Sus-

peito que foi a senhora Sniatynski quem se lembrou d'este mau gracejo. Não me importa. Deram-me uma pancada em cheio, no craneo, e ainda estou como aturdido, mas foi mais o abalo que o mal. Ignoro o que soffrerei mais tarde. Diz-se que não se sente a bala que nos fere. Não estou disposto a fazer saltar os miolos; não perdi por ora o ánimo; contemplo os caes do Arno, e apparentaria tranquillidade se quizesse, e fôsse para mim facil a arte de dissimular. Foram os meus amigos quem deitaram tudo a perder. Minha tia julgou proceder como boa christan, mostrando a Angela a carta que lhe escrevi de Pegli.

Florença, 23 de junho

Quando acordo de manhan, ou melhor quando abro os olhos, tenho de repetir a mim proprio que Angela casa com Kromicki, para o acreditar. Essa Angela tão boa, tão carinhosa, que me esperava durante tantas horas, quando chegava tarde a Ploszow; que não despregava os seus olhos dos meus, e que a cada olhar parecia responder-me: "Sou tua!„ essa Angela chamar-se-ha dentro em pouco a senhora Kromicki, e oito dias depois do casamento, até se recusará a acreditar que pudesse hesitar um instante entre um Ploszowski da minha especie e um Jupiter tal como Kromicki. Succedem coisas tão estupendas n'este mundo e tão terrivelmente irrevogaveis, que se perde inteiramente a abjecta vontade de viver. A senhora Celina, a senhora Sniatynski, acolhendo hoje Kromicki, como me acolhiam a mim outr'ora, entregam-se ao maligno prazer de lhe fazer elogios á minha custa. O mais extraordinario, é o proceder de minha tia, que deixou chegar os acontecimentos a tal ponto, e que sabe que Angela não pode ser feliz com esse homem porque me escrevia: "Angela resigna-se a este enlace por desespero ..„ Eis aqui, na integra, essa extensa e maldita carta:

"Agradeço-te, querido sobrinho, as noticias que me dás na tua carta. A primeira, datada de Pegli, era não só decisiva mas cruel. É difficil imaginar que não sintas por esta menina nenhuma affeição, nenhuma ternura, nenhuma estima, nenhuma piedade. Não exigia de ti que te compromettesses a ligar-te immediatamente com Angela. Só te pedia que lhe escrevesses uma palavra amavel, ou directamente ou por meu intermedio. Era o bastante, crê na minha velha experiencia, porque te amava tanto quanto uma menina da sua qualidade e dos seus principios pode amar. Põe-te no meu logar: que devia fazer depois da ruptura provocada pelo teu bilhete? Como podia acalentar as suas illusões e prolongar uma anciedade tão prejudicial á sua saude? Todos os dias Chwastowski vae buscar o correio á cidade, e entrega-m'o á hora do chá. Ora, Angela costuma aguardar o seu regresso. Apodera-se logo da correspondencia, a pretexto de a pôr no meu guardanapo, mas na realidade para vêr se vem alguma carta de Roma. É impossivel illudil-a. Treme, a pobresita, que bule e chavenas dançam-lhe nas mãos!...

"Até eu experimentava uma impressão dolorosa. Perguntava a mim propria se não seria melhor deixar a leitura da missiva para quando estivesse só no meu quarto; todavia acabei por abril-a, inquieta pela tua saude. Sabe Deus quanto me custava o não deixar transparecer nada no rosto, porque sentia o olhar de Angela fito em mim. Contive me e disse-lhe com voz indifferente: "Leão está apoquentadissimo com o desgôsto que teve. mas, graças a Deus, vae bem de saude, e encarrega-me de te dar lembranças da sua parte.„ "Ainda se demora muito tempo na Italia?„, inquiriu. Percebia a anciedade reprimida que lhe inundava o coração, e não me atrevi a revelar-lhe a verdade, sobretudo em presença de Chwastowski e dos creados, e limitei-me a responder-lhe: "É de esperar que venha breve.„ Ah! se tu podesses vêr o rubor, que, n'uma onda, se lhe espalhou pelas faces; a alegria, os esforços para conter as lagrimas! Pobre e querida creatura! Quando o n'isso dá-me vontade de chorar. Nunca saberás por-

que provas passei. Ainda então não tinhas escripto: "Desejo-lhe as maiores prosperidades possiveis com Kromicki.„

"Devia esclarecel-a; exigia-o a minha consciencia. Não foi preciso mandal-a chamar. Veiu de seu moto proprio ao meu quarto: "Sei, querida Angela, que és uma boa menina e que te submetterás á vontade de Deus; vou pois falar-te com a maxima franqueza. O sentimento affectuoso que nascêra entre ti e Leão, que eu via com tanto gôsto, esperando que a inclinação mutua dos seus corações os levasse a um fim para o qual fazia ardentes votos, caducou. A Providencia decidiu outra coisa. Se conservas ainda illusões a tal respeito, tens de renunciar a ellas!„ Amparei-a nos braços porque receei que desmaiasse; fez-se pallida como a cêra. Voltou a si immediatamente, assentou-se a meus pés e encostando a cabeça aos meus joelhos perguntou-me: "Que te diz, que te recommendou para me dizeres?„ Reagi contra o desgôsto; não queria a principio mostrar-lhe o periodo da tua carta; mas reflecti que era melhor dizer-lhe a verdade e li-lhe o trecho em que lhe desejavas toda a especie de felicidades no seu novo estado.

"Ao ouvir estas palavras levantou-se já com outra voz, replicou: "Agradece-lhe, peço-te, querida tia.„ E depois de dizer isto sahiu do quarto. Temo que te zangues por ter repetido tão fielmente as tuas palavras, mas pensa que se trata de Angela. Quanto mais se convencer de que procedeste mal, menos difficuldade terá em te esquecer. Demais, bastar-te-ha pensar o que soffremos todas tres. Angela possue uma inteireza de ánimo que estava longe de suspeitar. Todo o dia se mostrou indifferente: a mãe nem sequer desconfiou, ao vêl-a tão tranquilla, do pesar que a torturava; apenas nos manifestava a ambas mais ternura; e esta meiguice abalava-me profundamente. Dominou-se tanto, que Sniatynski, que esteve de tarde em nossa casa, não teve a menor suspeita do que se passára. Como sei que é muito teu amigo contei-lhe tudo. O seu desgôsto foi egual ao nosso. Começou a tratar-te com tal dureza que tive de me zangar. Ah! desventurado rapaz!

"És um louco para não adorares Angela! não podes calcular a somma de felicidade que gosarias junto d'ella. Andaste mal fazendo-lhe crêr que a amavas. E nós que o acreditávamos! Foi muito mal feito; porque em primeiro logar ninguem saberá nunca o que ella soffreu; e em segundo porque esta decepção teve como consequencia immediata acceitar o pedido de casamento que lhe fez Kromicki. Concebo que procedesse assim inspirada pelo despeito. Foi depois d'uma conferencia com a mãe que o enlace ficou resolvido. Kromicki visitou-a no dia seguinte. Angela mostrou-se mais amavel com elle que de costume. Esta amabilidade animou-o a pedil-a, pedido que foi logo acceito. Sniatynski, que o soube, arrancava os cabellos de desespero. Devo dizer-te, pelo que me toca, que nunca me senti tão irritada nem tive maior decepção. A tua segunda carta acalmou um pouco a minha ira, não obstante confirmar que todos os meus projectos tinham cahido como castellos de cartas. Emquanto Kromicki não se declarou conservava um raio de esperança; dizia commigo: "Talvez Deus o illumine; Leão só obedeceu a um impeto de despeito; ha de reflectir!„ Ai! Quando veiu a segunda carta, e que, áparte algumas palavras amaveis para Angela, nada retiravas do que tanto nos feríra na primeira, vi que era mister banir qualquer illusão.

O casamento está fixado para 15 de julho. Esta data tão proxima é-nos imposta por considerações de toda a especie. Celina está, realmente, muito mal; prevê a morte, e não queria que o seu luto viesse retardar o que considera como felicidade da filha. É para admirar? Deseja antes de morrer confiar Angela á protecção d'um homem de confiança. Kromicki tambem não tem tempo a perder. Os negocios exigem a sua presença no Oriente. Tudo concorre para que Angela exgotte o calix da amargura d'um trago. Ah! meu caro Leão, como custa vêr todos os nossos projectos irem por agua abaixo, e especialmente vêr essa creança tão desgraçada! Eu por mim nunca teria consentido que desposasse Kromicki. Mas que lhe podia dizer? eu que me sinto culposa a seu respeito. Desejei muito

unil-os, e não vi a alfurja onde nos devia levar a todos esse desejo. É minha a culpa, e soffro immenso, e todos os dias supplico ao céo que tenha piedade da pobre rapariga! Logo depois do casamento irão para a Volhynia. Celina ficará commigo; tencionava ir residir para Odessa, mas não o consentirei. Sabes quanto gosto de te vêr! Pois bem! ouve-me; não venhas a Ploszow n'este momento. Fal-o por Angela. Se precisares de mim, irei eu a Roma. Mas é preciso poupar a desventurada creança.„

23 de junho

Não posso, apesar do que fiz, cruzar os braços e abandonar a partida. Seria um casamento monstruoso. Hoje, quinta feira, telegraphei a Sniatynski. Rogo-lhe, por tudo que tenha de mais sagrado no mundo, que esteja no domingo em Cracovia; eu parto para alli ámanhan. Expandir-me-hei com elle, pedir-lhe-hei que tenha uma derradeira explicação com Angela, pois ella estima-o e attendel-o-ha. Não recorro a minha tia, porque n'estes assumptos é melhor um homem. Sniatynski, na sua qualidade de psycholgo, comprehenderá o phenomeno que se dá em mim, e poderei confessar-lhe as minhas relações com Laura. Minha tia, á primeira palavra que ouvisse, com referencia a tão escabroso assumpto, taparia os ouvidos e fugiria de mim como do demonio, fazendo o signal da cruz. Pensei dirigir-me directamente a Angela, mas isso alarmaria toda a familia; demais conheço bem o modo de pensar de Angela. Mostraria a carta á mãe, e esta senhora, que deve odiar-me mortalmente, commentaria cada uma das minhas palavras a seu modo, sem contar com Kromicki que se divertiria a sublinhar as suas críticas. O mais sensato é que Sniatynski fale com Angela a sós; sua mulher servir-lhe-ha de intermediaria e encarregar-se-ha de aplanar difficuldades. Espero que não recuará ante esta missão, que sou o primeiro a reconhecer, ser das mais delicadas. Ha

muitas noites que não posso dormir: logo que fecho os olhos apparece-me Angela. E vejo o seu rosto, os seus cabellos, o seu olhar, o seu sorriso: sim, vejo-a como se a sua imagem, de hoje em deante, devesse seguir-me para toda a parte. Não posso viver assim por muito tempo.

Cracovia, 26 de junho

Chegou Sniatynski. É um bom rapaz. Que Deus o abençôe! São quatro da manhan e estou escrevendo; é a unica coisa que recreia o meu pobre espirito. Sniatynski e eu falámos, discutimos e discorremos até as tres. Oiço-o, no proximo quarto, revolvêr-se no leito. Repetia-me sem cessar: "Meu caro, com que direito, eu, um extranho, vou intrometter-me em assumptos de familia? Angela fecharme-ha a bôcca com estas palavras: "Metta-se com o que lhe diz respeito!„ Jurei-lhe que Angela não se serviria de tal linguagem. Apreciei a sensatez das suas objecções, mas fazendo-lhe notar que ha circumstancias em que não teem cabimento. No fim de tudo, tratava-se mais da felicidade de Angela que da minha. Este argumento pareceu convencel-o. Não me occultou que sentia por mim grande commiseração. De tal maneira empallideci e me transfigurei n'estes dias! Sniatynski não estima Kromicki; são dois temperamentos completamente oppostos. A seu vêr, qualquer especulação consiste em tirar o dinheiro dá algibeira dos outros para a nossa. Não poupa Kromicki. Opinava Sniatynski: "se este homem corresse atraz dos milhões, com o elevado pensamento de os empregar em proveito da humanidade, perdoar-lhe-hia; mas deseja-os unicamente para si.„ A decisão de Angela irrita-o quasi tanto como me exaspera a mim. Está convencido de que prepara a sua desventura. Acabou por ceder aos meus rogos e parte ámanhan no expresso.

Elle e sua mulher estarão de aqui a dois dias em Ploszow. Se não encontrarem meio de falar a sós com An-

gela, inventarão qualquer pretexto para a levar a passar algumas horas com elles em Varsovia. Sniatynski prometteu-me que descreveria os meus soffrimentos, que diria a Angela que a minha vida e o meu destino estavam nas suas mãos. É um diplomata. Encontrará argumentos persuasivos, simultaneamente dignos e carinhosos. Demonstrar-lhe-ha que nenhuma mulher, por muito ferido que sinta o coração, tem direito a consorciar-se com um homem que não soube ganhar o seu amor; que procedendo d'esta maneira faltaria á justiça e á honestidade naturaes; que menos ainda pode repellir o homem amado, por um simples sentimento de despeito, que provocára n'elle o ciume e de que toda a sua vida se arrependerá.

Antes de nos separarmos recommendou-me o seguinte: "Farei tudo quanto me peças, mas com uma condição: vaes dar-me a tua palavra de honra de que, ainda que se mallogrem as negociações, não apparecerás uma bella manhan em Ploszow para provocar um escandalo, que tua tia, a senhora Celina e tua prima, pagariam com a saude. Podes escrever-lhe, mas não irás a Ploszow, a não ser que t'o permittam.„

Por quem me toma? prometti-lhe tudo quanto quiz, não obstante sentir um certo receio de não cumprir a promessa. Conto com o coração de Angela e com a eloquencia de Sniatynski. Ah! como elle sabe convencer! Não me deu muitas esperanças, é verdade, mas não m'as tirou de todo. Projecta obter um addiamento do enlace, uma demora de alguns mezes. Isto seria a victoria, porque então Kromicki retirar-se-hia! Nunca olvidarei o dia de hoje. Sniatynski tem dado, ante a minha dôr, provas d'uma sensibilidade e d'uma delicadeza perfeitamente femininas: poupou-me o amor proprio. Ah! quanto custa confessar as proprias loucuras, as faltas, os maus instinctos e entregar a nossa sorte em mãos extranhas! Mas que me importam as humilhações? Não se trata de reconquistar Angela?

27 de junho

Sniatynski partiu esta manhan. Acompanhei-o á estação. Fiz-lhe mais recommendações que se fôra uma creança. E elle ria, e a gracejar dizia-me: "Se a minha missão tiver bom exito, has de recomeçar com as tuas eternas philosophias.„ Tive vontade de lhe bater. Foi-se embora cheio de confiança; juraria que está convicto do triumpho. Depois de partir encaminhei-me para a egreja de Santa Maria, e eu, o sceptico, eu que "ignoro, ignoro e sempre ignoro„, mandei dizer uma missa por intenção de Angela e minha. E ouvi-a, aqui registo o facto, de principio a fim. O diabo leve o sceptismo, a philosophia e todos os meus *nescio,* por contrapêso.

28 de junho

É uma da tarde. A esta hora devem ir os Sniatynski a caminho de Ploszow. Angela consentirá em adiar o casamento. Não tem direito a negar-me esta concessão. Cruzam-me a mente innumeros pensamentos. Kromicki gosta de dinheiro, não tem sombra de dúvida. Por que não busca então uma mulher mais rica? A fortuna de Angela é assaz consideravel, mas está onerada com muitas dúvidas. Talvez queira possuir o dominio de Volhynia para ter bens de raiz na Polonia e não passar por intruso. Assim poderá naturalisar-se; mas Kromicki, com a sua reputação de nababo, teria facilidade em encontrar o que deseja, isto é, uma propriedade e um dote soberbo. É então evidente, que é só Angela que o attráe e a quem ama apaixonadamente ha muito tempo. A quem não agradaria! E pensar que ella só esperava uma palavra da minha bôcca para ser e fazer-me feliz! Minha tia escreveu-m'o: "Angela aguarda a

volta de Chwastowski quando vem com o correio para saber se ha carta tua.„ Receio não poder conseguir o seu perdão; de vêr-me, como acontece a todas as pessoas da minha especie, condemnado ao esquecimento e ao nada!

28 de junho, sete da tarde

Senti horriveis dôres de cabeça durante o dia. O pesar, a insomnia e a inquietação reduziram-me a um verdadeiro estado de hypnotismo. O meu espirito lucido, sobreexcitado, concentra todas as fôrças n'um só e unico pensamento, e entrevê o porvir com a presciencia d'um vidente.

Affigura-se-me que estou em Ploszow e que ouço as respostas de Angela ás vans objurgatorias de Sniatynski. Não, não conservo illusões. Não, não se condoerá de mim; não é já supposição, é absoluta certeza. Passa-se na minha alma uma coisa extraordinaria; parece-me que não deixei de ser creança até hoje, tão terrivel se apresenta a solennidade da hora presente. Exigi de Sniatynski que me telegraphasse; não recebi ainda nenhum telegramma... mas desgraçadamente sei já o que ha de conter.

29 de junho

Chegou o telegramma de Sniatynski. Eil-o: "Está tudo perdido. Tem valor; viaja, corre mundo.„

Parto pois, ó minha Angela.

Paris, 2 de abril

Ha dez mezes que não abro o diario. Este trabalho inveterou-se tanto nos meus habitos que me fazia falta. Mas,

para que escrever? dizia commigo. Por mais que tenha e transcreva na memoria, pensamentos dignos de Pascal, mais profundos que o oceano e mais elevados que as cumieiras dos Alpes, não poderão contradizer este facto tão simples: "Está casada„ Ante esta verdade a penna cáe-me das mãos. Quasi sempre a vida toma por fito um objectivo de escassa importancia; se não o conseguimos, parece-nos que perdemos toda a razão de ser. Passei por esse estado. Vestia-me, passeava, ia ao theatro ou ao club, e sempre a mesma idéa me perseguia: "Para que vives?„ Era preciso concentrar-me para recordar que comer, ir ao cabelleireiro e outros incidentes vulgares, era o que costumava fazer antes de conhecer Angela.

Viajei muito de ha tempos para cá, fui até a Islandia. Pois bem! Ao contemplar os tranquillos lagos suecos, admirando os *fiords* da Noruega e os *geisers* da Islandia não experimentava impressões pessoaes; o meu unico cuidado era meditar, que sentimentos inspiraria a minha prima a vista de tal ou tal espectaculo da natureza, e de que maneira exprimiria esses sentimentos. Depois, ao lembrar-me que ella se chamava a senhora Kromicki e que já não existia a minha Angela d'outr'ora, mettia-me no primeiro comboio ou embarcava no primeiro vapor, e continuava a viajar ao acaso, porque tudo quanto presenciava deixava de me interessar. Não sei, nem tão pouco quero profundar, se a dôr que experimentei durante estes ultimos mezes se poderia comparar mais ou menos a um desespêro sem limites. Tudo é relativo. Apenas sei que esta mulher absorveu todo o meu ser, e que, pela primeira vez, comprehendi o vacuo horrivel que a morte d'uma pessoa amada nos deixa na existencia.

Pouco a pouco, os habitos, — esses attractivos indefiniveis da vida, — recuperavam em mim a sua antiga fôrça. Parece-me que é um phenomeno assaz vulgar. Conheci pessoas desditosas que, sem nenhuma alegria na alma, conservavam, todavia, apparencias de bom humor, porque tinham sido alegres, e este modo de ser se adaptava melhor aos seus costumes. Succedeu o mesmo a mim. A minha dôr

adormeceu, encontrou remedio no proprio mal. Conta Farini, nas suas viagens, que os cafres preservam-se dos funestos effeitos da mordedura do escorpião, deixando-se picar segunda vez no mesmo sitio. Este escorpião ou este contraveneno foi para mim, como é para muitos, a seguinte phrase: "É facto consummado!„

É hypothetico, soffro... É facto consummado, pois então deixo de soffrer. Ha um grande allivio na certeza do irremediavel. Lembro-me do indio arrastado pela fôrça da corrente. A principio lucta, com a energia que dá o desespêro, mas quando vê que os esforços são impotentes, larga os remos, extende-se no fundo da piroga e começa a cantar. Estou resolvido a imital-o. Umas das boas coisas da corrente do Niagara é impellir a morte certa e rapida a todos a quem arrasta; ha outras que atiram com as victimas para desertos bancos de areia, aridos e sem agua. Foi essa precisamente a minha sorte.

Mas a fatalidade do meu destino não previu uma coisa. É que o homem abatido e desgraçado até o ultimo extremo, não repara em nada. Ante esta indifferença a hostilidade da sorte encontra-se desarmada. A tal ponto, que se a fortuna adversa viesse hoje dizer-me: "É preciso perecer„, lhe responderia: "não me importa!„, e esta resposta não seria devida ao desespêro que me causou a perda de Angela, e sim á profunda indifferença que experimento por tudo que se passa em tôrno de mim e em mim proprio. É uma especie de armadura bem temperada, por minha fé! Não só nos escuda, mas ainda nos torna perigosos. É claro que quem não se poupa a si não poupará o proximo. Demais, os mandamentos da lei de Deus não vão até prescrever-nos que amemos o proximo mais que a nós mesmos.

Quer isto dizer que a indifferença me inspira desejo de degollar alguem? O homem de que falava ha pouco só é temivel quando o veem perturbar na sua quietação íntima, ou n'esta resignação do *eu*. Constrangido a defender-se desenvolve então a precisão, e como a fôrça implacavel d'uma machina.

Creio ter adquirido, por assim dizer, a certeza me-

chanica de mim proprio. Observo que ha algum tempo manifêsto o meu pensamento, e a minha vontade com insistencia, muito mais imperiosa que antecedentemente, sem nada me custar a forjar argumentos. Fiz esta observação no decorrer das viagens e agora sobretudo em Paris. Encontro aqui innumera gente que tinha sobre mim certo ascendente e a quem hoje domino sem procurar impôr-lhe esta superioridade. Sem dúvida nenhuma, as minhas idéas são mais absolutas; poderia dizer como Hamlet: "Sinto em mim alguma coisa de perigoso.„ Felizmente ninguem se atravessa no meu caminho. Os homens são para mim tão extranhos e indifferentes, como eu para elles. Talvez só minha tia me estime como outr'ora, mas supponho que tambem esse amor perdeu o seu caracter de acção, e que não tenha mais projectos de casamento a recear no futuro.

3 de abril

Esta impassibilidade que eu julgava poder comparar á agua pura, insipida e incolor, só existe na apparencia. Ao observal-a de mais perto, distingo elementos heterogeneos que lhe alteram a limpidez. Chamam-se estes elementos: idiosyncrasias. É tudo quanto me resta da vida anterior. Não amo nem odeio ninguem, mas ha pessoas pelas quaes sinto repugnancia. Kromicki figura n'este numero. Não sinto tal aversão só porque me tenha arrebatado Angela, e sim porque tudo n'elle me molesta: os seus pés enormes, as suas articulações salientes, a sua estatura, que o torna semelhante a uma vara, a sua voz, que lembra o ruido d'um moinho de café. Este homem repugnou-me sempre; hoje, os seus defeitos converteram-se a meus olhos não sei em que obsessão de pesadêlo. Se se tratasse apenas de Kromicki e da senhora Celina, estas antipathias explicar-se-hiam facilmente, mas o esfriamento de relações com amigos antigos é mais difficil de explicar. As-

sim, sinto certa animosidade contra Sniatynski, apesar de não poder evocar razão alguma que a justifique. Sniatynski possue qualidades inextimaveis, mas dá muita importancia a si mesmo; cáe com frequencia na *sua maneira*, para empregar a linguagem dos pintores. Quer ser sempre elle. Sem reparar que perde a naturalidade, e que sacrifica a sua originalidade á *pose*. Não lhe tenho rancôr pelo brutal telegramma expedido para Cracovia, depois do mallôgro das negociações com Angela; perdoar-lhe-hia o seu "viaja, corre mundo!„, que acho deslocado e superfluo, pois pensava viajar, mesmo sem me dar tal conselho, mas não posso esquecer a carta que me mandou para Christiania, depois do casamento de Angela; carta talvez dictada pelo coração, mas tão rude e mais reflectida que o telegramma. Pode resumir-se pouco mais ou menos n'estes termos: "Desde hoje Angela chama-se a senhora Kromicki — é um facto consumado: — lamento-te sinceramente. Não vás julgar por isto que se fendeu a abobada celeste; existem no mundo coisas muito mais importantes. A Noruega deve ser um paiz admiravel. Volta breve e dedica-te ao trabalho... Lembranças, etc.„ Não cito textualmente, apenas recordo o tom geral da epistola, que me magoou até um extremo difficil de explicar: em primeiro logar, porque não lhe pedia consôlo para a minha desventura, e em segundo, porque o suppunha mais sensato; afigurava-se-me que comprehendia "que essas coisas mais importantes„ só tinham significação precisa quando se referiam a sentimentos antigos, que não deixaram de subsistir. A minha primeira tenção foi rogar-lhe que fizesse o favor de me emancipar da sua tutela moral... Não lhe respondi, e creio que foi este o melhor meio de quebrar relações. Estou descontente commigo e com Sniatynski porque andou envolvido em todo este drama. É ser injusto, reconheço-o, mas... tenho culpa de que a nossa amisade se extinguisse de repente, como se apaga uma luz?

Nunca fui muito prodigo da minha amizade. Se mantive relações mais intimas com Sniatynski, foi porque vi-

viamos muito longe um do outro. Não tenho outros amigos. Como regra geral, pertenço a essa classe de seres a quem se chama solitarios. Isto orgulhava-me outr'ora, pois considerava tal isolamento como uma prova manifesta de fôrça. No mundo animal, só as creaturas fracas vivem em grupos; aquellas que a Providencia dotou de dentes e de garras, pelo contrario, vagueiam separadamente e são suficientes para se prover a si proprias. Este principio, todavia, só se pode applicar em casos excepcionaes ao homem. Não cimentar amizades, é uma prova de dureza do coração, mais que o resultado d'uma fôrça de alma superior. A tudo isto accrescia em mim uma timidez e uma impressionabilidade inauditas. O meu coração tinha a sensibilidade da mimosa, cujas petalas se contráem ao menor contacto.

Outr'ora, alimentei a illusão de que se Angela tivesse unido o seu destino ao meu, se tornaria não só minha mulher e minha amante, mas tambem minha amiga. Prefiro não pensar n'isso. Estas visões só me obsecam de quando em quando, e supponho que só me curarei definitivamente quando consiga afastal-a para sempre dos olhos.

4 de abril

Encontro com frequencia a senhora Davis; visitei-a diversas vezes. Nada de novo a registar. Uma grande dose de antipathia, um pouco de desprêso debaixo d'uma espessa camada de cinzas, e as relações que as conveniencias sociaes impõem. É demasiado bello para lhe reservar logar, no meu grupo de idiosyncrasias. Não posso amal-a, mas tambem não quero dar-me ao trabalho de a odiar. Ella comprehendeu a situação de relance e logo se conformou. Esta confiança em mim proprio, esta independencia de idéas e de proceder irritam-n'a, mas não tem mais remedio que acceitar as coisas como são. É verdadei-

ramente prodigiosa a habilidade que teem as mulheres para transformar as relações mais íntimas em laços puramente mundanos. Laura e eu vivemos como se nada succedêra entre nós, e isto não só deante de gente, mas ainda quando nos encontramos por casualidade a sós. Não demonstra o menor enleio quando me recebe: é muito delicada, sufficientemente reservada e sufficientemente amavel commigo, de modo que me é facil tratal-a da mesma forma. Até cheguei a esquecer que em tempos lhe chamava simplesmente Laura.

Seu primo, o napolitano Maleschi, dirigia-me olhares furiosos, cada vez que me encontrava. Fiz-lhe comprehender que deveria refrear os impetos, meditou na advertencia, e como, por outro lado, as minhas relações com Laura dissiparam depressa as suspeitas, tomou á boa parte o meu conselho e até me dispensa agora a sua amizade. Este nobre italiano bateu-se em defesa da sua dama. Tal acção serviu para desmentir os que o apodavam de cobarde. Esquecia-me dizer que o pobre Davis morreu ha alguns mezes, e que Laura casará com Maleschi, depois de findo o luto. Será um formosissimo par. Elle tem a cabeça e o tronco de Antínuo, a côr da cutis levemente doirada, os cabellos negros de cambiantes azulados e os olhos semelhantes ás saphiras do Mediterraneo. Laura deve amal-o, indubitavelmente, mas ha momentos que, sem motivo apparente, o trata peor que a um escravo. Tal rigor surprehende-me, pois não explico a mim proprio como a natureza esthetica de Laura se deixe dominar por esses arrebatamentos. Vive n'ella Aspasia de companhia com Xantipa. Não foi a primeira vez que me certifiquei de que uma mulher, a quem a sua belleza valeu o sobrenome de *estrella,* mas que não possue qualidades de alma, se transforma, conforme as occasiões, em uma, ou até em duas constellações: *Grande Ursa* para os que a rodeiam e *Cruzeiro* ou *Cruz* para o marido. Não se pode applicar a Laura esta comparação? Não foi *Cruz* para Davis e não é, presentemente, a *Grande Ursa* do pobre Maleschi? Ninguem duvída que as suas garras tambem me dilacerariam se pudessem. O que me salva, é o

seu isolamento no meio da sociedade de Paris e o faro que lhe deu de prompto, de que valia mais contar-me entre os seus amigos de que no numero dos seus inimigos.

Afim de augmentar os attractivos dos seus salões converteu-os em templo de musica. Laura faz-se ouvir muitas noites e a sua voz encanta o auditorio. Encontro alli com frequencia a pianista Clara Hilst, uma alleman fresca e formosa, de enorme estatura. Um pintor francez, das minhas relações, define-a da seguinte maneira: "É bella, mas tem o dobro do tamanho natural.„ Obteve em Paris ruidosas ovações, apesar de ser alleman Eu pertenço, parece, á velha eschola. Não posso comprehender as celebridades actuaes, para quem tudo depende da fôrça e cuja arte consiste em partir as teclas do piano. A ultima vez que ouvi Clara Hilst raciocinei que se o piano fôsse um homem que lhe tivesse seduzido uma irman, Clara não lhe bateria com mais encarniçamento. O mundo musical tomou a serio as suas composições; passam por profundas; imagino ser talvez devido a que depois de as ouvir dez vezes se veja obrigado a dizer: "É possivel que se comprehenda melhor á undecima audição.„ Estes reparos são descabidos e até audaciosos, porque não me quero erigir em entendedor. Que, no emtanto, me seja permitido fazer uma pergunta: Qualquer musica cujo valor só pode ser apreciado por um professor do conservatorio, e cuja melodia é inaccessivel, não só ao profano vulgar, mas até áquelles que receberam alguma educação musical, essa musica, pergunto, é a que devia ser? Receio que, por este caminho, os nossos compositores cheguem a formar uma casta de sacerdotes egypcios que monopolisem a sciencia do Bello para seu uso exclusivo.

Parece-me que desde que appareceu Wagner, a musica segue um caminho verdadeiramente opposto ao da pintura. A pintura contemporanea restringe demasiado os limites da sua competencia; emancipou-se de toda a especie de idéas philosophicas e litterarias; não tenta exprimir os discursos, as homilias, os factos historicos que necessi-

tam commentarios, e prescinde das allegorias, que não se explicam á primeira vista; n'uma palavra, reduz se com toda a consciencia e conhecimento de causa, á simples reproducção colorida da forma das coisas. A musica, depois do apparecimento de Wagner, segue outra ordem de idéas; esforça-se não só por dar a harmonia dos sons, mas ainda a sciencia d'essa harmonia. Creio que surgirá breve um grande genio musical, que dirá como outr'ora Hegel: "Existiu um homem que poderia comprehender-me, mas tambem esse passou sem dar por mim.„

Clara Hilst pertence á classe dos musicos scientificos, e parece-me isso tanto mais singular, quanto a sua alma é cheia de simplicidade. Esta cariatide tem olhos ingenuos e claros de creança; irradia singeleza e bondade. A sua belleza é menos attrahente que a aureola com que a arte lhe illuminou a fronte. Até as proprias damas a poupam com a sua maledicencia, porque soube vencel-as á fôrça de candura, de lhaneza e de jovialidade. É alegre, agarotada. Tenho-a visto rir muitas vezes com o riso estouvado d'um collegial. Ter-se-hiam formalisado, por certo, se não fôssem os privilegios de artista, a que as conveniencias sociaes teem de ser sacrificadas. É um formoso typo moral. Laura, que no fundo não a estima, deixou-me perceber que adivinhou não me ser indifferente. Não existe tal affeição. Supponho que a sua conquista me custaria poucos esforços. Clara manifestou-me desde o primeiro dia em que nos conhecemos, affectuosa sympathia. Correspondo-lhe de egual forma, mas sem segunda intenção. Não nego que tentei persuadil-a a ir a Varsovia dar uma serie de concertos, e que n'esse caso, converter-me-hia em emprezario honorario. Se algum dia tal viagem se effectuar, não digo que seja desprovida de encantos.

É necessario que volte á minha terra. Minha tia doou-me a sua casa de Varsovia, e chama-me para se lavrarem as escripturas. Costumo ir alli na épocha das corridas. Minha tia, uma pessoa tão veneranda e digna, completamente dedicada á exploração das suas propriedades agricolas, ás suas orações e ás obras de caridade, tem uma

fraqueza mundana: as corridas e o *sport*. É mais que uma debilidade, é uma paixão. Os nossos cavallos correm ha muitos annos, e todos os annos são invariavelmente vencidos. Minha tia nem por isso abandona o campo de batalha. Inflamma-se. De pé na carruagem, encostada á bengala, segue com anciedade as peripecias da lucta; a derrota fal-a cahir em profunda melancholia, e, durante um mez, a existencia do velho Chwastowski é amargurada por feras censuras. D'esta vez apresenta cavallos magnificos e devo assistir á victoria da sua divisa; côres: alaranjado e negro.

Irei tambem por outros motivos. Sinto-me bastante tranquillo; não exijo nada, não espero nada, limito-me tanto quanto possivel ao meu *eu;* n'uma palavra, resigno-me a uma especie de paralysia psychica parcial, até que um dia a outra, a do corpo, me fulmine, como fulminou meu pae. Mas não posso esquecer as razões que impedem que esta insensibilidade de alma seja absoluta. A unica pessoa que amei, n'este mundo, surge-me agora com duas personalidades distinctas. Uma chama-se senhora Kromicki, a outra chama-se Angela. A senhora Kromicki é para mim indifferente; Angela, porém, fascina-me. A sua imagem não me larga; consubstancia o sentimento da minha falta, da minha cegueira, da minha miseria moral; um sentimento de dôr, de amargura, de decepção e de ruina. Não conseguirei descançar a não extirpar do craneo a cellula do cerebro onde reside a memoria. Em vão expulso os pensamentos que me assaltam e a idéa, sempre viva, do que poderia ser, se os acontecimentos se tivessem combinado á medida dos meus desejos. Este prodigo e benefico espirito volta sempre persistente e derrama a cornucopia da abundancia por cima da minha cabeça. Assim, quero admittir, ainda que seja por um instante, que a senhora Kromicki chegará a matar Angela na minha alma: quero ir a Polonia convencer-me da sua felicidade conjugal, das mudanças inevitaveis porque passou a sua pessoa, que devem transformar Angela n'outro ente muito diverso do que conheci no passado. Talvez encontre a senhora Kro-

micki em Ploszow. É impossivel que não vá vêr sua mãe, que está doente, depois d'uma separação de alguns mezes.

Sim, "isto matará aquillo„; conto muito com os meus nervos, tão susceptiveis e vibrateis, para chegar a esse resultado. Lembro-me que, só pensar nas pretenções amorosas de Kromicki, foi o sufficiente para me afastar d'ella n'um tempo em que a adorava. Agora que é sua mulher, o seu bem, a sua metade, e que ambos são apenas uma só alma n'um só corpo, não chegará a repugnar-me? Com certeza, "isto matará aquillo„.

Se não produzir este effeito, se succeder d'outra forma, que teria a perder? Supponho que a nossa approximação evidenciará ao menos a parte de responsabilidades que corresponde a cada um; demonstrará que o pêso da falta commettida não deve cahir só sobre mim. Terei satisfação n'isso? Talvez; não ouso affirmar nada. Não nutro nenhum desejo de vingança. Só as personagens do theatro se vingam em scena das decepções do coração. Na vida real dão-se ao desprêso. Não merecem mais.

5 de abril

Não me resta a menor dúvida, tenho de me encontrar com a senhora Kromicki. Minha tia escreveu informando-me que o marido vendêra as propriedades da Volhynia e teve de partir precipitadamente para o Oriente, a tratar de negocios urgentes. Esta noticia a principio não alterou o equilibrio do meu espirito; pouco a pouco, porém, a impressão produzida augmentou vigorosa e intensamente. É uma consequencia da minha organisação moral. Cheguei a um estado em que não posso pensar n'outro assumpto. A venda é um facto de capital importancia para as duas senhoras. Ao cabo d'alguns mezes de casado, Kromicki alienou estes magnificos bens de raiz, que ha quatro seculos se transmittiam de geração em geração, e á conservação dos quaes a

senhora Celina consagrara a vida. Pois bem! chegou o senhor Kromicki, e de coração á larga, desfez-se de tudo, naturalmente porque lhe offereceram bom dinheiro. Assegurava por este modo o exito das suas famosas remessas de petroleo.

É possivel que ganhe milhões; mas que golpe dado nas duas infelizes! Minha tia escreveu-me que não se tira da cabeceira do leito da senhora Celina; a noticia da venda surprehendeu-a em Ploszow e peorou immediatamente. Estou absolutamente convencido que Angela ignorava o alcance dos seus compromissos quando assignava a procuração que deu ao marido. Todavia, defende-o, pois minha tia relata-me as palavras que pronunciou n'esse momento: "O mal está feito, mas era um mal inevitavel de que seria injusto accusal-o.„ Defende-o! esposa leal e terna, mas não impedirás que pense que te feriu duplamente, e que deves despresal-o no íntimo da alma! Os seus beijos, as suas caricias, não te apagarão da memoria a palavra: *vendido*... Ah! e a senhora Celina, sua protectora, tão ingenua que suppunha que o primeiro cuidado do genro, logo a seguir ao casamento, seria desonerar a fortuna de Angela com os taes famosos milhões!

Eu, minhas senhoras, homem sem phrases, teria conservado esses bens, por delicadeza de sentimentos, por affeição de familia, com receio de lhes infligir um desgôsto tão profundo!... Mas os especuladores precisam de dinheiro de contado... e de protecções!... Não quero fazer juizos temerarios... mas os taes milhões apresentam-se-me no horisonte como um ponto de interrogação: talvez Kromicki os ganhe; a venda deve fornecer-lhe meios para isso: ha já um facto evidente, é que se os possuisse não teria magoado sua mulher tão cruelmente, e sobretudo não lhe venderia o patrimonio. Minha tia diz mais que logo que realisou a venda, se apressou a partir para Bakum, d'onde seguirá para o Turkestan.

Angela é muito joven para ficar só durante a ausencia do marido. Combinaram então que devia viver com a mãe em Ploszow. Conheço muito bem Angela para que suspeite

ser capaz de proceder por interesse; mas a senhora Celina, que desejaria monopolisar o mundo inteiro em proveito de sua filha unica, conta que minha tia a contemple largamente no testamento. Sei que essas esperanças são fundadas. Minha tia, que nunca acreditou nos milhões de Kromicki, falou-me algumas vezes na questão delicada da futura herança, com inquietação, pode dizer-se mesmo, com humildade; considera que tudo quanto possue pertence aos Ploszowski, e receia que a accuse de attentar contra os direitos da nossa casa. Ainda não me conhece! Se Angela se visse hoje privada do necessario, e se fôsse preciso, para lh'o fornecer, sacrificar Ploszow, e todos os meus capitaes, não hesitaria um minuto. Talvez sentisse secreta satisfação em me fazer valer para rebaixar Kromicki; mas a verdade é que não procederia d'outra forma.

Mas não tenho agora de me occupar d'esta hypothese: só penso n'uma coisa. É que as duas senhoras estão em Ploszow. Demorar-se-hão alli em quanto durar a viagem de Kromicki. Verei todos os dias minha prima. Invade-me a este respeito uma certa inquietação. Não ha dúvida, repito, parto com o unico fim de me curar: não amo, não amarei nunca a senhora Kromicki, espero até que a sua vista me desterre para sempre a imagem de Angela do coração, bem melhor que todos os *fiords* e todos os *geisers* da Islandia; mas é preciso ser cego para não perceber o perigo que, em taes circumstancias, pode resultar da nossa reciproca situação.

Se tivesse a phantasia de me vingar, qual seria o obstaculo capaz de me conter ou de me reprimir. Estaremos os dois sós em Ploszow, tão solitario, tão tranquillo; sós entre as duas velhas senhoras, d'uma verdadeira ingenuidade de creança, na candura da sua virtude. A este respeito, conheço minha tia tão bem como a senhora Celina. Encontram-se, é certo, creaturas viciosas em todos os degraus da escala social; mas encontra-se tambem quem atravesse a vida sem um pensamento mau lhe penetrar no espirito. Nunca, nem minha tia nem a senhora Celina, imaginarão que um perigo de tal natureza possa

ameaçar Angela; para ellas, o simples facto do casamento basta para a preservar de qualquer tentação ou queda. Angela pertence a esta categoria de brancos arminhos. Não me teria repellido em tempo, se não se julgasse moralmente ligada a Kromicki. As polacas preferem dilacerar o coração a faltar á sua palavra. Quando penso em tal sobe-me o sangue á cabeça. Sim, pequei gravemente; mas arrependi-me; desejei com sinceridade reparar a minha falta: sabia-o e ficou surda ás minhas súpplicas. E porque? Para poder dizer: "Sou uma Ploszowski, dei a minha palavra, saberei mantel-a.„ Não é virtude, é seccura de coração; não é heroismo, é loucura; não é probidade, é orgulho.

E depois conto com o auxilio da senhora Kromicki. Quando a vir, soberba com o seu heroismo, apaixonada pelo esposo, ou fingindo-o estar, sondando com curiosidade as profundezas do meu peito, — então essa esposa exemplar, esse modelo de virtude inspirar-me-ha um horror tal que terei necessidade de fugir de novo, até os extremos limites das regiões hiperboreas. Mas então, a sua lembrança não me acompanhará, como a gaivota segue a esteira do navio.

Talvez queira passar por victima a meus olhos. Tudo no seu aspecto, na expressão do olhar, até no silencio, parecerá dizer: "É tua a culpa.„ Bello; previ o caso. As flôres artificiaes teem o defeito de não possuir aroma, e as corôas de espinho simuladas gosam da vantagem de não ferir. Podem levar-se impunemente á guisa de toucado ou de chapéo.

6 de abril

Que bella e profunda é a palavra grega *anankê!* Sim, está escripto que esta mulher perturbará sempre o meu socego. Dormi pessimamente a noite passada. Assaltavam-me o espirito innumeras reflexões. Procurava resolver o

seguinte problema: "Tenho direito de desviar a senhora Kromicki do caminho do dever?„ Passo o tempo a encher a vida de *to be or not to be* d'este genero. É uma distracção. Devo declarar que, a despeito do meu scepticismo, sinto a consciencia atormentada com escrupulos, dignos na verdade, da casuistica do vigario de Ploszow.

O homem moderno parece-se com uma meada de fios emmaranhados: se tenta desenredal-os mais nós lhe dá. Por mais que repita: "São vans theorias essas, sou livre, sou homem, estou ou estive apaixonado„, uma voz sahida do portico da nossa egreja, grita-me sem treguas: "Não! não! não! não és livre„. É preciso capitular ante os escrupulos. É para mim uma questão de equilibrio de espirito. Encontro-me particularmente disposto para isso esta noite Pouco mais ou menos a esta hora, ouvia, em casa d'um pintor meu amigo, a formosa senhora Davis demonstrar a dois escriptores francezes muito em voga, que a mulher devia ficar inaccessivel e pura, quando mais não fôsse senão pela "alvura da plumagem„! E Maleschi repetia com convicção as suas palavras. E eu via todos os caranguejos do Mediterraneo com os tentaculos levantados para o céo a invocar Jupiter tonante. Consegui todavia conservar a seriedade. Mas logo que sahi fui acommettido d'um accesso de alegria cynica. Ainda sinto essa reacção. É a melhor arma contra escrupulos superfluos.

Voltemos ao meu problema: tenho, ou terei direito de desviar a senhora Kromicki do dever? Examinarei o caso sob o ponto de vista do codigo de honra, tal como a costumam comprehender aquelles que a sociedade conveiu em qualificar de "cavalheiros„. Nenhum artigo d'esse codigo me impede de emprehender e proseguir n'esta obra de seducção. É o codigo mais extraordinario que se pode imaginar no mundo. Roubo a bolsa d'um transeunte: como ladrão, recáe sobre mim todo o castigo e toda a infamia. Roubo a sua mulher, sou eu quem triumpho, e o marido é olhado com desprêzo. Não é uma perversão do nosso senso moral? ou a differença entre o roubo da bolsa e o roubo da mulher do proximo é tão absoluta, que não

se pode estabelecer nenhuma approximação entre os dois factos? Pode muito bem ser. O roubo da mulher consiste n'um acto reciproco da vontade. Para que reconhecer ao marido enganado direitos que a mulher lhe recusa? Encontro no caminho uma creatura que se me entrega e que eu possuo. Que me importa o marido? Acaso tenho culpa de que não soubesse reter ou captivar a esposa. Não tenho nada que me importar com os juramentos trocados entre os dois.

Então que preconceito me refreia? O respeito pela instituição conjugal? Mas se amava, se ainda posso amar a senhora Kromicki, como não bradar com toda a alma: "Protesto contra o seu casamento; protesto contra os supostos deveres para com Kromicki; sou um pobre verme da terra que essa lei esmaga com o calcanhar, que se estorce de dôr — e pretendeis que eu, cujo supremo desejo seria morder esse calcanhar, o poupe e o respeite? Por que? Por que razão? Que me importa um contracto social que custa todo o meu sangue, que me tira o desejo de viver? É da ordem natural das coisas que o homem se alimente de peixes; mas dizei ao peixe que se amânha antes de o deitar vivo no lume, que respeite um tal estado de coisas. Protesto e mordo! — responderia. O ideal de Spencer: o homem que attingiu o ultimo grau da evolução, evolução que faz com que os seus instinctos se encontrem em harmonia com as leis da sociedade — não é nos nossos dias mais que um postulado. Sei que qualquer Sniatynski tentaria embaraçar-me, perguntando-me: És partidario do amor livre? Não! Sou partidario apenas de mim mesmo: "*I am for myself.*"

O coração humano não poderá nunca fortalecer-se bastante contra o amor; porque o amor é um elemento, é uma fôrça comparavel ao fluxo e refluxo do mar. As portas do inferno não se abrirão para a mulher que ama seu marido; os juramentos do ritual trocados na egreja, só são, em tal caso, a consagração d'esse amor; mas quando o casamento é devido á conveniencia, o primeiro refluxo atirará com a mulher desejada para os nossos braços.

Coisa singular: tudo quanto escrevo não é mais que pura theoria. Qual é a causa que defendo? Terei projectos para o futuro que trato de justificar antecipadamente? Os meus pensamentos enervam-me e incommodam-me. Prefiro deixar a penna. É tarde. Das minhas janellas diviso a cupula dos Invalidos. Brilha com os reflexos da lua como brilhava outr'ora o zimborio de S. Pedro, quando passeava pelo Pincio, pensando em Angela, e com a alma cheia de esperanças.

Paris, 10 de abril

Estive hontem á noite em casa da senhora Davis para me despedir; havia concerto. A Laura de Pegli transformou-se em Euterpe. Clara Hilst tocava harmonium. Vejo-a sempre com prazer; gosto de a observar quando ao executar os primeiros accordes, tem os olhos fitos no teclado; ha n'ella não sei que solennidade, que recolhimento em toda a sua pessoa! Faz-me pensar em Santa Cecilia, na santa da minha predilecção. Se vivesse no seu tempo, com certeza a amaria com loucura. Que pena Clara ter uma estatura tão exaggerada! Este defeito desapparece um pouco quando está ao piano. De quando em quando ergue as pupillas, como se quizesse surprehender uma nota ouvida lá muito em cima, n'um momento de inspiração divinal. Fica-lhe bem o nome de Clara; sim, a sua alma deve ser transparente. Por isso desejo mais vêl-a que ouvil-a; não percebo bem a sua musica, ou antes só apanho imperfeitamente a sua expressão e objectivo. Estas observações não impedem de lhe reconhecer verdadeiro talento.

Quando acabou de tocar, approximei-me d'ella e disse-lhe em tom de gracejo, que a epocha fixada para a nossa viagem a Varsovia estava proxima, e pedi-lhe para se preparar para a jornada. Oh, surpreza! Clara tomou a serio o aviso.

Havia já muito tempo que Clara projectava visitar o nosso paiz. Os preparativos não seriam demorados. Uma parenta edosa para a acompanhar; um piano sem cordas, no qual executa os seus exercicios e escalas, mesmo no vagon... e nada mais.

Esta deliberação contrariou-me. Era preciso occuparme d'ella, ajudal-a a organisar concertos, perder um tempo precioso, quando ardia em desejos de correr logo a Ploszow. Por felicidade, Sniatynski podia substituir-me, com vantagem. Demais, Clara Hilst é filha d'um rico negociante de Francfort, e não lhe importa o resultado pecuniario dos concertos. Repito, esta rapida deliberação surprehendeume, e tive tentações de dizer-lhe: "O piano sem cordas vá, mas a parenta velha não poderia ficar em Paris?„ Nós, os homens, não nos podemos approximar d'uma mulher, se é joven e bonita, sem a perseguir com obsessões e desejos. O que affirma o contrário engana a victima, para a vêr cahir mais depressa no laço.

Mas voltando a Clara e aos seus sentimentos a meu respeito. Teria Laura razão? Se assim é, devo-lhe ser reconhecido. Poder ser, uma vez na vida, amigo d'uma mulher, sem segunda intenção, sem querer abusar da sua confiança, que descanço, que paz para uma alma tão inquieta e tão atormentada como a minha!

Conversamos com inteira confiança, como verdadeiros amigos. A sua intelligencia agrada-me. Estabelece distincções muito acertadas entre o que julga mau e feio e o que considera como proprio do Bello e do Bom. O seu criterio é recto e são. Tem a saude de alma que se encontra por vezes nos allemães; porque os germanos e os inglezes são dois povos positivos, que sabem perfeitamente o que querem. Não se encontra entre elles, por exemplo, um typo egual ao meu. Se por acaso se afundam no oceano insondavel da dúvida, fazem-n'o scientificamente com methodo. A sua philosophia trascendental, tão recente, o seu pessimismo actual, o seu poetico *Weltschmerz*, só teem uma significação abstracta, é pura theoria. Como regra prática, tratam sempre de conformar-se com as condições da vida

presente. No dizer de Hartmann, quanto mais a humanidade tem consciencia do desenvolvimento poderoso da vida social, mais desditosa se sente; o que não impede o mesmo Hartmann de incitar os compatriotas a augmentar o bem estar da existencia, á custa e em detrimento dos polacos e dos slavos. Mas ponhâmos de lado estes odios ou estas baixezas de raça: o allemão não segue nunca as suas theorias com calor, e está, portanto, apto e tranquillo para a acção. Clara possue tambem esta tranquillidade. Devia necessariamente chegar até ella tudo quanto pode commover e perturbar uma alma, mas estes choques deslisaram pela superficie sem a abalar. Não duvidou nunca nem dos seus dogmas, nem da sua musica. Se sente por mim alguma coisa mais que sympathia, deve ser um sentimento inconsciente e desprovido de desejos. Não sou um fatuo, não digo que as mulheres não me podem resistir; o que sustento apenas é que não ha mulher nenhuma no mundo que resista ao homem a quem ame com verdadeiro amor. O adagio: "Praça sitiada, praça tomada„, pertence ao repertorio dos logares communs, mas baseia-se n'um fundo de verdade. A mulher abriga um traidor dentro de si, e esse traidor é o coração. Mas Clara pode estar socegada. Viajamos em completa segurança, ella, eu, a parenta velha e o piano sem cordas.

16 de abril

Ha tres dias que estou em Varsovia. Ainda não fui a Ploszow. As correntes de ar na viagem causaram-me horriveis dôres de dentes. Tenho a cara inchada e não me seduz a idéa de me apresentar n'este estado no castello. Sniatynski veiu vêr-me. Minha tia tambem me visitou. Recebeu-me como ao filho prodigo. Angela chegou ha quinze dias. A mãe está tão doente, que os medicos que queriam a principio mandal-a para Wiesbaden, declararam que o

seu estado não lhe permitte supportar as fadigas do trajecto. Ficará em Ploszow até se restabelecer definitivamente. Angela não a abandonará, a não ser que Kromicki termine depressa os negocios e julgue opportuno leval-a comsigo. Mas, pelo que me disse minha tia, supponho que a sua ausencia se prolongará ainda por alguns mezes. "E Angela, que faz? que pensa?„ Estas perguntas queimavam-me os labios; minha tia falava-me d'ella com toda a liberdade do coração. Angela não é minha prima? posso interessar-me por ella. Minha tia não admitte que se possam ter preoccupações differentes das suas. Falou-me da venda das propriedades da senhora Celina, effectuada por Kromicki, com um resentimento e uma vehemencia que não procurava moderar.

— Sim, dir-lh'o-hia bem de frente, — exclamava, — que o que fez é uma dupla iniquidade; ter-lhe-hia emprestado de boa vontade o dinheiro necessario: mas que? são um sorvedouro, as taes especulações! Tudo se some lá. O mal está feito; quando o vir não me cançarei de repetir lhe: "Impelliu Angela e sua mãe para o abysmo.„ Fala dos seus milhões. Valha-me Deus! De que lhe servem, suppondo que os tenha? Nem por isso as pobres senhoras deixam de se desfazer em lagrimas. "Nunca pude supportar este homem, e tinha razão...

Perguntei a minha tia se participára a Angela a minha chegada.

— Participar a Angela?... Fizeste bem em vir, porque assim posso abrir-te o coração. Suppões que ha meio de falar com ella d'estas coisas? Um dia que o intentei, começou por me responder desabridamente, e por fim, banhada em pranto, não fazia mais que repetir-me: "Foi preciso, foi absolutamente preciso vender.„ E eis tudo quanto pude alcançar d'ella; Angela não tolera que censurem o marido; quizera occultar-lhe os defeitos aos olhos do mundo, mas a mim não consegue enganar-me. Sei que no fundo de alma condemna e maldiz a venda.

— Suppõe que não o ama?

Minha tia dirigiu-me um olhar estupefacto.

— Que não o ama! Mas, desgraçado, a quem havia d'ella amar? Precisamente porque o ama, é que se afflige. Pode amar-se uma pessoa e conhecer-se-lhe os defeitos.

Encarei o caso sob um ponto de vista muito diverso, mas nem por isso a interrompi.

— O que não lhe posso perdoar, — accrescentou, — é mentir. Assegurar ás duas pobres senhoras, que estará em condições de rehaver os bens no fim d'um anno, ou de dois o mais tardar! É possivel? Não é fazer-lhes alimentar uma falsa esperança?

— Para lhe falar com franqueza, creio que o que trata...

— Presumo, é de continuar as especulações.

— Talvez...

— Especulações! não ha dúvida: só existem na sua cabeça; e engana as pobres senhoras.

— Quererá, allegando isso, evitar-lhes desgôstos.

Esperava assim apaziguar minha tia, mas a sua colera ainda augmentou mais.

— Evitar-lhes desgôstos! Bella desculpa! Porque começa então por despojal-as dos bens de familia? Não o defendas. Chwastowski está indignado. Assegura que teria pago a importancia da hypotheca, sem dinheiro, só com os rendimentos. Demais, ter-lhe-hia emprestado a somma que quizesse; e creio que tambem tu, não é verdade? Agora está tudo perdido.

Informei-me então da saude de Angela, atormentado por uma inquietação secreta e inexplicavel, de tal maneira receava saber a consequencia natural d'uma situação antecipadamente prevista, mas que no emtanto abalava todo o meu ser. Por felicidade, minha tia comprehendeu-me, porque me respondeu com a mesma irritação.

— Não, não ha novidade, ah! soube vender os bens; mas emquanto ao resto estamos ainda á espera.

Respirei, com o peito desafogado d'um grande pêso; e comecei logo a falar d'outra coisa. Disse-lhe que viera, com uma pianista muito celebre e ao mesmo tempo muito rica, que tencionava dar alguns concertos em beneficio dos pobres.

Minha tia começou por zangar-se.

A alleman devia ter vindo no inverno que é a melhor época. Depois pensou que ainda não era tarde, que os concertos podiam dar resultado, e como se tratava d'um assumpto de beneficencia, queria entender-se immediatamente com Clara. Convenci-a, não sem custo, que era preferivel participar a Clara Hilst o dia e hora da visita. A impaciencia de minha tia explica-se: é presidente de varias associações de obras pias, não queria perder esta occasião, e desejava evitar ao mesmo tempo que outras senhoras, que tambem patrocinam estabelecimentos de caridade, andassem mais depressa.

Quando se retirou perguntou-me: "Quando vens para Ploszow?„

Respondi-lhe de maneira evasiva. Reflectira que era mais prudente fixar residencia em Varsovia. Como Ploszow estava perto podia ir e vir todos os dias. Evitaria assim as maledicencias do mundo. Demais, não era violento que a senhora Kromicki suppozesse que tentava viver debaixo do mesmo tecto que ella.

Sniatynski esteve aqui esta tarde, e informei-o da resolução que tomara; dignou-se approval-a e quiz logo aproveitar o ensejo para me falar de Angela. Sniatynski é um rapaz intelligente, mas não comprehende que a uma mudança profunda nas condições da existencia, corresponde uma mudança analoga nas nossas relações. Suppunha encontrar em mim o Leão Ploszowski de Cracovia, a tremer como um vime, e que lhe supplicava que o salvasse. Interrogou-me com a franqueza um tanto rude das pessoas da sua especie. É interessante profundar os desgôstos alheios, mas ao menos respeitemo-lhes os melindres. Tapei-lhe a bôcca ás primeiras palavras. Amuou a principio, depois, pouco a pouco, acabou por afinar o seu diapasão pelo meu; puzémo-nos então a conversar como se a nossa ultima entrevista nunca tivesse existido. Vi, comtudo, que a disposição actual do meu espirito o interessava no mais alto grau. Como não podia entrar no assumpto de frente, procurava rodeios com a inepcia d'um escriptor, profundo psy-

chologo, analista sagaz, no gabinete, mas mais ingenuo que um collegial nas manifestações da vida prática e vulgar.

Se tivesse na mão uma flauta, ter-lh'a-hia dado e dir-lhe-hia como Hamlet: "Tocae uma aria, peço-vos; e visto confessardes que não podeis arrancar sons d'este pedaço de madeira, como quereis arrancal-os espontaneamente da minha alma?„

Reli Hamlet, hontem á noite, quiçá pela decima vez. Foi por isso que me lembrei da comparação. É verdadeiramente prodigioso que o homem moderno, o homem d'este fim de seculo, a cada incidente da vida e nos estados mais complicados da alma se encontra em situações tão accentuadamente analogas, como as do protagonista d'este drama, inspirado na rude e sangrenta lenda de Holinshaed. Hamlet é a alma humana, passada, presente e futura. A meu vêr, Shakespeare excedeu o proprio genio. Comprehendo como Homero e Dante fulguraram como traços luminosos na sua épocha, creando as suas obras admiraveis; mas que este inglez do seculo XVII tenha podido adivinhar todos os casos de psychologia, productos da actual civilisação, é para mim um enigma, até depois dos estudos que se teem feito de Hamlet e Shakespeare.

Depois de assim ter offerecido a flauta de Hamlet a Sniatynski, recommendei Clara Hilst á sua solicitude, e a conversação recahiu no terreno costumado dos seus dogmas. Declarei-lhe que as saudades da patria, juntas com a consciencia do dever, fôram a unica causa do meu regresso. Mas falei no assumpto em tom tão indifferente, que não soube se devia acreditar-me. Observei de novo que o ascendente, que os ultimos acontecimentos tinham dado a Sniatynski sobre mim, diminuia notavelmente. Muito perplexo, teve de se convencer que as suas antigas chaves não serviam nas minhas fechaduras novas. Quando me despedi, recommendei-lhe outra vez Clara Hilst, e elle, fitando-me com persistencia, perguntou-me:

— Interessa-te muito?

— Muito, — respondi. — É uma pessoa por quem tenho grande amizade e um apreço superior á amizade.

Consegui attrahir d'este modo toda a attenção para Clara Hilst. Presume que ando com algum novo galanteio, porque foi-se embora sem occultar o mau humor. Sniatynski nunca saberá dissimular. Fechou a porta com fôrça e vi que descia os degraus quatro a quatro, assobiando por entre dentes, o que é n'elle signal manifesto de descontentamento.

No fim de contas só lhe disse a verdade: Clara Hilst interessa-me. Quando fiquei só, escrevi-lhe umas linhas desculpando-me de ainda não a ter ido vêr. No fim d'uma hora trouxeram-me a resposta. Está encantada com Varsovia, com os homens e com as coisas. As nossas eminencias musicaes apressaram-se a offerecer-lhe o seu concurso, accumulando-a de louvores e de obsequios. Talvez não se mostrassem tão amaveis se tencionasse fixar a sua residencia aqui. Já percorreu a cidade. Visitou o palacio chamado Lazienki e o seu parque delicioso, que a encantou. Estou muito satisfeito com a impressão de Clara, porque, transposta a fronteira, as nossas paizagens são de molde a produzir a mais dolorosa sensação na alma do viajante. Perdido, n'esta immensidade plana, o olhar debalde procura um ponto onde descance. É preciso ter nascido aqui para apreciar o seu secreto encanto. Clara, com a fronte encostada á portinhola do vagon, repetia sem cessar: "Ah! como agora comprehendo Chopin!„ Enganava-se. Não comprehende Chopin, porque indubitavelmente não pode impregnar-se da melancholia especial d'esta região.

Eu, que sou quasi extrangeiro, chego, por atavismo, a penetrar nos mysteriosos attractivos d'esta natureza. Quando aqui venho, os meus olhos não se cançam de admirar a nossa primavera, e no emtanto que tristes são as terras e os céos! Tentei mais d'uma vez persuadir-me que, viajante ou pintor, não me ligava a estes sitios nenhum sentimento íntimo e que só os estudava sob o ponto de vista objectivo da arte. Estas paizagens lembram-me os desenhos simples, traçados em linha recta, d'uma creança ou d'um selvagem. Os baldios sem relêvo, os prados humi-

dos, as cabanas edificadas em angulos, os álamos alinhados na extremidade do horisonte, esta vasta extensão de campos apertados n'uma cintura de bosques, essas "dez leguas de nada„, como lhe chamam os allemães, todo este conjuncto faz-me lembrar não sei que pintura primitiva, com a sua pobreza de côres e de invenção. Para falar com propriedade, isto é apenas um immenso fundo. Mas desde que deixo de o contemplar na minha qualidade de extrangeiro, sinto-me viver na sua simplicidade, e embebo-me na infinita extensão d'estas campinas, onde toda a forma e todo o contorno se fundem, como a alma no seio do Nirvana. Estas planicies, estes vergeis, estes bosques revestem-se ante meus olhos, não só com o encanto mystico dos quadros dos primeiros homens, mas ainda influem em mim d'uma maneira calma e dôce. Posso admirar os Apenninos, mas a minha alma distrahida fica como suspensa das suas formas exteriores. Experimento cedo ou tarde um sentimento de cançaço. O homem só descança verdadeiramente, quando chega a identificar-se com a natureza, e só o consegue quando a sua alma e a alma da natureza estão ligadas entre si por estreitos laços. A nostalgia não é mais que o effeito da ausencia da alma, do conjuncto das coisas que nos rodeiam

Basta de divagações. Descubro com vergonha e surpresa que o que acabo de escrever apenas tinha por fim desviar a attenção da consciencia. Sim! não ha dúvida, é isso! Falo de paizagens, de nostalgias; mas para dizer a verdade, todos os meus pensamentos convergem para Ploszow. Não queria confessar esta fraqueza, mas é preciso. A inquietação não me larga; opprime e afoga-me o coração. Não é que os meus pensamentos vôem com ternura para Angela. . não, engano-me... é para a senhora Kromicki, que quero dizer, mas volteiam e zumbem em redor de mim, como um enxame de abelhas; não consigo libertar-me d'elles.

17 de abril

O que senti, o que encontrei hoje em Ploszow, surprehendeu-me immenso. Mettera-me n'uma carruagem, cedo, para chegar cerca das oito. Minha tia dissera-me que todos lá em casa madrugavam. Este aperto do coração, este formigar ancioso do pensamento, atormentaram me durante todo o caminho. Promettera a mim proprio não preparar nada e deixar tudo ao acaso. Queria que a sorte decidisse da minha primeira entrevista com Angela e das nossas relações futuras. Todavia era impossivel deixar de pensar no que nos reservaria a sorte. Como a encontrarei? Como nos cumprimentaremos? Que me dirá? A que limites se deve reduzir a nossa intimidade. Só pensava n'ella. Reproduzia na imaginação as suas menores particularidades: os reflexos doirados do cabello, a maneira como lhe emmolduram a fronte, as compridas pestanas, os olhos, a cara tão gracil e delicada. Tentava até adivinhar a côr dos vestidos. Acudiam-me á memoria as suas phrases favoritas, os gestos, a expressão particular das suas feições. Lembrei-me com singular persistencia da noite em que sahira do quarto, com as faces cobertas de pó, para occultar a commoção que lhe abrazava o rosto. Todas estas reminiscencias passavam como imagens rapidas ante meus olhos. Para distrahir-me comecei a falar com o cocheiro, e perguntei-lhe se era casado.

— Está visto, quem pode viver sem mulher!

Fez a tal respeito reflexões ingenuas, mas eu não o attendia, porque divisava ao longe os álamos de Ploszow.

A vista do castello só serviu para augmentar a minha perturbação; os meus pensamentos rodopiavam. Tentava, sem o conseguir, fixar a attenção nas coisas que me rodeavam: nas mudanças effectuadas, nas novas casas construidas á beira da estrada. Repetia a mim proprio machinalmente que o tempo estava bonito e que a primavera ia

adeantada. E era verdade. O céo rutilava, o ar parecia saturado de frescura e de claridade. As macieiras floresciam em redor das choupanas, e as suas flôres cobriam o chão d'uma alvura de neve. Dir se-hia uma serie de quadros da moderna eschola. Até onde a vista alcançava extendia-se uma atmosphera luminosa, diaphana; em torno das vivendas campestres, moviam-se formas humanas, n'um fundo claro: era o trabalho do dia. Via todas essas coisas, comprehendia-as, mas não me absorviam completamente. Estas impressões deslisavam pela superficie do cerebro, ao passo que outros pensamentos rodopiavam lá dentro em confuso tropel. De subito fui envolvido por uma sombra espessa; senti a frescura da alameda das tilias: ao fundo brilhavam as janellas do castello. Os meus tristes pensamentos, dispersos como um rebanho, agitavam-se ainda com mais furia. Não poderia explicar como paguei ao cocheiro á entrada do parque e como me dirigi para a escada do castello, seguido pelas suas bençãos e agradecimentos. Tambem não posso explicar porque sentia a commoção a estrangular-me a garganta. Seria porque me aguardava o desconhecido debaixo d'aquelles tectos, ou porque me ligava ao passado uma recordação quasi tragica? Ao atravessar o páteo, experimentei uma impressão tão violenta que tive de parar. "Vamos! vamos!„, repetia continuamente. Deixára a carruagem á porta; ninguem veiu ao meu encontro. O vestibulo estava deserto. Entrei para a casa de jantar, disposto a esperar a chegada das senhoras.

Não se deviam demorar. A mesa estava posta; o samowar silvava e chiava, lançando espiraes de fumo para o tecto. Examinei tudo outra vez minuciosamente. Notei que o aposento era bastante frio e relativamente sombrio, e que as janellas davam para o norte. Principiei depois a olhar com attenção para os feixes de luz que, das tres janellas, se projectavam no sobrado; examinei o guarda-loiça que conhecia desde a infancia. Lembrei-me da ultima conversa com Sniatinski, aqui, n'este mesmo sitio, quando pelos vidros embaciados pela geada me mostrava sua mulher e Angela, que regressavam da estufa.

Apoderou-se de mim uma grande tristeza e cançaço. Assentei-me no vão da janella para tomar sol; espraiei então a vista pelo arvoredo e pelos canteiros já floridos do parque. Mas nada d'isto me libertava do desdobramento afflictivo do meu ser Não cessava de pensar que a ia vêr dentro de poucos minutos; que lhe ia falar, que viveria debaixo das mesmas telhas com ella dias e mezes. Atormentava-me uma eterna pergunta. "Que succederá? Que succederá agora?„ Diz-se que o terror transforma os cobardes em heroes; pelo que me diz respeito apenas sei que a indecisão e a incerteza do porvir só me inspiram impaciencia e colera. É o que me succede agora. Entre a Angela de outr'ora e a senhora Kromicki de hoje, que differença! Nunca, até aqui, medíra com tão terrivel nitidez a profundidade do abysmo. Ah! pensei eu, ainda que trouxesse na cabeça um diadema de estrellas, ainda que me apparecesse mais bella que a aurora, mais adoravel e mais seductora mil vezes que antigamente, só me podia inspirar odio.

N'este instante abriu-se a porta e appareceu Angela.

Senti á sua apparição esvair-se-me a cabeça: espalhou-se-me pelo corpo até a extremidade dos dedos um frio glacial. A mulher que tinha ante os olhos usava, é verdade, o nome de senhora Kromicki, mas conservava as doces feições, as feições tão queridas, todo o indizivel encanto da minha antiga Angela. No tumultuar dos pensamentos, uma voz que dominava todas as outras, repetia esta simples palavra: "Angela, Angela!„ Não me víra, porém; talvez não me reconhecesse porque eu ficára na sombra. Approximei-me d'ella, e de repente ficou immovel e como petreficada: nunca conseguirei descrever a expressão de terror, de anceio, de commoção, de humildade, que se lhe estampou no rosto. Fez-se tão pallida que julguei que ia desmaiar. Tinha as mãos geladas.

Esperava tudo, menos este genero de acolhimento. Teria jurado ha pouco que diligenciaria fazer-me comprehender que se chamava agora a senhora Kromicki. Mas não, não! Era a minha antiga Angela, que estava ahi amante, commovida, timida. Fil-a desditosa, só eu fui o culpado, e

é ella que me fitava como se implorasse perdão. O sentimento do meu antigo amor, do arrependimento e da piedade, impelliam-me para ella com a fôrça irresistivel da paixão. Consegui dominar-me, comtudo; não lhe enlacei a cintura com o braço, não a apertei contra o peito, não a embalei com essas palavras ternas que se costumam murmurar ao ouvido da mulher amada. Mas o meu peito trasbordava de carinho por ella. Perturbado, abalado por esta inesperada recepção, limitava-me a conservar as suas mãos entre as minhas, sem poder pronunciar uma palavra. Era preciso quebrar este silencio, e violentando-me, disse com voz quasi inintelligivel:

— A tia não te participou a minha chegada?

— Participou, — respondeu com esforço.

Calámo-nos de novo. Quiz falar-lhe, perguntar-lhe pela saude da mãe, interrogal-a, e a minha lingua permaneceu sêcca, sem poder articular um som. Suppliquei ao céo que viesse alguem que nos tirasse de situação tão cheia de embaraços e de perigos. Por fortuna, appareceu minha tia acompanhada pelo doutor Chwastowski, filho mais novo do administrador, medico que tratava da senhora Celina ha um mez. Angela afastou-se um pouco e começou a encher as chavenas; eu abracei minha tia e troquei com ella os cumprimentos do costume. Assentámo-nos depois á mesa para tomar chá.

Foi então que me informei do estado da senhora Celina; minha tia descrevia-me o curso da enfermidade, appellando para os conhecimentos do joven doutor. Terminei por me dirigir a elle, que se dignou relatar-me tudo, mas com a desdenhosa condescendencia do sabio pelo profano. Adivinhava-se no medico um democrata zeloso da dignidade e independencia das suas opiniões, em frente d'um reaccionario da minha especie. Esta susceptibilidade, escusada até certo ponto, divertia-me. Tratei de augmentar as suas prevenções contra mim. Isto permittia pôr em ordem as minhas idéas. De quando em quando contemplava Angela. Ah! como a sua presença me fascina! Dizia de mim para mim: "É a mesma com o seu semblante encan-

tador, com a sua fronte marmorea, assombreada por espessos cabellos; é a minha Angela, com a differença que já nenhum d'estes thesouros me pertencem; perdi-os para sempre, sem remissão, por culpa minha.„

Angela tambem recuperára o sangue frio. Apenas lhe trahia a commoção um leve tremor de voz. Voltei-me para ella por bastantes vezes, falando-lhe da mãe, procurando dissipar-lhe os receios pela cordialidade fraternal das minhas palavras. Agradecia-me com o olhar e acabou por dizer-me: "A maman terá muito gosto em vêr-te!„ Não acreditava, mas ouvia a sua voz. Nunca musica alguma me pareceu tão suave e harmoniosa. A conversação animava-se, minha tia mostrava-se muito alegre com a minha chegada, e tambem porque Clara Hilst acabava de lhe prometter um concerto em beneficio dos pobres. Ao sahir d'alli encontrara-se na escada com outras senhoras que iam solicitar a mesma graça. Chegavam muito tarde, o que lhe augmentou o bom humor. Clara tivera a ventura de lhe agradar muito e fazia-me mil perguntas ácêrca d'esta senhora. Ao acabar o almoço tive que lhe contar as minhas viagens.

— Ir até a Islandia, meu Deus! é preciso estar na verdade desesperado.

— Soffria, com effeito, cruelmente, — respondi.

Angela deitou-me um olhar significativo: vi n'elle a mesma expressão de temor e de humildade. Se me tivesse posto a mão no coração, não me teria commovido tanto como este olhar. Eu, que esperava ser recebido com frieza triumphante e altiva, encontrava-me confundido com tão angelica bondade! Parecia-me tão meiga, com o seu aspecto infantil! porque não houve mudança n'ella. Depois, de chofre, lembrei-me que era casada... que pertencia a outro .. e senti como uma terrivel mordedura, cuja dôr me alanceava dos pés á cabeça.

Muitas vezes parece que góso em abrir as proprias feridas com as mãos. Tive tentações de falar-lhe do marido. Que crueldade e que inconveniencia!... Arredei de mim tão perversas idéas e pedi-lhe licença, quando me

levantei da mesa, para ir cumprimentar a senhora Celina. Angela sahiu para participar a minha visita, e voltou pouco depois para me dizer:

— A maman tem immenso prazer em receber-te.

Dirigimo-nos para a outra extremidade do castello, onde estava o quarto da enferma. Para socegar Angela, para afugentar qualquer desconfiança entre nós, quando nos encaminhavamos para o quarto e em presença de minha tia, disse-lhe em voz alta:

— Dá-me a mão, querida irman!

Extendeu-m'a. Adivinhava que gostaria de se vêr tratada assim; como que alliviada d'um grande pêso, parecia dizer-me a este fraternal contacto: "Oh! sim, sejamos amigos; esqueçamos o passado! perdoêmos reciprocamente os nossos êrros.„

E minha tia accrescentou:

— Espero que se conservem sempre n'essa harmonia.

— Porque não? — exclamou Angela; sim! é preciso ser bom.

Sentia me realmente n'esse instante com o peito inundado de commiseração. Cumprimentei a senhora Celina como se fôra minha parenta; notei, porém, que ella me falava constrangida. A presença de minha tia impedia-a de dar livre curso ao resentimento. O seu rancôr a meu respeito parecia-me justificado. Ai! talvez me accusasse de ser a causa primordial da venda dos seus bens; nada d'isso aconteceria se tivesse desposado Angela. Encontrei-a terrivelmente mudada. Não sáe da cadeira de rodas, que é levada para o jardim, em dias bonitos. As feições delicadas tornaram-se-lhe ainda mais miudas; dir-se-hiam modeladas em cêra. Conhece-se que devia ter sido muito formosa, mas muito desgraçada durante toda a vida.

Dirigi-lhe as palavras banaes do costume. A atmosphera vivificante da primavera augmentar-lhe-hiam as fôrças. Ouvia-me, sorrindo com tristeza e sacudindo a cabeça. Assomaram-lhe duas grossas lagrimas aos olhos e deslisaram pelas faces abaixo.

Depois voltando se para mim, disse-me:

— Sabes que venderam as nossas terras.

Era o seu pensamento dominante, o eterno desgôsto, o pesar que a não largava.

Uma onda de sangue purpurisou o rosto de Angela. Um rubor impregnado de magua e de vergonha.

— Sabia, — repliquei, — mas das duas coisas uma: ou o mal pode ser reparado, e então nada está perdido, ou a venda é irrevogavel, e n'esse caso não ha remedio senão submetter-se á vontade divina.

Angela lançou-me um olhar reconhecido.

— Já não conservo illusões, — accrescentou a doente.

Era uma simples phrase. Pelo contrário não perdia as esperanças de recuperar as propriedades. Permanecia com os olhos fixos nos meus labios, como á espera de uma palavra que lhe confirmasse os desejos, e continuei a representar o meu papel até o fim.

— A necessidade é por vezes uma lei imperiosa, e n'esse caso seria injusto condemnar seja quem fôr. Demais creio que não ha situações, por difficeis que sejam, que não se possam vencer á fôrça de perseverança, de trabalho e de habilidade.

Citei exemplos para robustecer a minha opinião: uma transacção annullada ha pouco tempo por vicios de forma no contracto de venda. Inventei outras coisas, pois sabia que com tão innocentes mentiras lançava um balsamo no coração dolorido da enferma. Defendia Kromicki, sem o nomear, visto como ninguem alludíra a elle no decorrer da conversação. Esta magnanimidade fôra-me inspirada pela consciencia de assim poder melhor captivar Angela. Apresentava-me com o mais favoravel aspecto, sob o duplo ponto de vista da bondade e da nobreza de alma.

No momento em que sahiamos do quarto da enferma, Angela extendeu-me a mão e murmurou:

— Obrigado por minha mãe.

Sensibilisou-me. Minha tia enchia-me de elogios pelo meu procedimento. Satisfeito com o triumpho, fui para o jardim, para acabar, fumando um charuto, de coordenar as minhas impressões. Ao voltar d'uma rua encontrei o

dr. Chwastowski que dava o seu passeio matutino. Disposto a conciliar-me com toda a gente de Ploszow, approximei-me d'elle, e exprimindo nas minhas palavras grande deferencia pela sua auctoridade medica, communiquei-lhe as inquietações que me inspirava o estado de saude da senhora Celina. Esta homenagem, prestada á sciencia, lisonjeou-o visivelmente; despojou-se da ciumenta dignidade de democrata e falou-me do caso pathologico da sua cliente com a profusão de minucias technicas, que empregam os jovens adeptos da sciencia, quando ainda não duvidam d'ella. Servia-se da terminologia grego-latina, como se falasse a um confrade. Chwastowski parecia-me cheio de vigor physico e de saude moral. Não tinha a morbidez intellectual dos talentos ociosos. Falámos no passeio de differentes coisas. Occupámo-nos na conversação de assumptos graves e elevados. Possuia grande copia de conhecimentos scientificos, mas eu tinha sobre elle a vantagem de ter folheado o grande livro da vida. As minhas idéas surprehendiam-n'o. Lançava-me de quando em quando olhares quasi hostis. Como é que um homem da minha casta, um aristocrata podia exprimir-se com tão absoluta ausencia de prejuizos? Parecia-lhe uma usurpação feita aos seus direitos. Creio que por fim tomou á boa parte o meu liberalismo, e que com o tempo me ha de considerar excepção á regra. Antes de nos separarmos perguntei-lhe o que era feito de seus irmãos. Disse-me que um estabelecêra uma cervejaria em Ploszow; que outro se fizera livreiro; que o terceiro, finalmente, terminára o curso da eschola superior do commercio e acompanhava Kromicki na sua viagem ao Oriente.

— Dos tres o mais feliz é o cervejeiro, concluiu o joven medico; trabalhamos todos, e esperamos colher resultado. Consideramos uma felicidade nosso pae ter perdido a riqueza; estariamos ainda hoje adstrictos á gleba, *glebae adscripti,* condemnados a dar o sangue por algumas geiras de terra que nos obrigaria a fazer *bancarrota* como lhe succedeu.

Apesar do meu espirito estar preoccupado com Angela

ouvia com attenção o doutor. Eis aqui, pensava, os anneis intermediarios da cadeia, entre a barbarie d'um lado e a civilisação demasiado requintada do outro; são estes os homens sãos de corpo e de espirito, capazes de trabalhar e de obrar; não estão nem enervados, nem mergulhados nas trevas da ignorancia. É este o terceiro estado do porvir, recrutado entre os filhos dos fidalgos arruinados, que, por necessidade, se embebem de tradições burguezas e que concorrerão com o labor dos musculos e dos seus nervos de aço. Lembrei-me, então, das palavras de Sniatynski, que me gritava um dia do alto da escada: "Não se pode tirar mais nada dos senhores; mas os seus filhos, ao menos, tornar-se-hão homens.„ E a verdade, é que os filhos de Chwastowski estão a caminho de fazer carreira...

O doutor despediu-se de mim. Tinha de ir vêr outro doente: um joven seminarista, filho d'um caseiro de minha tia, que chegára ao ultimo grau da tisica. Minha tia mandara-o alojar n'uma das dependencias do castello, e visitava-o todos os dias em companhia de Angela. Bastaram-me estas informações para tambem o desejar visitar. Acompanhei o medico. Esperava encontrar um moribundo; qual não foi a minha surpresa ao vêr um rapaz, de rosto magro, é verdade, mas com as faces rosadas e conservando todas as apparencias da vida e da alegria. Eram apenas os ultimos clarões d'uma lampada prestes a apagar-se. Quando entrámos estava o enfermo a conversar com a mãe, que ao vêr-me derramou uma torrente de bençãos sobre a minha cabeça. A boa mulher não punha dique aos elogios. Não tardei a esquivar-me, receando ficar afogado n'esta inundação de louvores dirigidos a minha tia, a mim e a todos os meus.

Angela passou todo o dia no quarto da mãe; só a tornei a vêr ao jantar. Imaginei que me evitava e disse commigo que a mulher que receia o olhar d'um homem está prestes a amal-o. As nossas relações estreitar-se-hão com o tempo, porque actualmente ainda nos causam certa violencia e embaraço. Observei Angela durante o jantar, como já o fizera de manhan. Não, não é feliz. O seu aspecto não

é o d'uma mulher satisfeita com a sorte. Está ainda mais formosa, parece tranquilla, quasi serena, mas não é a paz d'um contentamento íntimo. Apresenta-se concentrada; não era esta a sua expressão habitual. Reparei tambem que as fontes se cobriam de leves tons amarellos semelhantes aos do marfim velho. Não podia despregar os olhos das suas queridas feições; vêl-as causava-me indizivel voluptuosidade. Via-a tal como me apparecêra o anno passado, e certifiquei-me, com um sentimento simultaneamente cruel e dôce, que era o mesmo semblante, as mesmas pestanas compridas, os mesmos olhos que não são pretos e que no emtanto o parecem, os mesmos labios assombreados por um buço apenas visivel. Não me cançava de contemplar essa imagem. Do dominio abstracto das recordações, Angela passava ao estado de realidade presente e tangivel.

Ha n'ella um encanto que me attráe irresistivelmente. Tel-a-hia conhecido, até entre mil outras mulheres, todas mais formosas; é sobre ella que recahiria a minha escolha, para ella que o meu coração se precipitaria, a ella só que os meus labios diriam: "Aqui tens o meu amor e a minha vida.„ Podem existir mulheres mais bellas, repito-o, não ha nenhuma que realise melhor este prototypo, este ideal feminino, que cada um traz no fundo da alma.

Era noite quando me retirei. Sentia-me como aturdido; todas as minhas hypotheses, todas as minhas esperanças, todos os meus raciocinios me enganaram. Tenho medo de descer ao fundo da consciencia. Que succederá? Que será de mim? A minha vida poderia deslisar como um manso e tranquillo rio, n'este oceano infinito, onde se somem as vagas humanas; mas vae agora precipitar-se em catadupa no sorvedoiro. Succeda o que succeder! Presinto que serei muito desgraçado... Mas acaso dormi alguma vez em cama de rosas? Disse-me alguem que toda a existencia deve ter um fructo: é a lei da natureza. Pois bem, cumpra-se o destino! Até no deserto, essas fôrças vivas, desconhecidas, immersas no fundo das areias, erguem para o céo palmeiras sublimes.

21 de abril

Resido em Varsovia, mas passo dias inteiros em Ploszow. A senhora Celina vae melhor; o pobre seminarista, porém, morreu. O doutor Chwastowski chamava á sua enfermidade "um caso magnifico de tisica pulmonar„; predissera todas as phases e até o desenlace final fôra determinado com precisão.

Fômos visital-o na vespera da morte. Sorria; a febre diminuia, por excesso de fraqueza; mas estava cheio de esperanças. Hontem de manhan, encontravamo-nos, Angela e eu, assentados n'um banco do vestibulo, quando sua mãe nos veiu participar a triste noticia. É singular a linguagem dos camponezes em taes circumstancias! exprime a dôr alliada a uma resignação cega nos decretos da sorte. Despertára em mim um sentimento de dó e ao mesmo tempo de piedade. Nunca tive grandes relações com os que se chamavam outr'ora nossos servos; confesso que não me interessavam demasiado. E no emtanto, como a sua linguagem é colorida, rica de imagens e de expressões originaes! Fixei algumas na memoria, para as registar depois. A velha aldean saudou com uma genuflexão muito accentuada, e rodeou os joelhos de Angela com o braço; depois ergueu se, enxugou os olhos com as costas da mão, e começou os seus queixumes:

— Oh! dôce Jesus do meu coração; oh! Virgem Santissima! morreu o nosso pobre pequeno. Preferiu ir ter com Deus a ficar com os paes. Os cuidados que recebeu no castello não lhe serviram de nada. Dava-se-lhe todo o vinho generoso que pedia, mas nem isto o melhorou. Oh! meu dôce Senhor Jesus! Ah! meu Deus!

Havia, é certo, um accento maternal sincero no fundo de tal dôr; mas impressionava-me esse lastimar, repetido com monotona persistencia, como uma nota especial, imposta pelo uso, entrecortada de suspiros e de pranto. Era a primeira vez que ouvia lamentos d'este genero; mas

iria jurar que é assim que toda a gente do campo costuma chorar os mortos. Seguem uma especie de ritual consagrado pela tradição.

Os compridos cilios de Angela estavam franjados de lagrimas; a sua indizivel bondade feminina levavam-n'a a interrogar a desventurada velha, ácêrca dos derradeiros instantes do filho que era todo o seu orgulho. Sabia que assim lhe mitigava a dôr. E a boa mulher começou a contar-nos todos os pormenores d'essa morte cruel.

— Logo que o senhor cura veiu á noite, com o viatico, e nos deixou sós, approximei-me do leito e disse a meu filho: "Vaes morrer, meu amor, mas talvez o Senhor queira conservar-te a teus paes; que podemos nós contra a sua santa vontade? emfim, prepara-te para compareceres na sua presença. Podes descançar agora, dormir até de manhan.„ — "Seja assim, minha mãe„, respondeu-me, e vi que fechava os olhos. E eu tambem adormeci, porque, sem offensa para Deus, havia tres dias que não sabia o que era dormir. Era só ao primeiro cantar dos gallos, que meu marido me substituia... mas ficámos os dois a olhar para a creança, silenciosos, sentados ao lado um do outro. Toquei com o cotovêllo no pae e perguntei-lhe: "Estará morto?„, respondeu-me: "Pode muito bem ser.„ Pôz-se de pé, debruçou-se sobre a cama e puxou-lhe pelo braço. A creança acordou; não, não estava morta. E falou, baixo, muito baixinho: "Estou melhor, queridos paes...„ Depois ficou immovel, extendido, muito direito, com os olhos no alto; notei pouco depois que sorria e que não desfitava a vista do tecto ennegrecido pelo fumo. Julguei que zombava da nossa miseria. "Rís da pobreza da nossa casa?„ Mas não, meus bons senhores, sorria para a morte: veiu logo a agonia, e não chegou ao nascer do sol.

Começou outra vez a gemer, e interrompeu o pranto para nos convidar a ir vêr o defuncto. "Vestira-o com asseio, e descançava tão tranquillo, tão sereno, tão bonito que parecia a imagem d'um santo!„

Angela dispunha-se a acompanhal-a, mas não lh'o consenti. A pobre mulher lamentava-se de novo, procurando en

ternecer nos com a sua desventurada sorte. O marido e ella possuiam outr'ora bastantes terrenos; mas tinham perdido tudo, vendido tudo, para acudir ás despesas da educação do filho. A doença devorára o resto: só lhes ficára a choupana, mas nem sequer um palmo de terra. Tinham gasto perto de dois mil rublos, com o pensamento de abrigar um dia a velhice debaixo das telhas do filho, então já parocho; mas Deus tinha-o levado. Agora iriam ambos, como os pobres, mendigar um boccado de pão, de porta em porta, ou assentados ao domingo no adro da egreja.

Esta perspectiva não parecia assustal-os; falava d'ella com certa satisfação; o seu receio era que a auctoridade puzesse obstaculos em passar-lhe o attestado necessario. Estas particularidades entrecruzavam-se na sua conversa, com as invocações de rigor a Jesus, á Virgem Sagrada e a todos os santos.

Angela desappareceu sem dizer palavra e voltou no fim de instantes, com as mãos cheias de dinheiro. Detive-a com um gesto: occorrêra-me uma idéa que me parecia boa; e dirigindo-me á camponeza, perguntei-lhe:

— Foram dois mil rublos o que lhe custou a educação de seu filho?

— Foram, meu illustre senhor. Diziamos d'esta maneira: "Quando tomar ordens, dar-nos-ha agasalho no presbyterio." Mas não foi ao presbyterio que Deus nos quiz levar, foi ao adro da egreja, onde iremos pedir esmola de hoje em deante.

— Pois bem! vou dar-lhes os dois mil rublos. Tornem a comprar as terras e vivam tranquillos em casa.

Entregar-lhe-hia immediatamente o dinheiro se o tivesse commigo; mas tinha que o pedir emprestado a minha tia. Mandei voltar a mulher d'alli a uma hora. A velha, estupefacta, olhava-me com fixidez, sem poder falar; depois ajoelhou deante de mim. Levantei-a, e consegui esquivar-me aos seus agradecimentos effusivos. Demais estava impaciente por ir levar a boa noticia ao homem. Ficámos sós, Angela e eu. Minha prima, visivelmente commovida, conservou-se silenciosa durante alguns instantes.

— Como tu és bom! murmurou por fim.

— Não, querida Angela, não fiz isto nem por bondade, nem por commiseração. É a primeira vez que vejo essa gente. Fil-o por tu te interessares por elles; quiz ser-te agradavel por esta forma. Foi a unica causa do meu procedimento.

Dizia a verdade. Os dois velhos eram para mim tão indifferentes como os demais pobres do sitio; mas tel-os-hia enriquecido, só para dar prazer a Angela. Pesei o alcance das minhas palavras; sem ser uma confissão formal, o intuito não escapava a ninguem. "Faria tudo no mundo por ti, porque és tudo no mundo para mim!„ Eis o que acabava de dizer a Angela; e qual é a mulher, por mais virtuosa que seja, que se offenda com tal confissão? Limitei-me apenas a apresentar os meus verdadeiros pensamentos. Angela não se enganou. Baixou os olhos, não soube que responder-me, e afastou-se com o pretexto de que tinha de ir para junto da mãe.

Estou absolutamente convencido que estas sementes que lancei devem perturbar e inquietar a sua alma; mas se, por um lado, experimento certos escrupulos em atormentar uma creatura tão querida, pela qual sacrificaria de boa vontade a vida, sinto, por outro, uma alegria feroz: a alegria de saciar esse instincto de destruição innato no homem. Nem a consciencia do mal, nem os remorsos me refrearão em semelhante caso. Não pararei no declive. Irei, chamado pelo attractivo irresistivel que Angela exerce e sempre exerceu em mim. Só pergunto uma coisa: "Por causa de quem vivo, a não ser por ella? Quem hei de, pois, amar, a não ser ella?„

Assistimos, esta manhan, ao enterro do seminarista. O tempo está soberbo. A cerimonia não fatigou as senhoras, apesar da hora matutina.

A egreja e o cemiterio estão muito longe do castello. Que singular aspecto offerece um cortejo funebre a desfilar por meio dos campos! O sacerdote caminha atraz do carro onde vae o feretro; seguem os bandos compactos dos aldeãos: homens e mulheres. Todos entôam canticos, cujas

notas tristes e monotonas fazem lembrar não sei que melopéa chaldaica Os ultimos do prestito, conversam uns com os outros, com uma voz arrastada de pesadêlo, e principiam invariavelmente os commentarios, com estas palavras de lástima: "Coitados, pobre gente!„

Ouvi esta expressão repetida mais de uma vez. Que contraste singular entre o funeral e os lenços de côres vivas que as mulheres e as raparigas levam na cabeça. Seguiamos pela alameda de sorveiras que conduz á egreja. O sol coava-se atravéz da ramagem das arvores. Ao fulgôr dos seus raios, os lenços flammejavam com cambiantes vermelhos, amarellos, azues, lançando sobre o cortejo uma nota alegre. Se não fôra o cura, o carro com o ataúde, o cheiro de zimbro queimado, a luz vacillante das tochas, havia motivo para suppôr que se tratava de qualquer jubilosa solennidade nupcial. Notei a visivel satisfação com que os camponezes observam todas as minudencias da cerimonia. A morte não os impressiona: vêem n'ella uma especie de descanço, ou antes uma festa eterna. Os semblantes, inclinados á beira do coval, só denunciam curiosa attenção; nem vestigios de pena, nem sombra de pensamento grandioso, nem sequer terror, ante essa coisa implacavel, para além da qual começa o terrivel mysterio. Olhei para Angela, no momento em que se baixava, para atirar com um punhado de terra sobre o feretro. Estava pallida; o sol batia-lhe em cheio, e podia lêr-se no fundo da sua alma, como nas paginas d'um livro. Juraria que pensava na morte. Morrer! ella! Esta idéa pareceu-me inverosimil, monstruosa, abstrusa. Como! Era possivel que esse rosto expressivo, tão cheio de exuberante juventude, esses olhos assombreados por compridas pestanas, esses labios tão adoraveis, se petrificassem, se abysmassem nas trevas eternas?!

Agitou-me os membros um estremecimento glacial. Reflecti que a primeira cerimonia a que assistiamos, Angela e eu, em Ploszow, era um enterro. O doente que já não crê nos medicos recorre expontaneamente aos remedios dos feiticeiros: do mesmo modo, a alma está prestes a deixar influenciar-se por supersticiosos presagios.

O scepticismo e o mysticismo tocam se. Os que repelliram o ideal religioso ou social, os que perderam a fé, os que já não acreditam na sciencia, nem no poder da razão, — os espiritos mais esclarecidos, n'uma palavra, — uma turba em pêso, hesitante no caminho a seguir, sem crenças, desorientada e sem bussola, immerge mais tarde ou mais cedo no immenso nevoeiro mystico. Cheguei ao extremo da ribanceira: sinto já a attracção do abysmo.

28 de abril

As visitas quotidianas a Ploszow são a unica alegria que experimento; embriaga-me a vista de Angela, esqueço que pertence a outro. Kromicki, perdido em qualquer sitio de Bakum, ou ainda mais distante, faz-me o effeito d'uma creatura phantastica, sem realidade. É um duende que pode surgir de prompto, como surge a morte, em que nunca se pensa. Tive hontem já um primeiro aviso. Os incidentes, futeis na apparencia, annunciam-n'os muitas vezes perigos futuros. Á hora do chá entregaram a Angela duas cartas. Minha tia perguntou-lhe se eram do marido: respondeu-lhe com um signal affirmativo de cabeça. Tive a sensação do condemnado á morte, a quem despertam para lhe dizer que chegou a hora fatal. A desgraça ergueu-se de subito deante de mim, semelhante ao patibulo. Este pensamento sinistro perseguiu me todo o dia. Angela dobrara as cartas, para as lêr, por certo, em momento mais livre! Mas teve que tornar a abril-as, porque minha tia pedia com persistencia noticias do marido.

— Está bom, muito obrigada, respondeu Angela.

— E os seus negocios?

— Felizmente vão bem.

— Quando volta?

— Logo que possa.

Ouvia estas perguntas e respostas. Mal podia conter

os nervos. Pela primeira vez, depois do regresso, experimentava um sentimento de hostilidade contra Angela. "Tem ao menos um pouco de piedade, dizia commigo; não fales n'esse homem deante de mim, não agradeças aos que te pedem noticias da sua saude; não dês graças aos deuses pela prosperidade dos seus negocios.„ Rasgou depois o segundo sobrescripto. "É uma carta mais atrazada„, exclamou, depois de a relancear com a vista. Examinei lhe a fronte inclinada, os cabellos, as palpebras descidas; parecia-me que a leitura durava seculos. Comprehendi então que esses dois seres, ella e Kromicki, estavam ligados por enorme quantidade de interesses communs; que esses laços eram indissoluveis; que pela fôrça e ordem das coisas, tinham identicos deveres e mutuas obrigações a cumprir, e comprehendi que eu ficaria sempre fóra d'aquelle conjunto, mesmo que reconquistasse o amor de Angela. Até ahi só entrevira a minha miseria e a minha desgraça atravéz das nebrinas espessas que encobrem as profundidades do abysmo. E eis que de subito se dissipava a nebrina e que a meus pés se abria o vortice insondavel.

Este excesso de dôr restituiu-me toda a fôrça de vontade. O amor tímido não ousa exigir nada. Mas o ciume, a inveja, a colera, incitar-me-hiam de aqui em deante a destruir tudo, a calcar aos pés estas leis implacaveis, estes laços, estas obrigações sagradas. Procurava estudar a consciencia. Se o facto d'uma carta dirigida a sua mulher me levava a tal estado de furor, proximo da loucura, que seria quando fôsse obrigado, a cada minuto, a assistir á intimidade dos dois, a presenciar a communidade de interesses e de fins?

"Mato-o!„ jurava dentro da alma. Ai! Reconheci logo a insania de taes ameaças.

Estes dialogos interiores não eram de molde a apaziguar-me o espirito. Angela percebeu immediatamente a minha irritação: adivinharia a causa? Precisa sentir-se rodeada de ternura e de amizade. A delicada sensibilidade do coração obriga-a, como uma lei, a amar. Ao vêr o meu ar sombrio, voltou-se para mim por diversas vezes. Pare-

cia interessar-se, na apparencia, pelo concerto que Clara Hilst devia dar n'essa noite. Mas a inquietação do olhar exprimia coisa bem differente, parecia perguntar-me: "Que tens? que te aconteceu?„

Eu, porém, não podia esquecer as cartas; considerava a sua solicitude conjugal um crime. Impulsionado por isto, levantei-me da mesa e declarei que necessitava voltar a Varsovia.

Minha tia desejava que eu ficasse para o jantar. Não se combinára que iriam todos ao concerto? Desculpei-me pretextando mil negocios urgentes e dei ordem para mandar pôr a carruagem.

— Queria consultar-te, replicou minha tia. Como desejo ser grata a Clara Hilst, pensei que talvez a pudessemos convidar para vir passar um dia comnosco a Ploszow.

Um convite para vir a Ploszow era, a seu vêr, o cumulo dos favores, e perguntava a si propria se tal distincção não excederia os limites da amabilidade; e accrescentou depois d'um instante de silencio:

— Emfim, se tivesse a certeza que era uma pessoa de boa sociedade?

— Clara Hilst é amiga intima da rainha da Romanía; todos os annos passa algumas semanas na côrte. Pode convidal-a sem escrupulo.

— Perfeitamente, respondeu minha tia, convidal-a-hei.

Participaram-me que a carruagem esperava por mim, e virei-me para Angela.

— Tencionas acompanhar minha tia ao concerto? perguntei-lhe bruscamente.

— Não, devo ficar ao pé da maman, e responder ás minhas cartas.

— Oh! desde o momento que se trata de sentimentos tão ternos, curvo me.

Proferi estas palavras com uma ironia que me deu allívio. Que saiba, ao menos, que tenho ciumes; que comprehenda, emfim, que a amo; oxalá que este pensamento penetre no seu ser, oxalá que soffra com a anciedade, que lucte com a paixão. Introduzir-lhe na alma este ele-

mento perturbador, é já quasi a victoria. Veremos mais tarde.

Mas este perverso jubilo só durou segundos. Depois, na carruagem, envergonhei-me. Quão baixas e ridiculas me pareciam as palavras proferidas! Deixei dominar-me pelos nervos, arrastar-me por caprichos desculpaveis n'uma mulher, mas indignos d'um homem. A estrada de Varsovia pareceu-me comprida, mais comprida ainda que no dia em que a percorrêra, quando regressei da primeira vez a Ploszow.

Cheguei a dizer que esta terrivel inaptidão vital, que pesa como uma fatalidade sobre mim e sobre tantos dos meus compatriotas, provinha do principio feminino que prevalece em nossas almas. Não que sejamos effeminados, faltos de coragem e de energia. Não é esse o meu pensamento: possuimos tanta audacia, tanta temeridade, como qualquer outra nação, para não dizer mais. Cada um de nós está prompto a domar o cavallo mais selvagem, a arrostar o perigo. Mas sob o ponto de vista psychico, podia dizer-se de cada um de nós: *ella* e não *elle*. Falta á nossa organisação moral o equilibrio tranquillo, o golpe de vista synthetico que despreza a minucia. O menor incidente desanima-nos e faz-nos perder o sangue-frio; resulta d'aqui sacrificarmos todos os dias coisas de grande importancia ás coisas infinitamente pequenas. Não é o meu passado uma prova irrefragavel d'esta fraqueza? Não sacrifiquei a felicidade, o meu futuro e o da mulher amada, a uma causa futil, a uma simples menção feita por minha tia a proposito das intenções de Kromicki ácêrca de Angela? Ai! é uma doença que trouxe quando nasci, uma doença para a qual concorreram as gerações precedentes, desenvolvida pelas condições e pelas exigencias do meio em que vivemos. Mas estes argumentos, pelos quaes me esforçava de fugir a responsabilidades, não conseguiam satisfazer-me.

Apenas cheguei a Varsovia, fiz tenção de visitar Clara, do que logo me dissuadi. Tinha a cabeça em fogo: só á noite soceguei. Minha tia chegou á hora aprazada. Encontrou-me prompto. Instantes depois a carruagem levava-nos para o

palacio das Bellas Artes, onde se devia realisar o concerto.

A fama da artista attrahira o mundo musical e culto, o fim caridoso do sarau a alta sociedade da cidade. A sala estava cheia. Na má disposição de espirito que me acommettêra qualquer coisa me irritava. Temia, sem mesmo saber o motivo, que Clara não fôsse feliz. Appareceu por fim no tablado, com um programma prêso ao corpo do vestido. Imaginei logo ouvir murmurios e sorrisos reprimidos. Clara, com o pescoço e braços nús, separada da massa sombria dos espectadores pelo espaço vazio do estrado, parecia-me uma estranha. Assentou-se ao piano e tive de confessar que as suas feições eram nobres, a sua postura digna e simples, sem affectação. Começou pelo concerto de Mendelssohn, que sei de cór; e ou fôsse porque se sentisse perturbada, ou fôsse porque o acolhimento enthusiastico do publico a impressionasse vivamente, não desenvolveu as suas faculdades quanto eu esperava. Experimentei um verdadeiro desgôsto; os meus olhos interrogavam-n'a com assombro. O seu olhar encontrou-se com o meu durante um instante. Acabou o trecho com alguns accordes sem realce, sem fôrça e sem inspiração. Não havia dúvida, era o que se chama vulgarmente um desastre. Engano! Os bravos resoaram, prolongados, formidaveis, como nunca ouvíra nem mesmo em Paris, onde o publico a apreciava immenso. As palmas só cessaram quando a artista reappareceu no estrado. Adeantou-se, com os olhos baixos; eu que sei lêr na sua alma, divisava nitidamente o seguinte pensamento: "Obrigado; por muito que me victoriem, estou descontente commigo, a minha vontade era chorar.„ Eu applaudia como todos. Lançou-me um rapido olhar cheio de censuras. Amava e respeitava demasiado a arte, para se deixar enganar por immerecidas ovações.

Assentou-se de novo ao piano e executou a sonata de Beethoven, em *dó menor*. É, a meu vêr, a obra musical que exprime com mais fôrça as magoas d'uma alma atormentada por não sei que fatalismo tragico; sobretudo o *presto agitato* da terceira parte. O andamento correspondia

á momentanea commoção de Clara, ou harmonisava-se melhor com o actual estado do meu espirito? Nunca ouvíra Beethoven interpretado com expressão tão viva, nunca lhe comprehendêra melhor a grandeza. Esta impressão communicava-se aos ouvintes. Encontrávamo-nos todos dominados por uma verdadeira angustia, não poderia empregar termo mais justo. Gravitava em roda de nós o que quer que fôsse de sobrenatural. Apparecia a nossos olhos um mundo desconhecido, informe, horrivelmente triste, illuminado por vagos reflexos lunares; um mundo onde suspira e geme um desespêro infinito. Era um indizivel assombro, que nos attrahia imperiosamente. Nunca me approximára tanto dos limites do absoluto. Experimentava uma especie de allucinação. Parecia-me que no meio d'este vácuo informe, d'esta semi-luz sepulchral, buscava alguem infinitamente adorado, um ser sem o qual me seria impossivel viver, que perseguia por toda a parte e sempre com a consciencia de me vêr condemnado a nunca alcançar. O meu coração cessou de bater; o alento extinguia-se-me no peito. A assistencia e até Clara, eram prêsas d'esta oppressão mysteriosa que paira em certos momentos por cima das nossas cabeças. Cessou de tocar, e ficou, por instantes, com a fronte e os cabellos levantados para o céo, pallida, com os labios entreabertos. Não era um effeito theatral, não; osculava-a um bafejo divino. Toda a gente o comprehendeu. Houve um grande silencio. Dir-se-ia que a concorrencia, empolgada por um mystico terror, ouvia ainda os derradeiros échos d'estes soluços, que traziam auras de mundos desconhecidos. De repente produziu-se um phenomeno singular. Os espectadores, como dominados pela previsão de qualquer terrivel catastrophe, soltaram um immenso clamor. Todos se precipitaram para o estrado. Vi cabeças inclinadas, labios que procuravam as mãos de Clara. A pianista puzera-se de pé e tinha os cilios franjados de lagrimas. As feições ficavam calmas, banhadas de luz. Consegui por fim approximar-me d'ella.

— Comprehendeu-me? perguntou-me em allemão.

— Sim; e senti-me extremamente infeliz.

28 de abril

Não fui hoje a Ploszow. Tenho ainda as cartas de Kromicki deante da vista. E desde hontem até agora, só tenho um pensamento que se resume n'estas palavras: "Amo Angela e quero que ella me ame.„ Os meus olhares, as minhas palavras, as minhas acções só terão de futuro esse objectivo. O sentimento, que não é ao mesmo tempo um desejo e um acto de vontade, deve necessariamente perecer. Pronunciemos pois essa formula magica: "Quero.„ Quero chegar a ser para Angela o que ella é já para mim: a creatura mais amada; quero que o meu amor seja correspondido; quero possuir os seus pensamentos e a sua alma, sem que os meus desejos conheçam limites. Farei tudo quanto me inspirar o coração, empregarei todos os meios que a minha intelligencia julgar melhores para conseguir este amor. Tirarei a Kromicki tudo quanto lhe puder tirar de Angela, e tirar-lh'a-hei por inteiro. Assim, ao menos, a minha vida terá um fim determinado. Saberei para que acordo de manhan, por que ando e me movo durante o dia, por que sinto necessidade de repouso á noite. Não serei completamente ditoso, porque não me bastaria só roubal-a, quizera tambem vingar-me; nada poderia desvanecer a brutalidade d'este facto: — ella é sua mulher — possuiu-a antes de mim. Emfim, colhamos da felicidade o que é possivel colher. Vae n'isso a minha salvação, e d'esta vez não se trata d'um capricho passageiro: o amor que me impelle para Angela é a resultante de todas as fôrças que actuam em mim, da vontade de todos os desejos inherentes ao nosso temperamento, e parte inseparavel do nosso ser.

Atiro com os escrupulos ao vento. O receio de vêr Angela desgraçada no dia em que me ame deve ceder ante esta verdade grande como o mundo, que o amor é o sufficiente para encher o coração humano, para o satisfazer para o salvar dos horrores do vácuo e do nada.

O momento em que a sua querida fronte se encostar ao meu peito, em que os seus labios tocarem os meus, será uma obra de bem e de verdade. No meio das dúvidas que me obscurecem o cerebro, só esta convicção brilha com luz pura; posso emfim dizer: "Creio„. Encontrei alguma coisa certa na vida. O amor, a unica causa, a unica base da existencia. Producto d'uma civilisação doentia, cresci no seu ambiente deleterio; o meu carinho soffreu tambem o seu contagio! Mas, doente ou são de corpo e de espirito, devo e quero amar!

4 de maio

Resido ha quatro dias em Ploszow; tudo quanto digo, quanto faço, quanto penso, tem só um fim unico. Encontrei esta manhan Angela ao voltar d'uma rua do parque. Nunca me parecêra mais formosa, mais desejavel, mais necessaria á minha ventura; é a Mulher! a unica no mundo. Em virtude d'essas fôrças mysteriosas, que a sciencia apenas entrevê, attráe-me como o iman attráe o ferro; domina-me completamente; absorve todo o meu ser; é a razão da minha vida. A sua voz, o seu olhar mergulham-me n'uma especie de embriaguez. Hoje, quando me acercava de Angela, parecia-me que além do encanto que emana da sua pessôa, se resumia n'ella o attractivo e a frescura d'esta hora matutina, o brilho d'esta primavera, a pureza d'este céo risonho, a alegria do gorgeio das aves, o perfume das flôres a desabrochar. É para mim mais que a Mulher: é a encarnação da belleza, da seducção, da voluptuosidade. D'aqui concluo, que visto a natureza outorgar-lhe esse imperio unico, exclusivo, que um simples olhar seu exerce sobre mim, tinha a destinado tambem a fazer a minha felicidade. Os meus direitos, imprescriptiveis foram calcados aos pés. Roubou-m'os o inepto casamento. Vêjo agora, que todas as perversidades, todas as desgraças d'este mundo, provéem da violação d'esses direitos naturaes. É n'elles, só n'elles

que se baseiam a justiça, a paz e a felicidade que se pode alcançar na terra. É um equivoco representar o amor com olhos vendados; nada, pelo contrário, lhe escapa, quando se trata da pessoa amada. Notei por isso immediatamente, que, na alameda de vetustos carpinos, Angela parecia mais esvelta, mais gracil, ainda mais joven. N'uma palavra, todos os encantos que admirava n'ella fundiam-se n'um sentimento de admiração apaixonada.

Aos "bons dias„ que lhe dei, respondeu confusa e perturbada. Este receio manifesta-se n'ella ha alguns dias; hypnotiso-a, por assim dizer, com o olhar e com a voz. A pureza da sua alma fica como embaciada pelo meu bafo; o fermento do mal opéra, porque é impossivel que não tenha comprehendido que a amo desvairadamente, mas não quer deixal-o transparecer e menos ainda confessar esse amor a si propria. Affigura-se-me por vezes que tenho uma pomba trémula nas mãos e que lhe sinto o coração palpitar entre os dedos.

Caminhámos por algum tempo, no meio d'um silencio compromettedor. Fugi de o quebrar. Este embaraço tão molesto, tornava-a, até certo ponto, minha cumplice. Apenas ouviamos a areia da alameda estalar debaixo dos pés, e os assobios alegres dos melros que saltitavam por cima das nossas cabeças.

Depois comecei a conversar. O meu espirito, indifferente a tudo quanto se não relacione com o fim em vista, adquiria, pelo contrário, surprehendente lucidez, logo que se tratava do meu projecto. Entrámos depressa no capitulo das confidencias. Dirigi-me a ella com essa expressão de franqueza e de confiança, que se encontra sempre ao pé da pessoa, que tem direito a ouvir e a saber tudo. Creava assim, entre nós, um mundo de projectos e de interesses communs. Conduzia-a passo a passo á infidelidade moral, n'uma gradação tão insensivel que nem sequer a podia suspeitar. A subtileza do seu espirito adivinhava todavia que seguiamos por caminho perigoso. Levava-a pela mão, mas sentia a cada instante essa resistencia instinctiva da alma, prompta a esquivar-se a um movimento mais brusco, a

cada curva mais accentuada da estrada. O ascendente, porém, ficava do meu lado. Não desesperava de a vêr breve no ponto para onde tencionava leval-a.

— Lembras-te, perguntei-lhe, de um dia, em tempos mais felizes, me interrogares porque não vivia aqui, porque desperdiçava esses dotes naturaes, que te comprazias a vêr em mim? Recordo-me ainda das tuas palavras. Era de noite; regressava tarde da cidade, tu esperavas por mim. Não me é possivel descrever-te a influencia extraordinaria que exercias na minha alma. Não pude começar nada, nada emprehender então, bem o sabes... tive de partir. Depois, sobreveiu a morte de meu pae. Os teus conselhos, porém, ficaram-me gravados na memoria. Se estou resolvido a trabalhar, se produzir qualquer coisa util e boa, a ti, só a ti se deve attribuir tal merito.

Calei-me: os melros continuavam a cantar no arvoredo. Angela parecia buscar e ponderar a resposta; ao cabo de alguns instantes respondeu:

— Não posso admittir que um homem como tu, tenha motivos graves que o impeçam de empregar proveitosamente o tempo. O que passou, não se deve recordar e não voltará mais; agora só temos deveres a cumprir.

— Não voltará mais? dizes. Tanto peor para mim. Duvído realmente que encontre assás interesse e incitamento no trabalho, se lhe metter hombros apenas com a idéa do dever. Em contrário dos teus principios, não tenho nenhuma noção d'esse dever. Preciso de outro motivo mais pessoal e mais poderoso. Só esse conseguiria modificar profundamente a minha existencia. Sim, sinto me desgraçado no mundo, e o motivo é faltar-me a inspiração. Para que enganar-te? Não sou feliz! A gloria ou o merito d'uma missão social a cumprir, é uma bella coisa... mas, por desgraça, não me attráe. Tu que és mulher, mais generosa que eu, poderias ter-me guiado por esse caminho... O céo decidiu de outra maneira. Mas, hoje como hontem, só a tua recordação me obrigaria a trabalhar, e só por ti e para ti me julgaria capaz de iniciar uma obra qualquer.

Angela apressou o passo, como se quizesse voltar ra-

pidamente para casa; começou a murmurar em voz baixa e suffocada:

— Não fales assim, peço-te... Bem sabes que não te posso ouvir.

— Porque? Pelo contrário, escuta-me. És e serás sempre a minha querida irman. Não te direi nada que seja indigno de ti ou de mim.

Extendeu-me a mão com um movimento febril. Levei-a aos labios como prova de profundo respeito.

— Sim, serei sempre tua irman, respondeu-me muito commovida.

Sentia-se tranquillisada. O titulo de irman acalentava-lhe a alma com uma impressão fagueira. As feições illuminaram-se-lhe, os olhos abriram-se-lhe n'um sorriso jovial. Á medida que nos approximávamos do castello desapparecia-lhe a inquietação; e eu, ao vêr que adormecêra os seus receios com a promessa de uma amizade fraternal, continuei em tom calmo e tranquillo:

— Sinto em redor de mim um vácuo enorme. Meu pae morreu, minha tia é uma santa; mas entre nós ha um abysmo! Não comprehende nem os tempos, nem os homens de agora; as suas convicções são absolutamente contrárias ás minhas. Como não me casarei nunca, vê tu a que horrorosa solidão estou condemnado. Ninguem a quem confiar os pensamentos, com quem compartilhe os meus projectos, as minhas alegrias ou as minhas dôres... O vácuo, só o vácuo!... Dize? Crês tu que é crime implorar um pouco de compaixão, onde espero encontral-a?... Sou um mendigo que pára no limiar da tua porta, e te pede esmola. Sim, esse pobre está aqui, na tua presença; misero na sua angustia moral como não ha outro: supplíca-te alguma piedade? É um obolo, uma insignificante esmola de affecto que implora, és tão cruel que lh'a recuses?

— Não, respondeu, não posso! visto seres tão desgraçado...

De subito não pôde pronunciar nenhuma palavra mais, os labios começaram a tremer-lhe. Fui obrigado a appellar para toda a minha fôrça de vontade para não me

deitar a seus pés. A sua vista inspirava-me tal commoção, que os soluços embargaram-me a garganta.

— Angela! Angela! exclamei, não conseguindo encontrar outras palavras.

Agitou as mãos, como se quizesse repellir para longe uma imagem tentadora, e murmurou por entre lagrimas:

— Não, não me digas mais nada. Deixa-me socegar. Não posso ir para casa n'este estado; deixa-me! deixa-me!

E afastou-se com passos rapidos.

— Perdôa-me Angela, gritava-lhe de longe.

Quiz ir atraz d'ella; depois pensei que era melhor que ficasse a sós com a sua perturbação. Limitei-me a seguil-a com os olhos. Metteu pela alameda de onde acabávamos de sahir. A folhagem da matta occultou-a por instantes; o seu vestido claro surgia por entre as arvores, batido em cheio pelo sol. Abria e fechava a sombrinha, procurando sem dúvida, com este movimento irreflectido, serenar o desasocêgo. Eu invocava-a na minha alma, dava-lhe as expressões mais ternas, que só o amor pode inventar. Não podia decidir-me a ir-me embora sem ter contemplado mais uma vez o seu rosto encantador... Esperei-a durante muito tempo. Voltou, porfim, deitando-me ao passar um sorriso cheio de bondade e de doçura.

— Já passou, disse.

Fiquei só; assaltou-me uma alegria doida; a esperança trasbordava-me do coração, enchia-me a alma um pensamento: "Ama-me; defende-se ainda; procura enganar-se, mas ama-me!„

Raciocino agora a sangue frio; analysei as causas do meu contentamento, e vêjo que se compunha de impressões contradictorias: era em primeiro logar o orgulho do artista satisfeito com a sua obra, a alegria feroz da aranha espiando a mosca prestes a cahir na teia; mas tambem a ternura, a bondade, a consideração, tudo quanto, para me servir da linguagem do poeta, faz a felicidade pura dos anjos do céo Experimentei indizivel dó ao pensar que a estremecida creatura, innocente e desarmada, devia cedo ou tarde deixar-se cahir em meus braços; mas este

dó ainda augmentava mais o meu amor. Tinha remorsos de abusar da boa fé de Angela e ao mesmo tempo a convicção que nunca encontrára inflexões tão sinceras, provenientes dos mananciaes mais profundos do coração.

10 de maio

Paz no céo e na terra, e paz nas nossas almas. Angela está tranquilla e feliz. Confia nas minhas palavras; crê nos meus sentimentos fraternaes; e como a sua consciencia lhe permitte amar com amor de irman, segue o impulso da sua alma. Tambem eu me encontro tranquillo; já não raciocino, góso n'este arroubamento íntimo. Reina entre nós uma liberdade, uma cordealidade deliciosa. Este domingo decorreu para nós como um idyllio. Domingo! Esta palavra era o bastante para me fazer bocejar outr'ora; comprehendo hoje como, debaixo d'este céo primaveril, no meio dos extensos e viçosos campos, nos pode parecer o mais deleitavel dos poemas. Depois do chá da manhan, fomos á egreja. Acompanhava-nos minha tia, e a senhora Celina, que, reanimada por este esplendido sol, quiz alli ser conduzida na poltrona. O parocho celebrava uma missa por intenção particular e havia pouca gente; o povo dos arrabaldes só comparece em massa á derradeira badalada que toca para a missa dominical. Assentado no genuflexorio do castello, ao lado de Angela, afagava a dôce illusão de que era minha noiva. Contemplei durante algum tempo esse querido semblante de perfil tão suave, as suas mãos postas no rebordo da cadeira, e então o recolhimento que as suas feições exprimiam communicava-se á minha alma. Os sentidos adormeciam, só os pensamentos se elevavam purificados para o céo: amava-a n'esse momento com um amor absolutamente ideal.

Havia muito tempo que não sentia impressões tão dôces, como n'essa humilde egreja de aldeia. Tudo contribuia

para esta sensação quasi santa. A presença de Angela, o scintillar das tochas na penumbra do altar, os prismas de luz reflectidos pelos vitraes, o gorgeio das aves na ogiva das janellas, a voz grave do sacerdote e as respostas do bedel. Tudo isto irradiava de si a frescura d'um sonho virginal e actuava d'uma maneira tranquilla e placida. Os pensamentos succediam-se eguaes e brandos, como os novêllos de fumo que ascendiam do incensorio. Despertava em mim uma avidez de sacrificio; dizia-me uma voz interior: "Não empanes o espelho com o teu bafo; respeita essa alma transparente.„

Concluida a missa sahimos da egreja. Divisei á porta, não sem estupefacção, os dois velhos camponezes, cujo filho acabava de morrer antes de tomar ordens, objectivo dos seus desejos e ambição. Assentados nos degráus de pedra, com uma escudella de madeira na mão, mendigavam. Minha tia, informada da dádiva que lhe fizera, não pôde reprimir a colera. Ouviram-lhe as censuras com altiva resignação. A pobre mulher não cessava de extender a bandeja para nós, e respondia com voz tranquilla:

— A generosidade dos senhores é generosidade; mas a vontade divina é vontade divina: é preciso obedecer-lhe. Visto teres ordenado que viessemos para aqui, meu dôce Jesus! aqui permaneceremos por todos os seculos dos seculos; cumpra-se a tua vontade!

Não havia que discutir. Este "por todos os seculos dos seculos; cumpra-se a tua vontade„, impôz-se-me. Dei-lhes algumas moedas de prata, só pela originalidade do facto. O povo crê na predestinação ou no fatalismo pagão. Submette-se a elle, limita-se a christianisal-o á sua moda. Os dois velhos, a quem presenteára com dois mil rublos, mais remediados agora que antes, imploravam a caridade dos transeuntes. Julgam obedecer assim ao destino, ou como dizia a pobre mulher, á vontade divina.

Voltámos lentamente para o castello. Os sinos tangiam chamando os fieis para a missa conventual. A estrada enchia-se a toda a largura de homens, mulheres e creanças. Os parochianos das aldeias mais afastadas caminha-

vam um a um atravéz dos campos, pelas veredas abertas no meio dos trigaes verdes, mas já espigados pelo sôpro tepido d'uma precoce primavera. Tão longe quanto a vista alcançava, sobresahindo em fundos aereos e luminosos, fluctuavam lenços de côres vermelhas, como papoulas de diversos cambiantes, a esmaltar a verdura das planicies. Nunca vi em parte nenhuma desenrolarem-se mais vastos espaços, horisontes tão indefinidamente longinquos. O que me feria, era esse aspecto distincto particular do domingo, evidente em toda a parte, e que parece revestir a natureza e os homens. O esplendor do céo concorria, na verdade, para isso; mas dir-se-hia que tambem a briza se calava por ser domingo; que os trigos ficavam immoveis ao longo das leivas; que as folhas dos altos choupos mal buliam com receio de perturbar o repouso do dia do Senhor. Era domingo! Por toda a parte calma profunda e risonha; por toda a parte um vago silencio; por toda a parte trajes de festa e ondas de luz.

Explicava a Angela a belleza d'este espectaculo sob o ponto de vista da arte; o encanto dos planos coloridos que se harmonisavam com o fundo azulado da atmosphera. Depois começámos a falar dos camponezes. Mas eu só via n'elles um conjuncto delicioso, alguns typos aqui e alli, que podiam servir de inspiração a um pintor. Angela, pelo contrário, considerava-os sob outro aspecto. Contou-me uma porção de pormenores caracteristicos, coisas ingenuas, tristes ou alegres; animava-se, o enthusiasmo da sua linguagem fazia com que parecesse ainda mais arrebatadora.

Oh! que delicioso dia! Minha tia partiu para Varsovia logo depois de jantar; eu fiquei com Angela junto da senhora Celina. Reli-lhe as cartas do conde de Montalembert: Angela ouvia; quando, por vezes, erguia os olhos para ella, encontrava o seu olhar, e sentia-me feliz!

Minha tia voltou de noite, participando que tinhamos visitas no dia seguinte. Clara Hilst e os Sniatynski devem vir jantar comnosco.

É tarde, mas não penso em dormir. Não tenho valor

para me separar das impressões d'este dia feliz entre todos. Ha momentos em que o sonho apaga todas as reminiscencias. E depois, o parque vibra com o canto dos rouxinoes. Existe em mim antigos vestigios de romantismo. A noite decorre tão serena quão brilhante foi o dia. O céo está recamado de estrellas. Penso em Angela, e digo-lhe: Oh! dorme, descança em paz, meu amor! Repeti estas palavras mais de cem vezes. Além da "improductividade slava„, a minha alma encobre uma boa dóse d'esse sentimentalismo exclusivamente polaco. Não me conhecia ainda por este lado. Mas que me importa! Amo Angela, amo-a

23 de maio

Clara e os Sniatynski não vieram, por causa do mau tempo. Desencadeou-se um tão grande vendaval que não ha memoria de outro semelhante em Ploszow. Primeiro soprou um vento ardente. Espessos turbilhões envolveram a terra e o céo. O parque encheu-se de ramos quebrados. A velha tilia, que dava sombra á casa onde morreu o seminarista, foi rachada ao meio. Abafávamos com a atmosphera torrida. Durante um certo periodo esteve tão escuro que parecia noite. A natureza estremecia n'um fremito de assombro. Os zagaes traziam á pressa os rebanhos das pastagens: ouviamos o mugido plangente das vaccas que vinha dos estabulos. Depois ribombaram os primeiros trovões n'um demorado e terrivel canhoneio. Minha tia agarrou na campainha abençoada por Nossa Senhora do Loreto e percorreu todas as casas tocando com quanta fôrça tinha. Era inutil explicar-lhe que n'esta atmosphera immovel e densa, as vibrações em vez de afastar o perigo mais o provocavam. Cumprido este primeiro acto religioso julgou do seu dever dar volta á vivenda pelo lado de fóra. Acompanhei-a para que não se arriscasse sósinha. Estava realmente magnifica, com a cabeça levantada em ar de

desafio para as compactas nuvens de tons acobreados, ameaçando-as com a campainha. Apresentava-se ante meus olhos um quadro symbolico: No momento em que tudo treme ante o poder dos elementos revoltados, em que tudo se occulta e se retráe, só a fé se ergue confiada e soberba, a affrontar o perigo e a dar alarme! Digam o que quizer, é um principio de incalculavel fôrça.

Voltámos porfim ao castello sem que o furor da tempestade afrouxasse. Encontrei Angela só no salão; a sua presença apaziguou o meu espirito abalado pelo assombro d'este espectaculo grandioso.

— Queres vêr a tempestade? perguntei-lhe.

— Se isso te dá prazer, respondeu.

— Vamos para a outra casa. Poderemos contemplar o céo, da sacada.

Acompanhou-me. Encostámo-nos á janella. A escuridão era completa, mas de segundo em segundo, os relampagos rasgavam as trevas com clarões fulvos e sanguineos. Então os abysmos do céo abriam de chofre as immensas profundezas; e nós, os nossos semblantes, os objectos que nos rodeavam illuminavam-se com um jorro de luz rapida. Angela parecia tranquilla, mas os coriscos do vendaval reaccenderam o ardor dos meus desejos.

— Não tens receio? murmurei-lhe ao ouvido.

— Não, nenhum.

— Dá-me a tua mão.

Olhou para mim de modo singular. Um minuto mais e enlaçal-a-hia nos braços; collar-lhe-hia os meus labios aos seus e depois... que morressem os Ploszow e o genero humano. Angela d'esta vez teve medo, não do temporal, mas da expressão do meu rosto, do som abafado da minha voz. Sahiu da janella e foi para o salão contiguo, onde estavam sua mãe e minha tia.

Fiquei só com um sentimento de colera e de humilhação. Teria com certeza abusado da sua fraqueza, e, no emtanto, parecia-me que era ella quem me offendêra com a sua falta de confiança. Resolvi fazer-lh'o sentir. Ah! mas quando me appareceu horas depois, tão meiga, tão tímida,

banhada pela luz aurea do sol, que se ostentava triumphante no céo azul, onde as ultimas nuvens se sumiam no horisonte, — esqueci o rancôr, esqueci as crueis desillusões, limitei-me a contemplal-a, sem poder tirar os olhos d'ella.

15 de maio

Os nossos convidados só hoje vieram. Andaram acertadamente. Tudo está sêcco, florído e perfumado; a natureza inteira resplandece. Este 15 de maio será uma data memoravel na minha existencia. É meia noite, mas não penso em dormir: o somno fugir-me-hia das palpebras. Os meus sentidos sobreexcitados conservar-me-hão desperto, tenciono escrever até a madrugada.

Minha tia mandou a carruagem buscar os convidados muito cedo, de maneira que chegaram a Ploszow ainda antes do meio dia. As damas vinham alegres, casquilhas, chilreando como pardaes. A belleza do tempo e a excursão matutina, puzera-as de excellente humor. Que lindissimos trajes! que chapéos! Clara, muito elegante, trazia um vestido claro, que lhe diminuia e adelgaçava o corpo.

Reparei que trocados os primeiros cumprimentos, Angela attenta, não cessava de a fitar. Parecia admirada da sua belleza, surprehendida de nunca me ter ouvido falar d'ella, não obstante ter-me interrogado mais d'uma vez a proposito da artista. Angela é como um quadro luminoso que intercepta a meus olhos quaesquer outros fulgôres. Por causa d'isto passam-me despercebidos uma porção de particularidades. Eis o motivo porque só hoje notei que a senhora Sniatynski cortára os cabellos. Ficam-lhe bem: a cabelleira d'um loiro doirado, raza com a testa, dá-lhe um certo ar de garoto travêsso. Vivemos agora na melhor harmonia. Houve tempo em que o seu odio me afogaria n'um copo de agua se pudesse; seu marido, porém, contou-lhe as torturas que soffria. Ora como as mulheres se

mostram sempre sensiveis aos que padecem por amor, perdoou-me e honra-me com a sua benevolencia. A presença d'esta senhora azougada e tão alegre quebrou rapidamente o gêlo dos primeiros momentos. Minha tia, que queria obsequiar Clara Hilst, recebeu-a com sincera cordialidade; Angela, pelo contrario, tão meiga, tão graciosa, mostrava-se concentrada e um tanto sêcca. Ao almoço a conversação animou-se e tornou-se geral. Clara, seduzida pelo encanto de Angela, exprimiu a sua admiração com a franqueza e simplicidade que lhe são caracteristicas. Esta sympathia parecia tão viva e tão natural, que seria impossivel não ceder a tanto enthusiasmo e singelleza. Os Sniatynski trataram cada um de seu assumpto diverso. Elle, principiou a discutir com Clara ácêrca dos differentes typos de belleza feminina. Tomando Angela por exemplo, sob um ponto de vista absolutamente objectivo, como se falasse d'uma tela ou d'uma estatua de mestre, começou a analysar-lhe as feições, a indicar essa harmonia de conjuncto, necessaria ás leis da esthetica. Angela escutava, baixando as compridas pestanas, rubra de enleio, e o enleio ainda a tornava mais seductora.

Comparava estas tres mulheres. Não havia entre si semelhança possivel. O que impressiona em Angela, não é só o desenho harmonioso das linhas, é não sei que graça, que expressão nobre e adoravel, que a tornam um modelo absolutamente áparte. Sim, é unica no seu genero, superior até á senhora Davis, cuja belleza classica tinha muito da rigidez e da impassibilidade do marmore. Laura só dominava e despertava os sentidos. Angela fala aos meus sentimentos, torna-me idealista, faz-me admirar a poesia que emana da sua pessoa; poesia absolutamente nova, e até agora desconhecida para mim. Mas não é profanar Angela comparal-a a Laura?...

A voz de minha tia arrancou-me ao devaneio. Punha termo á discussão felicitando Clara nos seguintes termos: "O seu concerto fôra um triumpho; não só se mostrára bemfeitora dos indigentes, mas ainda bemfeitora das almas, que commovêra, arrebatára, enlevára com o seu ta-

lento. Minha tia falava com o coração nas mãos; surprehenderam-lhe os seus conhecimentos musicaes; punha em realce aquella urbanidade requintada das grandes damas do seculo passado, que só se encontram, salvo raras excepções, nas pessoas pertencentes a uma geração prestes a desapparecer. Vi que a "Bemfeitora rabujenta" sabia, quando queria, fazer reviver o bello tempo das cabelleiras empoadas.

Clara, reconhecida a esta amabilidade, não lhe quiz ficar atraz.

— Hei de sempre tocar bem em Varsovia, respondeu, porque o publico comprehende-me; mas encontro-me ainda mais á vontade n'este grupo restricto d'uma sociedade escolhida: esforçar-me-hei por proval-o immediatamente, se quizerem dar-me o prazer de me ouvir.

Ia assim ao encontro do desejo íntimo de minha tia, que se empenhava em que a senhora Celina e Angela a ouvissem. Este delicado offerecimento fez com que o bom humor de minha tia chegasse ao cumulo. Clara insistiu em cumprir a sua promessa logo que fômos para o salão. Mozart correspondia melhor d'esta vez, parece, á actual disposição do seu espirito, porque começou por variações sobre o thema de *Don Juan*. Mal fez vibrar as primeiras notas, logo appareceu outra Clara ante nossos olhos. Não era já a joven simples e risonha, que gracejava á mesa, era a encarnação de Santa Cecilia. De novo me impressionou o estreito laço que existia entre a sua personalidade e o sôpro ou o estro da musica. Uma poderosa inspiração, não sei que de solenne, erguiam-n'a muito alto por cima das demais pessoas. Convenci-me tambem que o coração apaixonado do homem consegue alimentar o amor, exactamente com aquillo que pareceria dever amesquinhar a seus olhos a mulher amada. Quando pensei na distancia que separava Angela da inspirada sybilla, quando a vi assentada a distancia n'um canto do salão, silenciosa, esta, senti que ainda a amava mais. A mulher amada não é tal como a vêem os olhos dos indifferentes, e sim como se apresenta á contemplação enlevada do amante.

A perfeição absoluta está na razão directa da fôrça do amor inspirado.

Voltando a Clara. Foi admiravel. Procurava medir o grau de intensidade, de sentimento, produzido pela musica nos rostos das pessoas que me rodeavam, quando de repente vi que Angela observava essa mesma impressão nas minhas feições. Seria simples curiosidade? ou anceio inconsciente do coração, incapaz de disfarçar a apprehensão que soffre? Se esta ultima hyppothese se confirmasse, constituiria uma prova da ternura secreta que Angela me dedicava: bastou este pensamento para me encher de satisfação. Necessitava resolver o problema e no decorrer do dia.

Desde então não me tirei de junto de Clara: só me occupava d'ella, só a ella me dirigia; n'uma palavra, demonstrei-lhe a mais assidua preferencia. No passeio que démos de carruagem pela floresta, conservei-me sempre a seu lado. O aspecto primaveril do bosque encantava a artista. Por cima dos gigantescos pinheiros, a verdura das arvores de perfumes variados, combinava as côres n'uma profusão infinita de gradações e de tons. Caminhavamos por debaixo d'uma abobada sombria, formada por uma fragil arcaria com frinchas luminosas. O sol penetrava até os arcanos da floresta coando-se atravéz da massa espessa da ramagem, bordando, como um recamo de oiro movediço, nas folhas rendilhadas do fetos. Os cucos faziam repercutir o cantico de echo em echo; os picanços, empoleirados nos ramos nodosos das arvores, batiam na casca tumida de seiva, com o bico acerado.

Angela e os Sniatynski tinham ficado para traz. Quando nos approximámos, pedi a Clara para nos interpretar quando voltassemos, o encanto d'esta floresta impregnada de sol, das arvores ciciantes de murmurios, n'uma palavra, toda a poesia da primavera. Repondeu-me que no fundo da sua alma vibrava já um *Fürhling's lied* e que diligenciaria interpretal-o. A sua alma é como uma grande harpa, onde os sentimentos sôam com puras harmonias.

Com a fronte radiante, com as faces purpurinas, quanto differia de Angela preoccupada, melancholica, apesar dos seus visiveis esforços para se amoldar ao diapasão de alegria geral. Os Sniatynski, especialmente, divertiam-se como dois collegiaes em ferias. Acabaram por jogar as escondidas, occultando-se com as velhas carvalheiras. Clara, incitada por esta expansão, quiz ser da partida. Não fez bem; o movimento deselegante dos seus largos quadris, pareceu-me extraordinariamente comico. Deixei-os entregues aos folguedos e approximei-me de Angela. Desejava em primeiro logar despertar n'ella o sentimento consciente da sua inquietação e do seu mal estar.

— Tens alguma coisa que te entristeça? perguntei, affectando um tom de solicitude fraternal.

— Eu? Não; enganas-te, asseguro-te.

— É que ha momentos em que pareces descontente. Clara não teria a ventura de te agradar?

— Pelo contrário, acho-a muito sympathica; não me admiro da fascinação que exerce nos que a rodeiam.

D'alli a pouco, Clara e os Sniatynski vieram ter comnosco. Não nos pudémos afastar. Era tempo de voltar para casa. No caminho, Sniatynski continuou a interrogar Clara: "Encontrava-se verdadeiramente satisfeita do que chamava a sua excursão ás margens do Vistula?„

— Estou tão encantada, respondeu, que nem sequer penso em partir.

— E esforçar nos hemos por conserval-a entre nós, exclamava eu em tom convencido.

— Tratam-me aqui todos tão bondosamente!

As minhas palavras tocavam as raias da improbidade, não tenho escrupulo em confessar, por isso que podiam induzir Clara a um êrro sobre a natureza dos sentimentos que nutria a seu respeito; mas desejava antes de tudo certificar-me do effeito que estas palavras produziam em Angela.

Infelizmente não consegui surprehender a expressão do seu rosto. Principiou a abotoar as luvas, com a cabeça inclinada. Mas os movimentos nervosos, a teimosia em

conservar a fronte pendida, não eram indicios da minha victoria?

Minha tia esperava-nos para irmos para a mesa; a demora fôra grande; o jantar prolongou-se até ás nove horas. Depois Clara fez-nos ouvir o seu *Canto da Primavera*. Ah! que musica! O improviso era sublime. Creio que Ploszow nunca mais ouvirá nada parecido.

Eu, porém, escutava abstracto; os pensamentos voavam para Angela; estavamos agora ao lado um do outro, na penumbra côr de rosa d'um crepusculo de verão; Clara não quizera que se accendessem as luzes. De pé, proximo do piano, Sniatynski batia o compasso, servindo-se da bengala á guisa de batuta, apesar dos protestos de sua mulher que a todo o momento lhe puxava pela manga. Angela estava immovel, absorta, indifferente talvez ao *Furhling's lied*. Dizia commigo que, pensando em Clara, recordava as minhas palavras de ha pouco: "E esforçar-nos-hemos por conserval-a entre nós„, e procurava adivinhar-lhe o sentido. Porque por mais que me não queira amar, a idéa que outra mulher poderia agora empolgar-me o coração, devia fazel-a soffrer: experimentava um sentimento de amargura e de pena. Se n'esse momento lhe cahisse aos pés, se lhe confessasse o meu amor, é de suppôr que sentisse a alma inundada de alegria. É tão dôce recuperar um bem que se julgava perdido; e então, sendo assim, porque retardar a scena decisiva? O triumpho consistia em bem preparar e escolher o momento, em adormecer a vigilancia de Angela, em surprehendel-a, em desarmal a, em lhe tirar os meios e a fôrça de repellir as minhas confissões. A empresa exigia toda a concentração de espirito. Invadia-me uma commoção indiscriptivel. Coisa singular! Era a sorte de Angela que me preoccupava. Comprehendia que ia passar por uma das crises supremas da sua existencia e tinha medo por ella!

Penetrava no salão uma claridade pallida. A lua, erguendo-se por cima do arvoredo do parque, desenhava no tapete a sombra tremula das quatro janellas da sala. Os accordes do "hymno„ resoavam em silencio. Pelas sacadas

abertas, chegava até nós o canto dos rouxinoes. Os seus gorgeios ascendiam dos ramos e misturavam-se com as notas de musica. Tudo se condensava n'uma harmonia subtil: a tepida noite de maio, a musica, o amor. Se a vida nem sempre dá felicidade, proporciona-nos muitas vezes a sua miragem.

No meio d'esta sombra, procurei Angela com os olhos; ella, porém, olhava com fixidez para Clara. A artista transfigurara-se. Dir-se-hia uma apparição celeste. O luar cada vez mais limpido, como um fluxo ligeiro de vagas transparentes, envolvia-a d'um nimbo prateado. Circumdada por esta esplendida aureola, Clara parecia o espirito da musica que baixára por um instante á terra. Depois a visão desappareceu: expiraram as ultimas notas do *Lied*. Immediatamente a senhora Sniatynski deu o signal de partida. Propuz a Angela acompanhar os nossos convidados até a extrema do parque. A noite estava tão formosa! Sabia antecipadamente que não ousaria ou não poderia recusar por consideração para com as visitas. Minha tia não tinha vontade de nos acompanhar porque estava a cahir de somno. Tudo sahia á medida dos meus desejos. Voltariamos sós, Angela e eu. Emquanto a carruagem ia adeante, para esperar á beira da estrada, nós seguiamos lentamente pela alameda das tilias. Offerecêra o braço a Clara; na larga rua caminhavamos todos em linha. Em redor de nós tudo era paz e silencio. Só as rans conversavam amorosamente coaxando sem cessar. Clara parou para escutar este côro que ora se ouvia em surdina ora resoava com toda a fôrça.

— Eis o *finale* do meu canto, disse ella.

— Oh! noite esplendida, noite deliciosa! exclamou Sniatynski, e pôz-se a declamar o conhecido trecho do *Mercador de Veneza*.

De alli a pouco estávamos na estrada; os nossos hospedes metteram-se na carruagem. As rodas resaltaram na calçada pedregosa; a briza trouxe-nos ainda as despedidas, os: "Adeus! Até breve!„ Depois tudo se sumiu ao longe.

Estavamos finalmente sós. Voltámos em silencio para o castello. As rans tinham dado por findo o concerto. Do lado dos campos ouviam-se de quando em quando os assobios dos guardas campestres, logo seguidos do ladrar dos cães de fila. Eu caminhava calado: o silencio sempre foi cumplice do amor. Porfim, quando já tinhamos percorrido metade do trajecto, soltei esta phrase banal:

— Que dia tão bem passado, não é verdade?

— É, respondeu Angela; mas a musica! pode imaginar-se nada mais bello?

— Todavia pareces descontente: oh! não o negues. A mim preoccupa-me tudo quanto te diz respeito: uma sombra de pesar no teu rosto perturba-me e inquieta-me.

— Não te apoquentes por tão pouco; não sentia nada, e demais tinhas de te occupar hoje mais dos convidados que de mim...

— Hoje como sempre, só me occupei de ti, juro-t'o: e, a prova, é que te vou dizer em que pensaste durante todo o dia.

E continuei sem esperar resposta:

— Pensaste que me parecia um pouco com os dois velhos mendigos de domingo, que estavam assentados no adro da egreja; pensaste que te enganára quando te falei do vácuo moral que me rodeia; dizias comtigo que implorava a tua amizade, quando andava a procurar outra... Não foi isto? Sê sincera...

Pareceu hesitar, mas no fim d'um segundo replicou:

— Visto que assim o queres, é verdade, foi... pode ser que fôsse, só tinha que me regosijar.

— Regosijar-te de que?

— Da amisade que dedicas a Clara Hilst e que ella retribue.

— Enganas-te; posso apparentar que a estimo... mas no fundo, é para mim tão indifferente como outra qualquer, como todo o mundo... e tu sabes a causa.

A minha voz tremia; approximava-se o momento decisivo: esperava o instante em que Angela me interrogasse; mas como se conservava silenciosa, e não podendo d'esta vez dominar a commoção, proseguí:

— Sim, deves sabel-o; deves comprehender que todo o meu ser te pertence, que só a ti amei no mundo, e que te amo ainda hoje com desvario!

Angela estacou, como se fôra para desmaiar. Pela minha fronte passou um sôpro gelado; porque emfim, se o chão fugisse debaixo dos pés d'esta creatura idolatrada, ia com ella a minha alma, a minha existencia. Era necessario apressar-me, assestar-lhe os ultimos golpes, não lhe dar tempo a serenar!

— Não me interrompas, exclamei, accentuando e martellando as phrases, não quero ouvir nada... Repito-te que és dona da minha vida... que é propriedade tua... Demais já o sabias. Que mal te fazem as minhas palavras? Não te canses a repellir as minhas confissões, retirar-me-hei quando quizeres. Mas deixa-me ao menos dizer tudo quanto sinto. Volto-me para ti, só tenho a ti no mundo, e digo-te: soffro, sou um desgraçado, amo uma mulher que pertence a outro, que não pode, que não quer ser minha... e amo-a com loucura... amo-a com ancia .. sem reflexão!...

Estávamos proximo da cancella; mas circumdava-nos ainda a sombra espessa das arvores. Julguei durante um instante que ia inclinar-se para mim, como uma flôr partida pela haste. Ai! enganava-me! Voltando a si do primeiro abalo, Angela começou a repetir, com uma energia nervosa de que a suppunha incapaz:

— Não quero ouvir-te! — não quero! não quero!

Ao dizer isto entrava no pateo varrido pelo luar. Fugira-me, arrancára-se á minha influencia, ás minhas declarações. Vi que desapparecia no portico do vestibulo, e fiquei só, prêsa d'um sentimento de inquietação, de piedade, mas tambem de triumpho; porque afinal pronunciára essas palavras, que para nós deviam inaugurar uma existencia nova. O resultado obtido devia satisfazer-me: a semente lançada germinará de futuro n'essa alma.

Entrei pouco depois no salão; Angela não estava alli.

Minha tia passeava ainda de rosario na mão; interrompendo-se a meio das orações, para se interpellar e

responder a si mesmo segundo o costume. Despedi-me d'ella, pois tinha pressa de ficar só. Quiz confiar ao diario a narrativa d'estes acontecimentos, esperando encontrar algum socêgo no trabalho; mas a sobreexcitação ainda augmentou mais. Não dormi. Começa a alvorecer. Resolvi passar alguns dias em Varsovia. É preciso deixar a Angela tempo para habituar a sua consciencia á perturbação que lhe devem ter causado as minhas palavras. Escrupulos? Remorsos? Não os sinto. Além d'isso basta uma phrase para os dissipar — e essa phrase... é "Amo-a„.

E se o meu coração se dilacera com a idéa que lucta e que tambem soffre, vejo n'isso uma nova prova do nosso amor. Amâmo-nos! Em presença d'esta verdade, tudo quanto possa vir a succeder... é culpa do destino.

Varsovia, 19 de maio

Na noite immediata á da minha chegada aqui, dormi com um somno de chumbo. Em Ploszow, cada minuto que não consagrava a Angela, era um instante de felicidade perdido para mim; habituara-me a redigir o diario nas horas em que ella se entregava ao somno. Este excesso irritou-me furiosamente os nervos. Sinto-me ainda abatido, mas ao menos posso coordenar os pensamentos. Envergonho-me de a ter deixado só comsigo, afflicta, vergada ao pêso dos escrupulos. Mas acreditará que lucto, que a receio, que lhe fujo, e este genero de cobardia fez-se para agradar ás mulheres. Procedamos com ordem e methodo. Disse a Angela que resolvêra emprehender uma obra proveitosa para o paiz. Quero honrar a minha palavra. Para dar cumprimento a ella, vou mandar transportar para aqui as collecções de meu pae. Fundarei um museu que terá o meu nome. Dever-se-ha a Angela. Surgirão, é certo, difficuldades. O governo italiano, por uma lei recente, procurou evitar a sahida de qualquer obra de arte, ou

riqueza artistica para além das fronteiras. Os advogados que tratem do assumpto. Penso na Madona de Sassoferrato, legada por meu pae á sua futura nora. Preciso que m'a enviem com urgencia. Pode servir para os meus designios.

22 de maio

O homem é mau por natureza. Kromicki percorre a *steppe* atraz de milhões, com risco de cahir, ao passo que eu murmuro palavras de amor aos ouvidos de sua mulher, o que não lhe deve ser muito agradavel. É possivel que Angela se tenha lembrado do mesmo. Demais, não estou eu ahi para lh'o recordar, caso a idéa não se lhe apresentasse ao espirito?

Volto para Ploszow ámanhan. A vida é demasiado triste. Preciso haurir um pouco de luz e de felicidade nos olhos de Angela. Ausentar-me no dia immediato ao da declaração foi bom! Voltar hoje é melhor ainda! Quem sabe? Talvez a minha ventura seja mais completa do que ouso esperar! Ella chora... espera-me.

Passei o dia em visitas... aos Sniatynski; a Clara, a quem não encontrei; a casa da princeza Korycka, uma belleza celebre, ainda minha parenta. A princeza usa o seu nome de familia, como um *jockey* traz o gôrro... e a graça que possue serve-lhe de chicote. Fustiga os adversarios com elle em pleno rosto.

23 de maio

Cheguei a Ploszow esta manhan. Encontrei Angela um pouco pallida mas tranquilla. Olha-me sem perturbação. A pobrezita devia ter forjado um arsenal de argumentos invenciveis. As minhas previsões não me enga-

naram. De tarde, á hora em que a senhora Celina costuma adormecer na poltrona, Angela desceu ao jardim e fez-me signal para que a seguisse. Lia-se no seu rosto uma funda expressão de gravidade; mas, á medida que nos afastávamos da varanda, diminuia-lhe a coragem. Empallidecia, a sua energia aterrorisava-a; mas não podia já recuar; teve de entrar no assumpto. Ah! como a sua voz tremia!

— Não fazes idéa quanto padeci estes ultimos dias!

— E eu! pensas acaso que soffri menos?

— Não, não... bem sei. Quero fazer-te um pedido... Deves comprehender-me, és generoso... não m'o recusarás, tenho a certeza.

— Dize! Que exiges de mim?

— É preciso... é preciso que te vás embora e que não voltes mais a Ploszow, pelo menos durante o tempo que a saude de minha mãe nos impeça de ir residir para outra parte.

Previra que me quereria impôr esse sacrificio; todavia, conservei-me silencioso como se reflectisse e procurasse uma resposta no auge do meu assombro e da minha dôr, até que porfim respondi:

— Curvo-me ante as tuas decisões; mas não saberei ao menos porque me condemnas a tão duro exilio?

— Não te condemno a exilio, não tenho direito a isso... supplico-te, apenas te supplico que partas... oh! se soubesses.

— Sei, retorqui d'esta vez com uma tristeza e uma resignação que não eram fingidas, adivinho; devo partir porque derramaria por ti a ultima gôtta do meu sangue; porque, se o raio te quizesse fulminar, offereceria alegremente a cabeça ás iras do céo, para poupar a tua; porque quero para mim todo o mal e deixar-te todo o bem... porque te amo mais que a vida .. é esse o meu crime!

— Não! interrompeu Angela, com um accrescimo de fôrça e de energia... não! é porque sou mulher d'um homem a quem amo, a quem respeito, é porque não quero ouvir mais semelhantes palavras... não quero mais.

A colera, a indignação sacudiram todo o meu ser como se estivesse debaixo da acção d'uma pilha electrica. Sabia que Angela não dizia a verdade; sabia que todas as mulheres, todas sem excepção, levadas ao extremo em que ella agora se via, fazem uma arma d'esse supposto respeito e d'essa pretensa ternura; estive a ponto de bradar: "Mentes; nem o amas nem o respeitas!„, mas consegui dominar-me. Via que a sua coragem estava prestes a abandonal-a, e repliquei com doçura:

— Não te impacientes, Angela; pois bem, partirei...

Esta humildade foi o sufficiente para a desarmar; colheu uma folha d'um ramo pendido ao alcance da mão, e triturou-a entre os dedos. Os soluços suffocavam-lhe a garganta, luctava, fazendo esforços sobrehumanos para não deixar correr o pranto.

O meu peito estorcia-se n'uma dôr pungente; e continuei, com a voz cada vez mais oppressa:

— Não te admires da minha revolta, porque é um supplicio mortal o que me infliges. Disse-te já, só pedia uma coisa: respirar o mesmo ar que tu. Era exigir muito? Tomo a Deus por testemunha. Todas as minhas ambições, toda a minha felicidade se resumiam n'isso. E arrancas-m'a. Pensa bem! Todos podem vir aqui, vêr-te, ouvir-te, conversar comtigo, e eu não... Que requinte na crueldade do destino. Põe-te um instante no meu logar. Não, não podes, não conheces este vácuo medonho. Tens um marido, ámal-o ou pelo menos julgas amál-o; mas imagina que estás só, como eu, e comprehenderás que tal decisão equivale a uma sentença de morte. Tem piedade de mim. Condemnando me a este exilio, privas-me não só de te vêr, mas, ainda mais, destroes as bases sobre as quaes queria assentar a minha vida. Regressára á terra natal resolvido a tornar-me util aos meus semelhantes. Talvez encontrasse allívio e esquecimento no cumprimento do dever; talvez conseguisse resgastar as antigas faltas. Deliberára mandar vir para aqui as collecções de meu pae, e legal-as á minha patria; e ordenas-me que renuncie a esses projectos; exiges que abandone tudo, que vagueie pelo mundo

como um preceito; que recomece esta vida sem objectivo e sem esperança, sem que um só raio do céo a illumine. Pois seja, obedecer-te hei, mas ao menos concede-me um praso. Reflecte. Addia para de aqui a tres dias a execução do terrivel decreto: porque supponho que não adivinhas as torturas do inferno que me alanceiam ao ouvir a palavra partir. Agora sabes tudo. Julga e sentenceia.

Angela occultou a cara nas mãos e murmurou:

— Ah! meu Deus! meu Deus!

Este grito desesperado d'uma pobre creatura sem defesa acabrunhava-me. Quiz cahir a seus pés, resignar-me a tudo que lhe aprouvesse impôr-me. Mas por outro lado o seu pranto deixava entrevêr o meu proximo triumpho. Era necessario não o comprometter com alguma desastrada manobra.

— Escuta-me, disse-lhe, partirei hoje ainda, ficará o oceano entre os dois, mas ao menos deixa-me levar a certeza de que o fazes por temer a fraqueza do coração. Falo-te como amigo, como irmão. Sei que me amaste. Se esse sentimento subsiste ainda em ti, ámanhan estarei longe de Ploszow.

Dictava-me estas palavras uma dôr sincera e comtudo havia n'ellas um laço. Podiam e deviam com effeito arrancar o segredo de Angela. Que faria se dos seus labios sahisse a confissão ha tanto tempo esperada? Partiria? Talvez. Mas ao menos estreital-a-hia contra o peito durante um instante.

Agitou-a um estremecimento como se bruscamente lhe pozesse a mão n'uma ferida; o rosto cobriu-se-lhe d'um rubor de indignação e de pejo.

— Não, exclamou com voz desesperada, não é verdade. Fica ou parte, só te repetirei estas palavras: "Não é verdade! não é verdade!„

E, não obstante, era verdade, amava-me. A sua excitação, o seu desvario provavam-n'o com eloquencia. Tive tentação de lh'o lançar em cara, d'uma maneira brutal... mas vi minha tia que se dirigia para nós. Apenas olhou para Angela interpellou-a

— Que tens? De que falavam com tanta animação?

— De coisas tristes, respondi sem pestanejar: da venda d'esses bens que tantos desgôstos causou á senhora Celina e devia influir tão deploravelmente no seu estado de saude.

Estava angela extenuada de fôrças, ou a mentira de que se viu obrigada a ser cumplice com o silencio fez succumbir a sua alma cheia de amargura? A verdade é que de repente rompeu em sentidos soluços. Este chôro espasmatico tornava-lhe o seio offegante; minha tia, assustada, aconchegou-a ao peito, diligenciando serenal-a.

— Angela! minha filha! Não te apoquentes. Submettamo-nos á vontade divina. A ultima saraivada destruiu cinco das minhas propriedades e não me queixei; nem sequer censurei Chwastowski.

A allusão ás cinco propriedades destruidas pela saraiva pareceu-me tão inconveniente, tão egoista, tão miseravel, comparada com estas lagrimas e com este soffrimento, que não pude reprimir um movimento de colera e estive para dizer:

— O que valem as suas propriedades quando se trata da felicidade de Angela? Afastei-me com a alma torturada, porque sentia que infligia um verdadeiro martyrio á mulher que amava. Ganhára a batalha em toda a linha e experimentava uma tristeza immensa com a ameaça terrivel e mysteriosa do futuro.

25 de maio

Decorreram tres dias depois da memoravel entrevista. Angela não me relembrou o compromisso de sahir da Polonia. Ficarei. Fala pouco commigo, desde então, e vive retirada: está quasi sempre nos seus aposentos e ao lado da mãe. Todavia não faz gala em fugir-me. Eu continúo a prodigalisar-lhe incessantes provas d'uma solicitude e amizade discretas. Estudo a situação e submetto-a a uma analyse absolutamente objectiva. Supponho que se trata

d'um terceiro, não de mim, e chego á seguinte conclusão: Se o presente pertence de direito a Kromicki, o coração de Angela não lhe pertence de facto. Não o ama. A sua resistencia será demorada, porque uma alma tão pura não pode resignar-se ao crime da infidelidade conjugal. Mas nada a sustenta n'esta lucta. Necessito vigiar sem treguas, não descançar um momento a meio da obra emprehendida; tecer o trama com uma rêde de fios tão tenues, que mal se possam vêr.

Deus me livre sobretudo de collocar inopportunamente os dedos n'este teclado de notas tão delicadas e tão vibrantes, quando chegar o momento do supremo accorde. Se commetter alguma falta será attribuida ao excesso do meu amor e, por isso mesmo, redundará em meu proveito.

26 de maio

Contei a Sniatynski a resolução que tomára de mandar vir para Varsovia as minhas collecções. Os jornaes occupar-se-hão do facto e devem outorgar-lhe proporções de obra civica. Angela poderá assim comparar-me a Kromicki. Telegraphei para Roma para que me mandem a Madona de Sassoferrato. Hoje ao almôço disse a Angela que meu pae lhe destinára esse quadro por uma clausula do testamento. Angela córou: é porque meu pae a considerava então como filha. Conseguíra o meu fim, despertára na sua alma um enxame inteiro de reminiscencias. Ficou durante algum tempo silenciosa, depois querendo talvez dissipar essas visões do passado, principiou a conversar em coisas indifferentes.

Estamos em vesperas de corridas. Minha tia, uma *sportswoman* ferrenha, cujas côres n'estes ultimos tempos teem triumphado mais d'uma vez na pista, só pensa e sonha com a victoria certa do seu *Naughty Boy*, o invencivel campeão das suas coudelarias. Angela trouxe a con-

versação para este terreno escabroso, mas parecia não se ter compenetrado da gravidade do acontecimento; demais, teve a infelicidade de fazer certas perguntas que demonstraram a sua inteira incompetencia na materia; n'uma palavra, fez jus á seguinte resposta:

— Bem se vê, minha filha, que te mettes em coisa de que não fazes a minima idéa.

Eu pensava: "Fala assim para se aturdir, para impôr silencio á voz do coração.„ Ora essa voz diz-lhe: "O amor! O amor existe fora do casamento!„ A semente que lançei germinou-lhe na alma. O pensamento da infidelidade desenvolve-se e não a larga. Agua mole em pedra dura tanto bate até que fura. Por pouco que Angela se lembre do passado, acabará, cedo ou tarde, por me cahir nos braços.

Ha, em alguns sitios, ao longo das costas, areias movediças. Quem n'ellas se aventura por descuido está perdido. O meu amor parece-se com esses bancos. Cada dia me enterro mais e vou arrastando commigo Angela.

28 de maio

Minha tia quasi não se tira das coudelarias. Admira *Naughty Boy* e vigia o palafreneiro John Webb... *Naughty Boy* é na verdade um animal promettedor. Prasa a Deus que não se mostre demasiado *naughty* (mau, travêsso) no momento da lucta.

29 de maio

Hontem, ao entrar na casa de jantar, encontrei Angela subida n'uma cadeira, a acertar um velho relogio de Dantzig. No momento em que se erguia na ponta dos pés, afim de chegar ao ponteiro para o pôr na hora, a cadeira vacillou. Só tive tempo para lhe gritar: "Vaes cahir„, e,

agarrando-a nos braços, colloquei-a no chão. Durante um fugitivo segundo, senti o contacto d'esse corpo encantador; os seus cabellos roçaram-me pelo rosto, e o seu halito bafejou-me os labios. Tive uma vertigem, fui obrigado a encostar-me á parede para não desfallecer: Angela comprehendeu; sabe bem que a amo com loucura.

30 de maio

Angela recebeu outra carta de Kromicki; envenenaram-me o dia. Ouvi que, informava minha tia: "Não pode ainda fixar a data do regresso; depende dos negocios; vêl-o-hemos talvez breve... o mais tardar de aqui a dois mezes...„ Oh! que bella perspectiva! Não sei como supportarei a sua presença ao lado de Angela. Parece-me que isso excederá a medida das minhas fôrças. Conto com um acaso feliz, com circumstancias imprevistas para desviar o golpe. O doutor Chwastowski receitou as aguas de Gastein á senhora Celina. Partirá para alli logo que as fôrças lh'o permittam. Gastein é tão longe de Bakum! Kromicki, espero-o, hesitará em ir ter comnosco. Que soberba idéa teve o doutor! Porque eu, juro-o a Deus, acompanhal-as-hei! O ar das montanhas fez-me sempre muito bem. Telegrapharei ámanhan á administração dos banhos para nos reservar aposentos. Se estiver tudo occupado, comprarei uma *villa*, e liquidarei o caso apresentando contas ficticias á mãe de Angela. A pobre senhora hesita ainda por causa das despesas; confia mediocremente nos milhões do genro. A viagem realisar-se-ha: respondo por isso. Basta que me mostre indeciso na escolha de banhos de mar ou d'uma estação thermal, para que minha tia seja a primeira a dizer: "Porque não vaes ter com essas senhoras? é sempre melhor estar acompanhado.„ Angela terá escrupulos; mas quem sabe, talvez se regosije no intimo da consciencia. Talvez se lembre dos versos do poeta:

Estaes em toda a parte, e sois a minha sombra.

Assim é! O meu amor traça em volta d'ella um circulo magico. Envolve-a, aperta-a, impõe-se-lhe ao coração debaixo das apparencias falazes da solicitude e da amizade. Ouve elogiar-me desde pela manhan até á noite; minha tia só vê pelos meus olhos; o doutor, com essa independencia de opinião que caracterisa os novos do seu partido, declara que sou uma excepção na minha "esphera putrida„. A senhora Celina reconciliou-se completamente commigo. N'uma palavra, existe em volta de Angela como uma incessante suggestão de amor. Tudo me auxilia nos meus planos: a natureza e os homens. E tu, minha bem amada, resistirás ainda por muito tempo?... Quando me virás dizer: "Fiquei vencida, aqui me tens, amo-te!„

Varsovia, 31 de maio

Espalhou-se o boato de que pedi a mão de Clara Hilst. Hoje, em casa da artista, e a hora do *five's clock tea* encontrei a formosa princeza Korycka. A curia romana acaba de annullar o seu casamento. A minha espirituosa prima julgou de bom gôsto acolher-me com estas palavras, proferidas em presença de dez ou doze pessoas reunidas no salão

— Primo, quem foi o heroe da antiguidade que não pôde resistir á seducção do canto da sereia?

— Ninguem lhe resistiu, respondi, excepto Ulysses; mas é preciso não esquecer que o pobre homem estav atado ao mastro do navio.

— E não tomaste a mesma precaução?

Algumas senhoras sorriam com malicia, aguardando a réplica.

— Acontece muitas vezes ser superflua a precaução. Deves sabel-o. O amor despedaça todas as cadeias!

A princeza mordeu os lindos labios; alcancei um d'esses pequenos triumphos mundanos, que correrão pela cidade

com o seguinte commentario: "Sabem? a princeza Korycka encontrou quem lhe desse trôco!„

Que digam que vou casar com Clara, é para mim indifferente; mas contrariar-me-hia vêr que as minhas visitas fôssem para ella origem de desgôstos. O seu acolhimento, porém, foi dos mais cordiaes. Quando, porfim, Sniatynski e eu, ficámos sós no salão, Clara executou um dos seus ultimos concertos.

— É a minha despedida, disse levantando-se, visto no mundo tudo ter um termo.

— Não pensa em se ir embora? perguntou Sniatynski.

Clara sorriu com tristeza.

— Não ha nada mais certo. Preciso estar em Francfort dentro d'uma semana.

— Então tu não protestas, tu, que n'outro dia nos davas a entender que esta senhora ficaria definitivamente comnosco?

— Repito-o ainda, a sua recordação nunca mais nos abandonará!

— Tambem assim o comprehendi, respondeu Clara com natural resignação.

Estava furioso. Um amor como o que me inspira Angela devia abrir o meu peito á caridade e á misericordia. Todavia nem a tristeza de Clara, nem a allusão á sua proxima partida conseguiram impressionar-me. Bem longe d'isso; o sentimento exclusivo torna-nos injustos e maus. Surprehendi-me a analysar Clara com malevolencia. Vi pela primeira vez, que a exuberancia das suas formas, a sua cutis rosada, os cabellos loiros como uma estriga de linho, os olhos á flôr do rosto, os labios demasiado sanguineos, n'uma palavra, toda a sua belleza, lembravam essas huris que vemos nos chromos pendurados nas paredes dos quartos de um hotel de terceira ordem.

Sahi de alli n'um estado de espirito difficil de descrever. Para acalmar a irritação dos meus pensamentos e concentral-os no unico objecto que me enche de esperança e de alegria, fui a um livreiro escolher livros. Lêl-os-hei com Angela; é ainda um meio de seducção. É preciso tirar par-

tido de tudo. Não obstante devo declarar que a leitura exerce pouca, influencia no espirito, alma e sentidos da mulher polaca. Não applica quasi nunca nem á sua vida, nem á sua situação, nem ao seu modo de proceder as idéas do romance, por pouco perigoso ou pouco apaixonado que seja.

1 de junho

Recebi hontem noticias de Gastein. Os aposentos da senhora Celina estão já preparados. Participei isto immediatamente ás duas senhoras. Juntei á carta alguns volumes de George Sand e de Balzac. É hoje, domingo, o primeiro dia de corridas. Minha tia chegou de Ploszow e veiu hospedar-se aqui. Assistiu ao *steeple chasse,* e está enthusiasmada. Os nossos cavallos, *Naughty Boy* e *Aurora* só correrão na proxima quinta feira. Estão alojados nas minhas coudelarias, com o palafreneiro Webb e o *jockey* James Goose. É impossivel descrever o que se passa no pateo. As coudelarias transformaram-se em verdadeiras cidadellas. Minha tia está persuadida que creadores e *jockeys* tremem só ao ouvir falar em *Naughty Boy,* e que estão promptos a empregar todos os meios para se desembaraçar d'um concorrente tão perigoso. Desejam a morte de *Naughty Boy,* conspiram para o pôr fora de combate. Os vendedores de laranjas, os homens de realejo, são espiões disfarçados, que procuram introduzir-se na praça, com a mente cheia de sinistros intentos. A creadagem e o guarda portão receberam ordens severas. Quem entra em casa tem de se sujeitar a minuciosa fiscalisação. A vigilancia redobra em redor das cavallariças; o palafreneiro Webb, inglez genuino, conserva a phleugma britannica, mas o desgraçado James Goose, — natural de Ploszow, cujo verdadeiro nome é Diogo Gonsior (ganso), — perdeu litteralmente a cabeça. Minha tia não lhe deixa um minuto de descanço; assentou arraiaes na coudelaria, e não despega os olhos do *box* do *Naughty Boy*. Só a vi de tarde no momento

em que se dispunha a partir. Abracei-a com toda a boa vontade, satisfeito com a excellente noticia que me deu de relance. A senhora Celina está melhor e tenciona assistir ás corridas de quinta feira... Angela acompanhal-a-ha. Oh! ventura ineffavel! Residirá dois ou tres dias debaixo do meu tecto. Foi n'esta casa que comecei a amál-a; foi aqui que sentiu talvez bater com mais vivacidade o coração, n'esse baile dado por minha tia em sua honra. Tudo lhe recordará esse memoravel instante.

2 de junho

Regosijo-me por não ter ainda transformado as salas de baile em museu. Projecto convidar algumas pessoas para jantar: as da intimidade de Angela. Comprehenderá assim que todos os meus actos, por insignificantes que sejam, só teem em mira ser-lhe agradavel.

3 de junho

Mandei comprar todas as flôres que appareceram no mercado. Ornamentei com ellas as duas salas e a escadaria. Conservei o quarto de Angela tal como estava o anno passado. Não quiz bolir em nada, para que tudo lhe recorde as impressões de outr'ora. Supponho que chegarão de manhan; Angela mudará de traje antes de ir para as corridas. Caminha tudo ás mil maravilhas; Sniatynski, conformando-se com os meus desejos, fez resoar a trombeta da Fama. Mandei vir para Varsovia as admiraveis collecções de Roma. Fundo um museu cuja entrada será gratuita e franqueada ao publico. Eis-me o heroe do dia. Os jornaes da manhan desfazem-se em elogios a meu respeito. Conheço os seus artigos, o seu estylo, a redacção das suas phrases favoritas; tudo, desde a licção dada a "esses herdeiros de-

generados de antigas raças illustres, que dispendem o tempo, a saude e o dinheiro no estrangeiro„ até o final, o indispensavel: "Impõe-n'o a fidalguia.„ Mas tudo isso me convém. Fiz um maço d'essas folhas e mandei-as para minha tia e para Angela.

5 de junho

As corridas realisam-se um dia mais cedo. Effectuar-se-hão hoje, quarta feira, por causa da solennidade do Corpo de Deus que é ámanhan. Angela e minha tia chegaram esta madrugada, com a creada de quarto e enorme quantidade de caixas, malas e chapeleiras. Quando vi Angela commovi-me e entristeci d'uma maneira que não posso descrever. Encontrei-a mudada. Está muito pallida. O rosto perdeu o tom fresco d'outro tempo; emmagreceu. Ha n'ella o que quer que seja que recorda as poeticas figuras de Puvis de Chavannes. A mudança das suas feições escapa com certeza á attenção da mãe e da tia porque vivem constantemente comsigo; mas feriu-me a mim, ao cabo de alguns dias de ausencia, pois ha uma semana que sahi de Ploszow. Ao vêl-a senti-me dominado pelo arrependimento e cheio de piedade. É a lucta, as angustias íntimas que sulcam por tal forma esse rosto tão querido. Ah! se quizesse emancipar-se de escrupulos, se quizesse ouvir a voz da alma, obedecer ao coração, que é meu, sim, meu! e que lhe fala a meu favor, os seus tormentos acalmar-se-hiam, e principiaria então a felicidade de ambos! Mas eu continúo a enterrar-me nas areias movediças. Posso acaso dizer quanto adoro Angela, quanto esta crença se me aferrou na alma, que é a unica mulher que a sorte me destinou para toda a eternidade? Ainda agora, á bulha da carruagem, rodando nas pedras da calçada, offegante, apressado para ir receber essas senhoras á porta, experimentei o seu imperio, poderoso, irresistivel; fui obrigado a reconhecer de novo que a realidade me parece infinita-

mente mais seductora que a imagem que tenho gravada no peito.

Angela trazia uma capa de viagem de seda crúa. Um comprido véo cinzento prateado rodeava-lhe o chapéo, que era atado, á ingleza, por debaixo da barba. O seu rosto sorria-me, o gracil rosto d'uma donzella e não o d'uma mulher casada. Deu-me os bons dias com effusiva gentileza. A excursão matutina, a perspectiva risonha das corridas tornavam-n'a alegre. Na minha qualidade de amphitryão offereci um dos braços a minha tia, o outro a Angela, e subimos assim pela larga escadaria. Ao contemplar as flôres que surgiam de todos os lados, a sua admiração não conheceu limites.

— É a surpresa que te preparava; depois accrescentei: — Dou um jantar esta noite para celebrar a victoria da familia. Minha tia pareceu-me muito sensibilisada com a amabilidade. Ah! se soubesse como me importa pouco *Naughty Boy* e os premios que possam ganhar todos os *turfs* da Europa! Apenas tirou a capa, correu logo ás coudelarias. Eu apresentei a lista dos convivas a Angela.

— Só tenciono convidar as pessoas tuas íntimas; mas escolhe, corta, accrescenta.

— Combina com a tia, respondeu; é a ella a quem isso compete.

— De maneira nenhuma! minha tia presidirá á mesa; iremos, de taça de *Champagne* em punho, apresentar-lhe, segundo as circumstancias, ou felicitacões ou pesames; mas tu ajudar-me-has a fazer as honras da casa.

Angela ruborisou-se e diligenciou dar outro rumo á conversa.

— Dize-me, Leão, tens a certeza que *Naughty Boy* vença? A tia conta com isso como certo.

— Eu já ganhei o meu premio, repliquei a rir, porque tenho aqui, deante de mim, a mais formosa das primas.

— Não gracejes, o caso é serio: desejaria immenso que *Naughty Boy* triumphasse, por causa da tia. Se perdesse, ficaria inconsolavel.

— Tranquillisa-te; tem com que se consolar mesmo

no caso possivel d'uma derrota. As minhas collecções devem chegar a Varsovia um d'estes dias; era, como sabes, um dos seus desejos mais ardentes. Os jornaes tratam do facto. Incensam-me; não imaginas o que dizem de lisonjeiro a meu respeito.

O rosto illuminou-se-lhe com um relampago de alegria.

— Oh! é preciso que nos leias os jornaes, exclamou.

— Já que assim o queres, logo que a tia chegue, encarregal-a-hei de te lêr o que desejas. Eu, emquanto durar a leitura, occultar-me-hei no canto mais escuro da casa. Não quero que vejas a cara de tolo que hei de fazer.

— Porque dizes isso? porque queres rebaixar o teu merecimento?

— Porque? Porque não me pertence, é teu. Esses elogios só a ti são devidos. Ah! quanto daria eu para poder dizer bem alto aos jornalistas: "Os senhores todos, que estão compenetrados da grandeza de tal intuito, vão a Ploszow e ajoelhem-se ante uma gentil pessoa do meu conhecimento!„

— Vamos recomeçar, disse ella em tom de censura.

Não querendo abusar da sua confiança, nem insistir mais no assumpto, mudei de conversa e comecei a explicar-lhe as transformações que tencionava effectuar no palacete.

Todo o primeiro andar era destinado á installação do museu. Só uma unica casa ficaria intacta, a que ella habitára o anno passado. Enfeitei-a hoje o melhor que pude em sua honra.

Emquanto assim falava, conduzia-a á porta do aposento: estacou surprehendida e não pôde reprimir um grito de alegria.

— Oh! que bonito! que de flôres!

Inclinei-me ao seu ouvido e murmurei:

— Queres acreditar? Era ahi onde quereria morrer...

Assombreou-lhe a fronte uma nuvem; a alegria desappareceu-lhe. Um estremecimento, que teve a duração d'um relampago, agitou-lhe a cabeça, os hombros e o seio, como se uma fôrça invisivel a impellisse para mim. Conseguiu,

todavia, dominar-se. Com os olhos velados pelas compridas pestanas descidas, ciciou com tristeza.

— Não me affijas; deixa que te trate como amigo, como irmão!

— Cumpra-se a tua vontade, respondi. Aqui tens a minha mão, está concluido o pacto.

Apertou-a durante um instante com fôrça, como para exprimir, pelo calor d'este movimento, tudo quanto os seus labios recusavam pronunciar. Alcançára quasi a recompensa de tantos esforços. Pela primeira vez, desde que chegára, senti que me apoderava da sua alma. Experimentava uma voluptuosidade tão intensa que havia n'ella como uma sensação de dôr. Abria-se um mundo novo ante meus olhos. Via, finalmente, que a sua resistencia se reduzia a uma questão de opportunidade, de tempo e de audacia.

N'este momento, entrou minha tia. Tudo ia bem nas coudelarias. Não havia a deplorar nenhum attentado contra os dias tão preciosos de *Naughty Boy*. O palafreneiro Webb respondia com um imperturbavel "All righ„ a todas as perguntas que lhe dirigiam. James Goose mostrava-se cheio de confiança.

Chegámos á janella para assistir á partida do futuro vencedor. Approximava-se a hora; iam-n'o levar para o campo das corridas. Minutos depois vimol-o apparecer.

Infelizmente não pudemos admirar, como desejávamos, a belleza das suas formas; ia coberto com uma manta. Mas pelas aberturas praticadas á altura da cabeça, entreviamos-lhe os olhos alongados e meigos, e por debaixo da orla do cobertor, as pernas tão finas, os jarretes tão nervosos que pareciam de aço. Webb seguia atraz muito grave; após ia o pequeno James Goose, com um casaco posto por cima da camisola, que lhe descia até os canos das botas molles de *jockey*.

— Segura-te bem! James, gritei-lhe.

Tirou o gôrro e respondeu com o mais puro accento dos indigenas de Ploszow, com o braço extendido para *Naughty Boy:*

— Não tenha medo, senhor conde; ha de ganhar.

Logo que nos participaram estar o almoço servido fômos para a mesa. Ao café, minha tia insistiu em lêr os artigos dos jornaes. Particularidade digna de menção: as mulheres mostram-se sempre sensiveis aos elogios publicos, feitos ás pessoas que lhes interessam de perto. O rosto de minha tia estava radiante. Oh! que olhares deitava a Angela por cima dos aros da luneta... Depois de ter dobrado a folha, commentou com seriedade:

— Não escreveram nada de mais. Tudo isso é merecido.

Só a familia é capaz de dizer taes coisas!

As duas senhoras levantaram-se. Era tempo de se vestirem. Minha tia, já com um pé dentro do quarto, voltou-se de subito, e, com um accento que procurava tornar indifferente, exclamou:

— Ah! já me esquecia: prometti á pequena Zawislowska que a iriamos buscar. O pae soffre d'um ataque de gotta e não a pode acompanhar.

Angela e eu trocámos um rapido olhar.

— Temos outro casamento em perspectiva, segredei-lhe ao ouvido.

Pôz um dedo nos labios como para me recommendar silencio, sorriu outra vez, e fechou a porta.

Uma hora depois, dirigiamo-nos, pela avenida de Belveder, para o hippodromo. Angela estava deliciosa com o seu vestido de seda côr de créme, guarnecido de rendas finissimas. Lia-me nos olhos a admiração que me inspirava; via-o na expressão do seu rosto, onde a alegria luctava com um enleio adoravel. Parámos ao portão do palacete Zawislowska. Apenas toquei, appareceu logo Helena, que me fez de passagem um leve signal com a cabeça, e se dirigiu para a carruagem, sem mais se preoccupar com a minha presença.

É loira, mais bonita que feia, de olhos d'um azul tão esmaecido e tão frio como o sorriso. O seu ar cerimonioso fal-a passar por um modelo de distincção. Concordaria com a fama, se a distincção fôsse synonymo de rigidez

A indifferença que me demonstra é um simples estratagema. O verdadeiro fim consiste em excitar-me o amor proprio. Engana-se: o galanteio enfadonho nunca attrahiu ninguem: de ordinario só lhe dou a attenção que exigem as conveniencias. Hoje, todavia, mostrava-me mais assiduo. Ella ignorava que nos servia de pára-raios, e que devia desviar de Angela, assentada a meu lado na carruagem, os murmurios d'uma sociedade sempre caritativa e inclinada a occupar-se do proximo.

Continuámos o caminho, a passo. O dia estava soberbo: uma interminavel fila de carruagens enchia a rua a todo o comprimento. Atraz e adeante de mim, só se via um massiço de sombrinhas. O sol reflectia-se atravéz do seu reluzir sedoso, como se fôssem vagas purpurinas. Por debaixo d'este ondear de infinitas gradações, emergiam perfis femininos de traços delicados, que algumas vezes pareciam retocados a pincel. Muitos rostos bonitos, mas pouco caracter. Este commentario applica-se tambem ás damas da alta finança, todas de origem semita. São affectadas por temperamento, não se harmonisam com a realidade.

Os trens descobertos, as bellas parelhas que, aqui e acolá, se apresentavam irreprehensivelmente, os trajes claros, a scintillar com os reflexos do sol, no fundo de verdura, a agglomeração de gente e de cavallos de raça, davam ao desfile um cunho de elegancia requintada, sem nada tirar aos tons vivos e pinturescos do quadro.

Chegámos por fim a Mokotow, o Longchamp de Varsovia. Para a carruagem de minha tia fôra reservado um logar ao pé das tribunas; n'um abrir e fechar d'olhos vimonos rodeados de grupos. Os homens, com o bilhete de entrada no chapéo, os grandes creadores, os proprietarios ou directores de coudelarias felicitavam minha tia. O aspecto de *Naughty Boy* era esplendido: o numero dos seus partidarios crescia de momento a momento. Um dos nossos *sportmen* mais conhecidos observou que o campeão de Ploszow, apesar dos cuidados que tivéramos com elle, não se podia considerar sufficientemente trenado. "Por felicidade,

chovêra durante a noite; o terreno estava, como se fôra de encommenda, nem muito duro nem muito ensopado. *Naughty Boy* tinha então sérias probabilidades a seu favor.„ Parecia-me que esta linguagem denunciava uma certa ironia.

Estava inquieto; a derrota de *Naughty Boy* preoccupava-me bastante. Um tal desastre poria minha tia de mau humor, e a nossa distracção, isto é, a de Angela, ficaria prejudicada. Entregue a estas reflexões, percorri a fila das carruagens, fazendo parar e parando por minha vez, para trocar cumprimentos. Que de gente! as tribunas formavam uma massa compacta e escura, iriada pelas manchas coruscantes dos trajes femininos. Em volta da pista havia milhares de espectadores que se comprimiam n'um impenetravel anel. Mais além as muralhas formigavam de curiosos. Dos dois lados das tribunas, como duas gigantescas azas, extendiam-se em fileira as carruagens, assemelhando-se cada uma, examinada separadamente, a um açafate a transbordar de flôres.

No trajecto, cruzei-me com a senhora Sniatynski, adoravel com o seu pequenino nariz côr de rosa e com os seus loiros cabellos cortados. Fez-me um chuveiro de perguntas: "Como passavam as senhoras? Angela assistia ás corridas? Quando partiam para Gastein? *Naughty Boy* ganharia? Que succederia se fôsse vencido? Quantas convivas tinha á noite ao jantar?...„

Para lhe responder, era preciso, como diz a Rosalina de Shakespeare, ter a loquacidade de Gargantua... Abreviei tanto que me foi possivel o colloquio e comecei a procurar o marido que, disse-me, estava em companhia de Clara Hilst. A carruagem da artista ficava proxima da nossa. Encontrei-a rodeada de amadores de musica, jornalistas e compositores conhecidos. As suas feições ensombraram-se ao vêr-me; acolheu-me com certa frieza. Para que o gêlo se derretesse bastou apenas um pouco de effusão da minha parte, mas conservei-me reservado, e voltei para carruagem depois de alguns minutos de conversa banal. *Naughty Boy* ia entrar na liça. Examinava minha tia: conservava ainda todo o sangue frio. Em compensação, Angela

não conseguia occultar a anciedade que a invadíra. Esperámos durante muito tempo a vinda dos cavallos que se demoravam na pesagem; n'este meio tempo appareceu Sniatynski, de braços levantados, que nos mostrava os bilhetes das apostas.

— Arrisquei milhões por *Naughty Boy,* exclamou; se tráe a minha confiança, cautela, é preciso hypothecar Ploszow.

— Espero, senhor... ia a replicar minha tia com dignidade.

Não teve tempo de acabar a phrase. Da massa sombria agrupada em redor das tribunas, destacaram-se de subito, como enormes aves multicôres, as camisolas brilhantes dos *jockeys.* Os cavallos entravam na pista. Uns, contentes por vêr espaço livre aberto aos seus impetos, lançavam-se a galope, em direcção das balisas do *starter:* outros, caminhavam a passo, tranquillos, como se se compenetrassem da sua missão. Porfim, a um signal dado, os cavalleiros desfilaram por deante de nossos olhos, reunidos n'um grupo espesso, a galope curto, para poupar as montadas. Mas, logo á segunda volta, dispersaram-se. Era assim uma especie de flôres com que o vento tivesse juncado a arena. Á frente, apparecia um *jockey* de traje alvadio, depois um segundo de bonnet verde, com mangas vermelhas, após dois outros: um de amarello e roxo, o outro de amarello e vermelho... e, atraz, o nosso James, de camisola alaranjada, seguido d'um campeão, de côres brancas e azues. Os cavallos mantiveram-se durante muito tempo na mesma linha. Quando chegaram ao recinto, produziu-se um grande movimento nas carruagens. As damas ergueram-se, afim de seguir todas as phases da lucta. Até minha tia, febril, lhes imitou o exemplo.

Angela cedeu o seu logar a Helena; como não tinha, na posição em que estava, ponto de apoio, dei-lhe a mão para se segurar. Ah! que me importavam as corridas! Era tão ditoso em sentir a sua mãosinha pousar, confiada, na minha. De quando em quando, deitava um olhar para a pista. Os *jockeys,* de longe, a toda a brida, faziam-me o

effeito de immensos escaravelhos, que atravessassem o campo, de azas abertas. A distancia diminuia a velocidade apparente da carreira. Os cavallos avançavam, com a regularidade das rodas d'uma machina. O horisonte, orlado de arvores, é que parecia deslocar-se na vertiginosa rapidez do andamento. O *jockey*, de côres brancas, continuava sempre na frente; o vermelho ia a seguir; o nosso James era o terceiro

Os outros vinham atraz; *Naughty-Boy* ganhava terreno. Agora, James galopava na primeira fila. O *jockey* branco distanciou-se; o cavallo cahiu, com os ilhaes cobertos de escuma. Mas o vermelho esforçava-se por ser o primeiro a chegar á marca. Consolava-me com a idéa que poderiamos obter o segundo premio. Entrementes, *Naughty Boy*, n'uma bella marcha, senhor de si, lançava as pernas n'um movimento rythmico: tranquillo, como se se tratasse d'um exercicio ordinario. Em torno de nós, o anceio dos espectadores redobrava de intensidade.

— *Naughty Boy* perdeu? perguntava-me Angela devagarinho.

— Não, respondi, apertando-lhe ao de leve a mão: os cavallos ainda teem que dar segunda volta.

Não m'a retirou. Toda a sua attenção era absorvida pelo espectaculo que se desenrolava deante de si. N'esse instante James ia á frente de todos. A lucta restringia-se: vermelho d'um lado, alaranjado e preto d'outro. James tornára a perder algum terreno: durante um certo tempo não o pudemos vêr.

De subito, um rumor que se levantou das tribunas demonstrou-nos que se approximava o momento supremo. James seguia de perto o adversario. Elevavam-se já vozes n'um prolongado e ensurdecedor alarido. Angela, electrisada pela animação contagiosa da assistencia, apertava-me nervosamente a mão, ao passo que os seus labios repetiam frementes:

— Que foi? Que succedeu?

Os cavallos fizeram um derradeiro esforço. O *jockey* vermelho chicoteou a montada, que se lançou para a

frente a todo o comprimento da cabeça, mas *Naughty Boy* excedia-o com as narinas. Todos os corações palpitavam com fôrça.

Houve um segundo de profundo silencio; depois resoaram gritos, applausos, bravos, imprecações. Tudo corria para a balisa. N'esse instante, divisámos, como n'um relampago, o *jockey* vermelho inclinado sobre a cabeça do cavallo, que parecia esticado n'uma tensão de corda, e adeante, erguidas, arrebatadas n'um turbilhão, as côres alaranjadas e pretas, as nossas. Ouviu-se a sineta, James Gooze chegára primeiro. Vencêramos.

Devo fazer justiça a minha tia; acolheu a noticia do seu triumpho com modestia. Refrescava a fronte humedecida de suor, abanando-se com o leque. Angela, commovida, parecia verdadeiramente feliz. Ambos felicitámos minha tia: até Helena lhe dirigiu alguns cumprimentos em francez, os mais amaveis do mundo. D'alli a pouco a nossa carruagem estava rodeada de gente. Todos queriam saudar a feliz proprietaria de *Naughty Boy*. Victoria fulgurante e completa!

Tambem eu me sentia orgulhoso, inebriado, especialmente pelos apertos de mão furtivos, que me prodigalisara Angela. As horas de crise suprema nas mulheres coincidem quasi sempre com um estado de excitação nervosa, provocada ou pelo prazer, ou por qualquer outra circumstancia imprevista, que as arrasta para fora do circulo dos seus habitos quotidianos. Produz-se então n'ellas uma especie de abalo, uma perda de equilibrio moral e de sangue frio cuja consequencia é collocal-as á nossa mercê. Ora, avaliando o grau de commoção a que Angela chegou hoje, não duvído já que só depende de mim leval-a, á fôrça de ternura, de resolução e de audacia, a esse instante de abandono supremo, esperado com tanta impaciencia e tão ardentemente desejado.

Supponho que não me faltarão occasiões em Ploszow. O jantar de hoje, as conversas, a animação do sarau, actuarão n'ella como um narcotico poderoso. É preciso que me entregue a sua alma sem intenção reservada, sem

condições. Ah! nem Angela suspeita a felicidade que nos espera!

Apesar de minha tia ter prevenido a senhora Celina para não esperar hoje por ella, projectavamos regressar á noite a Ploszow. Um incidente imprevisto impediu-nos de realisar o desejo. O jantar e a recepção que se seguiu prolongaram-se até a meia noite; começavam a retirar-se os convidados quando vieram avisar minha tia que *Nanghty Boy* dava signaes evidentes de mau estar. Houve grande confusão, os creados correram a buscar o veterinario; minha tia não quiz ouvir falar em partida. Angela manifestou a principio tenção de voltar para o pé da mãe; sabia, porém, que eu aproveitaria todos os pretextos para a acompanhar. O receio de se encontrar só commigo fez calar os seus escrupulos; demais, minha tia convenceu-a de que acordaria a doente e accrescentou:

— Considero a casa de Leão como minha; ficarás commigo, pequena.

Angela teve de se submetter a este argumento.

São agora tres da madrugada. O dia começa a aclarar. Nas proximidades da cavallariça e no pateo brilham ainda as lanternas dos palafreneiros; *Naughty Boy* escapou. Minha tia participou-me no momento de nos separarmos, que passaria ainda o dia de ámanhan em Varsovia. Angela partirá de madrugada. Acompanhal-a-hei a pretexto de ir buscar papeis que me são indispensaveis. Estaremos sós, não hesitarei mais. Todo o sangue me afflue ao coração, ao pensar que talvez chegue a Ploszow tendo-a apertada de encontro ao peito, ouvindo-a dizer porfim que me ama como eu a amo.

Ploszow, 6 de junho

Acompanhei Angela... estivemos sós! Pois bem! não! não! Não a estreitei nos braços! Não, não ouvi os seus labios murmurar palavras de amor. Fui repellido logo ás

primeiras phrases, com uma indignação tão feroz, com um tal sentimento de altivez, que fiquei anniquilado. Que acontece? Estou louco? Não terá Angela coração? Que fôrça é esta que me repudia? Em que parcel encalhei? Porque me despréza? As minhas idéas estão n'um profundo chaos. É impossivel raciocinar e escrever. Pergunto sem cessar: qual foi o escolho onde bati e me despedacei?

7 de junho

Commetti um êrro capital. Enganei-me redondamente quando suppuz conhecer o caracter de Angela. Depois de dois dias de completo assombro, consigo coordenar os pensamentos; vou tentar vêr claro em mim proprio, e ponderar a situação. O proceder de Angela parecer-me hia muito simples, se se pudesse entrincheirar por detraz do amor conjugal. Admittiria n'esse caso o seu pudor e a sua indignação. Mas este amor não existe. Não ama Kromicki. Possuo bastante experiencia, conheço assaz os homens e as coisas, disponho de sufficiente penetração de espirito, para duvidar de tal. E, entretanto, resistiu-me, enganei-me grosseiramente. Não teve piedade de mim; recusou ouvir-me; as minhas palavras pareciam-lhe blasphemias; via faiscas de colera accenderem-se-lhes nos olhos; retirou-me as mãos que me esforçava por cobrir de beijos. "Offendes-me! offendes-me! offendes-me!„ Eram as unicas expressões que lhe acudiam aos labios. Ameaçou-me que se atiraria da carruagem abaixo... que iria para Ploszow a pé. Uma allusão feita ao divorcio exaltou-a extraordinariamente. Nada pude obter: audacia, ternura, preces, tudo se quebrava de encontro a uma resolução inabalavelmente assente; tudo estava de antemão condemnado, considerado como um ultraje, calcado aos pés.

Hoje que a vêjo placida, meiga, humilde por assim dizer, pergunto se é a mesma mulher?! Para que serviria illudir-me. Soffri uma derrota completa. Só me restava o

recurso de partir se tivesse outra razão de viver que não fosse o de respirar o mesmo ar que ella respira, o de ter sem cessar os meus olhos pregados nos seus

8 de junho

Começo a comprehender qual é a natureza do escolho contra o qual esbarraram os meus projectos. É a candura d'uma alma que não esqueceu o seu cathecismo: o codigo do virtuoso João Pedro e da piedosa Anninhas; codigo tão claro e tão simples, que só os corruptos ou os descrentes da minha especie não encontram n'elle abrigo e apoio. Que temos para o substituir que seja melhor?... O nada... Eis porque batemos as azas, como a ave perdida no vácuo horrivel.

A maioria das mulheres, e a maioria das mulheres polacas sobretudo, regulam as normas da vida pelos artigos d'este codigo. Até aquellas que no decorrer da existencia mais se afastam das suas praxes não lhe negam a virtude. As suas obrigações ficam legitimas e sagradas. Ahi, onde começam essas leis, cessa o raciocinio humano.

É um erro os poetas apresentarem-nos a mulher como um enigma ou como uma esphinge. O homem é, a meu vêr, um enigma bem mais difficil de decifrar. Uma mulher, san de corpo e de espirito, seja qual fôr a têmpera da sua alma ou a fraqueza do seu caracter, é sempre mais simples que o homem. O decalogo será para ella o bastante ainda durante muito tempo, mesmo quando os desfallecimentos da natureza a impeçam de lhe observar estrictamente os mandamentos. As almas femininas são tão dogmaticas, para me servir d'uma expressão desusada, que conheci algumas que até no atheismo tomavam apparencias de culto religioso. Nota particular: o codigo das piedosas Anninhas não exclue nem penetração de intelligencia, nem o arrojo e impulso do pensamento.

A alma da mulher tem em si o que quer que seja do colibri que vôa livremente atravéz do arvoredo mais espesso, sem bater com as azas nos ramos, e sem tocar na folhagem. A mais subtil delicadeza de sentimento allia-se n'ella á simplicidade primitiva das idéas moraes. O decalogo da mulher do mundo é o mesmo que aquelle a que obedece Anninhas. Um é bordado com os matizes mais finos, o outro é estampado em panno grosseiro; é essa a unica differença, e tambem a causa da minha derrota. Toda a nossa philosophia do amor, tão complicada, tem de recuar ante a simplicidade das leis do decalogo.

E agora que me resta fazer? Devo partir?

Sim! mas não quero nem me posso afastar.

Ficarei, pois; e já que a minha paixão é louca, procederei d'ora ávante como um insensato, isto é, abandonar-me-hei ás primeiras inspirações e ao instincto primitivo do pensamento. Basta de systemas, de previsões, de combinações, de calculos. Seja o que Deus quizer! O caminho percorrido até agora, nada mais fez que impellir-me a este bêcco sem sahida.

9 de junho

Angela não é mais feliz que eu. Tive a prova d'isso hoje. Lucta comsigo mesma e lucta com desespêro. As minhas idéas confundem-se n'esta agonia incessante do coração; tratemos de proceder com methodo.

O sr. Zawislowski veiu visitar-nos hoje; Helena acompanhava seu pae. Logo depois de sahirem, minha tia começou a entoar um cantico de elogios em louvor d'essa fria boneca. Sentia-me cançado, irritado, victima d'um desespêro nervoso impossivel de descrever.

— Pois bem! exclamei com furor, visto o meu casamento ter de ser uma coisa alheia á minha felicidade, seja! Irei ámanhan pedir a mão de Helena; no fim de contas, que me importa a vida de ora em deante!

Apenas pronunciei estas palavras, Angela empallideceu: levantou-se, prêsa de um anceio que não conseguia dominar. Nunca esquecerei essa pallidez, nem as suas mãos trémulas. Adquiria finalmente a prova irrefutavel do interesse que sentia por mim. Ai! foi sufficiente um minuto para me convencer que me illudia mais uma vez. Minha tia sahiu a pretexto de dar ordens, quiçá para enxugar a furto as lagrimas, tanto a minha resposta a magoára. Logo que me vi a sós com Angela, approximei-me d'ella e disse-lhe:

— Escuta-me: não casarei com Helena por todos os thesouros do mundo; não é já bastante a dôr que me tortura, será necessario soffrer novos tormentos? Sabes melhor que ninguem, o motivo porque não me caso.

— Pelo contrário, interrompeu; alegrar-me-hia muito vêr realisado esse casamento.

— Não é verdade, exclamei; vi que empallideceste, vi eu.

Angela recuou, tranzida de susto.

— Deixa-me ir embora, supplicou.

Mas eu impedi-lhe a passagem.

— Angela! tu amas-me. Não procures enganar-te a ti e a mim... Amas-me.

— Não! disse em voz baixa, mas receio vir a odiar-te.

Sahiu logo depois de pronunciar estas palavras. Sei bem que a mulher que lucta com a consciencia deve ter d'estes instantes de angustia. O amor defeso tem um sabor de amargura... e, entretanto, as palavras de Angela extinguiram-me a alegria, como uma lufada de vento apaga uma véla. Illuminou-me o espirito um subito clarão de verdade; verdade desconhecida para mim, como para tantos outros, mas que termina por transparecer cedo ou tarde: "Amar a mulher de outrem é uma infamia, se o amor é apparente; se é sincero, é uma grande infelicidade."

Atormentava-me ao mesmo tempo uma curiosidade cruel. Que succederia caso apresentasse a Angela o seguinte dilemma: "Ou me confessas o teu amor, e fazes com os teus braços um collar vivo do meu pescoço, ou faço saltar os miolos e cáio morto a teus pés." Infame co-

bardia, que nunca praticarei apesar de tudo, mas que me obseca e me attráe... Sim! que succederia então? Tenho quasi a certeza que Angela não sobreviveria nem á sua dôr nem ao seu desprêzo, mas que tambem não cederia ás ameaças. Este pensamento faz com que a amaldiçôe e a admire ao mesmo tempo: odeio-a, amando-a cada vez com mais vehemencia! Sim! cahiu sobre mim uma grande desgraça, e, o que é mais para lamentar, não vejo nenhuma sahida para me escapar ao seu amplexo. Faltam-me a fôrça e a coragem. Aos ardores sensuaes que a imagem d'esta mulher sempre despertou em mim veiu juntar-se uma dedicação cega de cão maltratado.

Envôlvo-a com o pensamento, com o olhar; sinto-me ávido do encanto dos seus olhos, do attractivo dos seus labios, das graças da sua pessoa. Não é só a mulher mais desejavel e mais desejada: é a creatura mais idolatrada do mundo! A influencia que exerce sobre mim parece-me ás vezes extraordinaria, sobrenatural; tambem, explíco-a da maneira mais triste. Vivi demasiado, cheguei rapidamente ao zenith; de futuro, tenho de rolar para os abysmos, de onde sopra o frio das trevas. Tenho a convicção que só esta creatura no mundo me restituiria a juventude, o fogo dos meus anhelos, a alegria de viver. Se me vier a faltar, é tambem a vida que me falta; vegetaria algum tempo ainda n'essa sombria indifferença, que é a antecamara da morte. É por isso que amo Angela com toda a fôrça do instincto de conservação inherente ao homem; não a amo nem exclusivamente com os sentidos, nem com as aspirações ideaes da alma, e sim por causa do terror do nada.

11 de junho

Mandaram-me de Roma a cabeça de madona attribuida a Sassoferrato. Entreguei-a a Angela, em presença de minha tia e da senhora Celina, como uma coisa que lhe

pertence em virtude d'uma vontade formal e legalmente expressa. Não pôde recusar este dom. Tive o prazer de ser eu proprio que colloquei a tela no seu toucador. Não gosto das virgens de Sassoferrato; mas esta tem uma incomparavel expressão de serenidade nos seus tons limpidos e claros; sinto alegria em pensar que cada vez que Angela erguer os olhos para essa imagem, as reminiscencias lhe dirão logo que fui eu que lh'a offereci, como um penhor de affeição. Assim, esse amor condemnado e culposo, associar-se-ha de aqui em deante no seu espirito a uma idéa de culto e de santidade. Van e pueril consôlo, mas que deve bastar ao que não tem outros.

Gosei hoje de alguns bons instantes. Depois de pendurar o quadro, Angela approximou-se de mim e agradeceu-me. Retinha a sua mão, que ella retirava já, e perguntei-lhe baixinho, de maneira a não ser ouvido da mãe:

— É possivel que me odeies?

— Oh! não, respondeu movendo a cabeça com tristeza.

Que de coisas continham este gesto e estas palavras!

Diz-se que os sentimentos da mulher amada se se não exprimem por actos, pouco nos deve importar o seu amor... Êrro! a menor das suas palavras arrebata-nos. Não daria a resposta de Angela por todo o oiro do mundo... Permitte-me ao menos que viva.

12 de junho

Estou em Varsovia. Sniatynski informou-me n'uma carta, que dava um jantar de despedida em honra de Clara Hilst. Não assisti ao jantar, mas acabo de acompanhar Clara á estação. Partia, com a alma confrangida, por um sentimento de pesar e de decepção; a minha presença foi o bastante para me perdoar. Os nossos adeus tiveram o caracter da mais viva cordialidade. Pobre Clara! tambem ella me vae faltar; o vácuo que me rodeia ainda se alarga mais. A separação foi impregnada de tristeza. A noite es-

tava sombria e humida; desde manhan que cahia uma chuva miuda e penetrante. Todavia era grande o numero de pessoas que cercava a artista. O *sleeping-car* estava juncado de corôas e de flôres: dir-se-hia um sepulchro... Pondo de lado o pejo convencional e todo o receio da maledicencia, Clara honrou-me com particular confiança. Convidou-me a subir para o seu compartimento e conversou só commigo, sem se inquietar com algumas pessoas que estavam ao longo da galeria exterior do vagon.

— Saiba, disse, mas só o senhor, que me custa muito partir. Conheço muita gente em Francfort: sabios, artistas... mas não é o mesmo... Os senhores são instrumentos mais bem afinados, mais sensiveis.

— Permitte-me que lhe escreva?

— Com certeza; queria pedir-lh'o, e tambem terá noticias minhas. A musica não é agora já o bastante para mim. Tem amigos, bem sei; mas não terá amiga mais dedicada que eu. Sou tão ingenua e tão sincera, que tudo quanto tenho no fundo do coração me sobe aos labios.

Ouviam-se ao longe os passos do conductor, que fechava as portinholas; apertei uma ultima vez as mãos de Clara.

— Até a vista, disse-lhe... Eu, na minha existencia errante de bohemio, Clara nas suas excursões artisticas, acabaremos por nos encontrar em qualquer parte.

Inclinou-se, e apoiando-se á vidraça que descêra, recommendou:

— Hilst, Francfort, não o esqueça! mandar-me-hão as cartas.

Depois accrescentou:

— Onde tenciona passar o verão?

— Não sei ainda, escrever-lhe-hei.

A respiração ruidosa da locomotiva chegava até nós n'um resfolegar cada vez mais rapido; um silvo rasgou os ares, o comboio partiu.

Dissemos a Clara um ultimo adeus. Ella, sempre na portinhola, agitava os braços á guisa de saudação; depois tudo se desvaneceu, tudo se dissipou na bruma densa da noite.

Voltei da *gare* com a alma cheia de amargura. O doutor Chwastowski esperava-me em casa. As nossas relações estreitaram-se ha algum tempo. Viera a Varsovia combinar com o irmão livreiro a fundação de uma sociedade para a venda de manuaes para uso das escholas primarias. Esta gente trabalha sempre, tem sempre algum projecto a realisar, a vida decorre-lhes laboriosa e bem empregada. Sinto prazer em o vêr. Assemelho-me a uma creança com medo de phastasmas e que gosta que alguem lhe faça companhia. O seu vigor moral reconfortou-me. Diz-me que a saude da senhora Celina melhora de dia para dia, e que poderá viajar d'aqui a uma semana pouco mais ou menos. Seja assim, viajemos! mudemos de terra. Convencerei minha tia que o ar das montanhas lhe faz bem. Não pode recusar-me nada. Assim a minha partida não surprehenderá ninguem. E n'essa cidade que de occasiões para me occupar de Angela, para a rodear d'uma solicitude ciumenta e constante. Viveremos alli ainda mais perto um do outro que em Ploszow. Esta perspectiva dá-me um pouco de coragem. Oh! que feio tempo faz hoje! Tenho ainda no ouvido o baque monotono da chuva, deslisando pelas gotteiras. Mas já atravéz das nuvens scintillam, aqui e acolá, no céo algumas estrellas.

12 de junho

Kromicki chegou hoje.

Gastein, 23 de junho

Estamos em Gastein ha oito dias: Angela, minha tia, a senhora Celina, Kromicki e eu. Ha lacuna no meu jornal; não que esteja cançado de ahi registar as minhas impressões, ou que não tenha encontrado nada importante para escrever, mas, pelo contrario, porque me faltavam ter-

mos proprios para bem exprimir os pensamentos. O meu estado de alma devia ser semelhante ao d'esse condemnado de que fala Saint-Simon nas suas memorias. "Arrancavam-se-lhe boccados de carne; deitavam-lhe chumbo derretido nos membros dilacerados, e elle gritava: "Mais! mais ainda!„, até que perdeu os sentidos.„ Eu tambem estou extenuado de fôrças; imploro misericordia! A mão da fatalidade desceu sobre mim, immensa e pesada como as montanhas que nos cercam.

24 de junho

Escrevi outro dia, se bem me recordo, a seguinte phrase: "Amar a mulher de outrem é uma infamia, se esse amor é apparente; se é sincero, é uma grande infelicidade.„ Pois bem! antes de chegar Kromicki não sabia ainda o que a desgraça podia encerrar de soffrimentos. Julgava-a mais nobre, mais elevada: Vejo agora que além de tormentos é feita de humilhações, que se introduz na consciencia da nossa baixeza, que é cheia de mentiras, de concessões abjectas, de hypocrisias ridiculas, de condescendencias indignas d'um homem honesto. Ah! que bello quadro. Eu que agarraria com jubilo Kromicki pelo pescoço, para o esmagar de encontro á parede, e lhe bradaria com os meus olhos pregados nos seus: "Amo tua mulher„, vejo-me obrigado a sorrir-lhe, a fingir, a occultar os sentimentos. Que lindo papel desempenho... E que deve pensar Angela?!

25 de junho

Não esquecerei nunca o dia da sua chegada. Deu-me a honra de se fazer conduzir directamente da estação para minha casa. Voltei n'essa noite muito tarde, e encontrei

a antecamara pejada de bagagens. Nem sequer me lembrou a quem poderiam pertencer. De repente, vi-o no limiar do aposento contiguo. Deixou cahir o monoculo e correu para mim de braços extendidos. Apparecia-me como n'um sonho, essa cabeça de morto a esboçar, como um careta, um sorriso funebre; esses olhos, semelhantes a dois grãos de café torrado, os labios sem dentes, as mechas de cabellos ruivos, achatadas nas fontes. Apertava-me n'um abraço automatico; dir-se-hia um manequim articulado. Afigurava-se-me que era prêsa d'um terrivel pesadêlo... As palavras: "Como vaes tu, Leão?„ resoavam-me aos ouvidos como as palavras mais incriveis, mais phantasticas que se pudessem ouvir. Depois apossou-se de mim tal raiva, tal odio, que foi necessario um prodigio de vontade para não me arrojar sobre esse homem, derrubal-o, despedaçar-lhe o craneo com o tacão da bota. Permaneci durante alguns instantes em frente d'elle, immovel e mudo. Julgou que o não víra, ou que estava surprehendido, eu que mal o conhecia, por ouvil-o tratar-me por tu... Não sômos primos por afinidade? oh! essa familiaridade odiosa que é preciso supportar! Elle collocou o monoculo ao canto do olho, e continuava com a sua voz de matraca:

— Como vaes tu?... Como está Angela... sua mãe?... sempre doente, hein? sempre doente! e a tia?

A colera apossou-se outra vez de mim; esse homem falava das pessoas que me são mais caras na vida, com a convicção de ter direitos eguaes aos meus!

A educação que recebêra ensinára-me muito novo a occultar as repulsas, debaixo d'uma capa de indifferença ou de urbanidade mundana. Mas estive quasi a esquecêl-o. Fora de mim, comecei a tocar, a dar ordens aos creados. Quiz que se servisse o chá sem demora, procurando assim, com esta agitação, desviar o pensamento do horrendo phantasma.

O meu silencio, todavia, começava a inquietal-o. Tornou a deixar cahir o monoculo e perguntou:

— Porque não me respondes? Succederia alguma fatalidade?

— Não, respondi, todos estão bons.

Acudiu-me a idéa de que o meu assombro dava a esse homem odiado certo ascendente sobre mim... bastou isto para me restituir completamente o sangue frio.

Fil-o entrar para a casa de jantar, fil-o assentar á mesa, e comecei a interrogal-o:

— Que ha de novo por esses paizes? Tencionas demorar-te muito tempo por aqui?

Ignorava-o; tinha pressa de vêr Angela... Dois ou tres mezes que passaram juntos depois do casamento... era realmente muito pouco para noivos.

E cachinava, movendo o queixo:

— Demais, accrescentou, tenho negocios a regular em Varsovia.

— Ah! negocios! sempre negocios!

Principiou então a explicar-me as suas operações... Não o escutava... ouvia apenas de intervallos a intervallos as palavras: "força maior, commandita, alta e baixa„ que lhe voltavam a miude aos labios.

Quando terminou, e que o mordomo nos acabou de servir, conduzi-o ao quarto que lhe mandára preparar. Falava sempre, emquanto abria as malas, de onde tirou alguns objectos, entre os quaes dois tapetes do Oriente, que se deliciou a mostrar-me.

— Bonito... não é?! Comprei-os em Bakum. É para quando nos levantarmos da cama.

Atirou-se para uma cadeira, não quiz que me fôsse embora e começou as suas narrativas... Deixei-o divagar á vontade, sobre diversos projectos de riqueza e de prosperidade. Uma unica pergunta me preoccupava o espirito: "Iria ou não iria a Gastein?„ Aproveitei pois o primeiro momento para lhe dizer:

— Conheci-te pouco até hoje, vejo agora que deves ganhar muito dinheiro. As vans sentimentalidades não te desviarão nunca dos negocios serios.

Kromicki apertou-me a mão effusivamente.

— Nem fazes idéa, exclamou, quanto me interessa que me testemunhes sempre a mesma confiança.

Não liguei a principio nenhuma significação particular a taes enthusiasmos, dominado como estava pela obsessão d'esta idéa. "Não me estava servindo desaforadamente da mentira e da cobardia?„

Da mentira, porque nunca acreditára nas pretensas aptidões commerciaes e financeiras de Kromicki: da cobardia, porque me surprehendia a adulal-o, eu, que lhe passaria de boa vontade o baraço em volta do pescoço. Mas eu só tinha então um fim: decidil-o a não ir comnosco para Gastein.

— Vejo, disse-lhe, que os projectos d'essas senhoras não te podem convir.

Descobriu-se e deixou transparecer o seu egoismo.

— Ah! não, com certeza, a viagem não me sorri demasiado; aqui, entre nós, podiam muito bem evital-a. Tudo deve ter conta e medida n'este mundo, até o amor filial. A primeira obrigação d'uma mulher casada é a que a une ao esposo. Ora, a tal senhora Celina, sempre, entre nós dois, torna-se enfadonha. Incommoda-nos, não podemos occuparnos exclusivamente de nós, só viver para nós, para Angela e para mim. Oh! sim, o carinho e o respeito dos filhos! bem sei... é uma bella coisa... mas, muitas vezes, não nos deixa á vontade.

Aproveitando este thema, emittiu uma serie de verdades banaes, cuja justiça relativa mais me augmentava a irritação.

— Em summa, acabou por dizer, sou um homem de negocios; não desconheço os compromissos que contrahi quando me casei, e estou pela minha parte disposto a cumpril-os.

— O que quer dizer que acompanharás essas senhoras a Gastein.

— Não tenho outro remedio. Ha n'isso em primeiro logar um interesse pessoal. Quero que a tia e eu nos conheçamos. Será a melhor garantia d'uma mutua confiança. Espero que tambem não me recuses a tua estima. Tornaremos a falar no assumpto. Tenho agora um ou dois mezes livres. Deixei em Bakum o joven Luciano Chwastowski,

"a solidman„, como dizem os inglezes, e depois, comprehendes, quando se é marido d'uma mulher como Angela, não desagrada passar algum tempo debaixo do mesmo tecto, comprehendes; não é assim?

Ria, ao dizer isto, mostrando os compridos dentes amarellos, e batia-me com a palma da mão no joelho. Estremeci como se sentisse o contacto d'um reptil. Tive de me levantar e fugir da luz para que não lêsse a repugnancia que o meu rosto devia exprimir.

— Quando pensas ir a Floszow? perguntei-lhe por fim.

— Amanhan mesmo... ámanhan mesmo, meu caro.

— Boa noite.

— Boa noite, respondeu, deixando cahir o monoculo. Depois proseguiu com a mão extendida:

— Estou encantado por te conhecer de perto. Estou certo que nos entenderemos maravilhosamente.

Entender-nos maravilhosamente elle e eu!... oh! incommensuravel estupidez humana!

Passei toda a noite sem me deitar... As idéas zumbiam-me confusas na cabeça; depois succedia-se um silencio de morte... De chofre, veiu-me ao espirito a solução mais simples e mais facil de executar: "A morte!„ Oh! fôrça prodigiosa que o homem tem nas mãos! Pode cortar de golpe o fio do destino!... Espero-te agora a pé firme, a ti, mau espirito, a ti, demonio infernal da minha existencia!... e digo-te: "Só me apertarás o pescoço... emquanto quizer tolerar o supplicio... Terei sempre meio de te repellir com o pé, a ti e ao teu fardo.. *E poi a eterna silenza!*„

Esta solução suprema, que dependia da minha vontade, alliviou-me infinitamente. Consegui porfim dormir... Era já tarde quando acordei. O meu creado de quarto participou-me que Kromicki partira ha muito. Tive por um instante a louca idéa de correr após elle. Por felicidade, um clarão de bom senso illuminou-me o espirito, quando estava já dentro da carruagem. Dei ordem ao cocheiro para voltar para traz, e fui á estação, onde mandei guardar logares no *sleeping car*, na linha de Varsovia-Vienna. Logo

que cheguei a casa, escrevi uma carta a minha tia, informando-a de que comprára bilhetes e que estavam todos os compartimentos tomados até a proxima semana, e que por isso era impossivel deixar de nos pôrmos a caminho no dia seguinte.

26 de junho

Devo registar aqui um incidente que se deu na vespera da jornada. Fui de tarde a casa d'um armeiro. Que homem tão singular! Sou de parecer que se lhe deve confiar uma cadeira de psychologia. Pedi-lhe um revólver. O systema pouco importava, Colt ou Smith, comtanto que a arma fôsse boa. Escolheu uma e perguntou-me:

— Quer tambem cartuchos?

— Está claro.

O armeiro principiou a observar-me com attenção.

— Deseja tambem bolsa?

— Com certeza; uma bolsa ou um estojo.

— Está bem... n'esse caso, dar-lhe-hei cartuchos do calibre do revólver.

Chegou a minha vez de encarar com pasmo o armeiro.

— Eh! eh! não se melindre com o que lhe vou contar. Tenho quarenta annos de prática; vi passar muitos freguezes por deante de mim! Sabe? Freguezes desesperados. Compravam uma arma, e, paf! uma hora depois mettiam uma bala na cabeça. Não ha exemplo, senhor, que esses desditosos me tenham pedido uma bolsa... Eis como se dava o caso.

" — Quero um revólver.

" — Muito bem, com bolsa ou sem ella?

" — Sem bolsa... a bolsa é inutil.

"Particularidade bem caracteristica, porque emfim, o homem resolvido a fazer saltar os miolos não tem necessidade de poupar... um rublo mais ou menos!... mas tal

é a natureza humana. Todos dizem: "Para que serve a bolsa?„ É assim que cheguei a conhecer logo os clientes... e vou confiar-lhe o meu segredo. Aos que me pediam revólver sem bolsa dava-lhes, como por engano, cartuchos d'um numero abaixo ou acima do calibre... Ora veja; não é assim coisa de pouca importancia brincar com a vida. Mais de um sente-se tomado de medo; banha-lhe a fronte um suor frio... mas o revólver está ahi .. agarra-se, abre-se... Bom! lá se enganou o parvo do armeiro com os cartuchos. Adia-se para o dia seguinte... Até ao dia seguinte ha tempo para reflectir, o frio do tumulo bafejou-lhe a cara... Tenho visto muitos que voltaram depois a comprar-me a bolsa... Aqui está, dizia, rindo por dentro, que viva em paz e feliz.

— Conta-me coisas, na verdade, surprehendentes, repliquei, cumprimentando o armeiro.

Gastein, 28 de junho

Os banhos e sobretudo o ar tonico das montanhas, produzem o seu effeito; a saude da senhora Celina melhora de dia para dia. Prodigaliso-lhe mil desvelos, preoccupo-me com os seus desejos, n'uma palavra, demonstro-lhe uma solicitude verdadeiramente filial. Ella, em troca, testemunha-me um reconhecimento sem limites. Angela compartilha esta gratidão, mas ha no seu rosto sombras de pesar. Pensa na felicidade que poderiamos gosar e que perdemos para sempre. Adquiri actualmente a convicção de que não ama Kromicki. Pode conservar-se-lhe fiel, mas a expressão de constrangimento que se lhe denuncia no rosto, quando estão em frente um do outro, não escapa á minha observação vigilante. Kromicki muitas vezes approxima-se d'ella, pega-lhe nas mãos, e toca-lhe com os labios na testa. Ah! Angela preferiria sumir-se pelo chão abaixo a supportar as suas caricias. Acolhe-as, todavia, com um

sorriso... e eu tambem sorrio; mas, a minha chaga íntima sangra, e delicio-me a rasgal-a até o fundo das entranhas. Lembro-me com frequencia que esta sacerdotisa de Diana se mostrará menos esquiva ao abrigo da alcôva conjugal... Evito, entretanto, taes pensamentos; uma gotta mais faria trasbordar o calix, e deixaria de ser senhor de mim. As minhas relações com Angela são terriveis, tanto para mim como para ella. O meu amor toma successivamente todas as apparencias do odio, do desprêzo, da ironia, mais sangrenta. Este estado fatiga Angela e espanta-a ao mesmo tempo. Deita-me muitas vezes olhares anciosos. "Que crime commetti eu?„ parece dizer-me. E eu tambem faço a mesma pergunta. Sim, que crime commetteu ella? Mas eu não posso, não posso ante Deus aplacar o meu rancôr. Da mesma forma que a agua, em logar de extinguir, ateia com frequencia a furia assoladora do incendio, assim os meus sentimentos só servem para exasperar a minha dôr.

29 de junho

Este homem descobriu que existia um resentimento profundo entre mim e sua mulher, e explica-o a seu modo. Não lhe deu Angela a preferencia? O meu odio, a seu vêr, provém d'uma offensa de amor proprio. Só os maridos são capazes de forjar argumentos d'este genero. Não deixando de prodigalisar á esposa provas de grande carinho, tem por mim a condescendencia d'um vencedor generoso. É um perfeito nescio. Passa dias inteiros no hotel Stranbinger, vendo desfilar gente, e diverte-se a fazer supposições malevolas a respeito dos seus semelhantes. Ri então, mostrando os dentes cariados até a raiz; ri das desventuras dos maridos enganados! Não ha nada que o ponha de mais alegre humor. Tira e põe o monoculo com um movimento precipitado que tem alguma coisa de simiano. E este homem, que gósa com as desgraças conjugaes dos outros, não

considera a sua como o crime mais inexplicavel e mais tragico da terra. Por que não imbecil? Quem és tu? Colloca-te deante d'um espelho, repara para esses olhos de mongol, para o nariz achatado, para as pernas tortas; vira-te de dentro para fora; convence-te da insignificancia do teu intellecto, da mesquinhez do teu caracter... e diz depois: Uma mulher como Angela, deve guardar-te fidelidade? Pergunta, por que capricho da sorte conseguiste prender a sua existencia á tua, tu, que és um mediocre no physico e no moral? A Beatriz do Dante, casando com o mais baixo dos *fanchini* de Florença, teria sido mais feliz.

30 de junho

Quando hoje estava na varanda surprehendi as ultimas phrases do seguinte dialogo entre Kromicki e Angela:

— Elle fica por minha conta, dizia Kromicki elevando a voz, mas é preciso que ponhas tua tia ao corrente dos factos.

— Não, não farei isso nunca, replicou Angela.

Seu marido replicou em tom sêcco:

— É preciso, exijo-o.

Recuei a cadeira com bulha e entrei no salão. Não me ageito a espiar por detraz das portas. O rosto de Angela exprimia viva contrariedade. Kromicki estava pallido de colera mas acolheu-me com um sorriso. Lembrei-me que Angela lhe tivesse contado tudo. Ah! não era por certo um Kromicki que me metteria medo, mas não quero que me separe de Angela. Não quero que me liberte dos meus tormentos, das minhas humilhações, da minha dôr. É isso que me faz viver... Depressa vi que me enganára: Kromicki cada vez era mais attencioso. Trata-me de forma que toca as raias do servilismo. Admira-me, lisonjeia-me, esforça-se por ganhar a minha confiança. Nada o desanima: nem a minha ironia, nem a frieza com que por vezes lhe falo, nem o prazer que demonstro em evidenciar a sua

falta de delicadeza e de maneiras... porque não deixo escapar nenhuma occasião, logo que tenho ensejo, de pôr a nú a sua trivialidade de coração e de espirito. Elle, porém, dá provas d'uma paciencia illimitada. Esta longanimidade não será apparente e não occultará algum laço? É a primeira vez que o vêjo violento e brusco com sua mulher. O rosto cobriu-se-lhe de tons billiosos. como o das pessoas que teem accessos de colera a frio. Seria um excesso de crueldade no rancôr; Angela deve temêl-o, ella tão tímida, tão facil de assustar. É verdade que tenho perguntado muitas vezes como é que esta mulher de coração de pomba podia, em certos casos, armar-se d'uma energia tão extraordinaria. Eu não esperava tambem outr'ora encontral-a docil e sem defesa? E quanto me enganei! Ignoro qual foi o motivo do dissentimento, mas estou convencido que se recusou conformar-se com a vontade de Kromicki; poderá morrer de terror mas não cede.

3 de julho

Não ha dúvida, existe um profundo desaccôrdo entre ambos. Por muito que façam por occultal-o, o meu instincto não se engana. Ha alguns dias que não lhe prodigalisa as caricias habituaes. Isto deveria alegrar-me... Mas não! Soffro mais ainda! Porque é ella quem procura acalmal o, quem procura restabelecer a boa harmonia das antigas relações. A raiva cega-me. Nunca me mostrei tão implacavel com Angela e commigo.

4 de julho

Hoje quando regressava de Wandelbahn encontrei-me com Angela, em frente da cascata. O ruido das aguas aba-

fava-lhe a voz. Foi o bastante para me encolerisar, porque tudo agora me irrita. Approximei-me d'ella, obriguei-a a atravessar a ponte, e disse-lhe sem lhe occultar a minha impaciencia:

— É necessario que fales mais alto, se queres que te ouça.

— Queria perguntar-te, replicou muito commovida, o que tens? Porque me tratas d'esta forma? Porque não tens piedade de mim?

A estas palavras senti o sangue affluir-me ao coração.

— Não vês, respondi-lhe com os labios trémulos, que te amo, que te amo perdidamente. É possivel que não te enterneças! Escuta-me... não te pedirei mais nada .. Dize-me só que me amas; dá-me a tua alma e soffrerei tudo... dou-te a minha vida em troca; serei teu escravo até morrer. Angela, tu amas-me, dimol-o! Não é verdade que me amas? Lembra-te que essa simples palavra seria a minha salvação: dil-a!

Fez-se tão branca como a escuma da cachoeira. Parecia-me que um sôpro glacial lhe congelára o sangue nas veias... Não pôde a principio pronunciar nenhuma palavra; depois acabou por dizer, n'um vago murmurio:

— Conjuro-te, em nome do que tenhas de mais santo no mundo, não me fales assim.

— Nunca me dirás essa palavra?

— Não, nunca.

— Pois bem! é porque não tens...

Interrompi-me de chofre; pensei que se Kromicki exigisse d'ella analoga declaração de amor, com certeza não lh'a recusaria. Os meus ouvidos zumbiram; o desespêro e a raiva empolgaram-me. Passou-me uma nuvem pela vista; perdi completamente a noção de mim e das coisas. Apenas sei que lhe atirei á face com uma d'essas injurias inolvidaveis, que maculam os labios do homem que as profere. Recordo-me, como n'um sonho, que me fixou por segundos, com um olhar estupefacto, cheio de assombro; depois agarrou-me no braço e perguntou com anciedade:

— Oh! meu Deus! É possivel? Que tens? Que tens?

Perdêra a consciencia do que fazia; arranquei as minhas mãos das suas e afastei-me precipitadamente n'uma direcção opposta á que Angela seguia.

Voltei logo depois ao logar onde se passára esta scena. Angela já ahi não estava. Comprehendi então que chegára o momento de acabar com tal inferno. Esta idéa illuminou com subito clarão as trevas que me envolviam. Produziu-se um phenomeno singular. A minha presença de espirito concentrou-se toda n'um ponto especial. Perdêra, por assim dizer, a noção da minha existencia e da existencia de Angela; comecei a raciocinar a proposito da morte, não só com lucidez e logica, mas ainda com inteira tranquillidade. Pensava que atirando-me a um precipicio, do alto de qualquer rochedo, o meu fim poderia ser attribuido a um accidente; que, pelo contrário, se mettesse uma bala na cabeça, minha tia, ferida nos seus melindres de christan, não sobreviveria ao golpe. Mas, apesar de conscio dos inconvenientes que offerecia um suicidio confirmado, não assentava em nenhuma decisão, como se os laços que unem o raciocinio á vontade e aos actos que dependem d'ella, estivessem já quebrados. Convencido que era melhor deixar-me cahir em qualquer abysmo, de cima d'uma ribanceira abrupta, nem por isso deixava de me encaminhar para a *villa*, com intenção de ir buscar o revólver. Sei apenas que estuguei o passo, e que subindo d'um pulo a escada, entrei no meu quarto e me puz á procura da chave da gaveta onde fechára a arma.

Este pensamento de suicidio, que me absorvia completamente, foi de subito perturbado por uma bulha confusa de vozes e de passos precipitados. Atravessou-me o espirito um relampago. Angela adivinhára os meus projectos. Guiada pela intuição que o amor inspira precipitava-se ao meu encontro para frustrar os designios que me rodopiavam no cerebro. A porta abriu-se com estrondo, e divisei no limiar minha tia, que me disse, com a voz entrecortada pela commoção:

— Corre a chamar um medico! Angela está muito mal.

Esqueci logo tudo; precipitei-me para fora de casa,

percorri a cidade e consegui encontrar um facultativo, no fim de um quarto de hora. Louvado seja Deus mil vezes! o perigo parecia conjurado. Emquanto o doutor subia á alcôva de Angela, informei-me, por minha tia, ainda desorientada com o susto, do que occorrêra.

— Imagina, dizia, que regressou ao meio dia, com o rosto em fogo, n'um estado de sobreexcitação impossivel de descrever. Sua mãe e eu interrogámol-a. "Que tinha? Que lhe succedêra?..." "Nada, nada, nada!" Conservava-se muda, como uma estatua. A nossa inquietação obrigava-nos a insistir, e exaltou-se pela primeira vez na sua vida. "Porque é que todos me atormentam aqui? exclamou. Que mal lhes fiz?" E cahiu com uma tremenda crise nervosa. Imagina a nossa afflicção? Foi n'esse instante que te encontrei no patamar. Agora está melhor: socegou; pediu-nos desculpa do seu impeto de colera...

Eu calava-me, com o peito alanceado pela angustia e pelo remorso. Minha tia passeava agitadamente pelo terrado; depois de um certo tempo parou, e voltando-se para mim, explicou:

— Sabes o que me lembrou? Nós não gostamos de Kromicki, nem tu, nem eu, nem Celina... e não o occultamos. No emtanto elle faz tudo quanto é possivel para nos agradar. Isto desgosta Angela, irrita-a... Soffreu até agora sem dizer nada... hoje declarou-se a crise.

— Pensa que o ama a tal ponto?

— Amál-o? Ama-o porque é seu marido. Não pode vêr com bons olhos que o tratemos com sobranceria.

— Pois eu creio... que não é feliz com elle. É ahi que está a verdadeira causa do mal.

Esta supposição pareceu impressionar minha tia, mas afastou-a immediatamente.

— Não! não nego que pudesse ter casado melhor; mas no fim de contas que arguições sérias podemos nós fazer a Kromicki? Celina não lhe perdôa a venda dos bens, nem eu tão pouco, confesso-o... mas Angela defende-o, defende-o com ardor.

— Contra as suas proprias convicções talvez.

— Seja assim: só sente por elle affeição, por isso que procura desculpar na apparencia o que condemna no seu fôro íntimo. Vaes dizer-me: "E esses negocios... essas especulações?„ É para lamentar com certeza que o seu porvir assente n'uma base tão hypothetica. Acaso dá o dinheiro sempre felicidade? Demais, não esquecerei Angela; já conversámos a esse respeito. . e tu consentes, não é assim?...

— Da melhor vontade, querida tia... Sou só no mundo; não chego a gastar a decima parte dos rendimentos. Quer viva quer morra, a Angela nunca lhe faltará o superfluo...

— Ainda bem, contava com isso; assim poderei fechar os olhos socegada, accrescentou a excellente senhora.

Abraçava-me muito sensibilisada no momento em que o medico veiu pôr termo á conversa. Tranquilisou-nos com algumas palavras... "Um pequeno abalo nervoso, que é frequente no principio do tratamento. Bastava interromper os banhos um dia ou dois... e sobretudo ar livre, a maior quantidade de ar possivel... O organismo é são; as forças vitaes estão intactas... a cura será rapida.„ Acompanhei o discipulo de Esculapio até a grade... Teria dado alguns annos da minha vida para me lançar aos pés de Angela e implorar o seu perdão. Jurei modificar-me completamente, não me revoltar nunca, nem sequer murmurar. Arrepender-me! um arrependimento completo e profundo, tal é a disposição actual do meu espirito. Continúo a amál-a com vehemencia.

É impossivel descrever o estado em que fiquei durante o dia. Tinha vontade de chorar como uma creança. Fui muito culpado... mas expio cruelmente a culpa.

5 de julho

Calma completa depois dos sobresaltos de hontem. Angela vae melhor. Encontrámo-nos sós na varanda. As-

sentei-a n'uma cadeira de baloiço, e embrulhei-a n'um *plaid,* porque as manhans estão muito frias.

— Minha querida Angela, disse-lhe, peço-te perdão com todas as veras da minha alma. Estava louco hontem... Esquece o que se passou, porque d'outro modo eu nunca o poderei esquecer.

A sua resposta foi extender-me a mão. Foi necessario appellar para toda a minha fôrça de vontade para não gemer e romper em pranto ante este abysmo profundo que me separa, a mim, pobre e miseravel creatura, do objecto do meu amor. Angela tambem diligenciava dominar a commoção que sentia. O seu seio arfava. Sabe que a amo mais que tudo no mundo, que um amor tão absoluto raras vezes se encontra na estrada da vida, e que este amor teria feito a felicidade de ambos.

Angela foi-se tranquillisando pouco a pouco. Pouco depois o seu rosto só exprimia uma grande serenidade, cheia de resignação e de doçura.

— Estaremos de aqui por deante sempre de accôrdo, não é assim?

— Juro-t'o.

— D'uma vez para sempre?

— Que queres que te responda? Sabes melhor que eu o que se passa na minha alma.

Os olhos tornaram-se-lhe a velar por uma nuvem.

— Bem... bem!... Sei que és bom e leal.

— Eu? exclamei n'um verdadeiro accesso de indignação; eu, que estive hontem quasi a...

Não acabei a phrase... Comprehendi de repente a cobardia que estava a ponto de commetter! Vencer os seus escrupulos pelo terror e pela ameaça!... Não, nunca enveredarei por esse caminho... Apossou-se de mim uma vergonha tanto mais intensa quanto ella começou a inquietar-se, e me perguntava, fitando em mim os seus formosos olhos de gazella:

— Que queres dizer?

— Uma coisa de que teria de córar toda a vida e que demais não tem hoje nenhuma razão de ser.

— Não! não! replicou, nada de evasivas: quero-o saber... exijo-o absolutamente... não terei descanço emquanto não m'o disseres.

Um sôpro mais vivo da briza ergueu-lhe na testa um anel do cabello. Approximei-me d'ella e comecei a alisar-lh'o com a solicitude d'um irmão mais velho.

— Querida Angela, não exijas de mim que te confesse uma imperdoavel fraqueza; demais, como se trata da tua tranquillidade, dou-te a minha palavra que de futuro nunca mais te darei motivo para inquietações d'este genero.

Interrogou-me de novo com o olhar.

— Dás-me a tua palavra?

— Dou-te a minha palavra de honra... Que idéas se aninham n'essa tão linda cabeça?

A chegada do correio veiu interromper o dialogo. Trouxe-nos uma volumosa correspondencia: que de cartas!... Para Kromicki, com estampilhas das terras do Oriente; para Angela, da parte dos Sniatynski; para minha tia, para mim... Clara Hilst escrevia-me de Francfort; falava pouco de si, mas em compensação fazia-me muitas perguntas. Li a carta a Angela, que se divertiu a gracejar com o que chamava a minha paixão, querendo assim restabelecer inteira harmonia nas nossas relações. Principiámos a rir ambos... A alma humana é como a abelha, que tira o mel até do amargôr das flôres.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

HENRYK SIENKIEWICZ

SEM DOGMA

Traducção de Eduardo de Noronha

VOLUME II

LISBOA
Secção Editorial da Companhia Nacional Editora
Largo do Conde Barão, 50
1901

Jone Borges dos Reis.

SEM DOGMA

Em 30-10-19

---

9 de julho

Hoje, na sala de leitura, Kromicki mostrou-me um inglez, que anda sempre acompanhado por uma mulher de rara belleza. A dama é protagonista d'um verdadeiro romance. Deleitou-se a contar-m'o com todas as minudencias. Essa beldade de origem romaica, casou com um principe valachio. O boyardo, arruinado, vendeu a mulher ao inglez. Tinham-se encontrado em qualquer praia da moda, em Ostende, ou n'outra parte, pouco importa! O caso em si não apresenta novidade. Sei de mais d'um mercado identico. Kromicki chegou mesmo a dizer a somma exacta. A narrativa produziu-me um singular effeito. Eis um meio, pensei, de realisar um desejo, infame, é verdade, tanto para o que vende como para o que compra, mas simples e prático. E depois a transacção pode ser feita debaixo de certas formas... Se a mulher ignorar as negociações de que é alvo, salvam-se as apparencias... A meu pesar appliquei as circumstancias do pacto realisado á nossa respectiva situação. "E se por acaso!„ raciocinei eu... Começava a encarar o facto sob um duplo ponto de vista. Horrenda profanação pelo que se referia a Angela: hypothese in-

admissivel com respeito a Kromicki, mas que me permittiria saciar o odio e o desprêso que me inspirava esse homem. Ah! se acquiescesse ao ajuste, que triumpho, como a verdade appareceria á tona de agua... pondo a nú a monstruosidade d'essa alliança a que Angela fôra constrangida. Arrancando-lh'a realisaria uma obra de justiça; mas consentiria? Odeio-o: logo supponho-o capaz de todas as baixezas. Não se tem encarregado de as comprovar? Não vendeu o patrimonio da mulher, obtendo o seu consentimento por surpresa ou por fraude? Não é a avidez o traço dominante do seu caracter? Não o mina a febre do oiro? Uma doença moral d'esse genero deve arrastar a uma queda rapida, inevitavel, profunda... A imminencia e a extensão d'essa queda dependerão apenas do estado actual dos seus negocios. Mas, ou eu me engano muito, ou estão longe de ser tão brilhantes como o quer ostentar. Deve ter arriscado os seus recursos n'alguma especulação imprudente: é de ahi que provém a sua inquietação, o mau humor, as cartas expedidas diariamente ao filho de Chwastowski, seu delegado no Oriente. Ah! mas, agora me lembro! Não haveria meio de chegar a conhecer a verdade pelo proprio Chwastowski? Seu irmão medico está actualmente em Vienna, onde continúa a entregar-se a trabalhos clinicos. Estou com vontade de ir alli passar um ou dois dias; visital-o-hei, saberei por elle o que desejo: entretanto sondarei Kromicki, com todas as precauções possiveis, bem entendido... sem despertar susceptibilidades, nem desconfianças. Hei de perguntar-lhe o que pensa do principe valachio. É de suppôr que se não mostre sincero; mas eu me incumbo de o levar com o tempo ao ponto onde quero: acabarei por penetrar no seu pensamento, não obstante as reticencias.

Esta agitação de idéas, este projecto de viagem, reanimaram-me. Tenho um fito... Se o caminho que vou pisar está empedrado de infamias, tanto peor! Que as pedras recáiam sobre a cabeça de Kromicki. É preciso que o separe de sua mulher. Não se trata só da minha felicidade, mas tambem da de Angela.

10 de julho

Faz um calor abrazador em Gastein. Angela veste trajes de flanela branca, eguaes aos que usam as inglezas para jogar o *lawn-tenis*. Tomamos o café pela manhan ao ar livre. Chega do banho impregnada de frescura, immaculada como a neve, ao romper da aurora. A elegancia graciosa do corpo desenha-se-lhe atravéz do tecido flexivel dos vestidos. Illumina-a o esplendor matutino do céo. Admiro as menores particularidades da sua belleza. As suas pestanas tão extraordinariamente compridas, a adoravel pennugem de pêcego que lhe cobre as faces! Os cabellos reluzem-lhe mais claros e como polvilhados de oiro; as suas pupillas parecem mais transparentes. Como é joven! como a sua imagem embriaga os sentidos e a alma! Como a amo! Está n'ella toda a minha vida! n'ella se resumem todos os meus desejos! Não me canço de a contemplar; mas ao mesmo tempo um soffrimento indizivel tritura o meu pobre coração! O homem que encontro sem cessar ao lado d'ella é seu marido... Não! é impossivel que semelhante monstruosidade se prolongue.

Que Angela não seja de ninguem, mas que não seja d'elle. Deve conhecer o excesso da minha dôr... Não ama o marido; mas está irrevogavelmente associada ao seu destino. Ah! que supplicio para mim; é digno das torturas dos condemnados do inferno! Parece-me que proclamando esta ligação, se avilta. E prefiro tudo a isso... prefiro a sua morte... Pertencer-me-hia então. O esposo legitimo ficaria só d'este lado do abysmo... eu iria juntar-me a ella além, no infinito... Ahi será minha... mais que d'elle.

11 de julho

Novos desapontamentos! O meu edificio desabou. Apenas me fica um ténue raio de esperança. Conversei com Kromicki ácêrca do famoso boyardo que vendeu a mulher. Inventára até um romance para justificar o tal ajuste.

Acabavamos de encontrar o inglez e a sua nobre companheira, não longe da cascata. Comecei por me mostrar muito enthusiasmado com a incomparavel belleza da dama; depois accrescentei:

— A acreditar no que conta o medico do estabelecimento, a transacção realisou-se da forma que te vou narrar. A tua severidade a respeito do valachio parece-me excessiva.

— Isso sim! Diverte-me sobretudo, replicou Kromicki.

— Indubitavelmente... mais habil... que culpado. Podem allegar-se a seu favor muitas circumstancias attenuantes. O boyardo era summamente emprehendedor. Fundára uma sociedade em commandita e dirigia grandes fabricas de cortumes. Desenvolveu-se uma epizootia qualquer... A entrada das pelles da Romania foi prohibida nas alfandegas extrangeiras. Esse homem sabia que se não conjurasse a crise, arruinaria milhares de familias. Meu caro, ou se é commerciante ou não. A moralidade do negociante differe talvez da moralidade do vulgo; mas, desde o momento em que a acceitam...

— Ha direito a vender a mulher, não é assim? — Ah! isso não. Não se pode admittir que para cumprir certas obrigações, se calquem outras, e das mais sagradas, aos pés.

Que cruel desapontamento, ouvir Kromicki falar como um homem honesto!... Mas não dei a partida por perdida logo á primeira. Sei que o individuo mais vicioso possue um arsenal de bellas e sonoras phrases de que se serve quando chega a occasião propicia.

— Não mettes em linha de conta uma coisa, continuei impassivel; esse homem lançava a mulher na miseria. Has de concordar que é uma singular maneira de cumprir deveres, deixar sem pão os que mais nos estimam.

— Palavra... não te julgava tão prático.

Eu pensava de mim para mim:

"Pois não comprehendes que são maneiras de vêr que eu desejaria insinuar-te?„

E continuava em tom cada vez mais convencido:

— Colloco-me nas circumstancias do tal industrial: eis tudo. Esqueces que essa mulher podia não o amar; que o seu coração era talvez já do homem a quem hoje pertence!

— N'esse caso, eram dignos um do outro.

— Isso é outra coisa... Tambem julgo de modo differente a mulher, que é fiel ao marido, não por amor, mas por dever: parece-me digna de interesse. Concordo que o tal boyardo seja um triste individuo... Mas pergunto, o que poderia fazer um negociante a quem dissessem em condições analogas: "O senhor está duplamente fallido; tem compromissos que lhe é impossivel satisfazer, e uma mulher que não o ama; restitua-lhe a liberdade, e as suas dividas serão immediatamente pagas... a sua existencia e o seu bem-estar assegurados!...„ Vender-se! aviltar-se! diriam; considera, porém, que um pacto d'este genero libertava ao mesmo tempo uma creatura condemnada á mais dura das escravidões: a dos sentidos e a do coração; sem falar da pobre gente cuja unica culpa fôra confiar demasiado na boa estrella do industrial alludido.

Kromicki pareceu reflectir durante alguns instantes; deixou cahir o monoculo, e respondeu:

— Meu caro, presumo entender de negocios mais que tu; mas não discutiria nunca com um rábula da tua especie; enfiar-me-hias pelo fundo d'uma agulha. Se não herdasses os milhões paternos, e tivesses de advogar para viver, farias carreira. Expozestes a questão debaixo d'um novo aspecto. Confesso-te, sob minha palavra, que não sei o que deva pensar do tal valachio. O que vejo é que conspurcou com a transacção os deveres mais sagrados... e isso

parecer-me-ha sempre uma villania. Em segundo logar, e porque de alguma maneira tambem sou negociante, dir-te-hei: "Um bancarroteiro tem sempre uma sahida: ou entregar-se ao trabalho, conquistar outra riqueza e pagar as dividas, ou então metter uma bala no peito ou no cerebro." Por esta maneira paga com o sangue e dá alforria á mulher, se a tem, deixando-lhe o caminho livre.

Experimentei durante um instante uma ira tão dementada, que daria tudo no mundo para lhe poder gritar: "Bancarroteiro? mas já o és! Tua mulher odeia-te. Vês essas cascatas, essas levadas... Atira-te a ellas sem demora, libertal-a-has da tua pessoa; a sua existencia ficará livre e será finalmente feliz!"

Calei-me, remoendo esta revelação inesperada e cheia de azedume: "É possivel que Kromicki seja um homem vulgar; mas a sua alma não é tão baixa quanto eu suppunha."

Eis como os meus planos se dissiparam como cinzas lançadas ao vento. Ficava outra vez desorientado, como suspenso no vácuo. Desde então, agarrei-me ao derradeiro e ténue fio que me ligava ainda á esperança: ignorava o verdadeiro estado dos negocios de Kromicki, mas baseei os raciocinios no seguinte axioma: um especulador tanto pode ganhar muito como perder tudo... E continuei a minha obra de diabolica tentação.

— Não me é possivel verificar se os principios que acabas de expôr se applicam á moralidade financeira dos industriaes e dos negociantes... reconheço, todavia, com prazer, que são convicções d'um homem honrado; affirmas, se não comprehendi mal, que um marido, impellido até a extremidade do abysmo, não tem direito a arrastar a elle sua mulher.

— Sustentei, respondeu Kromicki, que vender a mulher é vil, é uma infamia. A esposa deve sempre compartilhar a sorte d'aquelle a quem está unida pelas leis divinas e humanas. A tua theoria é boa para qualquer leviana, que sob o pretexto do marido ter perdido ou compromettido os bens, está prompta a quebrar os laços do casamento.

— A esposa pode não ter culpa. O marido é que deve

solicitar e obter a dissolução do contracto. Cumpre cada um o seu dever. Por outro lado, se a mulher se convencer que o divorcio é a unica táboa de salvação, porque não condescenderia?

— É uma alternativa bem triste.

— Porque? Tens pena do romaico.

— Não! cem vezes não! Será sempre para mim um infame.

— Encaras as coisas sob um ponto de vista puramente objectivo. É por isso que me não surprehende a tua opinião. És feliz; realisaste todas as empresas em que te metteste: um ricaço como tu não conseguirá nunca analysar o caso psychologico d'um fallido, a menos que não seja philosopho por natureza; ora a philosophia não é o divertimento favorito dos millionarios.

Kromicki soltou um leve suspiro... Seria indicio de que batêra no alvo; aguardal-o-ha a ruina occulta nos vapores com que o rodeia a phantasmagoria dos milhões?

Não quiz insistir mais; a minha duplicidade horrorisava-me. A semente está lançada na sua alma; uma pequenina semente, muito miseravel talvez para dar fructo! mas o ultimo fio a que me agarrava subsiste ainda. O principal é saber o verdadeiro estado dos seus negocios.

12 de julho

Produziu-se hoje um incidente cuja recordação ainda me faz tremer como n'um accesso de febre.

O dia estivera esplendido; a noite mais bonita ainda; a lua cheia ergueu-se e inundou a terra de luz. Combinou-se que iriamos de carruagem a Hofgastein. Só a senhora Celina não nos pôde acompanhar por causa da hora adeantada e da frialdade das noites. Minha tia, Kromicki e eu, dirigimo-nos para a grade do parque; elle foi adeante para ir buscar o trem. Nós esperávamos Angela. Como decor-

ressem alguns minutos sem que apparecesse, voltei atraz. Quando cheguei á *villa* encontrei-a nos degraus d'uma escada de caracol, que do primeiro andar dá ingresso para o jardim. Este lado da casa ficava mergulhado na sombra, só a fachada opposta é que estava illuminada pelo luar; Angela descia lentamente. A escada volteava em espiraes quasi perpendiculares ao solo. Como eu subia e ella descia, os meus labios encontraram-se, n'um dado momento, á altura dos seus joelhos. Enlacei-os com os meus braços, apoiei n'elles a bôcca ávida de beijos. Ah! como esse instante de voluptuosidade me recompensava os soffrimentos! Sabia que teria de expiar aquelle minuto de embriaguez, mas não podia nem queria resistir á tentação. Aquelle momento durou apenas um relampago! E fugia já, tornando a subir precipitadamente.

E eu, em baixo na escada, comecei a gritar com fôrça, de maneira que minha tia me pudesse ouvir:

— Aqui está Angela! Eil-a.

Não tinha outro remedio senão seguir-me. Deixei-a só e encaminhei-me para a grade para lhe dar tempo a socegar. Quando se approximou de nós, chegava Kromicki com a carruagem. Angela, lívida, confusa, com os olhos no chão, parecia-me ainda mais adoravel.

— Desculpem me, disse com voz trémula; mudei de opinião; não posso deixar a maman sósinha. Partam... esperal-os-hei; encontrarão o chá prompto no regresso.

— Mas Celina está magnifica! exclamou minha tia visivelmente contrariada; foi ella quem planeou o passeio com o unico fim de te distrahir.

— Sim, mas...

Kromicki, que ouvia de pé, ao lado do trem, acercou se.

— Nada de caprichos, por favor, recommendou em tom sêcco.

Apesar da commoção que se apoderára de mim, surprehendeu-me esta dureza e a obediencia silenciosa de Angela. Parecia que desde pela manhan surgíra um novo dissentimento entre os dois. Não havia dúvida que os mo-

tivos da frieza que notára outro dia se tinham reproduzido com mais intensidade. O meu espirito, porém, não estava assaz desafogado para profundar qual seria a verdadeira causa d'estas desavenças conjugaes. A recordação dos beijos abrazava-me o sangue. A volupia e a alegria inundavam-me a alma. A alegria sobretudo, por isso que Angela inaccessivel, impeccavel, devia dizer agora: "Tambem eu resvalei pelo declive; tambem eu perdi a altivez; acabo de vêr a meus pés o homem que me ama... e calo-me... Acceito a sua cumplicidade.„

Assentado em frente de Angela, diligenciava, logo que um raio de lua lhe illuminava o rosto, lêr n'elle a sentença que me esperava. Fitava-a com um arrependimento tão profundo, com tanta humildade, que me parecia impossivel que se recusasse a perdoar-me. Mas desviava de mim os olhos. Parecia escutar o marido com attenção. Kromicki explicava a minha tia os melhoramentos que introduziria e os interesses que alcançaria se, por acaso, o encarregassem da administração de Gastein. Minha tia limitava-se a mover a cabeça, quando elle lhe perguntava: "Pois não é assim? hein!... não é verdade?„ Kromicki pretendia incutir-nos a idéa da sua alta capacidade financeira! Que homem! que genio! que quer tirar d'uma moeda dez vezes o seu valor.

A estrada de Hofgastein, aberta na rocha, costeia precipicios em mil voltas sinuosas. A lua illuminava-os ora uns ora outros conforme as curvas do caminho. As feições de Angela só exprimiam uma dôce tristeza: isto deu-me alguma confiança. Pensava que ella talvez me observasse, quando estivesse na sombra, e que diria então: "Ninguem no mundo me ama mais que elle, nem ninguem é mais desgraçado.„

Iamos todos calados. Só Kromicki continuava a falar. A sua voz resoava a par do murmurio do regato, que deslisava pelo fundo do abysmo, e do ranger do travão que o cocheiro apertava a cada descida mais rapida. Por sobre os campos extendia-se o socêgo d'uma noite serena e tépida. A lua emergia por cima dos montes e vogava no es.

paço. Os seus reflexos prateavam as altas cumieiras. Os contornos, revestidos de neve, coloriam-se por instantes d'uma luz esverdeada e metallica, ao passo que os planos inferiores, mergulhados na escuridão da noite, apenas apresentavam uma massa cinzenta. Estes fulgôres da neve pareciam estar suspensos no ar, leves e fluctuantes, sem contacto nenhum com as coisas da terra. Um encanto, um socêgo indiscriptivel desciam das montanhas adormecidas no meio do silencio nocturno.

Era cêrca de nove horas quando chegámos a Hofgastein. As casas estavam fechadas e ás escuras; já não havia carruagens á porta do hotel. Só se distinguia, no meio das trevas, a luz que se coava atravéz das janellas de algumas hospedarias. O trem parou á porta de Megger, onde alguns cantores tyrolezes executavam um côro. Occorreume a idéa de propôr aos artistas ambulantes que nos dessem uma serenata. Por desgraça não eram montanhezes da localidade, e sim membros d'um club alpino qualquer. Á falta de concerto comprei dois ramos de *edelweis!* offereci um a Angela, o outro desatou-se, como por descuido, e as brancas flôres espalharam-se a seus pés.

— Deixa-as estar onde estão, disse, vendo que se dispunha a apanhal-as.

Depois corri a buscar um terceiro ramo para offerecer a minha tia. Quando me approximei da carruagem, ouvi Kromicki, que continuava a expôr novos projectos de empresas colossaes:

— Aqui podia fundar-se, dizia, outro estabelecimento que désse mais de cem por cento.

— Sempre a mesma coisa! disse com ar tranquillo.

Angela devia ter comprehendido; estas palavras, significavam: "Repara! ao passo que eu só cuido de ti, elle, a teu lado, apenas fala de dinheiro e de negocios. Compára os nossos sentimentos... avalia o que vale um e outro".

Estou certo de que se compenetrou do sentido das minhas palavras.

No regresso, tentei por vezes trocar algumas phrases com ella, sem o conseguir. Já na *villa,* e depois de ter pago

ao cocheiro, dirigi-me para o salão onde se devia servir o chá. Angela tinha-se retirado. Minha tia informou-me que se achava indisposta. Assaltaram-me de novo os remorsos: para que havia de a atormentar assim. Ah! que terrivel impressão se sente quando se raciocina: "Sou eu a unica causa dos soffrimentos da pessoa que amo.„

O chá foi servido em silencio. Minha tia parecia adormecida; Kromicki inquieto. Os escrupulos empolgavam-me com mais fôrça. "Deve odiar-me mortalmente„, pensei. Previa que de futuro fugiria de mim, considerando como rôto o pacto que concluiramos na vespera. Estas idéas inspiraram-me a resolução de partir para Vienna no dia seguinte. Pareceu-me esta a resolução mais sensata. Veria em primeiro logar o dr. Chwastowski, obteria os esclarecimentos que me interessavam, depois, — Deus sabe a amargura que me causava esta reflexão — libertaria Angela da minha presença, proporcionando-lhe assim dois ou tres dias de descanço.

Gastein, 15 de julho

Tenho a registar uma serie de acontecimentos e de incidentes. Não sei bem por onde começar. Adquiri afinal a prova irrecusavel de que lhe não sou indifferente. Tenho quasi a certeza, que, de hoje em deante, Angela accederá ás propostas que conto fazer-lhe... Mas devo seguir com methodo a narrativa e não começar pelo fim.

Estive em Vienna; regressei hoje de tarde... com todas as informações que desejava. Examinal-as-hemos, minha tia e eu, em momento opportuno.

O doutor Chwastowski é um bello rapaz, trabalhador infatigavel; está concluindo agora um tratado de hygiene popular. Como o labor lhe dá uma compleição de Hercules! Que exuberancia de vida! Ferve, por assim dizer, n'elle. Logo que o encontrei falei-lhe sem preambulos do assumpto que me interessava.

Disse-lhe, que tendo capitaes disponiveis, tencionávamos confial-os a Kromicki, mas que queriamos primeiro obter alguns esclarecimentos a respeito da situação geral dos seus negocios. Elle poderia talvez informar-nos; as cartas que lhe escrevia seu irmão de Bakum, ou de outra cidade do littoral, deviam por certo referir-se aos projectos e ás empresas de Kromicki...

— Chega em occasião opportuna, exclamou... Aqui está a ultima epistola que Luciano me mandou... creio que toca em alguma coisa dos negocios de que me fala.

E, correndo á secretária, escolheu uma carta, folheou-a, e, indicando-me um paragrapho, disse:

— Leia.

As seguintes linhas foram o bastante para me elucidar.

"Com relação ao meu director, escrevia Luciano, perdemos tudo no negocio do petroleo: commetteu o erro de querer hombrear com Rothschild... É uma concorrencia acima das nossas fôrças e dos nossos meios. Abandonámos a partida á custa de enormes sacrificios. Ha importantes sommas compromettidas nos artigos de que obtivemos monopolio... Podemos ganhar milhões com ellas, ou arcar com enormes responsabilidades. Tudo depende da boa fé de terceiro. Como tencionamos honrar os nossos encargos não perdemos as esperanças. Agora o caso é que necessitamos de muito dinheiro: os nossos devedores pagam-nos a praso, ao passo que os crédores exigem que lhe paguemos as contas de prompto, e, para cumulo do mal, os fornecimentos estão longe de ser de primeira qualidade... Agora os compromissos recáem todos sobre mim... etc...,

Dobrei a carta, entreguei-a ao doutor, e limitei-me a dizer:

— Está bem; esse dinheiro nós lh'o proporcionaremos.

No meu regresso a Gastein, reflecti maduramente na resolução que iamos tomar. Os bons instinctos despertaram no fundo da minha alma. Em vez de perder Kromicki, não era mais simples e sobretudo mais honesto auxilial-o?

Mas comprehendi sem demora que só havia egoismo occulto sob apparencias de generosidade. Previa, que apenas Kromicki obtivesse recursos se apressaria a sahir de Gastein e me libertaria dos tormentos que me causa a sua presença ao pé de Angela: estas reflexões absorveram-me tão profundamente, que fiquei surprehendido de me encontrar em Lend-Gastein. É a estação terminus na linha de Vienna a Gastein. Tive de continuar a jornada de carruagem. Ao chegar a essa localidade encontrei a população muito agitada, em consequencia do choque de dois comboios, succedido na proxima estação de Zell am See. Acabavam de para alli transportar os feridos. A catastrophe que se deu inspirou me um dó profundo, mas momentaneo. Logo que me metti na carruagem e esta rodou, os pensamentos voaram de novo para Angela, como um bando de aves que voltam á patria. Convencêra me que era necessario modificar a nossa forma de viver e de ser, sob pena de sobrevirem consequencias graves. Mas porque partido optar? Depois de longas discussões íntimas, suppuz ter encontrado a solução do problema. Bastava que Angela me dissesse estas palavras: "Pertenço-te de alma e coração; não cessarei de ser tua, até a eternidade: acceita este enlace mystico .. e as nossas almas encontrar-se-hão unidas uma á outra para sempre...„ Via-me então, de mãos dadas, pronunciando a formula do juramento sagrado: "Juro-te que o meu amor será sempre casto: juro considerar desde hoje a união das nossas almas como um casamento, e a ti como uma esposa querida.„ N'aquelle instante sentia-me capaz de respeitar esses sentimentos ethereos... cria que d'esta larva terrestre surgiria um dia a mariposa immortal, que desligada das prisões da terra, voaria de astro em astro até se realisar a sua completa fusão com a alma universal dos mundos. As nossas formas são fugitivas, morredoiras; mas o amor, que sobrevive aos nossos corpos, servir-nos-ha de immortalidade. Quem sabe se não é a unica condição d'uma existencia eterna? Não terá o meu amor em si esta fôrça e este principio da eternidade? Não se sente immutavel, alheio ás vicissitudes do tempo?

É preciso amar muito, soffrer muito, chegar quasi ás extremas da loucura para abstrahir de si proprio em semelhantes visões.

Acordei de golpe como se fôra arrancado a um sonho. A mão que machinalmente levára á testa estava manchada de sangue. Só então vi que a carruagem servíra de transporte ás victimas do desastre e que no meio da perturbação e anciedade geral, se esqueceram de fazer desapparecer estas nodoas sinistras. Registo o incidente porque teve para mim capital importancia.

Minutos depois chegava a Wildbad. No momento de subir a encosta, divisei uma carruagem que vinha em direcção da nossa, a toda a brida. Mais um incidente! disse de mim para mim. Por felicidade, o cocheiro, que dera por nós a distancia, teve tempo de apertar o travão. Os cavallos diminuiram logo o andamento. Oh! mas que surpresa! acabava de reconhecer Angela e minha tia dentro do vehiculo. Assomaram-se ambas á portinhola e ouvi as suas vozes exclamarem:

— Leão! Leão! é elle, é elle!

Segundos depois estava ao lado das duas. Minha tia deitou-me os braços em volta do pescoço, dizendo-me com anhelo:

— Louvado seja Deus! Estás são e salvo.

Angela agarrara-me as mãos, e apertava-as nervosamente... De subito escapou-se-lhe dos labios um grito:

— Estás ferido?

Comprehendi o seu terror e respondi immediatamente:

— Não! é que a carruagem serviu para transportar os feridos ao hospital e tem ainda manchas de sangue.

— Estás bem certo d'isso? perguntou minha tia outra vez inquieta.

— O mais que é possivel.

— Qual foi então o comboio que descarrilou?

— O que vem de Zell am See.

— Oh! meu Deus, que felicidade! exclamou a excellente senhora; em Gastein os telegrammas diziam que fôra o comboio de Vienna...

Angela largára a minha mão, mas continuava pallida como uma morta, e silenciosa. Minha tia é que proseguia com a sua volubilidade habitual.

— Imagina o susto que tivemos. Sabiamos que devias vir hoje. Ao lêr os telegrammas do choque não pude ser senhora de mim, resolvi partir sem demora. Angela quiz absolutamente acompanhar-me. Ah! passámos instantes bem crueis. Louvado seja Deus! Tudo ficou em susto.

Agradeci com effusão. A minha alma tambem entoava um cantico de graças. Angela estava ahi; tremia ainda: estampavam-se-lhe no rosto os indicios do seu anceio. Amava-me pois! Contemplava-a de quando em quando com uma expressão de amor e de reconhecimento indizíveis; sorria-me. Reparei que as suas mãos não tinham luvas, que não deitára nenhum agasalho pelos hombros. Esquecêra tudo com a afflicção e com a pressa. O tempo refrescára com o entardecer e embrulhei-a no meu capote. Consentiu em tudo sorrindo sempre.

Até a senhora Celina me recebeu com demonstrações da mais viva alegria. Só Kromicki, com visivel mau humor, experimentava, com certeza, um sentimento de decepção. Um Ploszowski de menos na terra, não desarranjava em nada os seus planos e os seus negocios! Não era primo para todos os effeitos e especialmente para a herança?

Regressava ao hotel depois d'um passeio a Nassfeld, em companhia d'um grupo de capitalistas belgas, sem ter conseguido obter nada d'elles, e commentava: "Estes belgas são idiotas: ora imagina que se contentam com um interesse de tres por cento nos seus negocios.„ Quando nos despedimos, participou-me que ámanhan conversaria commigo ácêrca de negocios graves. Esta declaração ter-me-hia inquietado n'outra conjunctura, mas adivinhava agora sem custo a que se referia.

— Até ámanhan, respondi-lhe, porque tinha urgencia de ficar só e de coordenar as minhas impressões e idéas.

16 de julho

Mal acabara de me vestir, quando minha tia bateu á porta do gabinete. Desejava contar-me o que se passára durante o periodo que estivera fóra.

— Imagina, disse-me, quando a obriguei a assentar, que Kromicki propôz associar-nos aos seus negocios.

Sorri com a noticia e perguntei não sem alguma alegria:

— E que decidiu?

— Recusei, como deves suppôr; sabes que não poupo as verdades a ninguem; ouviu das boas: "Meu caro, respondi, a Providencia houve por bem dar-me uma riqueza que chega de sobejo para as minhas necessidades; para que quereria eu augmental-a associando-me ás suas aventurosas emprezas? Fala-nos dos seus milhões, quero acreditar n'elles; mas emfim, visto os seus negocios serem tão brilhantes, guarde-os para si, e não busque socios.„

— Devia ter feito uma linda cara!

— Fez! não tinha nada que me agradecer; a phrase "emprezas aventurosas„ devia-lhe ter ido direita ao coração.

"— Quando casei com Angela sem dote, respondeu-me, maguado, julgava ter direito a contar com o auxilio material e moral de sua familia, sobretudo em circumstancias onde esse concurso pudesse ser proveitoso para ella. Vejo que me enganei; lastimo ter falado em tal: desejava que minha mulher se encarregasse d'essa missão, talvez ella os encontrasse mais bem dispostos; mas é uma grande senhora, uma creatura muito ideal, para se rebaixar a tratar de tão miseraveis questões de dinheiro, de tomar a peito os interesses do marido.„

— Confesso que o seu desapontamento me inspirou uma certa piedade; quiz dulcificar a dureza da minha resposta, e informei-o da deliberação que tomára de legar a Angela

um rendimento, que os puzesse a ambos ao abrigo das contingencias da sorte. Se tiverem filhos, accrescentei, o capital será para as creanças e o usufructo para os dois. Que te parece esta deliberação? Fiz bem?

— Muito bem. A tia sabe mais que um doutor.

Contei-lhe, depois, o fim com que fôra a Vienna e quaes eram as informações que obtivera.

Minha tia fitava-me com admiração. Passava a seus olhos pelo homem mais habil do mundo.

— Em summa, disse-lhe acompanhando-a até o seu quarto, a situação não é tão desesperada como parece. Kromicki participou-me hontem que tinha coisas importantes a dizer-me hoje: veremos o que me expõe e resolverei depois.

Ao proferir estas palavras separámo-nos na melhor harmonia do mundo.

Passada uma hora, ao toque da campainha desci para almoçar. Bastou-me lançar um olhar pelas pessoas que me rodeavam para comprehender que havia novidade de vulto. Angela parecia aterrorisada; o rosto da senhora Celina apresentava vestigios de lagrimas recentes; as faces de minha tia estavam ainda vermelhas de colera. Só Kromicki lia um jornal, indifferente na apparencia, mas macillento e abatido como se acabasse de se levantar d'uma doença.

— Sabes, exclamou minha tia apontando para Angela com o dedo, o que essa menina me disse á guisa de bons dias?

— Não posso presumir.

— Vae deixar-nos dentro de oito ou quinze dias, nem mais nem menos, para ir, ella e sua mãe, viver em Odessa.

Um raio que cahisse a meus pés não me impressionaria tanto: o meu coração cessou de bater. Olhei para Angela; córou, como se fôra surprehendida a praticar uma má acção.

— E porque motivo? inquiri por fim... qual a causa? porque razões?

— Dizem que não querem incommodar-me em Ploszow,

proseguiu minha tia indignada. Imitou a voz de Angela e disse: "Incommodar-me!„ Comprehendes! Não querem ser-me pesados. As boas almas imaginam, sem dúvida, que preciso de isolamento, que só, entre quatro paredes, terei mais alegria, e gosarei de melhor saude. Que bella idéa, não é assim?

A colera da bondosa senhora exasperava-se á medida que falava; e sem poder conter-se dirigiu-se a Kromicki e perorou:

— Foi o senhor quem presidiu ao conciliabulo?

— De maneira nenhuma! não fui consultado; mas como supponho que minha mulher tem necessidade de viver perto de mim, só me resta agradecer-lhe a decisão que tomou.

— Por ora é um simples projecto, explicou Angela com timidez.

Esqueci-me das conveniencias e não cessei de a fitar. Não ousava erguer os olhos. A sua perturbação confirmava as minhas suspeitas. Queria fugir-me, libertar-se das minhas assiduidades, tinha-me horror. Não ha palavras que exprimam a agitação da minha alma, a amargura que me transbordava do coração. Amaldiçoava Angela. "És e continuarás a ser virtuosa, bradava-lhe de dentro de mim, mas essa virtude é apenas vulgar egoismo. Só pensas na tua tranquilidade, prompta a sacrificar-lhe a vida e a felicidade dos outros.„

Levantei-me da mesa extraordinariamente sobreexcitado. Sim! As mulheres sem coração são as unicas que se mostram inflexiveis. Só teem um cuidado: regular os seus negocios, como o primeiro lojista da esquina. A sua virtude resume-se a uma escripturação methodica de livros. Receiam o amor como o merceeiro teme as desordens na rua. O que se afasta da vulgaridade quotidiana da existencia, inspira desprêzo e horror a essas almas rotineiras. Nunca cederão á paixão porque os grandes sentimentos não se lhe amoldam á estreiteza do coração e do espirito. Se a virtude tem cumiadas inaccessiveis e abysmos insondaveis, abunda tambem n'ella a insupportavel e rasteira monotonia das planicies. E eu, que durante a mi-

nha viagem de Vienna a Gastein, architectava não sei que edificio aereo e sublime, uma especie de palacio mystico, onde devia amar Angela com esse amor que Dante consagrára a Beatriz! Construíra essa mansão encantada á custa dos meus sacrificios. A minha paixão purificara-se como no meio de chammas, só aspirava a essa posse ideal, digna dos espiritos e dos anjos. E agora o que me resta do sonho? Para que buscar suggerir-lh'o? Para que diligenciar erguel-a a taes alturas? Seria incapaz de me comprehender e de me seguir. Consentiria, é certo, que continue a amal-a e a soffrer em silencio. Um tal sentimento lisonjeia o seu amor proprio; mas repelliria qualquer laço, qualquer posse mutua dos nossos corações, por mais espiritualisada que fôsse. Para ella nada existe além da obediencia do casamento e dos direitos que confere o titulo de esposo.

Angela pareceu-me n'esse instante abominavel. Por mais que quizesse recordar-me da sua commoção da vespera, do seu anceio, da desordem do seu vestuario, da maneira como me apertava a mão, só via n'isso um simples movimento nervoso, devido ás circumstancias. Acompanhára minha tia por solicitude e tambem por essa curiosidade impregnada de medo, que nos inspira a narração d'um desastre. Que ingenuidade a minha, a de vêr n'isso uma prova de amor. Dominava-me uma unica idéa: vingar-me, obter á custa de muito oiro que ficasse comnosco, e mais tarde, na convivencia com ella, pela minha linguagem, pelos meus olhares, por cada um dos meus actos, repetir-lhe estas palavras que lhe deviam abrazar o rosto de vergonha: "Fica sabendo que não partiste porque eu não quiz, porque te comprei a teu marido." Com esta idéa fixa fui em busca de Kromicki, via claramente qual era o caminho a seguir. Senhor de mim, tinha a certeza de dominar o meu interlocutor, e de o levar ao ponto onde eu queria chegar.

Encontrei o pouco depois, dispondo-se a lêr os jornaes, no terrado do hotel Straubinger. Apenas me viu, deixou cahir o monoculo e disse-me:

— Tencionava ir agora mesmo em tua procura.

— Eu vinha convidar-te para darmos um passeio até Kaiserweg e conversarmos pelo caminho.

— Como queiras, respondeu, levantando-se.

A alguns passos do hotel entrei logo no assumpto sem esperar pelas suas confidencias.

— Minha tia, comecei, contou-me a conversa que tiveste com ella.

Lançou-me um olhar rancoroso e exclamou baixando a cabeça:

— Sinto ter-lhe falado em tal.

— Não soubeste expôr a questão com o sangue frio que é necessario ter quando se trata de interesses materiaes. Permitte, meu caro, que me abra com toda a franqueza. Minha tia é uma excellente pessoa, mas é preciso estudal-a e não lhe ferir as susceptibilidades. Andaste mal em lhe lembrar que casaste com Angela sem dote. Ha de ser difficil esquecer-se, mas pouco importa; vamos ao que interessa. Minha tia alludiu ao rendimento que tencionava legar a Angela. Não me compromettas, isso foi apenas um ardil de guerra. Sei, de forma indiscutivel, que tenciona deixar-lhe importantes capitaes... a verdade, porém, é que os dois procedem levianamente. Que projecto é esse da partida de Angela? a pobre senhora ficou melindrada a mais não poder ser. Já vês que não te falo como herdeiro unico e legitimo, mas como amigo. Diligenceia reparar o mal, e sobretudo convence tua mulher que seria conveniente renunciar a tal viagem.

Kromicki pegou-me nas mãos.

— Agradeço-te, disse, apertando-as com fôrça. Procederei em harmonia com os teus conselhos. No fim de contas o projecto de Angela não tem senso commum. Não posso supportar exaltações, e essas duas senhoras exaltam-se por qualquer coisa: repetem-me sem cessar que abusam da hospitalidade que recebem em Ploszow. — Eis a verdade dos factos: não as posso levar commigo... Logo que parta, é-me indifferente que Angela resida em Odessa ou em Varsovia. Apenas liquide os negocios, o mais tardar

dentro d'um anno, espero-o em Deus, estabeleceremos residencia definitiva .. Mas de aqui até lá, sahir de Ploszow é rematada tolice, desculpa o termo. É indispensavel a minha presença no Oriente. A minha demora aqui já vae além do tempo que podia dispôr; viera com a idéa de os associar á minha empresa. Tua tia recusou. Aqui tens o que desejava dizer-te. Desejo saber agora até onde posso contar com o seu concurso.

— Respirei: os projectos de Angela mallogravam-se. As palavras de Kromicki davam claramente a entender que era facil descartar-me d'elle. Não era esse um dos meus mais ardentes desejos? Contive, todavia, a alegria prestes a trahir-se com manifestações de viva effusão, e limitei-me a responder:

— Nada posso prometter, antes de me expôres, nitida e claramente, a tua situação actual.

Kromicki não precisou que lhe repetisse o pedido. A sua franqueza admirava-me. Interrompia-se de quando em quando, agitado por bruscos movimentos nervosos: ora me encostava aos penhascos da estrada, ora me agarrava por um dos botões do fato que torcia nos dedos crispados. Devo fazer-lhe justiça; o que expunha concordava com as informações exaradas na carta do seu procurador. Fingi ouvil-o com a maior attenção. Quando terminou, declarei-lhe:

— Meu caro, depois do que acabo de ouvir, nem minha tia nem eu podemos associar-nos aos teus negocios.

O rosto cobriu-se-lhe de mortal pallidez.

— Por que não? murmurou.

— Porque, se por acaso fosses citado a comparecer ante os tribunaes, não desejariamos vêr figurar o nosso nome junto do teu.

— Com restricções e previsões d'esse genero, replicou, não ha negocios possiveis.

Depois, como me calava, accrescentou:

— Confiem-me cem mil rublos!

— Tambem não pode ser...

Kromicki deixou cahir os braços com desânimo.

— Comtudo, prosegui, se não queremos ser teus socios, posso, mediante um simples recibo, emprestar-te os cem mil rublos de que precisas.

Ficou immovel e fitou-me pestanejando, como um homem que ainda julga sonhar. Este estado teve a duração d'um segundo. Comprehendeu que, manifestar demasiada surpresa ou alegria, o podia rebaixar no meu espirito. A prudencia commercial, ridicula e inutil em taes circumstancias, foi superior á sua expansão, e retorquiu:

— Obrigado. Que juro queres?

— Conversaremos n'isso depois; até logo, tenho ainda que combinar algumas coisas com minha tia.

Dito isto afastei-me, deixando-o a sós com a sua surpresa e reflexões. Ao entrar na *villa*, encontrei Angela no jardim, a comprar morangos a uma das aldeans da localidade, tão pinturescas nos seus trajes.

— Já não partes... porque eu não quero, disse-lhe, de relance, em tom brusco.

Ao jantar, tratou-se da ida para Odessa: Kromicki encolheu os hombros: "Que era uma criancice, que fazia sorrir qualquer homem sensato.„ Angela fitou-o, e vi que adivinhara toda a verdade. O marido repetia a licção que lhe ensinára, como um papagaio diz uma phrase repisada... A expressão de vergonha e de humilhação que se lhe pintou no rosto causou-me uma alegria cruel, tal era a quantidade de resentimentos que se me amontoavam no coração.

30 de julho

Kromicki foi-se embora. Concluimos o negocio em Vienna e eis-me de regresso. A senhora Celina acabou o tratamento; mas os calores que reinam na planicie, obrigam-n'os a aproveitar ainda o ar fresco das montanhas. A presença de Kromicki era insupportavel a todos. Angela está resentida com o marido por me ter associado ás suas

empresas. Ah! como o desgraçado está longe de suspeitar que exista entre nós outros laços que não sejam os do proximo parentesco ou d'uma antiga amizade; gabou-se com cynismo a sua mulher, do emprestimo que eu lhe fizera. Creio até que desde então Angela o julga mais vil e mais baixo que na realidade é. Já aqui disse a opinião que formava a seu respeito: Kromicki é um aventureiro. Incapaz de delicadeza de sentimentos, de subtileza de espirito e de distincção de pensamento: a sua alma não é nem sensivel nem profunda. Salvo certas restricções, admitto que seja um homem honesto, na vulgar e sêcca accepção do codigo. Ha n'elle um pedantismo burguez alliado á nevrose do dinheiro. Quanto mais antipathia me inspira mais me esforço por julgal-o com imparcialidade.

As nossas relações com Angela resentem-se dos diversos incidentes d'estes ultimos dias. Espero, todavia, que o porvir chegue a dissipar esta frieza, e que então, no fervor das confidencias reciprocas, concorde em fazer-me concessões que m'a tornem ainda mais cara. Este desaccôrdo estabelece uma especie de cumplicidade entre nós. Visto admittir resentimentos cuja unica causa é o amor, é porque reconhece esse amor. São supposições sem consistencia, tão vagas como um sonho, mas bastam para me salvar da apathia e do torpôr absolutos.

2 de agosto

Recebi outra carta de Clara. Deve suspeitar de alguma coisa. As palavras que me dirige conteem tanta compaixão e tanta piedade! Dir-se-hia que adivinhou o segredo do meu coração. Vae dar uma serie de concertos a Berlim, e tenciona voltar a Varsovia no começo do inverno. Convida-me a ir passar alguns dias na nova capital da grande patria alleman. Não irei. Estou amarrado á minha cadeia e não quero desprender-me d'ella.

4 de agosto

Alimentára a louca esperança de que Angela, indignada com o procedimento do marido, me viesse dizer um dia: "Compraste-me, aqui me tens„. Talvez assim o fizessem certas mulheres de imaginação exaltada, com o cerebro perturbado por maus romances, aquellas que, n'uma palavra, só buscam um pretexto para justificar a queda; mas não succederá o mesmo com Angela. Não conheço maior desgraça que a de amar uma mulher virtuosa, quando essa virtude é tão inflexivel e tão implacavel como a lettra da lei.

7 de agosto

Minha tia estima Angela como estimaria uma filha. Se viesse a faltar-lhe, ficava ainda a quem consagrar a existencia. Affligia-se hoje por vêr o aborrecimento em que ella vivia. As suas unicas diversões são os passeios de Wildbad a Hofgastein!

— Se possuisse as minhas pernas de outr'ora, disse, leval-a-hia a visitar as cercanías. O marido não pensou n'isso, elle que andava todo o dia correndo montes e valles.

Angela tranquillisava-a como podia. Não tinha necessidade de divertimentos, bastava-lhe o jardim da *villa* para os seus passeios.

Julguei do meu dever intervir:

— Eu tenho muito tempo livre, disse com simulada indifferença; gosto de andar, nada me impede de acompanhar Angela para que admire as bellas paizagens dos arrabaldes.

Se alguem invocasse as conveniencias, responder-lhe-

hia que sômos parentes proximos. Demais, reina a mais completa liberdade em todos os balnearios do mundo.

Angela não encontrou nada que responder a estes argumentos. As duas senhoras concordaram com as minhas idéas.

Ficou combinado irmos ámanhan a Schreckbrücke.

8 de agosto

Fizemos uma convenção entre os dois. Abre-se uma nova era na nossa vida a contar d'esta data. Este *modus vivendi* foi assente em bases diversas d'aquellas que eu queria dar-lhe; mas tenho que subordinar a ellas o meu proceder. Tudo será claro e nitidamente definido. Já não posso esperar nada extraordinario, nem imprevisto; mas ao menos não vaguearei ao acaso, como o vagabundo privado de abrigo.

9 de agosto

Hontem ao cahir da tarde fômos a Schreckbrücke. Minha tia e a mãe de Angela acompanharam-n'os até as quebradas. Ahi, assentaram-se n'um dos bancos que marginam a estrada: Angela e eu continuámos o passeio. Sentiamos um e outro necessidade d'uma explicação decisiva. Não ha nada que mais influencia exerça n'uma mulher que a inflexão da nossa voz e o tom que damos ao dialogo. Por pouco que entremos na via das confissões com tímida anciedade, com a convicção de tentar uma empresa das mais audaciosas, a timidez, o terror ou os escrupulos communicam-se ao espirito d'aquella a quem nos esforçamos por seduzir. Se pelo contrario falamos com socêgo, se não elevamos a voz acima do diapasão ordinario, as nossas

palavras não despertam nem as mesmas apprehensões nem as mesmas resistencias!

Absorto n'estas reflexões, caminhei durante instantes ao lado de Angela, até que lhe disse da maneira mais natural do mundo:

— Não podes avaliar quanto me melindrou o teu projecto de viagem. Sabia perfeitamente que só invocavas um pretexto irrisorio. Era eu só o unico e verdadeiro motivo da tua decisão. E não pensaste na minha dôr? Que seria de mim sem ti? Dirás que tratavas do meu bem, pois desejavas fazer-me esquecer este amor. Mas supplico-te por Deus que não trates de curar-me assim; o remedio causar-me-hia a morte!

As faces de Angela cobriram-se de purpura. Tocára no ponto sensivel. Pareceu hesitar um minuto e disse com uma expressão de infinita dôr e tristeza:

— Tens sido muitas vezes injusto commigo; mas nunca tanto como agora... Crês que não tenho coração, que a minha vida é um paraiso! Acredita, não sou mais feliz do que tu, convence-te!

A voz extinguiu-se-lhe nos labios... Eu senti bater com violencia o coração... Parecia-me que uma palavra mais, e ia arrancar-lhe a confissão suspensa dos seus labios.

— Em nome do que tens de mais caro, exclamei, dize-me o que entendes por essas palavras.

— Quero dizer que se sou desgraçada, quero no emtanto continuar a ser honesta. Imploro-te que tenhas piedade de mim... Não, não sabes que tormentos soffro. Estou prompta a sacrificar-te tudo, excepto a honra! Não exijas de mim que te entregue a minha salvação: não pode ser, é um crime.

Com as mãos postas, trémula como uma folha açoitada pelo vento, fitava-me com os seus formosos olhos cheios de lagrimas... Se n'esse momento a estreitasse nos braços, morreria de vergonha e de pesar; mas não teria fôrça para me resistir.

Procedi como um homem que ama, e que immola tudo

ao seu amor... esqueci-me de mim, para só pensar n'ella. Calquei aos pés os sentidos, os desejos, o egoismo. Que valia tudo isso ante a mulher amada, que só tem lagrimas para se defender, não lagrimas fingidas, mas lagrimas que a dôr profunda e sincera faz verter?

Peguei-lhe nas mãos, e levei-as com transporte aos labios.

— Obedecer-te-hei; conformar-me-hei sempre com a tua vontade; juro-t'o pelo meu amor!...

Nenhum de nós podia articular um som: a commoção suffocava-nos. Sentia-me mais nobre e melhor. Estava como o enfermo, que sáe d'uma prolongada crise, fraco ainda, mas cheio da alegria que inspira o regresso á vida. Passado algum tempo pude falar com tranquillidade e doçura; não como apaixonado, mas como amigo, cujo unico desejo, cujo fim supremo é a felicidade da creatura idolatrada.

— Prometto-te, disse-lhe, nunca mais tentar desviar-te do caminho do dever. Fizeste de mim outro homem: as dôres por que passei como que me purificaram... Comprehendo, por ti, a distancia que separa o amor do desejo. Não posso cessar de te amar, porque és a minha vida... mas amar-te-hei como se tivesses morrido: só guardo em mim o culto da tua alma. Acceitas esse amor, Angela? Podes fazel-o... É um amor digno dos anjos, tal como tu deves sentil-o. Juro-te ante o céo, — e este juramento vale tanto como o que se pronuncia aos pés do altar, — juro-te que nunca amarei outra mulher que não sejas tu; viverei exclusivamente para ti; a minha alma será a tua alma. Ama-me tambem; ama-me como se ama a memoria d'um morto. Não é crime; não me recuses essa graça suprema! Lêste Dante... Lembras-te que, casado, amou Beatriz, com o mesmo amor que hoje te offereço. Cantou esse amor nos seus versos; a egreja abençoou o seu poema e venera-o como se fôra um santo. Se este sentimento penetrou na tua alma, dize uma palavra, e a partir de hoje existirá entre os dois uma eterna amizade.

Depois d'um instante de silencio, Angela extendeu-me a mão.

— Sempre experimentei esse sentimento; prometto mantél-o com todas as fôrças e com todo o ardor da minha alma.

Regressámos á *villa* com o coração repleto d'uma dôce e serena paz.

12 de agosto

Visitámos hoje Windschgractz. Bastam tres quartos de hora para lá chegar a pé, mas aluguei um cavallo para minha prima. Levava-o á mão; o vestido de amazona de Angela roçava-me pela cara. No momento de a collocar na sella, quando se apoiou ao meu braço, e que senti a caricia do seu corpo, despertou de subito em mim o homem d'outros tempos. Pode ser de outro modo? Jurei reprimir os desejos e os sentidos, mas não me posso esquivar aos seus violentos assaltos. Que ganhei com esta abstracção de mim proprio? Os meus horisontes retrahiram-se; a dúvida obseca-me. Que ganhei? Pergunta inquietadora que me acode sem cessar ao espirito. Ganhei vêl-a feliz, transfigurada, de sorriso nos labios. Ganhei, que os seus olhos tão limpidos mergulhem sem desconfiança no fundo dos meus. São apenas illusões consoladoras! .. Talvez! Mas, se não ganhei nada, tambem, em compensação, nada perdi.

16 de agosto

Passo longas horas em companhia de Angela; lêmos em voz alta e trocamos as nossas impressões. Tudo quanto leio refere-se indirectamente ao meu amor: falo d'um modo figurado, como se o terror feminino de nomear tal sentimento se communicasse ao meu espirito. Para assentar bem que não devia haver nada occulto en-

tre ambos, contei-lhe todo o íntimo drama que soffri; o que se passou em mim depois do casamento, que anciedades, que tormentos padeceram o meu espirito e o meu coração. Estas confidencias convertiam-se assim em confissões; as minhas palavras mais simples significavam: "Amei-te e amo-te ainda acima de tudo.„ Ouvia-me, como se se tratasse d'outra pessoa; enganada por esta apparente simplicidade de linguagem, via as lagrimas subirem-lhe aos olhos, o peito arfar dominado pela commoção; todo o seu ser moral voar, por assim dizer, ao encontro d'estas confissões. E depois, esperava leval-a por este modo, pouco a pouco, a manifestar-me a mesma confiança. Patentear-me-hia assim o segredo dos seus sentimentos e das suas idéas. Ah! nada pude conseguir! Tentava interrogal-a, mas os seus labios respondiam com tal constrangimento que preferia renunciar ás minhas investigações indiscretas. Para se mostrar absolutamente sincera, devia deixar-me medir o logar que eu lhe occupava no coração, iniciar-me nos mysterios da sua vida conjugal; mas o seu pudor, a sua lealdade, recusavám-se invencivelmente a fazer taes confidencias.

17 de agosto

Esta noite, contemplando Angela com os olhos da alma, lembrou-me que não possuiamos nenhum retrato seu. Apoderou se logo de mim um violento desejo de obter um a todo o custo. Este pensamento causou-me summa alegria. "Possuir-te-hei, disse; poderei cobrir as tuas mãos, o teu pescoço, o teu rosto de beijos, sem que me possas repellir! Mas como obter este thesouro? Não podia ir declarar a Angela: "Darei quanto tenho ao pintor que immortalise as tuas feições.„ Minha inextimavel tia devia agora, como tantas outras vezes, auxiliar os meus fins. Mostra com orgulho uma serie de retratos de familia que existem na grande galeria de Ploszow. Mais d'uma vez exprimira o

pesar de não vêr alli figurar o de Angela. Bastava só alludir ao caso, para alcançar logo o seu valioso concurso. Havia uma dúvida a resolver. A que pintor confiaria a execução da obra. Convenci-me com pena, que não conseguiria decidir essas senhoras a emprehender uma viagem a Paris. Ahi só teria a escolher entre o realismo vigoroso e vivo d'um Bonnat, a adoravel ousadia d'um Carolus Duran, ou a suave elegancia d'um Chaplain, para não citar mais nomes. Comprazia-me a admirar na imaginação, a obra prima creada pelo pincel d'estes artistas. Infelizmente era necessario renunciar a esta esperança. Minha tia, patriota até o extremo, desejava um pintor polaco. Não era essa a minha vontade. Como estavamos no caminho de Munich e de Vienna, pensei em Lembach ou em Angeli... Pareceu-me preferivel este ultimo; possue a delicadeza de tons, indispensavel quando se trata de reproduzir a expressão d'um rosto tal como o de Angela. E depois, não queria perder tempo: "os mortos esquecem depressa, affirma o poeta, e os apaixonados mais depressa ainda,. O meu temperamento feminino manifesta-se n'esta impaciencia febril que me impelle á realisação instantanea dos meus desejos: coisa pensada hoje, coisa executada ámanhan. Não pude dormir toda a noite, esperando com anciedade que amanhecesse.

O plano estava traçado. Era eu quem offereceria a minha tia o retrato de Angela, no dia dos seus annos. A escolha do pintor ficava ao meu arbitrio. Demais, nenhuma das duas senhoras poderia esquivar-se a satisfazer este desejo.

Vesti-me muito cedo e corri ao telegrapho, onde expedi o seguinte telegramma para Kemstlerhaus: "Angeli está em Vienna?„ Quando voltei para a *villa*, orgulhoso do meu projecto, encontrei as tres senhoras assentadas a tomar chá.

— Angela! exclamei. Esta noite em vez de dormir dispuz de ti. Espero que acolhas favoravelmente o pedido que te vou fazer.

Lançou-me um olhar cheio de terror. Julgaria que re-

solvêra recorrer a qualquer partido extremo, que iria falar-lhe de amor em frente de sua mãe e de minha tia? O meu socêgo tranquillisou-a.

— E de que maneira dispuzeste de mim? perguntou, diligenciando dar á voz um tom de gracejo.

— Queria fazer-te uma surpresa, mas como o teu concurso me é indispensavel, saberás desde hoje qual é o brinde que tenciono offerecer á nossa querida tia, no dia dos seus annos.

E, n'um ápice, expuz os meus projectos. O effeito produzido foi além de toda a espectativa. Minha tia declarou que nenhum presente lhe seria nem mais agradavel, nem mais sensivel. Angela estava radiante de alegria. Eu sentia-me transportado ao céo. A minha diplomacia triumphava em toda a linha. Logo que me vi em tão bom caminho, quiz obter uma nova victoria. Duas horas depois recebi a resposta do telegramma: "Angeli estava em Vienna a concluir o retrato do princeza de...„ Escrevi-lhe immediatamente e juntei á carta a melhor photographia de Angela. No momento de a fechar no sobrescripto, voltei-me de repente para minha prima e disse-lhe:

— É verdade, esquecia-me d'uma coisa. Os grandes artistas teem manias, não ha remedio senão sugeitar-m'onos a ellas. Angeli, quando se encarrega de pintar o retrato d'uma dama, deseja saber se o modelo tem os cabellos escuros ou loiros. E não lhe basta só a indicação, quer conhecer todas as gradações e cambiantes possiveis. Queres confiar-me um anel dos teus cabellos?

Angela, sem fazer objecção, sahiu e voltou de alli a instantes. As suas formosas mãos entregaram-me a madeixa que tanto ambicionava. Ao recebel-a, os meus olhos fixos nos seus diziam-lhe claramente:

— Não adivinhas que este thesouro me pertence, que este talisman será de hoje em deante a recordação mais preciosa da minha vida?

Angela ruborisou-se, baixando os olhos, como uma virgem a quem se segreda a primeira declaração de amor. Mas comprehendêra-me. A sua perturbação denunciava-o.

Desde hoje possuo uma parcella da sua pessoa... adquiri-a por astucia... Eu o estouvado, eu o sceptico, estou reduzido ás sentimentalidades do Siebel de Gœthe. Que importa! sentimental ou ridiculo, sinto-me feliz.

22 de agosto

Só esperamos que faça bom tempo para voltar para Ploszow. As nuvens, suspensas ha uma semana por cima das montanhas, incubando alli as neves e as chuvas, precipitaram-se dos seus ninhos alcantilados, para se extender pelo valle. Vivemos no meio de trevas e de nevoeiros. É difficil vêr por onde se caminha, mesmo ao meio dia. Tudo se confunde, arvores e casas, rochedos e quebradas. A natureza abysmou as formas n'um vago turbilhão, humido e esbranquiçado, que pesa sobre as coisas e sobre os seres. Acontece o mesmo ás minhas impressões moraes. As clausulas do pacto feito com Angela perdem, dia a dia, as suas fórmulas precisas; tornam-se impalpaveis e vagas no meio das nuvens vaporosas da dúvida. Parece-me a cada instante que Angela não se conforma com as condições estabelecidas, e não me atrevo a ser o primeiro a reclamar. Os poetas, e especialmente as mulheres, imaginam que o amor platonico é um sentimento especial, muito nobre e muito raro. Esta supposição é um êrro ou um lôgro: o amor platonico é um contra-senso. Equivale a procurar uma luz que não illumina. Não quiz mentir quando pronunciei estas palavras: "Amar-te-hei como se ama uma morta„ mas a resignação não exclue a esperança.

23 de agosto

Partimos ámanhan. O céo aclara; o vento que sopra e oeste é presagio de bom tempo. O nevoeiro condensou-

se em compridos e brancos novêllos, pousados nos flancos das montanhas. Engrossam, erguem-se atravéz dos declives como gigantescos Leviatans... Eu e Angela estivemos hontem em Kaizerweg. Durante o caminho, perguntava a mim proprio o que succederia se por acaso a nossa convenção não lhe fôsse bastante para satisfazer os sentimentos e os secretos desejos do coração. Não tenho direito a ultrapassar os limites que a nós proprios marcámos, mas não podia Angela acabar por lamentar a solennidade dos nossos compromissos? A sua virtude, o seu pudor, são obstaculos invenciveis, que a impedem de sacudir a tyrannia do jugo imposto. Talvez, mesmo desejando a violação do pacto, julgue um dever obedecer ás suas clausulas. É uma situação inextricavel. Soffremos ambos, mas não temos valor para quebrar as cadeias. É, sem dúvida, uma hypothese inadmissivel. Emfim, como é bom prevêr tudo, resolvi dizer-lhe, na primeira occasião que se apresente, que, escravo das minhas promessas, me submetto antecipadamente á sua vontade. Só d'ella dependia a observação ou a modificação possivel das bases do convenio que regula as nossas relações: rendo-me a discreção.

Vienna, 25 de agosto

Chegámos hontem de tarde a Vienna. Logo que me installei no hotel, corri a casa de Angeli. Infelizmente encontrei tudo fechado: era demasiado tarde. Voltaremos ámanhan. O meu primeiro projecto fôra que Angela se retratasse em traje de baile. Mudei de opinião: prefiro tel-a tal como me apparece todos os dias, tal emfim como a amo!

26 de agosto

Tive esta noite um terrivel pesadêlo. Ha alguns dias que as insomnias me atormentam; não posso precisar a hora em que esse sonho me assaltou. Vi-me de repente rodeado de aranhas monstruosas. Sahiam de todas as fendas, surgiam de debaixo dos cobertores, emergiam dos colchões, subiam em massas compactas pelas paredes acima. Ouvia como o ranger do papel, que forra o meu quarto, arranhado pelas suas patas avelludadas. Levantei os olhos para o tecto! Os horrendos insectos estavam tambem alli, mas d'uma especie differente: negras no dorso e raiadas de branco. Tudo isso me parecia tão hediondo como natural. Não experimentava nem medo nem surpresa e sim um sentimento de profunda repugnancia. Foi só quando despertei, que a repulsa indiscriptivel se transformou em terror .. o terror da morte.

Quem sabe, dizia commigo, se estas visões sinistras existem nas profundezas mysteriosas e sombrias de além tumulo. Levantei-me, abri as janellas, e as ondas de luz que inundavam o quarto dissiparam as ultimas impressões do sonho. As ruas apresentavam a sua physionomia habitual. O trabalho e as occupações do dia começavam. Estacionavam ás portas das casas, vehiculos carregados de legumes e puxados por cães; as creadas dirigiam-se para o mercado com o cêsto no braço; os operarios encaminhavam-se para as fabricas. As manifestações da vida quotidiana são o melhor preservativo contra as phantasmagorias do pesadêlo. Mas a consequencia que tiro d'este incidente, é que me róe um verme interior. O meu organismo moral e physico soffre uma crise; precipita-se para a catastrophe final Um só remedio me pode salvar: o amor de Angela! Ai! Mas Angela não me quererá salvar!

27 de agosto

Hoje houve a primeira sessão em casa de Angeli. Acompanhava-nos nossa tia. Tinha motivos para affirmar que minha prima era uma das mulheres mais seductoras que se podem encontrar na vida. Não ha nada de banal nem de vulgar na sua belleza. Angeli contemplava-a com a satisfação propria do artista, em presença d'uma bella e extraordinaria obra. Começou a desenhar a grandes traços sem occultar o enthusiasmo.

— É raro, disse-nos, apparecer um modelo tão perfeito: encanto incomparavel de rosto, pureza de linhas, expressão profunda, nada lhe falta. Assim dá prazer trabalhar. Ficará um bom retrato, *mademoiselle.*

A mulher, por mais anjo que pareça, não deixa por isso de ser uma singular creatura. Vi que o engano do artista causava a Angela verdadeira alegria. As feições illuminaram-se-lhe com um sorriso encantador. Advertido por mim do seu êrro o pintor retorquiu alegremente:

— Creio que me equivocarei mais vezes; é um crime digno de perdão, quando a contemplamos, minha senhora.

Decidimos que Angela se retratasse de pé, em traje de passeio, com vestido de setim preto enfeitado de rendas. O seu corpo desenha-se assim admiravelmente, mais flexivel e mais cheio.

Á noite fômos ao theatro do *Burg:* cantava-se o *Navio Phantasma:* "Só ouvia e comprehendia Wagner com os sentimentos e as impressões que me inspirava o meu amor. E mentalmente interrogava sem cessar o maestro: "Que sensações despertas na sua alma? Penetra a tua musica no seu coração? Dispõe-n'o a amar? Transpórta-l'a a essas regiões, onde o amor é a lei suprema e sacrosanta?„

Eis o que occupava exclusivamente os meus pensamentos.

28 de agosto

Minha tia partiu esta manhan. Estima-nos muito, mas dá preferencia aos seus cavallos: foi pelo menos o que lhe disse, procurando contrarial-a para me vingar da deserção. Logo que o retrato esteja acabado iremos para Ploszow. É a senhora Celina que agora nos acompanha nas sessões diarias em casa de Angeli.

A pobre senhora comprehende tão pouco de pintura que ao vêr o esboço, disse quasi com indignação: "Mas é essa a minha Angela? Não, cem vezes não!„

Custou-me immenso a socegal-a, a fazer-lhe comprehender que, d'esse informe bosquejo, sahiria a nossa mariposa com todo o esplendor do seu traje e da sua belleza.

O artista sorria, confirmando as minhas palavras com uma rapida inclinação de cabeça.

— Repito-o, terminou por dizer, será um dos meus melhores retratos. Comecei o *con amore*.

29 de agosto

Aluguei um camarote na opera e voltei ao hotel ás cinco horas. Angela encontrava-se por acaso só no salão. De chofre, os meus desejos reprimidos durante tanto tempo desencadearam-se com a impetuosidade d'um furacão. Os cortinados estavam corridos, a casa estava mergulhada n'uma semi-obscuridade. Fazia esforços sobrehumanos para resistir ao impulso que invencivelmente me arremessava para ella. Parecia que do seu rosto brotava uma chamma; que os mesmos pensamentos que me agitavam lhe faziam arfar o seio. Teria podido enlaçal-a, estreital-a nos braços, cobrir-lhe de beijos os olhos e os la-

bios... Uma voz íntima bradava-me: "Possuil-a e morrer!„ Ella, porém, notou a minha extraordinaria agitação. Um estremecimento fez-lhe empallidecer o semblante, as palpebras tremiam-lhe. Conseguiu dominar-se e disse-me procurando acalmar a voz:

— Houve tempo em que te receava: agora confio em ti, e sinto-me tão feliz! protege-me!...

— Ah! exclamei, se soubesses quanto soffro!

— Sei, replicou, e por isso ainda te ergues mais nobre e mais generoso ante meus olhos.

Estas palavras desarmaram-me: recuei submisso. Ah! que affeição, que ternura li no seu olhar. Seria o caminho mais seguro para chegar finalmente a realisar o meu anceio? A paixão refreada no peito de Angela acabaria por transbordar? Não sei, o meu espirito perde-se n'este chaos. Em resumo, o que fiz até hoje, não é sacrificar constantemente o amor pelo amor?...

30 de agosto

Occorreu hoje um incidente extraordinario, afflictivo. No decorrer da sessão, Angela estremeceu de susto: os olhos fecharam-se-lhe, espalhou-se-lhe pelo rosto uma pallidez mortal. O pintor suspendeu o trabalho, e corri a buscar um copo de agua. Voltou a si de prompto e quiz continuar a sessão; via, porém, quanto esse constrangimento a fazia soffrer; parecia inquieta, febril, confusa. Sentir-se-hia fatigada? O calor era suffocante: acompanhei-a ao hotel, sem que ella durante o trajecto readquirisse o bom humor habitual. Ao jantar tão depressa empallidecia como se fazia muito vermelha. Sua mãe e eu perguntávamos-lhe o que sentia: "Nada! nada!„ respondia com vivacidade. Não quiz que chamassemos o medico; o seu rôsto estava pallido e abatido, as negras sobrancelhas contrahiam-se-lhe, e uma certa expressão de seve-

ridade endurecia as suas feições tão meigas. Manifestou-me mais indifferença que n'estes ultimos dias, e por momentos voltava a cabeça como se a minha presença a irritasse... Não comprehendo nada do que se passa: a minha inquietação obriga-me a estar acautelado.

31 de agosto

Ao meio dia, preparado para acompanhar Angela ao *atelier*, fui bater á porta dos aposentos das duas senhoras. Os creados, porém, informaram-me que tinham sahido havia mais d'uma hora. Surprehendido, resolvi esperal-as. Não se demoraram muito. Angela, silenciosa, extendeu-me a mão ao passar, e subiu direita para o quarto. Julguei que fôsse tirar o chapéo e voltasse depois, mas foi só a senhora Celina quem appareceu.

— Leão, disse-me, peço-lhe o favor de prevenir Angeli que não podemos ir hoje a sua casa, porque minha filha está indisposta.

— Que tem? perguntei com a mais viva apprehensão.

— Não sei o que é, replicou ao cabo d'um instante. Fômos a casa do doutor, mas tinha sahido; deixei-lhe um bilhete pedindo-lhe que logo que lhe fôsse possivel viesse aqui... veremos o que nos diz.

Não pude averiguar mais nada. Resolvi ir eu mesmo a casa do pintor para o informar da occorrencia que nos obrigava a suspender as sessões. Quando entrava para o hotel sahia o medico... As explicações da senhora Celina tinham o mesmo caracter de ambiguidade e de enleio que d'antes .. "Socego, descanço, por ora o doutor não podia affirmar mais nada.„ Sentia-me immensamente desditoso... os remorsos perseguiam-me com furia. Fui eu a causa da doença; é a idéa do meu amor e dos meus soffrimentos, que influe funestamente na saude de Angela... Ah! antes eu morresse cem vezes... que expôl-a a qualquer perigo!

Pensava com angustia que não compareceria ao jantar. A minha surpresa foi grande quando a vi. Os seus modos tinham o que quer que fôsse de extraordinario. A principio, ao cumprimental-a, perturbou-se; depois esforçou-se por parecer tão alegre como de costume, sem o conseguir. Suspeitei que me occultava algum desgôsto íntimo. Estava completamente transformada. Até a physionomia, até a côr dos cabellos me pareciam hoje outros. Aquelles bellos reflexos de oiro tinham desapparecido, fazia-me quasi o effeito d'uma mulher morena.

Que tem? Perco-me em conjecturas. Teria recebido más noticias de Kromicki? Necessito a todo o custo de esclarecer este mysterio. Aposto que são desgôstos de natureza moral.

Berlim, 5 de setembro

Eis-me em Berlim e para muito tempo! Fugi de Vienna... não voltarei mais a Ploszow, porque ella está alli... Tão convencido como estava que não havia forças no mundo que nos separassem! Que coisas tão extraordinarias acontecem na vida! Parti, tudo acabou entre nós!... Afigura-se me que a engrenagem d'uma machina me tritura o cerebro... Este estado faz-me soffrer immenso... Mas não estou ainda doido! Sei tudo, Lembro-me de tudo! Só as cabeças fracas é que conseguem perturbar-se. A mim não me podia succeder isso, porque em casos como o meu a loucura seria uma felicidade.

8 de setembro

Quando penso que tudo acabou; que não me fica nada do passado! Que a deixei, e para sempre! Não o posso acreditar. Angela está perdida para mim! Que esperar do

futuro? Parece-me que estou demente. Por que emfim, o que ha de extraordinario, que depois de alguns mezes de cohabitação conjugal, uma mulher nova chegue a encontrar-se n'um certo estado exigido e previsto pelas consequencias do casamento? É um facto quotidiano dos mais naturaes. Só um cerebro doente é capaz de imaginar que uma lei ordinaria da natureza possa ser uma monstruosidade. Ha n'isso uma exaltação inadmissivel. Angela conservou-se virtuosa, e eu considero essa virtude como um crime que não posso perdoar-lhe. E não lhe posso perdoar porque a despréso. Tinha-nos a ambos ao seu dispôr: a mim, para o amor platonico, a elle para affeições mais positivas, mais legitimas. Ah! que bello papel fiz eu! Sobreexcitava as suas faculdades affectivas, afinava a corda até obter a nota desejada no accorde perfeito do amor! Na verdade o entremez é risivel, á fôrça de ser cruel!

10 de setembro

Observo que a tragedia humana, nas outras pessoas, provém sempre de acontecimentos e de desgraças excepcionaes; em mim succede o contrário, deriva do curso natural das circumstancias e das coisas. Não sei qual será preferivel... Mas esta complicação de occorrencias tão simples causa-me indisiveis soffrimentos!

11 de setembro

Parece que ha homens feridos pelo raio, que o recebem de pé e não cáem fulminados. A mim succede-me uma coisa parecida. Tenho aguentado até agora o choque, mas presinto que vou cahir. O meu estado aggrava-se. Logo que

chega a noite, assaltam-me extranhos phenomenos nervosos. Abafo! o ar não penetra nos pulmões. Empolga-me um terror inexplicavel: tenho medo de tudo. Receio que me succeda algum coisa cem vezes mais terrivel que a morte. Perguntava hontem a mim proprio o que aconteceria se de repente, ao despertar, esquecesse o meu nome, quem era, de onde vinha, e, n'esta cidade extrangeira, me puzesse a caminhar ao acaso, rodeado de trevas, sem rumo, com o espirito completamente desvairado. São allucinações horrendas. Demais, a minha alma não estava já habituada a ellas? Ignoro onde me encontro sob o ponto de vista moral! Caminho ás apalpadelas em meio da escuridão, perdido e sem bussola. O medo campeia em mim: penetrou no meu ser, treme no amago da minha alma. As trevas enchem-me de espanto... Percorro, de noite, as ruas illuminadas: a multidão indifferente que me rodeia tranquillisa-me... Oh! mas as noites! essas noites interminavelmente compridas, em que me encontro a sós comigo! Um sabor metallico enche a minha bôcca de azedume... Senti esta impressão no momento em que a senhora Celina me participou a "grande novidade!„. Que dia, santo Deus!

Sahira para saber o que havia depois da segunda visita do medico.

Estava tão longe de suspeitar a verdade, que não comprehendia nada, até depois da senhora Celina m'o ter dicto.

— O medico affirma que o que tem são phenomenos nervosos, peculiares ao seu estado.

Depois, vendo que não percebia a allusão, accrescentou com certo enleio:

— Porque, emfim, tenho de lhe participar a "grande novidade„.

E disse-me qual era a "grande novidade!„, e senti nos labios um gôsto a chumbo, e a dôr no cerebro que não me abandona desde então.

Só no meu quarto, fui acommettido d'um terrivel frouxo de riso. Ah! e era essa a creatura ideal, a quem o

amor puro dos anjos parecia uma fraqueza illicita, que pronunciava "amizade„ onde se devia dizer "amor„!

Conservava, todavia, uma presença de espirito que se podia chamar mechanica. Procedia como um automato aperfeiçoado, tratando com assiduidade e minucia de todos os preparativos da viagem. Tive a maior cautela em salvar as apparencias. Declarei á senhora Celina que, como o doutor me diagnosticára uma doença de coração bastante adeantada, me recommendava que consultasse sem perda de tempo um dos seus collegas, especialista celebre em Berlim. Foi assaz ingenua para me acreditar. E Angela?... Ah! vi as suas pupillas subitamente dilatadas pelo horror, o seu olhar de martyr ultrajada... e sentia então em mim dois seres distinctos. Um que me dizia: "Que crime commetteu ella?„, outro que me impellia a cuspir-lhe na cara.

Como sou desgraçado! Porque a amei tanto?

15 de setembro

Li hoje o nome de Clara Hilst, impresso em lettras enormes em grandes cartazes; não me lembrava que devia vir aqui, apesar de me ter escripto para Gastein. Não experimentei a principio nenhuma admiração; mas que? agora, ao cahir da noite, eis-me de novo prêsa dos meus terrores. A idéa que uma alma amiga e dedicada se encontra na mesma cidade, não longe de mim, inspira-me uma certa confiança e satisfação. Preferia, no emtanto, não vêr Clara. É dotada d'essa solicitude curiosa que deseja saber e informar-se de tudo. Inclinada ás supposições mais romanescas possue a fé robusta que nos faz acreditar que a amizade é um dictame e um remedio para todos os soffrimentos. Ora, ser-me-hia impossivel confiar-lhe os meus desgôstos.

16 de setembro

Ha quinze dias que parti de Gastein. Ellas vivem em Ploszow. Escrevi ultimamente a minha tia. Alarmada com as coisas que lhe devem ter contado ácêrca da minha doença, era capaz de vir para aqui, e eu quero estar só, completamente só.

18 de setembro

Minha tia respondeu-me... Está inquieta, mas tambem me fala na "grande novidade„. Esta noticia persegue-me com uma insistencia fatidica! não me enganára... residem já em Ploszow... e minha tia offerece-se para vir cuidar de mim... Muito obrigado! vou responder-lhe que me sinto mais forte que Hercules! E depois? Não consigo imaginar que destino será o meu, ámanhan, de aqui a seis mezes, dentro de dois annos. Que fazer de hoje em deante? A ausencia absoluta d'um objectivo na vida devia excluir toda a razão de existencia. Para falar a verdade, já não tenho cabimento na terra.

20 de setembro

Não visitei Clara; encontrei-a hontem por acaso na rua. Empallideceu quando me viu. O seu enleio, a effusão expansiva do seu acolhimento, foram-me direitos ao peito e causaram-me uma sensação de pena. A minha cordialidade é apenas apparente; não experimentei nenhum prazer em a tornar a vêr. Passado o primeiro embaraço, pareceu inquietar-se com a mudança da minha physiono-

mia. Estou muito mudado. Envelheci; tenho os cabellos grisalhos. Perguntou-me com anciedade pela saude; e eu, apesar do meu reconhecimento, vejo perfeitamente que manter com Clara relações muito frequentes excederia a medida das minhas fôrças. Respondi-lhe que, com effeito, me sentia doente, e que partiria breve para o Meio-dia.

Serei incapaz de apreciar a bondade humana? Não. Quando os olhos honestos e limpidos de Clara se me fixavam no rosto, querendo ler nitidamente no fundo da minha alma, tinha vontade de chorar, por causa da ternura saturada de humilhação que me inspirava. Clara, com o instincto particular das mulheres, reconheceu n'um momento que tudo se modificara no meu ser, que me movia ainda, falava e respondia d'uma maneira mechanica, mas que a minha alma estava semi-morta. Cessou então de me interrogar. Comprehendia o seu receio de insistir, e ao mesmo tempo o seu desejo de me ter ao pé de si, com a unica esperança de consolar a minha tristeza e de curar a minha ferida.

21 de setembro

Nunca passei uma noite tão pavorosa como a de hontem. Parecia-me que descia por uma escada cujos degráus se prolongavam até o infinito, n'um abysmo de trevas, cada vez mais densas, onde se contorciam não sei que coisas terriveis e vagas. Resolvi sahir de Berlim; este céo de chumbo suffoca-me. Voltarei para Roma; irei viver para a minha casa de Babuino. As minhas contas com Angela e com todo o mundo estão saldadas. Posso vegetar no fundo do meu silencioso retiro, á espera que sôe a hora suprema. Excluido da vida geral do mundo, fico de hoje em deante fora de todo o movimento, no abandono e no vácuo. A idéa de Roma e do meu eremiterio sorri-me, com triste e pallido sorriso, é verdade. Foi de alli que levan-

tei o primeiro vôo, como a ave que se lança fora do ninho; ahi, me levarão outra vez as minhas azas quebradas... para morrer.

Recebi um bilhete de Clara. Convida-me a que vá a sua casa, depois do concerto. . Irei ao concerto... mas não accederei ao seu convite!

22 de setembro

Sinto-me muito mal. Apanhei hontem um resfriamento. Havia uma temperatura muito elevada na sala e commetti a imprudencia de não levar casaco de abafar. Fui para o hotel tranzido de frio. Quando respiro sinto como um formigueiro de pontas de alfinetes, que me dilaceram o peito. Entorpece-me os membros uma grande fraqueza. Não posso pensar em partir... Nem conseguiria sequer subir para o wagon... Oiço, ao escrever estas palavras, a respiração tres vezes mais rapida e mais ruidosa que de costume. Tenho alternativas de frio e de calor. Resistirei á doença durante tanto tempo quanto me permittam as fôrças e a energia. Escrevi a minha tia para que me mande a correspondencia para casa de B..., conhecido banqueiro de Berlim, e informo-a de que me disponho a continuar a viagem. Assim ninguem saberá em Ploszow do verdadeiro estado da minha saude.

23 de setembro

Continúo a luctar; ainda não recolhi á cama. Mina-me uma febre ardente, soffro allucinações, sobretudo quando fecho os olhos: apaga-se então o limite entre as formas

reaes das coisas e as imagens creadas pelo cerebro enfermo. Consegui no emtanto continuar a analysar-me... mas a febre augmenta e sinto que o espirito começa a perturbar-se. Tive um ultimo pensamento lucido, ainda que bem amargo... Eis-me aqui, só, abandonado no meio d'esta grande cidade, sem ter ninguem que me dê um copo de agua... a mim, um dos favorecidos da fortuna e da riqueza; a mim que teria podido constituir um lar, uma familia, vêr-me rodeado de affectos e de dedicações... Não posso escrever mais.

14 de outubro

Continúo a escrever o diario depois d'uma interrupção de mais de tres semanas. Clara acaba de partir. Mais tranquilla já, seguiu para Francfort e só voltará de aqui a dez dias. Cuidou de mim, durante a doença, como uma verdadeira irman de caridade. Foi ella quem mandou chamar o medico. Teria morrido a não ser a sua solicitude e os seus cuidados. Não me lembro do dia exacto em que a vi pela primeira vez á cabeceira do leito. Soffria tanto que nada me surprehendia. Achei a sua presença a coisa mais natural do mundo. Estava ao lado do facultativo. Só a cabelleira branca do celebre clinico me chamava a attenção. Examinou-me, e perguntou-me uma porção de coisas primeiro em allemão, e depois em francez... pois o meu silencio fazia-lhe suppôr que não comprehendia a lingua dos habitantes das margens do Sprée... Continuava no emtanto calado, pois a minha vontade era tão debil, a minha energia tão fraca como as minhas fôrças physicas. Recordo-me apenas que me applicaram ventosas. Depois fiquei prostrado, immovel. Pensava, por instantes, que ia morrer; esta idéa era-me tão indifferente, como as coisas que me rodeavam. O trabalho mental fatiga-me ainda e por isso deixo de escrever.

16 de outubro

Esta crise acalmou-me os nervos. Desappareceram os terrores que antes me perseguiam. O que agora desejo é que Clara volte o mais depressa possivel. Ninguem me demonstraria mais terno e vigilante carinho. A debilidade do corpo faz-nos agarrar a uma influencia protectora, como a creança se aferra aos vestidos da mãe. Disse que Clara foi para mim uma verdadeira irman de caridade. Passava as noites vestida para, sem demora, acudir ao menor dos meus movimentos. Via-a debruçar-se sobre mim, com as feições contrahidas pela inquietação e pela insomnia. Era ella quem me dava os remedios, quem ajudava a erguer-me sobre as almofadas; quando, nos momentos lucidos, queria agradecer-lhe, punha-me a mão nos labios e dizia: "Schiu, o medico prohibiu que falasse.„ Via-a, muitas vezes, sempre cuidadosa, acordar com um sorriso, depois d'um rapido descanço. Alugára um quarto no hotel, ao lado do meu... Para afugentar o somno, passeava de noite durante horas. Não podia ouvil-a, porque abafava o ruido dos passos; mas pela porta entreaberta, via a sua sombra deslisar ao longo da parede. Um dia que se inclinára para mim, maternal e carinhosa, peguei-lhe na mão e levei-a aos labios. Nunca lhe testemunhára a gratidão que lhe devia. A sua alta estatura irritava-me: contrariava-me que ella não fôsse Angela... Por vezes, e especialmente ao escurecer, quando a contemplava a distancia, a sua figura adelgaçava-se, diminuia, desvanecia-se, afigurava-se-me... vêl-a... a ella... á outra! e então, a delirar, Deus me perdõe! chamava a Clara... Angela... Sim, recordo-me d'isto, como n'um sonho.

17 de outubro

O banqueiro B... remetteu-me algumas cartas de minha tia. Pede noticias minhas, da minha viagem, dos meus projectos para o futuro. Fala-me tambem das sementeiras do outomno, mas nem uma palavra das pessoas de Ploszow... Estão vivas ou mortas? Que maneira tão exquisita e irritante de escrever... Ah! sim! Que me interessam as sementeiras de Ploszow e as mil particularidades d'uma exploração agricola?!

18 de outubro

Eis um acontecimento imprevisto, ou antes, previsto. Kromicki mandou-me um telegramma para Varsovia; minha tia sobrescriptou-o para mim e mandou-m'o para aqui. Trata-se de lhe adeantar mais vinte e cinco mil rublos para salvar os cem mil que lhe emprestei. Que bella historia! Que me importa Kromicki? Que se enforque! Ou então que encare as perdas de dinheiro com a indifferença com que eu encaro as minhas. Demais não tem a "grande novidade„ para se consolar? Regosija-te, pois, esposo exemplar, mas não exijas de mim que assegure o futuro da tua descendencia. Deixa ao menos que convalesça em paz.

21 de outubro

Agarrei-me a uma derradeira táboa de salvação. Deitei contas á minha vida. Que tenho a esperar da existencia? Nada!... Pois se nada tenho a esperar, ninguem me

impede de fazer presente da minha pessoa, áquelle ou áquella a quem este dom pode fazer feliz. Não daria um ceitil pelo que hoje valho; nem um ceitil pelo meu futuro, pela minha saude, pelo meu intellecto, pelas minhas aptidões. Está provado á evidencia que não amo Clara; mas se ella me amasse?... Se essa mulher vê em mim o ideal da sua existencia, porque recusar-lhe a posse d'um objecto de tão pouco valor? Tenho apenas a obrigação moral de me apresentar como sou, pôr-lhe a nú as minhas chagas. E preciso que saiba, que em mim só ha ruinas. Assim abrirei mais o abysmo que me separa de Angela, e saborearei o prazer amargo da vingança. Ella excavou o vortice do seu lado, eu do meu! A esposa de Kromicki pensava que me custaria muito arrancal-a da memoria: demonstrar-lhe-hei que me convém erguer entre nós um muro tão espesso, que interceptará para sempre a sua imagem a meus olhos.

Não amo Clara, mas sou-lhe grato. Qualifico, é verdade, a sua solicitude de sentimentalismo allemão. Não importa! A outra não faria tanto. Era mais digno da sua alta virtude deixar-me morrer, que condescender a vêr-me tirar a gravata na sua presença. É um direito que só pertence ao homem que sacramentalmente a desposou ante o altar. Clara não se importou com essas insignificancias. Esqueceu tudo por mim. A sua musica, as suas lições, os seus concertos: expôz-se á calumnia... mas não hesitou em cumprir a sua obra de caridade. Contrahi uma divida para com ella e quero liquidal-a. Liquido-a mal e de má fé, porque tudo me é indifferente; porque não lhe offereço todo o meu ser, vivo e pensante, mas apenas um reflexo de mim proprio... Que elle lhe pertença completamente... Minha tia ficará desgostosa com esta resolução. Feril-a-hei nas suas idéas patrioticas, e nos seus prejuizos de raça... Ah! se soubesse o que me custou o amor da outra, perdoar-me-hia, com certeza.

Os antepassados de Clara devem ter sido cervejeiros ou tecelões. Que importa? Não tenho preconceitos, só tenho nervos. Demais sempre tive idéas liberaes. É na des-

graça que se chega a conhecer o nada de todas estas distincções sociaes...

Pergunto, apesar de tudo, como receberá Angela a noticia do meu casamento. É um doloroso costume de que não posso emancipar-me, tanto me habituára a identificar-me com ella, e a tudo soffrer por ella.

22 de outubro

Enviei hoje a minha carta a Clara. A sua resposta chegará ámanhan, a não ser que prefira trazer-m'a ella propria esta tarde.

Entregaram-me, de madrugada, outro telegramma de Kromicki. Atravéz do laconismo do telegrapho adivinha-se o desespêro immenso que encerra essa participação. Os negocios devem-lhe ter corrido muito mal. Não esperava que a ruina viesse tão rapidamente. A perda que soffri não faz grande brecha no meu capital. Não deixo por isso de continuar a ser rico... Mas Kromicki!... Para que hei de enganar-me a mim proprio. Ha um pequeno recanto no meu coração, que folga com esta derrocada... Penso, não sem gôzo, que se essa gente ha de vir a ter alguma coisa para viver, só o deve á generosidade de minha tia, que, segundo a sua phrase favorita, não é mais que a administradora dos bens dos Ploszowski...

Não tenciono responder a Kromicki... Seria capaz de o felicitar pelo proximo nascimento do seu herdeiro... Mais tarde... offerecerei a todos o pão de cada dia... e talvez muito mais.

24 de outubro

Clara não chegou hontem; eis a resposta que d'ella recebi esta manhan:

"Meu caro amigo.

"A sua carta deixou-me como aturdida, pela alegria que experimentei; o meu primeiro impulso foi partir immediatamente para Berlim. Mas como o amo com uma affeição tão profunda como sincera, devo escutar a voz da consciencia. O amor é antagonista do egoismo. Não posso, em virtude d'esse principio, sacrifical-o ao meu amor. O senhor não me ama... Daria a minha vida para que succedesse o contrario... mas não, não me ama! Desde o primeiro instante em que nos encontrámos em Berlim, que vi que era desventurado. Fugia de mim, a minha solicitude importunava-o, e eu, apesar de me ter dicto que partia, pensando que assim enganava a minha vigilancia, mandava todos os dias saber noticias suas ao hotel. Foi d'este modo que sube da sua doença. Só, ao pé de si, durante essas horas crueis, pude convencer-me que as minhas apprehensões não eram infundadas. O senhor soffria um desgôsto íntimo. Experimentára uma d'essas dolorosas decepções de coração, que ainda depois de passado muito tempo, tornam difficil a reconciliação com a existencia.

"Actualmente, tenho a certeza, — e Deus sabe quanto ella me faz soffrer, — que ao tratar de unir a sua sorte á minha, só procura enganar-se a si proprio, e cortar de vez com qualquer esperança futura. Posso acceitar a sua offerta, tendo tal convicção? Sei que rejeitando-a, faço a infelicidade da minha vida, mas, ao menos, a consciencia não me arguirá de lhe ter chumbado uma grilheta ao pé. Amei-o, logo no primeiro dia em que o destino me postou no seu caminho. Quanto tempo se passou já! Consegui habituar-me ás dôres das separações subitas, ás torturas desoladoras da ausencia, e á certeza cruel de não ser amada. É muito amargo viver com taes pesares no coração, mas tenho as minhas lagrimas de mulher para chorar o infortunio, e para me consolar,

o culto da arte. Quando, de hoje em deante, pensar em mim dê me o nome de irman: basta-me isso. Mas ser sua mulher, metade de si mesmo, e depois, comprehender um dia que se arrependia do impulso irreflectido d'uma disposição de espirito passageira, que não é feliz, que talvez me odeie... oh! não, por Deus! seria superior ás minhas fôrças! morreria!

"Sabe o que é amar, não só com toda a alma, mas com humildade, com abnegação, com doçura! Estas palavras parecem-me até demasiada audacia: não quero, no emtanto, renegar de todo a esperança. Não me queira mal por isto: Deus é tão misericordioso, o homem tão ávido de felicidade, que faltam as fôrças quando se pensa em fechar para sempre a porta da ventura. Pois bem, se dentro d'um anno, ou mais tarde ainda, em qualquer épocha da sua vida, quizer ainda o meu amor, julgar-me-hei recompensada... das lagrimas que tenho derramado, e das que me é impossivel reprimir n'este momento.

"*Clara.*"

Existe em mim uma personalidade que aprecía e sente cada linha d'esta carta. Quanto mais reconhece que o coração de Clara é nobre, simples, carinhoso, mais feliz se sentiria em encontrar abrigo n'elle n'um futuro proximo ou remoto.

Mas ha tambem no meu fôro íntimo outro ser extenuado, decrepito, a quem arrancaram a alegria de viver, e que, se aprecia a dôr e a bondade divina de Clara, não pode amal-a, porque uma paixão exclusiva absorveu todas as suas fôrças.

Extraviado uma vez do caminho onde esperára durante um instante encontrar refugio, não tornará mais a dirigir para ahi os passos.

3 de outubro

A medida que a minha saude melhora, sinto apertar-se em tôrno de mim este circulo fatal d'onde não posso sahir. O doutor consentiu afinal em abrir as portas da minha prisão. Parto. . Varsovia, Ploszow estão demasiado proximos d'aqui. Parece-me que estarei mais socegado em Roma. Não tenho a certeza que alli as recordações deixem de me atormentar; mas os pensamentos terão a calma das meditações feitas á sombra e no silencio dos claustros. Qual será agora o curso do meu destino? Ignoro. Só sei uma coisa: não quero ficar mais um dia aqui. Passarei por Vienna para ir buscar o retrato de Angela. Preciso tel-a sempre deante dos olhos.

1 de novembro

Sáio de Berlim, renuncío a viver em Roma... e vou residir para Ploszow. Sim! escrevi n'estas mesmas memorias: "Angela não é só a minha amada, é a creatura unica, a exclusiva, a mais idolatrada." Enche em absoluto a minha alma. Chamem a tal declaração nevrose ou loucura: o facto não deixará por isso de subsistir. Este sentimento entrou-me no coração e no sangue. Irei para Ploszow; serei seu escravo, rodeal-a-hei de solicitude e de ternura, não ambicionarei outra recompensa que não seja a de a poder contemplar a todos os segundos.

Como pude suppôr que me seria possivel viver sem ella? Foram as linhas que vão lêr-se que reaccenderam em mim essa chamma, que surgiu tanto mais viva e mais inextinguivel, quanto ardia sob este montão de cinzas com que eu contava apagal-a para sempre.

Eis a missiva:

"Na carta anterior, escrevia-me minha tia, não fui mais extensa porque não tinha nenhuma novidade agradavel para te dar. Nunca sube mentir, e preferi calar-me a inquietar-te. Vou hoje participar-te o grande desgôsto que soffremos. Trata-se de Kromicki. Meu caro sobrinho, precisamos combinar o que se ha de resolver a seu respeito. Os seus negocios estão em estado desesperado: foi-lhe instaurado um processo judicial. Fornecedores e clientes colligaram-se contra elle. Teve de fazer frente a enormes requisições. Apertado pela urgencia do praso, não fiscalisou tanto quanto devia a qualidade das mercadorias: e viu-se depois que estavam avariadas. Devolveram-lh'as todas. Accusam-n'o de abuso de confiança. Deus nos defenda, a nós e a elle, d'esta suprema desgraça. Está innocente. Pouco importa a ruina, comtanto que se evite a vergonha! Que fazer agora? Como acudir-lhe? Como salval-o? Dá-me um conselho efficaz e sensato. Para cumulo da desgraça, Angela inspira-me vivas inquietações. Celina educou-a com mimo exaggerado.

"Queres acreditar que anda desesperada com o estado em que se encontra, como se a proxima maternidade a devesse cobrir de opprobrio! Não podes imaginar o que se passa aqui. Todos os dias lhe surprehendo vestigios de lagrimas no rosto. Sinto immensa piedade ao vêl-a com olheiras, ao vêr os olhos inflammados de chorar, ao vêr a expressão de dôr e de humilhação que se lhe reflecte no rosto. Recorri á persuasão, ás súpplicas; até cheguei a zangar-me. Tudo foi baldado! Mas se soubesses que interesse demonstra por ti, como pede todos os dias, com avidez, noticias tuas! "Se recebi alguma carta? Como passas? Quanto tempo contas demorar-te ainda em Berlim?„ Fala-me de ti durante horas inteiras! Oxalá que Deus se amerceie e desvie d'ella as desgraças que a ameaçam. Não me atrevo a fazer a menor allusão á situação de seu marido. Mas um dia ou outro saberá, de chofre, a terrivel verdade. Não faço mais que perguntar a mim propria, porque anda Angela desgostosa com o estado em que se encontra?...„

Porque?... Só eu no mundo o sei; só eu no mundo adivinhei a adoravel delicadeza da sua alma; é por isso que volto para Ploszow. Não ha tempo a perder!

Leio repetidas vezes o paragrapho da carta de minha tia que diz: "Se soubesses como todos os dias pede ávidamente noticias tuas! Fala-me de ti durante horas inteiras... Não me canço de lêr essas phrases. Experimento a sensação d'um homem que morria de fome e a quem se dá um boccado de pão. Agarro-o e devoro-o com os olhos cheios de lagrimas de reconhecimente e de alegria... Começará a exercer-se em mim a influencia divina? Noto que tenho mudado n'estes ultimos dias; o antigo Leão morreu. Não me revoltarei contra as sentenças do destino... soffrerei tudo, consolal-a-hei, tranquillisal-a-hei, quero até salvar-lhe o marido.

Varsovia, 6 de novembro

Cheguei esta manhan. Minha tia, prevenida pelo telegrapho, esperava-me em Varsovia; Angela está mais socegada. Ha alguns dias já que não recebem noticias de Kromicki. Minha tia acolheu-me com um grito de surpresa e de terror.

— Misericordia! Que cara tu tens, meu filho?

Ignorava a gravidade da crise que atravessára... O meu rosto apresentava ainda uma pallidez doentia, os meus cabellos tinham embranquecido; pergunto a mim proprio se valerá a pena recorrer á pintura. Porque não quero agora nem ser nem parecer velho.

Minha tia tambem está mudada. Apenas decorreram dois mezes depois da nossa separação e quão subito e visivel se manifesta o seu decahimento! As feições perderam a antiga expressão de resolução e de energia. O olhar tem não sei que extranha fixidez, e observa-se um tremor nervoso nos labios, sobretudo quando trata de concentrar a attencção. Interroguei-a com anciedade ácêrca da sua saude e respondeu-me com a costumada franqueza:

— Estava muito bem quando regressei de Gastein; de repente comecei a andar adoentada; approxima-se o tempo da ultima viagem, é necessario estar prestes!

Depois de alguns minutos de silencio proseguiu:

— Todos os Ploszowski morrem d'um ataque de paralysia e todos os dias noto que a mão direita se insensibilisa. Não pensemos mais n'isso; submettamo-nos á vontade divina.

Apesar da minha insistencia não quiz tornar a falar em tal assumpto

— Não, respondeu; temos preoccupações mais graves, falemos de Kromicki.

Com effeito, discutimos durante muito tempo sobre o caso. Em primeiro logar era preciso evitar que o processassem. Não podiamos conjurar a sua ruina nem sequer á custa da nossa; ora o interesse de Angela impede-nos de recorrer a esse extremo. É necessario assegurar-lhe o futuro, sem a expôr a novas contingencias. Combinámos propôr a Kromicki que venha viver comnosco. Minha tia ceder-lhe-ha uma das dependencias de Ploszow, eu adiantar-lhe-hei os capitaes necessarios, e tudo isto constituirá o dote inalienavel de Angela. A idéa da volta d'este homem causava-me invencivel repugnancia, mas resolvêra tragar o calix da amargura até as fezes. Só lhe imporemos uma condição, mas absoluta: comprometter-se-ha, debaixo de juramento, a renunciar a quaesquer empresas ou especulações. Vamos mandar-lhe immediatamente um advogado habil e atilado.

Terminada a conferencia, perguntei a minha tia pela saude de Angela. Que dizia? Que pensava? Collocada n'este terreno a boa senhora não se calava. Sube entre outras particularidades que minha prima mudára completamente; a sua antiga belleza quasi desapparecêra. O meu amor e a minha piedade augmentaram ainda mais. Nenhum poder do mundo, nenhum accidente physico ou moral, por mais desfavoraveis que fôssem, conseguiriam separar-me d'ella, ou apagar a sua imagem do meu coração. É a creatura unica e a mais querida!

Como minha tia está fatigada passamos a noite aqui. Amanhan ţerei a inexprimivel alegria de a tornar a vêr. Como estou satisfeito!

7 de novembro

Chegámos hontem a Ploszow ás sete horas da tarde. É meia noite. Toda a gente da casa dorme a somno sôlto, e segundo o meu costume, registo as impressões do dia. Angela veiu ao meu encontro; perturbava-lhe a limpidez do olhar um sentimento de timidez, de confusão e de vergonha. Eu, porém, jurára acolhel-a tão simplesmente, tão fraternalmente, como se nos tivessemos separado na vespera. Tirei á entrevista todo o caracter de solennidade e de reconciliação. Ao vêl-a, dirigi-me pressurosamente para ella, de braços abertos, e disse-lhe em tom alegre:

— Como vaes, minha cara Angela? Tinha tantas saudades de todos, que não quero saber mais de viagens.

Comprehendeu que este acolhimento continha uma promessa de alliança definitiva, que era uma garantia de paz, de concordia, de renúncia de mim mesmo. Pintou-se-lhe nas feições um enternecimento profundo. Julguei durante um instante que não seria capaz de se dominar. Quiz responder, as palavras expiraram-lhe nos labios; apertava-me as mãos effusivamente e as lagrimas saltaram-lhe dos olhos.

Não lhe dei tempo a commover-se.

— E o teu retrato? prosegui, sorrindo sempre. Estava meio feito, creio eu, no momento em que partimos; Angeli não nol-o mandará tão cedo. Não é porventura a sua obra prima? Ha de querer apresental-o, com orgulho, nas exposições de Vienna, de Munich, de Paris. Por felicidade mandei tirar uma copia. Queria absolutamente possuir a tua imagem, e isso antes de um anno.

Viu-se obrigada, fôsse qual fôsse o anceio da sua alma, a dar á conversação o tom que eu lhe imprimíra.

Assim decorreram os primeiros instantes. Espalhou-se por toda a casa uma atmosphera de calor e de alegria. Até a senhora Celina me disse, quando a cumprimentava:

— Bemdito seja Deus que o trouxe de novo para o meio de nós! a confiança renasce nas nossas almas!

Angela perguntou-me, acompanhando as suas palavras d'um cordeal *shake hand*:

— Não tornarás a partir, não é assim?

— Não, agora demorar-me-hei muito tempo aqui, juro-t'o.

E afastei-me, ou para melhor dizer fugi, porque sentia que os soluços estavam prestes a romper do peito e que não teria fôrça sufficiente para os conter.

8 de novembro

Foi hoje, de dia, que observei a profunda alteração do rosto de Angela. Dilacerou-se-me o coração. Parece que tem os labios inchados. Essa fronte outr'ora tão pura perdeu toda a serenidade. Sim, minha tia tinha razão: a sua belleza quasi desappareceu. Da antiga Angela só restam os olhos. Mas basta-me isso. As suas feições cada vez me são mais caras. Ainda que se faça mais feia, o meu amor redobrará de intensidade. Se isto é uma doença, acceito-a com alegria e preferiria morrer a vêr-me curado d'ella.

11 de novembro

Continuamos a não ter noticias de Kromicki; telegraphei participando-lhe a partida do nosso advogado; enviei-lhe uma carta um pouco ao acaso, porque é impossivel, atravéz das distancias enormes que nos separam,

saber ao certo onde actualmente reside. Chwastowski tambem escreveu ao filho, de modo que cedo ou tarde as cartas hão de chegar ao seu destino.

Passo agora dias inteiros com Angela; ninguem nos incommoda. É a propria mãe que me pediu para a preparar para as funestas noticias que esperamos de um dia para outro. Contei-lhe que as empresas financeiras do marido me inspiravam pouca confiança, mas dizendo-lhe sempre que todos estes receios não passavam de meras supposições pessoaes. Demais, não a deve affectar demasiado a possivel ruina. Essa extremidade é, no fim de contas, a solução mais favoravel das difficuldades que deveria prevêr. Só assim começaria para ella um periodo de tranquillidade duradoura. Soceguei-a a proposito da quantia que eu emprestára, e convenci-a de que não podia ser envolvida nos compromissos do esposo. Terminei o exordio alludindo aos projectos de minha tia.

Ouviu-me, sem signaes apparentes de commoção. Sente-se amada... e esse coração tão meigo tem necessidade de amar para viver.

12 de novembro

Kromicki já não existe! A noticia d'esta catastrophe cahiu no meio de nós como um raio. O telegramma fatal chegou hoje. Accusado de abuso de confiança, ameaçado com a cadeia, resolveu acabar comsigo. Esperava tudo menos este desenlace. Kromicki morreu! Angela é livre!

Como supportará este golpe? Tenho relido mais de cem vezes o telegramma; parece-me um sonho. Não ouso acreditar nos meus olhos; a assignatura de Chwastowski é uma garantia da sua authenticidade absoluta. Previa que havia de acabar mal, mas de ahi a suppôr um fim tão rapido e tão tragico vae uma grande distancia. Houve tempo em que desejei a morte de Kromicki, e o meu merito ainda me parece maior. Procurei valer-lhe... e eis a morte que

liquidou tudo. Angela está livre. Coisa singular! Custa-me a acredital-o. Procuro socegar o espirito. Kromicki era para mim um extranho; mais ainda, via n'elle um obstaculo insuperavel á felicidade da minha vida. O obstaculo desappareceu, e, em vez de sentir alegria, sinto uma especie de terror. Tremo por Angela. O meu primeiro pensamento, ao receber o telegramma, foi o seguinte: "Que vae ser d'ella? Como receberá a noticia da fatalidade?„ No estado em que se encontra, qualquer abalo a pode matar. Não haveria meio de a afastar de Ploszow?

Por fortuna entregaram-me o telegramma no meu quarto, e não no salão, em presença das senhoras! Talvez não me fôsse possivel dissimular o assombro. Fiquei durante muito tempo absorto em tristes pensamentos, depois resolvi ir procurar minha tia.

— Recebi, informei-a, péssimas noticias de Kromicki.

Levantou a cabeça e começou a tremer:

— Está nas mãos da justiça?

— Está, repliquei, mas nas da justiça divina?

Os seus olhos cravaram-se em mim com inquietadora fixidez.

— É possivel! é possivel! murmurou porfim.

Dirigiu-se para o seu oratorio, ajoelhou e principiou a rezar. Quando se ergueu o semblante readquiríra a expressão habitual.

— Angela pode ter um desgôsto que a mate, disse. Que faremos?

— Deve ignorar tudo até depois de passado o momento critico.

— Mas como conseguir isso? Todo o mundo se occupará do acontecimento; os jornaes darão a noticia! Se pudessemos isolal-a dos boatos e da convivencia com a gente de fora?!

— Só vejo um meio: é preciso que o medico lhe receite mudança de ar; leval-a-hemos para Roma: alli é facil occultar-lhe a noticia. Aqui é quasi impossivel, os creados serão os primeiros a trahir-nos.

— Mas o seu estado permittir-lhe-ha supportar as fadigas d'uma tão longa viagem?

— Não sei... o medico o dirá... Minha tia acabou por concordar commigo. Combinámos revelar á senhora Celina o terrivel segredo para que proceda em harmonia com os nossos planos. Ordenei aos creados que jornaes, cartas, telegrammas, fôssem para quem fôssem, só os entregassem a mim e no meu quarto, e nunca n'outro sitio... Que compridas horas de angustia! Minha tia anda como aturdida com o desgôsto. Segundo os seus principios, o suicidio é o maior dos crimes. Confundem-se, á mistura, no seu espirito, os sentimentos de piedade que lhe inspiram o morto e a indignação e o espanto. "Como é que a idéa de que ia ser pae brevemente o não conteve?„ murmurava sem cessar com os labios trémulos. Eu, por mim, não o posso condemnar.

Ha pessoas que, accusadas de abuso de confiança e condemnadas, bebem *Champagne* na prisão e passam vida alegre. Kromicki proferiu lavar-se de suspeitas infamantes suicidando se. Recordo-me agora o que dizia em Gastein. Foi escravo da sua palavra. Quando o dinheiro, a base em que apoiava a vida, lhe faltou, viu a seus pés o abysmo hiante do vácuo .. Que esperança o ligaria á vida? O pensamento de Angela? Sabia que nós a ampararíamos; talvez suspeitasse até que não era amado. Não o apreciei pelo seu justo valor: não o julgava capaz de tanta energia. Devo fazer-lhe essa suprema justiça!

Deixára a penna, e torno a escrever, preoccupado com as idéas que me conservam desperto.

Angela está livre! .. Livre! Repito sem cessar esta palavra, sem poder conseguir ainda avaliar-lhe todo o alcance. Parece-me que poderia enlouquecer de alegria, e ao mesmo tempo invade-me um receio inexplicavel. Vae agora começar para nós uma nova vida! Que succederá? Será um novo laço que me prepara o destino? Ou será Deus que se tenha apiedado de mim? Soffri e amei tanto! Existirá um direito primordial, uma lei mystica do amor, que una dois seres predestinados um para o outro, para que

se cumpram o principio e o fim eterno da creação? Não sei. Sinto-me arrastado, eu e os que me rodeiam, por um refluxo immenso que nos submerge, e onde se somem todos os nossos esforços e a nossa vontade.

13 de novembro

Mallograram-se os meus planos. O medico veiu esta manhan, e declarou, depois de ter examinado Angela, que não se devia pensar na viagem. Affirmou que a jornada poria os seus dias em perigo. Deram-se, segundo diz, complicações anormaes no seu estado. Que tortura ouvir termos technicos, que se apresentam, pejados de ameaças de morte, suspensas por cima da cabeça da creatura amada. Informei o doutor da situação; respondeu que entre dois males preferia escolher o menor. A seu vêr, valia mais communicar a Angela a noticia da morte do marido.

— Teem absoluta certeza, disse, de poder occultar a catastrophe durante mais alguns mezes? N'esse caso, opino para que se deixe a senhora Kromicki na ignorancia da desgraça. Se, pelo contrario, ha probabilidades de se dar qualquer imprudencia, é mais sensato irem-n'a preparando pouco a pouco para receber a infausta nova. Uma revelação inesperada, determinaria graves accidentes.

Que fazer? Porei Ploszow de quarentena. Não deixarei entrar nem visitas, nem cartas, nem jornaes; recommendarei aos creados o que hão de dizer; impôr-lhes-hei uma maneira especial de olhar para nós e até de mover-se. Convenci-me hontem que lamentavel effeito produzem informações d'este genero em naturezas sensiveis e nervosas. Até a senhora Celina, que não gostava do genro, desmaiou duas vezes quando lhe participámos o seu passamento. Apenas voltou a si foi acommettida por fortes soluços espasmodicos. Este chôro sobresaltava-me: tremia que Angela os ouvisse.

Bem ponderados os prós e os contras, opto pelo si-

lencio, e eis as razões que tenho para isso. Angela nunca amou o marido, e a noticia do seu fim tragico provocaria n'ella um abalo tanto mais terrivel, quanto a elle se poderia juntar o remorso. Deve ignorar tudo, silencio e silencio. Mas que contrariedade não a poder tirar de aqui!

Recebi hoje outro telegramma de Bakum. O filho de Chwastowski pede-me instrucções. Respondi-lhe que mande enterrar temporariamente o desventurado no cemiterio da localidade. Estas idas e vindas de boletineiros com telegrammas não despertarão a attenção de Angela?

13 de novembro

Acabo de lêr os jornaes: dois d'elles mencionam já a catastrophe. Seria Chwastowski quem lhes forneceu pormenores? Se assim foi, é inepto. Temos todos em casa tal parecer, que me admira a tranquillidade de Angela. Mostrou-se ao jantar mais alegre e mais animada que de costume. O doutor voltou e a sua presença tranquillisa-me. O medico não perdeu o bom humor: no fim de contas esta morte é-lhe indifferente. Graceja com Angela e metteu-se-lhe na cabeça ensinar-lhe o jogo do xadrez. Em compensação, a senhora Celina desespera-me. À medida que a filha se mostra mais satisfeita, ella, pelo contrario, adopta um ar extremamente funebre. Já a argui com dureza por causa da sua attitude.

14 de novembro

Estamos todos em Varsovia, pois dissemos a Angela que era necessario installar caloriferos em Ploszow. A explicação pareceu-lhe natural. Esta viagem tão curta fatigou-a immenso. Estou contente por me encontrar aqui. As

indiscreções dos creados parecem-me agora mais difficeis. A casa está em completa desordem. Os aposentos estão cheios de uma porção de quadros. Angela quiz examinal-os: servi-lhe de cicerone no meio d'esta galeria improvisada. Recordei-lhe, aproveitando o ensejo, que um dos meus mais vivos desejos de outr'ora fôra mostrar lhe as bellezas de Roma. Respondeu-me então, com uma sombra de tristeza:

— Oh! Tambem eu penso muitas vezes em Roma, mas não irei lá nunca, acabou-se!

Apertou-se-me o coração; receio tudo agora, até os presentimentos. Afigura-se-me vêr maus presagios em tudo.

— E eu, repliquei, com solennidade, prometto levar-te lá, e demorarmo-nos muito tempo!

Que depressa a natureza humana se conforma com as situações novas! Com que facilidade se apossa dos seus direitos! Creio que Angela me pertence já. O doutor tinha razão. Posso vigiar aqui muito melhor a idolatrada creatura. Em primeiro logar temos o facultativo mais proximo. E depois, em Ploszow, formára-se uma atmosphera saturada de reticencias e de mysterio. Por mais que fingissemos de alegres, notava-se em nós o que quer que fôsse de discordante que nos trahia.

Ah! como é medonho viver com este terror suspenso sobre a cabeça!

15 de novembro

Como succedeu? Quando? Por que? Como chegou a suspeitar? Não posso comprehender. O caso é que hoje, ao almoço, fixou todos nós, e disse:

— Não sei o que occorre, mas suspeito que me escondem alguma coisa!

Empallideci; sua mãe perdeu o sangue frio; só minha tia conservou a serenidade necessaria:

— Ah! sim, exclamou sorrindo, escondemos-te que és uma cabecinha de vento. Parece que não entendes nada do xadrez; não és capaz de planear um lance.

Agarrei-me a esta táboa de salvação e principiei tambem a gracejar ácêrca da falta das suas aptidões estrategicas. Angela ouvia-me falar, mas nem por isso a suspeita deixára de lhe penetrar na alma. Ao meio dia veiu o medico. Participámos-lhe logo o incidente. Insiste para que não haja mais delongas na revelação da noticia. Talvez tenha razão. Sinto um terror indizivel pelas consequencias d'esse passo. Ha alguma coisa no meu coração que se oppõe desesperadamente a esta resolução extrema. Uma voz interior segreda-me: "Não! não lhe digas nada por agora!„ A mãe e a tia estão resolvidas a fazel-o. Não quero arcar com tal responsabilidade. Tenho medo!... Tremo!... Trata-se d'ella... da sua vida!

16 de novembro

Até a tarde não houve novidade nenhuma... Depois sobreveiu uma hemorrhagia subita... Bem o disse!... São tres horas da madrugada. O medico não a deixa um instante... Reajamos, luctemos com a dôr... É necessario salval-a!

17 de novembro

O medico affirma que a primeira phase da doença segue o seu curso regular. Que quer dizer com isso? Significará que a morte é inevitavel?

A febre não é grande. Angela conserva toda a presença de espirito; mas está extenuada por uma fraqueza e cançaço inexprimiveis. Depois virão dôres horriveis, nauseas,

o edema das pernas. O doutor enumerou-me todos estes symptomas!...

Que se acabe o mundo!

18 de novembro

Não entrei na alcova. Vigio á porta... Tenho medo... Ha instantes em que parece que enlouqueço... Escrevo para me distrahir, para refrear os impetos do espirito.

19 de novembro

Ouço os seus gemidos e os seus queixumes. Soffre d'um modo horroroso. O facultativo affirma que é devido ao caracter da enfermidade! Não! É uma crueldade inaudita! Accuso os homens e Deus de a torturarem.

Parece que extende os braços para a mãe e para a tia e que implora que lhe acudam. Realisaram-se todos os symptomas previstos. O medico ainda não se pronunciou. Febre de quarenta gráus... A coragem não a abandona.

20 de novembro

Apesar de ninguem m'o ter dicto sei, com certeza, que Angela morrerá.

Domino-me, estou quasi tranquillo. A seguinte idéa, occorreu-me esta noite, como uma luz súbita, quando velava á porta do quarto. O homem possue, em certas occasiões, dupla vista. Parece que uma invisivel mão arrancou o véo que me tapava os olhos. Não ha poder no mundo

que a possa salvar. Seio-o melhor que todos os sabios, que todos os medicos da terra.

Não tento luctar. Estamos ambos perdidos. A sentença está lavrada.

Seria cego se não visse a fôrça immensa e implacavel que nos separa. Que é? Como se chama? Ignoro-o. Sei apenas que, se ajoelhado, com a fronte rojada pelo chão, lhe pedisse que a salvasse, conseguiria mais facilmente commover as pedras, que enternecer essa fôrça. Como agora só a morte poderia arrebatar-me Angela... tem de morrer!... Seja assim, mas eu não acceito essa suprema separação!

21 de novembro

Angela desejava hoje vêr-me. Minha tia mandou sahir toda a gente do quarto suppondo que me ia falar de sua mãe.

Via essa creatura adorada, alma da minha vida! Os seus olhos brilhavam; conserva toda a lucidez de espirito.

Já não sente dôres; os antigos symptomas desappareceram, resplandece-lhe no rosto uma belleza celestial! Como não me considero já no numero dos vivos, consegui manter-me sereno. Pegou-me nas mãos e começou a falar da mãe, que recommendou aos meus cuidados filiaes: depois fitou-me durante muito tempo como se quizesse gravar pela ultima vez a minha imagem no fundo dos seus olhos antes de n'elles se apagar para sempre a luz do dia.

— Não te apoquentes, disse-me com infinita doçura, sinto-me melhor; mas quiz, para prevenir qualquer casualidade, deixar-te uma recordação minha!... Talvez não te devesse falar assim, poucos dias depois da sua morte! Emfim, posso tambem morrer, e eu quero, eu quero... sim, quero dizer-te... que te amei muito... muito!

As nossas mãos continuavam enlaçadas, os nossos olhos não se podiam despregar uns dos outros. Pela pri-

meira vez na sua vida, sorria-me como sorri uma amante, ou uma noiva. Sentia-me ligado a ella por laços mais fortes que todos os juramentos da terra. Eramos felizes n'esse supremo momento, não obstante gravitar em volta de nós uma tristeza mysteriosa: a da morte. Só me separei d'ella quando nos participaram a chegada do sacerdote. Recommendou-me outra vez que não me affligisse.

Mandára chamar o ministro de Deus, dizia, não porque pensasse deixar-nos para sempre, e sim porque a fé christan lhe impunha o dever de socegar a consciencia.

22 de novembro

Angela experimentou hoje notaveis melhoras. Sua mãe não cabe em si de contente. Só eu antevejo a verdade... É a paralysia que sobe... Não era preciso que o doutor m'o explicasse.

23 de novembro

Angela morreu esta manhan...

.....

.....

Roma, 5 de novembro

Podia ter feito a tua felicidade e só fiz a tua desgraça!.. Fui eu a causa da tua morte!... Se fôra outro homem, se não me faltassem todas as bases da vida, não terias succumbido a abalos tão terriveis. Comprehendi-o... quando os teus dias estavam contados... mas jurei acom-

panhar-te ao outro mundo. Sim, jurei-o á beira do teu leito de morte... O meu dever está traçado. Deixo a minha fortuna a tua mãe; a minha tia, a imagem d'esse Christo, em cuja illimitada misericordia haurirá as consolações supremas... e eu sigo-te, minha bem amada, quero-o, devo-o fazer!

Crês que não me assaltam temores ante a morte? Oh! sim... tenho receio do passamento. Ignoro o que virá depois. Só distingo trevas sem fundo, e estremeço em frente d'esse abysmo. Ignoro se além ha o nada, ou alguma forma da existencia livre dos limites do espaço e do tempo, ou qualquer sôpro interplanetario, que transportando a nossa alma, de estrella em estrella, a inicíe em novos destinos. Ignoro se encontrarei o desespêro eterno ou o eterno descanço, tão absoluto, tão infinito, como a Omnipotencia e a Immensa Bondade divina.

Mas se tu morreste por causa d'estas dúvidas crueis que me torturam, como poderia sobreviver-te?

Quanto mais o terror se apossa de mim, quanto mais terrivel é a dúvida que me opprime, menos posso deixar-te só além, ó minha Angela!...

Ou nos abysmaremos no nada, ou continuaremos juntos a mesma senda eterna... E, aqui, n'este mundo de miserias, onde tanto soffremos, que, ao menos, paire por cima dos nossos tumulos o mais profundo silencio.

FIM DO «SEM DOGMA»

Bartek, o Victorioso

CAPITULO I

O meu heroe, que se chamava Bartek Slovick (rouxinol), costumava olhar bem de frente para as pessoas com quem falava. Nada tinha de commum, é verdade, com a melodiosa ave, apesar de lhe ter usurpado o nome. Pelo contrario, o seu modo brusco davam-lhe um aspecto tão pouco intelligente, que lhe grangeou o apodo de "Bartek, o Estupido„. Conheciam-n'o ainda por outras alcunhas.

Para os ouvidos allemães, "Chlovyek„ e "Slovik„ são absolutamente a mesma coisa sob o ponto de vista da pronúncia. É por isso que os allemães, aproveitando a semelhança, substituem os nomes slavos pelos seus nomes barbaros.

Eis a razão porque houve o seguinte dialogo quando Bartek se alistou no exercito:

— Como se chama? perguntou o official.

— Slovick!

— Shloik? Ah! muito bem! (Shloik quer dizer homem em polaco; é o mesmo que "mensch„ em allemão.)

E o official escreveu "Mensch„.

Bartek era da aldeia de Poguembin. Ha muitas aldeias d'este nome no principado de Posnan (Posen). Possuia uma casita, uma courella, duas vaccas e um cavallo. Podia viver tranquillo com sua mulher Magda.

Acceitava, sem murmurios, a existencia tal como Deus

lh'a déra. Mas Deus ordenára que houvesse guerra, o que causou profundo desgôsto a Bartek.

Recebeu ordem para se apresentar no regimento. Teve de abandonar a casa e deixar as fazendas ao cuidado da mulher. Os habitantes de Poguembin eram pobres. No inverno, Bartek trabalhava no moinho, e no verão arroteava as terras. Que succederia agora? Quem sabe quando terminaria a guerra com os francezes?

Magda, depois de lêr a ordem de marcha, começou a lamentar-se.

— Ah! meu Deus! É preciso que estejam doidos para se bater! Apesar de tu seres estupido, Bartek, tenho muita pena de ti; os francezes vão cortar-te a cabeça.

Bartek abraçou a mulher e o pequenito, fez o signal da cruz, e sahiu de casa, acompanhado de Magda e do filho, ambos a soluçar.

Bartek repetia:

— Agora tem juizo!

Chegaram á estrada e encontram-n'a pejada de homens que partiam para a guerra. Dirigiam-se para a primeira estação e eram seguidos das mulheres, dos velhos, das creanças e dos cães.

Os homens apresentavam-se serios; só os rapazes pensavam em fumar cachimbo. Alguns, que já tinham bebido, cantavam em altas vozes:

> A mão de Shrynetski e os seus anneis d'oiro
> Não valem um rútilo sabre de guerra!

E a multidão, contida e dirigida pela policia alleman, encaminhava-se, nervosa e agitada, para o comboio. As mães agarravam-se ao pescoço dos filhos de quem se iam separar. Uma velha exclamava: "Oxalá que o Senhor nos recompense de tantos desgôstos!„ Ouviram-se os brados de: "Franck! Kasek! Josek! Adeus!!!„ Os cães ladravam. Diversos sacerdotes exclamavam por entre o murmurio das preces: "A guerra leva-os a todos e nenhum voltará!„

As charruas ficaram abandonadas nos campos, porque

toda a gente de Poguembin partia para a guerra contra a França.

Poguembin não queria reconhecer a preponderancia de Napoleão III, e abraçava a causa de Hespanha.

A turba continuava a caminhar. Por cima d'ella, na estrada, erguia-se uma poeira doirada, porque o tempo estava sêcco e o sol ardente. Nos trigaes, as espigas inclinavam a pesada cabeça e oscillavam ligeiramente. As cotovias voavam no céo azul e cantavam, e cantavam a perder o fôlego!

O que ia na estação! Os grupos tornavam-se mais compactos. Juntaram-se ahi os reservistas que vinham do alto e baixo Kryvda, de Vyvlashchyntse, de Nyedolya, de Mizerov: que balburdia! que barulho! e sobretudo que desordem!

Era a guerra! O *landwehr* devia proteger, em nome de Deus e na ausencia dos homens, as mulheres e suas familias, as casas e as fazendas. Os francezes tinham razão de sobejo para odiar Poguembin, Kryvda, Vyvlashchyntse, Nyedolya e Mizerov. Os camponezes, quando lhes foi lida a declaração da guerra, ficaram convencidos da justiça do rompimento das hostilidades.

Chegava gente de toda a parte.

O fumo, nas salas, elevava-se em espessas nuvens. Retumbavam, nos caes, as rapidas vozes de commando dos officiaes allemães.

Ouviu-se uma sineta; retiniu um silvo; era a machina que chegava. Ouviu-se segunda badalada, e todos sentiram um estremecimento sacudir-lhe o corpo. Algumas mulheres começaram a chorar: "Yadan! Yadan! os francezes vão matal-os!„ Os futuros heroes de Sédan começavam a sentir uma certa angustia.

A multidão foi obrigada a recuar. O comboio parou. Lobrigavam-se uniformes e capas com golas vermelhas, compridas espingardas e baionetas. Os soldados, com certeza, tinham recebido ordem para cantar, porque o comboio tremia d'uma á outra extremidade n'um formidavel côro.

O sargento começou a fazer a chamada. Era a derradeira despedida. Bartek abraçou sua mulher.

— Adeus, Magda, adeus!

— Oh! meu pobre homem!

— Não me tornas a vêr!

— Não, não te tornarei a vêr!

— Que triste futuro nos espera!

— Oxalá que a mãe de Deus te proteja e te salve de perigos!

— Adeus! Olha bem por tudo!

A esposa, a chorar, agarrou-se ao pescoço do marido.

— Que Deus te leve na sua santa guarda.

Chegára o ultimo momento. Ouviram-se ainda as mulheres gritar: "Adeus! adeus!„, mas os soldados, separados do ajuntamento, estavam já formados em quadrados, em rectangulos, e constituiam uma massa negra que se movia com a regularidade e a precisão d'uma machina.

Eil-os no comboio; mandam-n'os assentar.

A pesada locomotiva resfolga e lança para o céo os seus novêllos de fumo.

Os lamentos das mulheres tornam-se mais violentos.

Umas occultam a cabeça no avental, outras procuram agarrar-se aos estribos. Com soluços na voz, repetem os nomes dos maridos e dos filhos.

— Adeus! Bartek, exclamou mais uma vez Magda. Oxalá que a Virgem véle por ti. Adeus! Senhor! protege-nos!!

— Repára pela casa! gritou de novo Bartek.

As enormes carruagens moveram-se e o comboio partiu.

— ...E não esqueças que tens mulher e filho, recommendou pela derradeira vez Magda, que corria atraz dos wagons. Adeus! Em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo. Adeus!

O comboio seguia mais apressado, e levava, para o desconhecido, os guerreiros de Poguembin, dos dois Kryvdas, de Nyedolya e de Mizerov.

CAPITULO II

Na estrada, via-se d'um lado Magda que, com outras mulheres lavadas em lagrimas, voltavam para Poguembin. Do outro, o comboio que transportava para longe as baionetas e as espingardas. Era Bartek que partia assim para o ignoto. Deixou vaguear os olhos por tudo quanto podia avistar a distancia: pelo campanario da egreja e pela linha dos grandes álamos. Mas os álamos desappareceram e o campanario diluiu-se no azul do firmamento. Bartek experimentou então uma grande tristeza: presentia a morte. Começou a examinar o cabo. Elle deveria saber o destino que teriam. O militar, immovel, fumava cachimbo. Não era só a vista de Bartek que se fixava n'esse superior com anciedade, mas os olhares de todos os homens que enchiam o compartimento.

Nas suas terras, os camponezes, nas occupações quotidianas, pensam e lidam a seu modo. Agora, não era o mesmo. Era o cabo que lhe monopolisava os pensamentos e era senhor da sua vontade. Se mandasse olhar para a direita, era preciso olhar para a direita, se mandasse olhar para a esquerda, era necessario olhar para a esquerda. Que succederia?

Ora o pobre cabo sabia tanto como elles, e tambem se consideraria feliz se um superior lhe désse quaesquer esclarecimentos. Os reservistas, todavia, não ousavam pronunciar uma palavra porque fôra declarado o "estado de sitio". Ignoravam o que era permittido e o que era prohibido. Tinham-lhes falado no conselho de guerra. Não

comprehendiam o que queria dizer, e era essa a razão porque andavam atemorisados.

Emfim, percebiam que o cabo lhes era mais indispensavel aqui que nas manobras, nos arrabaldes de Posen. Pensava por todos, e, sem elle, não ousavam fazer um movimento.

É provavel que, para fumar cachimbo, a espingarda incommodasse o militar, porque este entregou-a a Bartek, que lhe pegou apressadamente, movendo os hombros e fixando o cabo com olhos encantados. Sentia-se lisonjeado com esta prova de attenção do seu chefe.

Na primeira estação os cantos recomeçaram, mas o cabo apresentava um ar aborrecido. Mexia-se, resmungava, agitava-se como se quizesse demonstrar aos superiores a sua actividade infatigavel. Desde que o comboio começou a andar tornou-se de novo calmo e silencioso, porque, tambem para elle, a vida tinha duas miragens — uma miragem alegre e feliz: a sua casa, a sua mulher, a sua terra; e uma miragem sombria, inquietadora: a França e a guerra...

De quando em quando o comboio parava, e, em cada estação, addicionavam-lhe novas carruagens e compartimentos com cavallos. Viam-se, pelas portinholas, as barretinas dos uhlanos e as baionetas da infantaria.

Cahia a noite. O sol occultava-se por detraz de nuvens de purpura. O comboio não tornou a parar: correu célere, cada vez para mais longe, na noite vermelha. As aldeias desappareciam; as cidades, as egrejas fugiam no céo incendiado. Os soldados começaram a segredar, tanto mais á vontade quanto o cabo collocára a mochila debaixo da cabeça e adormecêra, com o cachimbo de louça entalado nos dentes. Vaitek, natural de Poguembin, que estava ao pé de Bartek, tocou-lhe com o cotovêllo:

— Olha lá, Bartek!...

Bartek voltou os olhos pasmados para elle, com ar inquieto.

— Porque me olhas como um vitello que vae para o

matadouro? Verdade é, meu pobre velho, que vamos todos irremediavelmente para a chacina.

— Òh! oh! resmoneou Bartek.

— Tens medo? perguntou Vaitek.

— Porque é que não havia de ter medo? replicou Bartek.

O occidente tornava-se cada vez mais rubro. Vaitek apontou-lh'o com a mão, e disse:

— Vês esse clarão? Sabes o que é, meu bronco? É sangue. Aqui é a Polonia, nossa patria, e além, lá muito ao longe, onde vês esse vermelho côr de fogo, é a França.

— Chegaremos lá breve?

— Tens pressa? Dizem que é muito longe, mas descança, os homens virão ao nosso encontro...

Bartek reflectiu profundamente e depois exclamou:

— Vaitek!

— Que é?

— Dize-me, que especie de gente são os francezes?

Vaitek concentrou-se. Ouvíra dizer a outros mais velhos que elle, que os francezes venciam sempre os inimigos. Sabia tambem que era um povo extrangeiro. Mas como explicar a Bartek o que era um povo extrangeiro? Repetiu a pergunta:

— Que especie de gente são, perguntas-me?

— Pergunto!

Vaitek conhecia tres nações. Ao centro, os polacos; d'um lado os moscovitas, e do outro os allemães. Ora havia muitas especies de allemães. Afinal, querendo ser explicito, respondeu a Bartek:

— Como heide explicar-te isso? São exactamente como os allemães, mas ainda peores.

— Oh! que peste! rosnou Bartek.

Começava a invadil-o um grande medo dos francezes, desde que os suppunha mais terriveis que os prussianos, já tão duros para os polacos.

— Os francezes nunca foram vencidos em nenhuma guerra, e quando acommettem alguem nunca lhes escapa. Cada soldado francez vale dois ou tres de nós. Usam barba

como os judeus. Ha alguns que são negros como o diabo. Quando os vires, não tens mais que encommendar a tua alma a Deus...

— Mas porque é que nos batemos com esse povo?

Esta pergunta philosophica não tinha nada de estupida, por isso Vaitek se apressou a responder-lhe:

— Esse povo detesta a nossa gente. Diz-se que insiste em fazer contrabando com o vodka (uma especie de aguardente) e o governo não o quer consentir. É essa a causa da guerra... Comprehendes?

— Pois não havia de comprehender? disse com resignação Bartek.

Vaitek continuou:

— E esses diabos gostam tanto de mulheres como os cães de queijo.

— N'esse caso, nem Magda escapará?

— Nem Magda, nem as velhas.

— Oh! exclamou Bartek, como quem queria dizer: "Se é assim, bato-me!„

Parecia-lhe realmente demasiado; que os francezes fizessem o que quizessem, mas que deixassem Magda tranquilla!

Foi então que Bartek ponderou que, se se declarára a guerra, fôra para defender os seus interesses, e sentiu voltar-lhe a coragem ao pensar que se mobilisaram tantos canhões e tantos homens para proteger Magda.

O sol sumira-se completamente. Estava escuro; o comboio, que deslisava por uma via accidentada, sacudia com fôrça os passageiros e as armas.

As horas iam passando. Bartek custou-lhe muito a adormecer. Agitavam-lhe o espirito mil pensamentos ácêrca da guerra, de Magda, de Poguembin, dos francezes e dos allemães. Parecia-lhe que estava preso ao banco, e que, se se quizesse levantar, não poderia. Começou a dormitar, mas com um somno mau, inquieto e agitado. Teve visões phantasticas. Viu os seus dois cães que luctavam com um encarniçamento extraordinario. Precipitava-se com um pau para os separar, mas enxergava um francez muito

preto, assentado ao lado de Magda. O estrangeiro parecia encantado, e, rindo, mostrava os dentes brancos. Outros compatriotas seus apontavam-n'o com o dedo, em ar de mofa... Depois troava o canhão, e parecia-lhe que os contrários chamavam: Magda! Magdá!

— Calem-se, corja de marotos, e deixem essa mulher!

Elles, porém, continuavam a chamar: "Magda!„

Os cães ladravam furiosamente. Acudira a aldeia em pêso, que atirava sobre os invasores e gritava: "Não lhes deixes levar a mulher!„ O marido offendido pulava, arrojava-se sobre um inimigo e agarrava-o pela cabeça...

De súbito, Bartek, acordado por um formidavel murro, pôz-se de pé em menos de um segundo. Levantaram-se todos. No sonho o pobre Bartek atirara-se ao cabo e arrancava-lhe a barba. Ficára perfilado, de calcanhares unidos, assustado, trémulo. O superior, furioso, ameaçava-o com o punho e gritou-lhe dementado:

— Oh! estupido, bronco polaco! ora anda lá! Olha que te dou uma sova que te faço saltar os dentes pela bôcca fóra.

Bartek, rígido como uma barra de ferro, conservou-se immovel. Os demais soldados mordiam os beiços para não rir. Estavam todos mais ou menos atemorisados com o furor do cabo que rugia ainda:

— Immundos polacos! immunda Polonia!

Afinal tudo socegou. Bartek voltou para o seu logar. Parecia-lhe que o canhão começava a troar, e repetia sempre: "Magda! Magda!„ Sentia-se, no íntimo, muito triste e muito desgraçado.

CAPITULO III

De manhan, uma pallida claridade illuminou o compartimento. Todos dormiam. Uns tinham a cabeça pendida, oscillando sobre o peito, outros deitavam-n'a para traz, em posturas incommodas.

E o sol erguia-se purpurino.

Os soldados, despertando, comprehenderam que estavam em paiz desconhecido. Ah! mas onde ficava agora Poguembin, Kryvda e Mizerov? Tudo era tão extranho e tão differente! Viam grossos e seculares carvalhos; as casas, no valle, tinham telhados vermelhos; as paredes estavam cobertas de trepadeiras, e as habitações, rodeadas de parreiras, pareciam bellas como palacios.

Aqui, as egrejas mostravam as torres ponteagudas. Além extendia-se um rico trigal. Fora formigava muita gente. O comboio, passou, sem parar, por algumas pequenas estações. Devia ter succedido algum caso extraordinario, porque a população tornava-se mais densa. O sol subia lentamente por detraz das collinas. Matsek começou a rezar em voz alta: "Padre Nosso... „ Os demais repetiam em côro a prece. Os primeiros raios de sol banharam os rostos serios e graves dos soldados.

O comboio parou, porfim. Approximou se muito povo para dar noticias da guerra: era uma victoria, uma grande victoria! Havia apenas algumas horas que tinham chegado os telegrammas. Temia-se uma derrota e por isso a alegria attingira o auge. Precipitavam-se para o comboio muitas pessoas, meio vestidas; agitavam lenços e até algu

mas bandeiras. O enthusiasmo chegára ao cumulo e no meio da algazarra entoavam o hymno *Die Wacht am Rhein*.

A turba dava aos viajantes tudo quanto possuia. Era um delirio! "Imagine-se! que victoria! Quantas peças e bandeiras tomadas!„

A alegria communicou-se aos soldados, que principiaram a cantar. Os compartimentos estremeciam com as suas vozes retumbantes e a multidão ouvia essas canções cujas palavras não comprehendia.

Os naturaes de Poguembin berravam:

Bartosh, Bartosh! Oh! não percas a esperança!

— A Polonia! A Polonia! gritou a multidão, acercando-se para vêr os soldados, cuja bravura ouvíra citar com frequencia.

O aspecto de Bartek era terrivel, com a sua cara enorme, compridos bigodes, olhos como bolas de lôto e gigantesca corpulencia. Contemplavam-n'o como se contempla um animal raro. Que solidos defensores tinham os allemães! "Aquelle ha de dar que fazer aos francezes!„ E apontavam para Bartek.

Bartek sorria satisfeito. Estava contente por saber que os contendores tinham sido batidos. Ao menos, não poderiam ir até Poguembin para raptar Magda, e não conquistariam a sua terra.

Comeu chouriços com voraz appetite. Os copos de cerveja desappareciam-lhe na bôcca como n'uma caverna. Deram-lhe charutos e pfennigs. Não recusou nada.

— São boas pessoas os allemães! E depois, vês, dizia a Vaitek, bateram os francezes... e affirmavas que ninguem os vencia!

Mas o sceptico Vaitek pôz uma sombra na sua alegria:

— Os francezes, replicou, recuam sempre a principio, para dar confiança ao inimigo, mas depois, oh! depois, meu velho!!

Vaitek, ao dizer isso, ignorava que metade da Europa

era da sua opinião e que essa metade se enganava redondamente.

O comboio tornou a partir. Todas as casas que os soldados avistavam appareciam ornadas com bandeiras. Foram obrigados a demorar-se em differentes estações por causa do cruzamento de muitos comboios. Chegavam tropas de todos os lados da Allemanha. Os wagons estavam enfeitados com verdura. Os uhlanos traziam, presos nas lanças, ramos que lhes tinham sido offerecidos no caminho. Havia, entre estes militares, muitos polacos que gritavam ao passar pela carruagem de Bartek:

— Como vão, rapazes? Que Deus os proteja!

E ouvia-se a bem conhecida canção:

Do lado de Sandomir
Chama a joven o soldado:

E Bartek e os camaradas concluiam o estribilho:

Vem ao meu teu peito unir
Serás de Deus contemplado

Tinham sahido de Poguembin tristes e inquietos, e estavam agora alegres e cheios de enthusiasmo.

Entretanto o primeiro comboio de feridos que voltava de França acalmou-os um pouco.

Bartek correu para vêr os doentes. Alguns vinham em carruagens fechadas, mas outros, transportados em wagons abertos, podiam examinar-se facilmente. Bartek, logo ao primeiro relancear de olhos, sentiu faltar-lhe a coragem.

— Anda cá, Vaitek, gritou com terror, olha como os francezes trucidaram esses soldados, até causa afflicção!

Com effeito, de alguns rostos pallidos, desfigurados pela poeira misturada com sangue, sahiam maldições contra a guerra. Os que podiam levantar-se extendiam as mãos febris e bradavam: "Agua! agua!„ De quando em quando morria um homem: rangia os dentes, revolvia-se, e entregava a alma a Deus n'uma derradeira convulsão.

Era a primeira vez que Bartek observava as consequencias da guerra.

Assaltaram-lhe o espirito novos terrores. Permanecia ahi, gelado, de bôcca aberta. Foi empurrado d'esse sitio por um superior: um sargento obrigou-o a retirar-se batendo-lhe com a coronha da espingarda. Porfim procurou outra vez Vaitek, e depois de o encontrar, exclamou:

— Ah! Vaitek, que Deus nos proteja!

— Ha de acontecer-te o mesmo a ti!

— Jesus Maria! É assim que as nações se degollam umas ás outras! No emtanto, quando alguem, na aldeia, bate n'outro, a policia intervem e castiga quem aggride.

— É verdade, mas, agora, o homem de maior valor é aquelle que trucida mais gente. Imaginas, estupido, que é, como nas manobras, que se queima polvora para nada?

Evidentemente havia uma differença enorme entre a theoria e a prática.

Bartek, todavia, era um soldado. Sabia que a guerra era para os militares se matarem uns aos outros; mas agora que vira o sangue dos feridos, e os horrores da carnificina, impressionara-se tanto que mal se podia ter nas pernas.

Na estação entre Deutz e Colonia, lobrigou, pela primeira vez, prisioneiros francezes. Estavam rodeados d'uma porção de curiosos que os contemplavam sem odio.

Bartek atravessou a multidão. Queria certificar-se. Approximou-se do comboio e ficou surprehendido.

Enxergou soldados de infantaria com capotes escuros. Eram baixos, vinham sujos e empilhados nas carruagens como arenques.

Fazia outra idéa dos francezes pelo que lhe dissera Vaitek. Voltou-lhe a coragem, e como Vaitek estava junto d'elle, commentou:

— Que? São uns pobres homens... e tão enfezados! Se lhes désse um murro na cabeça, matava tres ao mesmo tempo.

— Estão muito mudados, respondeu Vaitek com desapontamento.

— Que lingua falam?

— Oh! podes ter a certeza que não é polaco!

Sciente d'isto, Bartek passeou o olhar pelos outros wagons, e depois de examinar todos, disse muito satisfeito:

— Que homens tão pequenos!

Na carruagem immediata havia zuavos. Estes ultimos obrigaram Bartek a reflectir um pouco mais. Amontoados em carruagens fechadas, era difficil distinguil-os bem, mas pelas portinholas abertas, divisava-se a sua comprida barba e o seu ar guerreiro. A coragem de Bartek começou a fraquejar.

— Aquelles são mais duros de roer, tartamudeou baixinho com medo que o ouvissem.

— E ainda tu não encontraste os que vencem sempre

— Deus nos livre d'elles!

— Encontral-os-has, descança!

Depois de examinar os zuavos, levaram as investigações mais longe.

Quando chegaram á carruagem immediata Bartek deu um salto para traz.

Via-se lá dentro a cara negra d'um turco com os olhos muito brancos, que revirava como os d'uma fera.

— Que é aquillo? perguntou Vaitek.

— Aquillo, replicou Bartek, aquillo é com certeza o diabo, não é um soldado.

— Olha, insistiu Vaitek, olha que dentes tem?

— Oh! não quero olhar!

Bartek ficou silencioso. Porfim perguntou:

— Vaitek.

— Que é?

— Se fôsse christão talvez tivesse piedade!...

— Os pagãos não sabem o que é piedade!...

.....

Foi dada ordem para continuar a marcha. Quando principiou a anoitecer, o comboio partiu. Os olhos brancos e o rosto negro do turco não sahiam da imaginação de Bartek, e no meio dos sentimentos que se debatiam no coração do guerreiro de Poguembin, seria difficil prevêr as suas futuras façanhas.

CAPITULO IV

Quando se feriu o recontro geral de Gravelotte, informaram Bartek que era possivel assistir a uma batalha de armas em descanço.

A principio, o seu regimento recebeu ordem de se postar na falda d'uma collina coberta de vinhedo. Ao longe ouvia-se troar o canhão. Perto d'elle, passavam os esquadrões de cavallaria, que faziam tremer a terra. Agora, lá no alto do outeiro, viam-se brilhar as couraças: as granadas atravessavam o céo azul a silvar, e, quando rebentavam, erguiam uma nuvem de fumo que tapava o horisonte. Era a batalha, que ribombava como uma tempestade.

Dentro em pouco, em consequencia d'um rapido movimento de tropas, o regimento de Bartek ficou rodeado de fôrças. Eram outras unidades que vinham occupar os logares de antemão designados. Todo o valle estava cheio de soldados. Cruzavam-se as vozes de commando; os ajudantes galopavam em diversos sentidos. As praças segredavam entre si:

— Oh! d'esta é que não escapamos. Vamos ter uma linda dança!

O canhoneio approximava-se, succederam-se-lhe depois as descargas de fuzilaria e o crepitar das metralhadoras.

De chofre, as peças trovejaram de tão perto que o solo estremeceu. A seguir, passou por cima do regimento um assobio prolongado, e alguma coisa atravessou o ar. Os soldados bradaram: "Granadas! granadas!„ As bombas

acercavam-se, cahiam e estoiravam. Ouviam-se gritos e produzia-se uma certa confusão nas fileiras.

Á voz: "Sentido!„ Bartek estava de pé, na primeira fila, com a arma ao hombro, de arcaboiço saliente. Não tremia. Não é permittido tremer debaixo de fogo.

— Firmes!...

Cahiu segunda granada, depois terceira, quarta... Os francezes tinham conseguido tomar as baterias prussianas que estavam perto da collina; collocaram ahi as suas, e era de lá que a artilharia vomitava metralha para o valle.

As forças contrárias, protegidas pelos canhões postados na eminencia, desciam pela encosta para abrir fogos de mosquetaria. O vento dissipára o fumo e distinguiam-se perfeitamente as unidades.

A vinha parecia um campo coberto de papoulas por causa da côr vermelha dos uniformes francezes. De golpe a infantaria desappareceu por detraz das cepas. Não se via nada, a não ser de tempos a tempos uma bandeira tricolor que fluctuava ao vento.

O tiroteio recomeçou nutrido, febril, irregular e mudava de logar a cada instante. Por cima d'este fogo, os pelouros cruzavam-se no espaço. No valle os canhões allemães respondiam sem interrupção. O regimento conservava-se immovel como um rochedo.

O circulo de fogo começou, todavia, a apertar-se em volta d'elle. As balas silvavam por cima das cabeças, por entre os hombros, roçando pelo nariz, pelas orelhas. Passavam milhares de projecteis e após estes ainda mais milhares. Era um milagre os soldados estarem de pé. A retaguarda de Bartek, ouviam-se queixumes.

— Ai! Jesus! Tenho a minha conta!

As vozes de commando succediam-se ininterruptas. Os assobios redobravam, e as fileiras uniam-se. Era terrivel. Espesinhavam-se os mortos. O julgamento de Deus estava suspenso por cima dos homens.

— Tens medo? perguntou Vaitek.

— Tenho medo, tenho, respondeu o nosso heroe com os dentes cerrados.

E ambos continuavam de pé. Não lhes lembrou que podiam fugir, porque se lhes ordenára que permanecessem ahi, e elles permaneciam.

Bartek não estava tão atemorisado como estariam outros em seu logar. A disciplina obrigava-o a ser corajoso. Demais, não comprehendia o perigo da situação.

Ficou pacientemente no seu posto. Sentia um calor terrivel. O fogo era cada vez mais mortifero: filas inteiras de soldados eram derrubadas, d'um sôpro, na sua frente. Os gemidos e os gritos dos moribundos e dos feridos eram abafados pelo zumbir das balas e pelo estrondo das descargas.

Acompanhando a marcha das bandeiras tricolores, comprehendia-se que a infantaria se approximava cada vez mais das vinhas. As metralhadoras dizimavam as fileiras, e o desespêro começava a apoderar-se de todos.

Ao desespêro succedeu a raiva. Se lhes ordenassem que avançassem, ter-se-hiam arremessado como uma bomba, porque não se podiam aguentar no sitio em que estavam.

Não é horrivel assistir á destruição d'um regimento inteiro sem poder queimar um unico cartucho?

Os soldados dos regimentos vizinhos fugiam em debandada, mas os homens de Poguembin, de Kryvda e de Mizerov, contidos pela disciplina de ferro da Prussia, ficavam firmes como rochas. Um instante mais e a disciplina seria impotente. Os pés encharcavam-se em sangue. Em certos sitios, as filas já não se podiam unir, porque as separavam montões de cadaveres. Metade do regimento estava por terra, e morria ou debatia-se em soffrimentos atrozes. De repente ouviram-se murmurios na fileira:

— Trouxeram-nos aqui para nos deixar assassinar!

— Nem um só escapa...

— Firmes, rapazes! valentes polacos! bradou um official.

— A ti é facil dizer isso, porque estás á retaguarda.

— *Stch der Kerl da!*

De súbito começaram a orar:

— Contando com a tua protecção...

Bartek proseguiu:

— ... Procuramos um refugio, oh Santa Mãe de Deus!

Depois, um grupo de polacos, dirigindo-se á padroeira de Cheustowva:

— Não repudies a nossa prece!...

E, prostrados no chão, os muribundos accrescentavam:

— Ó Mary! Ó Mary!

Dir-se-hia que o ajudante esperára por este instante para gritar:

— Em frente! Hurrah! Carregar!

As espingardas baixaram-se; a columna desenvolveu-se em linha e precipitou-se ao assalto da collina, procurando com a baioneta o inimigo que a vista não descobria.

Separava-os da falda da montanha ainda uma distancia de duzentos metros. Era necessario atravessar essa distancia debaixo d'um tiroteio medonho.

Far-se-hiam matar até o ultimo? Avançariam? Não é gente para recuar, porque o coronel prussiano sabe o que ha de fazer para que os subordinados carreguem com furia.

E no meio das detonações, do sibilo das balas, do fumo e da desordem os tambores e as cornetas sôam á carga, a musica toca o hymno nacional, o sangue dos soldados ferve nas veias, o coração pulsa com phrenesi e entôam o canto patriotico:

Ninguem vence a Polonia! Hurrah! Hurrah!

Cheios de enthusiasmo e com os olhos em chammas, passam como um turbilhão por cima dos mortos, dos cavallos e dos despojos de toda a especie. Morrerão, mas defender-se-hão combatendo e cantando.

Chegaram ao sopé da collina e desappareceram por meio dos vinhedos. O hymno ouvia-se sempre.

Lá em cima, no cabeço, o fogo redobrava de intensidade e as baionetas despediam relampagos. As cornetas não deixavam de tocar e os tambores de rufar. As des-

cargas dos francezes tornavam-se mais rapidas e mais prolongadas.

Em baixo, no valle, o general Steinmetz, um militar ás direitas, tinha um ar satisfeito.

— Se esses bravos continuarem assim, ganharão a batalha!

E com effeito, uma bandeira tricolor, que se via fluctuar, foi apprehendida, depois victoriosamente agitada, e porfim desappareceu.

— Não são para graças, exclamou Steinmetz.

A musica proseguia com o mesmo hymno. Um outro regimento polaco veiu reforçar o primeiro.

Nas vinhas, travava-se, com encarniçamento, uma carga á baioneta.

— Ah! Bartek, o teu nome vae passar á posteridade.

Ao terror, á impaciencia, ao desespêro succedêra uma raiva insensata.

Quando ouviu a musica tocar o hymno do seu paiz, os nervos tornaram-se-lhe de aço. Os cabellos ouriçavam-se-lhe na cabeça e os olhos deitavam labaredas. Esqueceu o mundo e, apertando nas mãos robustas a espingarda, correu com os demais. Cahiu duas ou tres vezes. No rosto, o sangue misturava-se-lhe com a terra e com a polvora. Mas que lhe importava? Corria para a frente, com os olhos fixos, de bôcca aberta. Queria encontrar francezes.

Divisou, porfim, tres que escoltavam uma bandeira. Eram turcos. Suppõem que d'esta vez Bartek recuou? Não! Teria agarrado o proprio diabo pelos chavelhos. Precipitou-se para os tres homens Foram-lhe apontadas ao peito tres baionetas, mas Bartek agarrou na espingarda pelo cano, e descrevendo no ar um sarilho terrivel, extendeu por terra dois soldados.

Em soccorro do terceiro, que defendia o symbolo da gloria do regimento, acudiram dez camaradas. Bartek, louco de colera, fez-lhes frente. Visaram-n'o. No meio do fumo, retumbou a voz de Bartek que gritava:

— Não acertaram.

E, pegando outra vez na espingarda pela extremidade

do cano, derrubou, com um novo e formidavel sarilho, o terceiro adversario. Ouviram-se gemidos, e os outros, aterrorisados com os golpes mortaes que este prodigioso gigante vibrava, deitaram a fugir com quantas pernas tinham, proferindo algumas palavras arabes que Bartek não comprehendeu. Pareceu-lhe, todavia, que tinham pronunciado o nome de Magda!

— Ah! querem Magda? vociferou Bartek, e d'um salto encontrou-se no meio do inimigo.

Felizmente acompanharam-n'o n'este movimento outros polacos. Feriu-se então um combate corpo a corpo. A par do ruido do choque das baionetas, ouviam-se queixumes e as respirações sibilantes dos feridos. Coberto de sangue, de fumo e de pó, Bartek, furioso, assemelhava-se a um animal feroz. Com uma unica pancada da arma, prostrou dois homens, quebrou-lhes as espingardas e abriu-lhes as cabeças. As suas mãos contorciam-se como uma espantosa machina de destruição.

Arremessou-se sobre o porta-bandeira, agarrou-o pelo pescoço, apertou-o de modo que os olhos do militar saltaram das orbitas e largou a haste. Bartek pegou-lhe e gritou: "Hurrah! hurrah!„ e agitou-a com orgulho no ar.

O general Steinmetz que, na falda da collina, seguia as peripecias da tomada d'este trophéo, não o viu fluctuar durante muito tempo; Bartek servia-se agora d'elle para cobrir, até asphixiar, a cabeça d'um francez que tinha um kepi com muitos galões. Passado instantes, arrancou a seda da bandeira, metteu-a no peito e sem largar a lança foi ter com os camaradas...

Os turcos precipitavam-se para o cume do outeiro para tentar salvar a artilharia, mas respondeu-lhes um chuveiro de balas. Os zuavos que estavam á frente receberam ás baionetadas o regimento que marchava contra elles. Mas Bartek conservava-se na primeira fila, gritando com alma: "Hurrah! hurrah!„

Todos os polacos se arrojaram ao assalto dos canhões. Principiou outra lucta corpo a corpo.

N'este momento, o segundo regimento de Poguembin

veiu em reforço do segundo. A haste da bandeira nas mãos poderosas de Bartek parecia a foice da Morte. Cada lançada que dava abria uma brécha nas fileiras cerradas dos francezes. O panico começou a apoderar-se dos zuavos e dos turcos, e quando Bartek se acercou de mais perto, fugiram. Foi elle o primeiro a assentar-se n'um canhão.

Mas, mal os camaradas tinham tempo de o vêr ahi, quando o divisavam já montado n'outra peça, junto da qual acabava de lançar ao chão um terceiro porta-bandeira.

— Hurrah! Bartek! bradaram os soldados.

A victoria era completa. Todas as metralhadoras tinham sido tomadas.

A infantaria franceza, quando viu chegar ao flanco da collina um novo regimento prussiano, acabou por ceder.

Bartek tomára tres bandeiras. Era digno de vêr-se, ao descer a collina com os seus camaradas, coberto de sangue, de lama, irradiando uma alegria selvagem, com as tres insignias ao hombro:

— Que me dizias tu, Vaitek? Mas os francezes não teem sangue nas veias, nem fôrça nos musculos. Arranhavam-me como se fossem gatos, e mais nada. Eu, quando sacudia um, ia logo a terra.

— Quem adivinhava que tu eras tão terrivel? respondeu Vaitek, que começava a olhar para o seu camarada com respeito.

Os officiaes tambem o admiravam. Olhavam agora com attenção para esse rapagão, de farto bigode loiro, de olhar franco.

— Ah! és tu, endemoninhado polaco! disse o major puxando-lhe familiarmente por uma orelha.

Bartek sorria, muito contente.

Quando o regimento formou na base do outeiro, o major falou de Bartek ao coronel que, por seu turno, o indicou a Steinmetz.

O general examinou as bandeiras, mandou-as guardar e ordenou que Bartek désse dois passos em frente.

Bartek, direito e firme, apresentou armas. O velho guer-

reiro sacudiu a cabeça com ar satisfeito. Depois, começou a falar baixinho ao coronel. Ouvia-se pronunciar distinctamente, a cada instante, a palavra "sargento„.

— Mas é muito estupido, meu general, respondia o coronel.

— Vamos a vêr, disse o commandante em chefe, e, voltando o cavallo, approximou-se de Bartek.

Bartek não podia apreciar a honra de que era alvo; nunca no exercito prussiano se víra um general falar a um simples soldado. Era verdade que Bartek só pelo seu lado tomára tres bandeiras e dois canhões.

— D'onde és tu? perguntou-lhe Steinmetz.

— De Poguembin, respondeu Bartek.

— Muito bem! Como te chamas?

— Bartek Slovik.

— Sabes porque combates contra os francezes.

— Sei, meu general.

— Diz lá porque é?

Bartek principiou a gaguejar...

— Porque... porque...

De repente lembraram-lhe as palavras de Vaitek, e repetiu-as á pressa, com medo de as esquecer:

— Porque são allemães, e ainda peores, os velhacos!

O rosto do general contrahiu-se como se estivesse para desatar a rir ás gargalhadas. Conseguiu conter-se e voltando-se para o major, disse-lhe:

— Tinha razão.

Bartek, encantado comsigo proprio, não bolia.

— Quem ganhou a batalha hoje? perguntou ainda Steinmetz.

— Eu, meu general, respondeu sem hesitar Bartek

O general sorriu.

— É verdade! é verdade! e aqui tens a tua recompensa.

O velho militar tirou a medalha que trazia ao peito, inclinou-se e pendurou-a na farda de Bartek.

O bom humor do general reflectia-se no rosto do coronel, no dos majores, no dos capitães e até no dos cabos...

Quando o general retirou, o coronel deu dez thalers a Bartek, o major cinco, e assim successivamente. Todos lhe sorriam repetindo que fôra elle quem ganhára a batalha. Bartek sentia-se transportado ao setimo céo.

O unico que não estava completamente satisfeito com com o nosso heroe era Vaitek.

Á tarde, quando se encontraram sós, Vaitek disse-lhe:

— Oh! Bartek, tu és muito estupido! Oh! mas que estupido que tu és

— Mas porque, perguntou Bartek.

— Porque respondeste ao general que os francezes são allemães.

— Fôste tu que m'o ensinaste!

— Pois não sabes que o general e os demais officiaes são d'essa nacionalidade?

— E então, que mal ha n'isso?

— Que mal ha n'isso? Não vês que sendo allemães não lhes devias dizer taes barbaridades; foi uma grande tolice.

— Mas eu referia-me aos francezes e não aos officiaes.

Vaitek calou-se. Desejaria explicar a Bartek que em presença de allemães, não se devia dizer mal d'elles, mas comprehendeu depressa que nunca chegaria a fazer-se perceber, e preferiu não insistir.

CAPITULO V

Alguns dias depois Magda recebia a seguinte carta:

"Minha querida Magda.

"Que Jesus Christo e sua santa Mãe nos protejam.

"Como estás? Passas bem? Não te falta nada? Combato aqui com encarniçamento. Estivemos nas proximidades da grande praça de Metz, e repelli de tal modo os francezes, que a cavallaria e infantaria ficaram surprehendidas. O general disse-me que fôra eu quem ganhára a acção e deu-me a sua propria medalha. Os officiaes respeitam-me agora. Houve depois uma segunda batalha, mas esqueci o nome do logar onde se deu. Bati-me com firmeza, tomei ao inimigo um quarto estandarte e aprisionei o coronel, o mais alto dos couraceiros. Os sargentos aconselham-me a que peça para continuar no exercito quando o nosso regimento fôr licenciado.

"Na guerra não ha tempo para dormir, mas encontra-se sempre que comer. Ha aqui muito vinho, porque os habitantes são ricos.

"Quando tomamos uma aldeia, não poupamos nem mulheres nem creanças, e eu faço como os outros. Queimámos uma egreja: os francezes são catholicos como nós. Agora marchamos contra o proprio imperador e o fim da guerra está proximo.

"Olha bem pela casa e por Franck. Encommendo-te a Deus.

"*Bartek Slovik.*„

Bartek tomára gôsto á guerra, adquiríra grande confiança em si. Ia actualmente para uma refrega como ia, em Poguembin, para o trabalho quotidiano.

Depois das batalhas, choviam-lhe no peito fitas e condecorações. Todavia não conseguia passar de sargento. Era considerado no regimento como o primeiro soldado. Era submisso e tinha a cega bravura de quem não conhece o perigo. O seu valor não era agora, como a principio, a consequencia d'uma raiva furiosa, e sim a prática do mister das armas, da propria confiança e tambem da sua fôrça prodigiosa e da sua resistencia infatigavel. Os camaradas, cahiam em volta d'elle, extenuados. Só elle resistia a tudo. Tornou-se mais arrogante, e cada dia se amoldava mais ao typo do soldado allemão. Convenceu-se que era um "homem de guerra„.

N'uma carta posterior escrevia a Magda:

"Vaitek foi cortado em dois: são contingencias dos combates. Era algum tanto idiota, porque dizia que os francezes são allemães, quando são francezes. Os allemães estão comnosco.„

Magda respondeu-lhe:

"Meu caro Bartek.

"Estamos casados á face do santo altar, e Deus te punirá pelas tuas infidelidades. És um doido e um pagão, porque, de cumplicidade com os allemães, tens assassinado um povo catholico. Devias comprehender que os prussianos são protestantes, e vaes ajudal-os! Gostas da guerra, porque não fazes outra coisa senão bater-te, beber e matar gente. Não respeitas a religião, porque queimas as egrejas. Deus vê tudo, e se não tens piedade nem dos adultos, nem das creanças, depressa irás arder para as profundas do inferno, porque Deus não se apiedará de ti se não enveredas sem perda de tempo pelo bom caminho.

"Remetto-te cinco thalers, apesar de estar na miseria e de não saber o que será de mim. Abraça-te, meu caro Bartek, a tua

"*Magda.*„

Esta carta, repleta de censuras, fez pouca impressão em Bartek.

— Ora, adeus! as mulheres não percebem nada do serviço militar. São piegas.

E continuou como até ahi.

Distinguia-se em todos os recontros. Todos os superiores o admiravam, até o general Steinmetz. Para o fim da campanha, quando os regimentos polacos foram licenciados, seguiu a opinião dos collegas, e readmittiu-se. Foi, em consequencia d'este novo alistamento, mandado para o cêrco de Paris.

As suas cartas, datadas dos arrabaldes d'essa cidade estavam cheias de desprêzo pelos francezes.

"— Mal começa o combate, escrevia, fogem como lebres.„

O cêrco divertia-o menos. Era obrigado, todos os dias, em frente das fortificações, a conservar-se deitado ao abrigo das trincheiras, de onde ouvia o incessante troar do canhão. Tinha de trabalhar, ensopado, no levantamento das obras. Lembrava-se, com saudades, do seu antigo regimento.

Fôra incorporado, como voluntario, n'um corpo allemão. Começava agora a falar a lingua dos novos camaradas, d'um modo mais comprehensivel. Na companhia chamavam-lhe: *Ein polnischer Ochs.*

Felizmente para si, os seus braços robustos e os seus formidaveis pulsos perservavam-n'o de zombarias.

No fim de alguns combates acabou por conquistar o respeito dos companheiros, e, a pouco e pouco, habituou-se a elles. Cobriu o regimento de tanta gloria que o olharam como um dos seus.

Outr'ora Bartek teria considerado como um insulto que lhe chamassem allemão. Para o distinguir dos outros designavam-n'o por *Ein Deutscher*. Julgou que era differente e ficou satisfeito.

Encontrou-se, uma vez, n'uma situação que lhe daria muito que reflectir se fôsse capaz de reflexão.

Alguns homens do seu regimento foram mandados contra os franco-atiradores. Armaram uma emboscada em que os inimigos cahiram. Defenderam-se com a maior energia. Carregaram, de baioneta armada, sobre os prussianos e bateram-se com extraordinaria furia. Preferiam ser mortos a deixar-se aprisionar. A companhia de Bartek só conseguiu fazer dois prisioneiros. Á tarde, os dois soldados foram encerrados na casa d'um guarda florestal. Deviam ser passados pelas armas no dia seguinte. Bartek estava de sentinella aos prisioneiros. Occupavam um quarto, cuja janella estava quebrada.

Um dos prisioneiros já não era novo, tinha os cabellos grisalhos e um semblante extremamente fatigado. Parecia indifferente. O outro, pelo contrario, apparentava mais de vinte annos e tinha uma physionomia meiga e um tanto effeminada.

— Está tudo acabado, disse o mais novo. Uma bala na cabeça e prompto.

Bartek estremeceu impressionado. O mancebo falára polaco.

— É-me indifferente, respondeu o outro com voz impassivel. Lucto ha tanto tempo, que estou farto.

O coração de Bartek pulsava vivamente debaixo do uniforme.

— Escuta-me, continuou o velho. Já não ha esperança para nós. Se tens medo, diligenceia pensar n'outra coisa ou esforça-te por dormir. A vida é um fardo insupportavel e agradeço a Deus o livrar-me d'elle.

— Tenho pena por causa de minha mãe, respondeu o mancebo.

E, não querendo que a commoção o dominasse, começou a assobiar.

Calou-se, de chofre, e exclamou com voz desesperada:

— Quando penso que nem sequer disse adeus a minha mãe!

— Fugiste então de casa?

— Fugi! Dizia de mim para mim: Os francezes vão bater os allemães, será uma alegria para o povo de Posen, e fui apresentar-me aos francezes.

— Foi o mesmo que eu pensei, mas agora...

O velho soldado levantou a mão com um gesto de dúvida e acabou a phrase em voz baixa...

A noite estava fria. Cahia uma chuva miudita. A floresta jazia mergulhada em profunda escuridão. Ouvia-se o vento sibilar no quarto; coava-se atravéz da chaminé soltando uma especie de uivo. Uma lanterna collocada no tecto, por cima da janella, allumiava com clarões intermittentes e baços o interior do aposento. Bartek estava proximo da janella, completamente dissimulado na sombra.

Valia mais que os prisioneiros não lhe vissem o semblante. Não comprehendia o que se passava n'elle. Sentiu-se primeiro empolgado por um grande assombro. Fitou os franco-atiradores e tentou perceber o que conversavam. Esses dois homens tinham-se juntado aos francezes para bater os allemães, a bem da Polonia. E elle, batia-se contra os francezes, em proveito da mesma Polonia! E esses dois homens seriam fuzilados no dia seguinte! Que significava isto? Não abrangia. E se lhes falasse? Que lhes diria? Que era um compatriota; que tambem era polaco, e que o penalisava muito vêl-os alli. — Apertou-se-lhe a garganta. Se os ajudasse a salvarem-se? — Mas seria arcabuzado! — Que se passava em si? Apossava-se d'elle uma grande piedade, não podia socegar.

Piedade! Que sentimento estranho na alma d'um soldado.

— Bartek! Salva os teus compatriotas, são do teu paiz, são teus irmãos.

E o coração transportava-o a Poguembin. Via-se em casa, ao lado de Magda. Estava cançado de guerra e de ba-

talhas! Julgava ouvir constantemente uma voz bradar-lhe aos ouvidos: "Bartek! salva os teus compatriotas...„

Oh! maldita seja a guerra!

A floresta permanecia tenebrosa; ouvia-se o gemido dos pinheiros como em Poguembin. E, no meio do sussurrar lugubre das arvores, a mesma voz continuava a dizer a Bartek: "Salva os teus compatriotas.„

Que devia fazer? Fugir com elles para a floresta? A disciplina de ferro dos prussianos, que o apertava como n'um tôrno, fêl-o hesitar.

Para resistir á tentação, repetiu: "Em nome do Padre e do Filho.„ — Elle, um soldado! Desertar? Nunca!...

Ao passo que o vento continuava a rugir com fôrça e soprava mais tristemente no quarto, o prisioneiro mais velho dizia:

— Ouves o vento? Parece que estamos no outomno, na nossa terra.

— Tem dó de mim, exclamou o mais jovèn com voz dilacerada.

Um instante depois repetia.

— Ah! meu Deus! meu Deus! Minha mãe! Minha mãe!

Ouviu-se um profundo suspiro e o prisioneiro deitou-se. Reinou então um silencio completo.

Bartek tremia de febre.

O que mais o apoquentava, é que não podia explicar a sua commoção e o seu soffrimento. Estava como um ladrão que receia ser preso. Dominava-o um terror cuja causa ignorava. As pernas fraquejavam-lhe e a espingarda cahia-lhe das mãos. Agitava-o um triste presentimento. Os dois prisioneiros inspiravam-lhe immensa pena, especialmente o mais novo. Não sabia que fazer.

Pareceu-lhe que o joven soldado adormecêra. O vento no emtanto continuava a sibilar cada vez mais rijo, e, de repente, os cabellos de Bartek erriçaram-se-lhe; ao longe, na noite profunda, debaixo das grandes arvores negras, alguem repetia: "Minha mãe! minha mãe!„

Bartek beliscou-se. Devia sonhar. Para se livrar do pesadêlo, bateu no sobrado com a coronha da arma. Olhou

em redor de si. Os prisioneiros estavam deitados a um canto, a lanterna continuava a arder, não havia mudança nenhuma.

A luz, illuminava n'este momento o semblante do mais novo dos prisioneiros. Dir-se-hia uma creança. Tinha os olhos fechados, a cabeça descançava na palha. Estava tão descórado que parecia morto.

Bartek, não se lembrava de, em sua vida, ter experimentado um desgôsto tão profundo. Não podia respirar. Escapou-se-lhe do peito opprimido um suspiro.

O prisioneiro mais edoso deitou-se de lado e disse:

— Boa noite, Vladek!

Decorreu uma hora. Ia, com certeza, succeder alguma coisa de extraordinario a Bartek. Afigurava-se-lhe que o vento resoava como os orgãos de Poguembin.

Os prisioneiros dormiam com tranquillidade quando, bruscamente, o mais novo se ergueu com esfôrço e chamou:

— Karl!

— Que é?!

— Dormes?

— Não!

— Ouve, tenho medo, diz o que quizeres, mas desejo rezar.

— Pois reza.

— Padre Nosso, que estaes nos céos .. seja feita...

Os soluços embargavam a voz do pobre rapaz. Todavia continuou:

— Seja feita... seja feita... a vossa vontade...

— Ó Jesus! ó Jesus! murmurou Bartek. Sentíra o que quer que fôsse a rasgar-lhe o peito. Não podia conter-se mais e ia para gritar: "Eu tambem sou polaco!„ E, examinando a janella quebrada que dava para a floresta e pela qual os prisioneiros podiam evadir-se, pensou: "Aconteça o que acontecer!...

Mas, de repente, do lado da porta, ouviram-se passos fortes e cadenciados. Era uma patrulha com um cabo que vinha render as sentinellas.

No dia seguinte Bartek andou embriagado desde pela manhan até a noite ..

....

Succederam-se novas expedições, escaramuças e marchas, e o nosso heroe foi de novo empolgado pelo gôsto da vida militar. Desde essa noite, nunca mais perdeu a predilecção pelo vinho que lhe fazia esquecer certas recordações pungentes.

A fortuna continuou a protegel-o no meio das batalhas. A victoria caminhava sempre a seu lado.

CAPITULO VI

Passaram alguns mezes. A primavera adeantara-se. As cerejeiras, em Poguembin, começavam a perder a florescencia e a folhagem a substituir as flôres. Os campos, lavrados em devido tempo, vicejavam.

Um dia que a miseria se fazia sentir mais que de costume, Magda sentára-se á porta da habitação. Descascava batatas para o frugal repasto. Tinha um aspecto triste e inquieto. Para afugentar a melancholia principiou a cantar:

Ai! o meu homem está na guerra;
Ai! se me escreve tambem lhe escrevo,
Ai! porque sou sua mulher, ai!...

Os pardaes chilreavam com tanta alma nas cerejeiras que abafavam a sua debil voz. Meditabunda, passeava o olhar pelo cão que dormia ao sol e pela estrada que se extendia em frente de casa. Depois os olhos fixaram-se na vereda, que cortava os campos em direcção da vivenda.

Talvez olhasse com mais persistencia para o atalho porque corria direito á estação do caminho de ferro. E Deus amerceou-se do seu penar, porque não olhou em vão. Ao longe, desenhava-se a fórma d'um homem. Magda alpendrou as mãos por cima dos olhos para vêr melhor.

Não podia distinguir nada, porque o sol cegava-a; mas *Lysek,* o cão, ergueu o focinho, ladrou brandamente, começou a farejar, e virou a cabeça para o lado do carreiro. Magda, no mesmo instante, julgou ouvir a lettra d'uma

canção conhecida. D'um pulo, *Lysek* lançou-se ao encontro do homem que se approximava. Magda empallideceu.

— Bartek! é o meu Bartek!

Levantou-se de prompto, as batatas rolaram por todos os lados. Não havia dúvida: *Lysek* saltava de alegria ás pernas do dono.

Magda gritou com toda a fôrça:

— Bartek! Bartek!

— Sou eu, Magda! respondeu o recemvindo, deitando a correr.

Abriu a cancella, saltou pelos degraus, ia escorregando e cahiu porfim nos braços de sua mulher.

Magda falava com volubilidade.

— Oh! pensava que não voltarias! Como vaes? Entra para casa! Franck está na eschola. Os allemães, agora, batem nas creanças. Está bom, mas tem os olhos espantados como os teus. Oh! Era tempo que chegasses, aqui tudo é miseria, só miseria. A casa, coitada! está a desabar. Como estás? Oh! Bartek! Bartek! Deixa que te veja mais uma vez! Que ralações passei com o feno! Os Chermyenitski ajudaram-me no que puderam. Mas... oh! meu Deus! E tu estás bom? Como me sinto feliz por te vêr! És tu, Bartek, ou não? Não o posso acreditar! Oh! mas que é que tu tens ahi?

Magda examinava um extenso gilvaz que atravessava a cara do marido, desde a fonte até o bigode.

— Ah! não é nada, foi um couraceiro que me fez essa arranhadura; mas custou-lhe caro. Estive no hospital.

— Ai! Jesus!

— Não é nada.

— Estás magro como um esqueleto.

— *Ruhig,* socega, respondeu Bartek.

Vinha tisnado e com cicatrizes como um verdadeiro heroe. Todavia, as pernas vacillavam lhe.

— Que tens tu? Estás embriagado?

— Não, estou fraco.

Estava fraco, mas estava tambem ébrio. Uma só medida de vodka era bastante para o aturdir. Ora, desde a

estação até casa, bebêra mais de quatro medidas. A vida militar fizera-lhe contrahir habitos de intemperança que não tinha antes.

— *Ruhig!* repetiu, a guerra acabou se. Agora sou um senhor, percebes? Vê isto! — E mostrava as medalhas. — Sabes agora quanto valho? Esquerda! Direita! Feno! Palha! Alto! Proferiu com tal entonação a palavra "alto!„ que a mulher recuou dois ou tres passos.

— Estás doido?

— Como vaes, Magda? Quando te pergunto como vaes, é para saber da tua saude. Bem se vê que não sabes francez, pobre mulher! *Muziú, muziú;* o que é um *muziú?* Sou eu, sabes..

— Mas que é que tu tens?

— Que te importa a ti com isso? — Que? Dá-me de jantar! Comprehendes?

Na cabeça de Magda havia uma revolução.

— Em que terra fôste creado? Não sabes já polaco? Como estás mudado. Bem tinha razão em me assustar por tua causa. Que te fizeram? Dá-me alguma coisa de comer! Para casa, ordinario, marche!

A menor voz de commando impressionava Bartek. Quando ouviu pronunciar: "Marche!„ perfilou-se, deixou cahir os braços, rigidos, ao longo do corpo, fez meia volta sobre os calcanhares, e marchou na direcção indicada.

No caminho olhou para Magda.

— Mas que é que tu tens, Magda? que tens tu?... Ordinario, marche!

Entrou em casa. O vodka, começou a dar-lhe volta á cabeça. A cantar, procurou Franck por toda a parte. Chegou até a bradar: — Bons dias, Karl! — apesar do seu Franck não estar ahi. Riu, cantou, gritou, soltou muitos hurrahs! e acabou por se deitar no sobrado.

A tarde despertou mais calmo, mais bem disposto. Abraçou Franck e, tendo apanhado alguns pfennigs a Magda, foi dar uma volta pela taberna.

O seu regresso e a fama das suas proezas eram conhecidos em Poguembin. Diversos soldados que tinham vol-

tado antes d'elle haviam já narrado as façanhas de Gravelotte e de Sédan.

Quando se espalhou a noticia que Bartek, o Victorioso, estava na pousada, todos os seus antigos camaradas correram alli. Bartek assentára-se a uma mesa. Ninguem o reconhecia; elle, outr'ora tão calmo e tão sereno, batia murros, praguejava como um allemão e bebia como dois.

— Lembram-se, rapazes, como eu sovei os francezes e o que me disse o general Steinmetz?

— Lembramo-nos.

— Ha gente que diz bem dos francezes, mas é um povo fraco. Que! Puzémol-os em salada. Fogem como lebres e não bebem cerveja, só bebem vinho.

— É possivel?

— Quando incendiávamos uma aldeia, levantavam as mãos para nós clamando: *pitié! pitié!* O que na sua lingua quer dizer: poupem-nos! Mas nós não os escutávamos.

— Não comprehendiam o que diziam? perguntou um rapaz.

— Tu não comprehenderias, porque és... estupido, mas eu comprehendia: *Done di pan.* É francez isto! Percebes?

— E o que significa?

— Tu nunca fôste a Paris? Todos os dias havia batalhas e ganhámol-as todas. Os francezes não teem bons chefes. Os seus generaes e os seus officiaes são inhabeis.

Matyzei, um velho e sensato aldeão de Poguembin, abanou a cabeça e disse:

— Oh! os allemães sahiram vencedores d'esta guerra terrivel e nós ajudámol-os. Que vantagem advirá para nós de tudo isto? Só Deus o sabe!

Bartek fitou-o.

— Que dizes?

— Os allemães, antes da guerra, não se importavam comnosco; agora levantam a cabeça como se acima d'elles não existisse Deus. Á fôrça de nos insultar hão de embrutecer-nos, porque já o começam a fazer em Poguembin.

O velho Matyzei gosava de tal reputação e de tal in-

fluencia que se teria considerado insulto duvidar da sua palavrá. Mas Bartek, o Victorioso, julgava-se uma auctoridade. Quiz falar, os seus camaradas tentaram impedil-o.

— Queres discutir com Matyzei? Que vaes fazer?

— Que me importa a mim Matyzei? Falei com homens que estão muito acima d'elle, penso eu. Não conversei com Steinmetz? Que! Matyzei affirma falsidades. Eu asseguro que tudo agora será melhor para nós.

Matyzei encarou o victorioso com serenidade, e, encolhendo os hombros, disse:

— Oh! mas és muito estupido!

Bartek deu um murro e os copos e os cantaros dançaram na mesa.

— Outra vez! *der Kerl da! Hen! Stroh!* Soldados! Fogo! Em frente!

— Está socegado! Não faças tanta bulha! reclamaram alguns consumidores dirigindo-se a Bartek, e tu verás depois.

— Estamos na guerra ou aqui? Eu estive na guerra, eu! E declaro-te que nos respeitarão. Quem foi que ganhou as batalhas? Eu! Não podem recusar-me nada. Se quizesse ser par de França, sel-o-hia. O governo sabe muito bem quem é que derrotou mais inimigos. Sabe muito bem que o nosso regimento era o mais bravo; demais, está escripto nos relatorios. Agora quem manda são os polacos... comprehendem?

Matyzei sacudiu a cabeça em signal de dúvida, levantou-se e sahiu. Bartek ganhára uma batalha politica. Os rapazes que ficaram com elle olhavam-n'o como a sua futura esperança.

Bartek continuou:

— Se o governo não fôsse meu amigo não me tinha dado nada. O velho Matyzei está doido. O governo ordenou que combatesse, combati.

Depois, mostrando as medalhas, exclamou:

— Que tenho com isso? Agora sou mais que um allemão, porque um allemão não é tanto como eu. Falei com Steinmetz, com Podbielski. Venha cerveja...

Todos se prepararam para beber e cantavam:

Behamos! bebamos! emquanto os thalers tilintam no bolso.

Bartek tirou da algibeira um punhado de pfennigs, e bradou:

— Tomem, agora sou um principe! Não querem?

— Oh! não, não queremos dinheiro proveniente de França, queimar-nos-hia e damnar-nos-hia porque sabe Deus d'onde vem... talvez dos... francos atiradores!

A alegria dos convivas mudou subitamente, porque Bartek começou a chorar, dizendo:

— Meu Deus! Tende piedade da minha alma peccadora!

Apoiou os cotovêllos na mesa, occultou a cabeça nas mãos e ficou silencioso.

— Que tens tu? perguntou-lhe um antigo camarada.

— Oh! como sou culpado! murmurou Bartek. Não fui eu quem os aprisionou. Soffri muito por causa d'elles! Eram da minha terra! Oh! meu Deus! sê misericordioso. Um d'elles era trigueiro e robusto e o outro estava pallido como a cêra. No dia seguinte de manhan cobriram-n'os de terra e estavam, no emtanto, cheios de vida. Vodka!

Tudo ficou silencioso; os homens entreolharam-se com espanto.

— Que diz elle?

— É com certeza a consciencia que o accusa d'alguma coisa, disse um dos presentes.

— Um soldado depois da guerra deve beber, tartamudeou Bartek.

Bebeu vodka uma, duas vezes, depois como lhe voltasse o bom humor, exclamou:

— Quem falou com Steinmetz? Fui eu! Hurrah! Venha de beber! Quem ha de pagar? Eu!

— Has de pagar, beberrão! bradou a voz de Magda, eu me desforrarei, não te apoquentes, deixa estar!

Bartek fitou a recem-chegada com olhos piscos.

— Mas tu falaste com Steinmetz? Quem és tu?

Magda voltou-se para a assistencia, lamentando-se:

— Oh! meu Deus! vejam a minha vergonha e a minha desgraça. Fiquei satisfeita quando o vi voltar para casa, mas quando regressou vinha ébrio. Esqueceu Deus e a Polonia. Apenas chegou, deitou-se e dormiu. Agora está a embriagar-se com o dinheiro ganho com o meu trabalho. Oh! meu Deus! Bartek não é christão, não é homem, é um allemão, um mentiroso, um bebedo, um demonio... é um...

Ella chorava.

— Bartek era estupido, mas bom. Aqui está como m'o puzeram? E eu que o esperava com anceio. Deus bondoso! Que desgraça! Oh! Podes voltar outra vez para a Allemanha.

Bartek respondeu com tranquillidade:

— Socega, vae-te embora! Vou já arranjar tudo... Espera um pouco...

— Bate-me, corta-me a cabeça, assassina-me, disse Magda extendendo a garganta e descobrindo o pescoço. Depois voltou-se para os circumstantes e accrescentou:

— Vejam, vejam o que vae fazer!

Os freguezes foram sahindo a pouco e pouco. A taberna não tardou a ficar vazia. Bartek ficou só com sua mulher, que continuava com o pescoço extendido.

— Porque extendes tu o pescoço como um ganso? perguntou Bartek; volta para casa...

— Corta-me a cabeça, anda!

— Não, não t'a quero cortar; e metteu as mãos nas algibeiras.

Para pôr termo á scena, o taberneiro apagou a luz, e na escuridão ouviu-se a voz lacrimosa de Magda:

— Corta-me a cabeça, anda!

— Não, não t'a quero cortar.

Pouco depois, ao luar, viram-se duas formas a caminhar pelo atalho. Na frente, Magda, que chorava e se lamentava em voz alta. Atraz, seguia-a, com ar submisso, a cambalear, o vencedor de Gravelotte e de Sédan.

CAPITULO VII

Bartek estava tão fraco que não podia trabalhar. Era uma desgraça, porque a casa necessitava absolutamente de mãos de homem. Magda mourejava desde pela manhan até a noite. Os vizinhos ajudavam-n'a um pouco, mas isso não era bastante. A ruina ameaçava o lar domestico. Magda pedíra dinheiro a Just, um allemão que chegára pobre á aldeia e que enriquecêra a emprestar dinheiro a juros exorbitantes. Havia seis mezes, Magda solicitára-lhe algumas dezenas de thalers de que precisára para a labuta e tambem para mandar algum dinheiro a Bartek. Não se inquietava muito porque se a colheita fôsse tão boa como parecia, a divida facilmente seria paga. Todavia eram necessarios braços para lavrar a terra. Desgraçadamente Bartek não podia lidar. Apenas cavava um pouco, a fraqueza obrigava-o a parar, porque soffria horrivelmente dos rins.

Passava o dia assentado á porta, a fumar n'um cachimbo de porcelana onde estava pintado o retrato de Bismarck, com o uniforme branco e com o capacete de couraceiro.

O seu olhar era vago e cheio de fadiga. Parecia meditar na guerra ; pensava em sua mulher, e, as mais das vezes, em nada.

Um dia que estava recostado no logar do costume, ouviu a voz de Franck que voltava da eschola e que chorava com quanta alma tinha. Bartek tirou o cachimbo da bôcca.

— Que é isso, Franck? Que te succedeu?

— Que te fizeram?

— Porque choras?

— Se lhe parece? Deram-me uma bofetada na cara.

— Quem t'a deu?

— Quem quer que fôsse, a não ser Pan Boege?

Pan Boege desempenhava as funcções de mestre eschola em Poguembin.

— E com que direito te bateu?

— Porque quiz!

Magda, que trabalhava no quintal, appareceu.

— Que tens tu? perguntou ella.

— Nada! Chamou-me polaco immundo e esbofeteou-me. Diz que presentemente que os allemães bateram os francezes, nos esmagariam porque eram os mais fortes. Eu, não lhe respondi nada. Perguntou-me quem era o homem mais importante da terra. Disse-lhe que era o Padre Santo. Foi então que me bateu. Comecei a chorar e chamou-me polaco immundo... e disse... e disse...

A creança ia repetir a mesma historia, mas Magda tapou-lhe a bôcca com a mão. Voltou-se para Bartek e exprobou-lhe.

— Ouves? Ouves? Tu que derrotaste os francezes, e que deixas agora que os allemães batam no teu filho como se bate n'um cão. Vae outra vez para a guerra para veres um prussiano a espancar o pequeno. Não achas que é uma bella recompensa?

E Magda, que se exaltava com as proprias palavras, principiou a chorar com tanta fôrça como Franck.

Bartek, de olhar immovel, de bôcca aberta, estava como aturdido. Era-lhe tanto mais difficil falar quanto não comprehendia nada do que se passára.

Que significava isso? E as suas victorias? Reflectiu um instante. Passou-lhe um relampago pelos olhos, o sangue subiu-lhe á cabeça e sahiu pela porta fora dizendo:

— Vou falar com elle!

— A eschola ficava perto, por detraz da egreja, não muito longe de casa.

Pan Boege estava no páteo, rodeado por alguns cevados, aos quaes lançava boccados de pão. Era um homem alto, de cêrca de cincoenta annos e forte como um roble. Tinha uma cara grande com olhos energicos e decididos.

Bartek approximou-se d'elle.

— Porque é que tu, allemão de má morte, bateste em meu filho? Porque? — perguntou.

Pan Boege recuou alguns passos, encarou Bartek e, pausadamente, sem o menor abalo, ordenou lhe com phleugma:

— Vae-te embora!

— Porque bateste em meu filho? repetiu Bartek.

— Era capaz de te bater tambem em ti, polaco immundo. Vae para o diabo. Vae queixar-te ao tribunal e deixa-me!

Bartek agarrou o mestre-eschola pelos hombros e sacudiu-o com fôrça, gritando;

— Sabes quem sou? Não sabes que venci os francezes? Que falei com Steinmetz? Porque bates em meu filho, indecente prussiano?

Os olhos de Pan Boege sahiam-lhe das orbitas. Era robusto, mas resolveu escapar-se das mãos de Bartek, e assentou um formidavel murro na cabeça do vencedor de Gravelotte e de Sédan. Outr'ora Bartek teria supportado com facilidade um tal choque, mas as feridas tinham-n'o enfraquecido. No emtanto não perdeu a confiança nos musculos.

O filho de Pan Boege, um rapaz de doze annos, que veiu acudir, depressa foi atirado a terra. O pae sentiu-se erguido; Bartek levantára-o do chão e não sabia o que lhe havia de fazer. Infelizmente para Pan Boege, estava ahi, proximo do logar da contenda, uma celha cheia da agua da cosinha para os porcos. Bartek viu-a e atiroulhe para dentro com o mestre-eschola. Appareceu a mulher e começou a gritar:

— Soccorro! Soccorro!

Tropeçou na dorna e o contheudo espalhou-se pelo solo. Surgiram allemães e atiraram-se a Bartek. Houve en-

tão uma verdadeira batalha, em que Bartek desapparecia no meio dos inimigos que o cercavam. Mas, com a fôrça prodigiosa de que dispunha, pôde desembaraçar-se d'elles e retirou em direcção da sebe. Os allemães perseguiram-n'o. Então o vencedor de Sédan agarrou n'uma das estacas da vedação, voltou-se e fez frente aos adversarios. Tinha a bôcca cheia de escuma e os olhos scintillantes. A maneira como as suas mãos de ferro brandiam o poste tornavam-n'o perigoso. Deitaram todos a fugir e Bartek foi-lhes no encalço. Por felicidade ninguem lhe cahiu nas mãos.

Conseguiu acalmar-se um pouco e ia para casa.

Mas os seus inimigos, em numero de doze, reuniram-se e cresceram de novo para Bartek. Este precavêra-se contra nova arremettida: caminhava como uma fera acossada pelos cães. Voltou-se d'uma vez bruscamente e os contrarios recuaram. O pau com que Bartek se armára mantinha-os a distancia respeitavel. Começaram então a atirar-lhe pedras. Uma bateu-lhe na testa; o sangue correu-lhe pelos olhos. Percebeu que ia perder os sentidos, largou a estaca, deu uma volta sobre si e cahiu redondo no chão.

— Hurrah! exclamaram os allemães.

Mas, antes de voltarem a si de surpresa, Bartek erguera-se e atirava-se a elles. O lobo ferido podia ser temivel. Demais, via-se um bando de aldeões polacos que corriam, a toda a pressa, para o logar da lucta. Os allemães abandonaram o terreno e esconderam-se em casa.

— O que foi que aconteceu? inquiriram os camponezes.

— Fui eu que dei uma licção aos allemães! respondeu Bartek, e desfalleceu.

CAPITULO VIII

O caso teve certa importancia. Os jornaes de Berlim indignaram-se contra a brutalidade dos polacos, verdadeiros barbaros, instigados pelo fanatismo religioso. Pan Boege tornou-se um heroe. "O affavel e sympathico missionario, encarregado de ministrar a instrucção n'essa aldeia quasi desconhecida, fôra victima da furia dos rusticos. Seria com certeza apoiado por todos os compatriotas que não podiam deixar soffrer injustamente um dos seus... etc... etc...„

Bartek nem suspeitava da tempestade que se lhe amontoava por cima da cabeça. Se fôsse obrigado a comparecer ante a justiça, tanto melhor, porque procedêra em harmonia com o seu direito. Tinham-lhe batido no filho, tinham-n'o atacado e ainda o insultavam! Ainda mais, os allemães lançaram-se a elle. Vira-se obrigado a defender-se. Atiraram-lhe com uma pedra á cabeça. Por quem o tomavam? A elle, que era o homem do dia; a elle, que ganhára a batalha de Gravelotte; a elle que conversára com Steinmetz e que fôra condecorado com numerosas medalhas? Como era possivel que os allemães não attentassem n'isso? E por que é que esse tal Pan Boege ousára dizer que esmagaria os polacos que tão bravamente desbarataram os francezes?

Era indubitavel que a justiça saberia reconhecer os serviços que prestára, os seus brilhantes feitos de guerra. Se tanto fôsse mister, Steinmetz o defenderia...

Um dia, bateram á porta de Bartek varios agentes da policia. Esperavam provavelmente encontrar resistencia,

porque estavam armados. Enganavam-se. Bartek nem sequer pensou em reagir. Ordenaram-lhe que se mettesse no carro e elle obedeceu muito calmo, ao passo que Magda, desesperada, bramia:

— Ahi tens! Olha que valeu a pena derrotar os francezes. Ahi tens a recompensa.

— Socega, Magda, recommendava Bartek a sorrir. Hei de lhes demonstrar que estava no meu direito.

E com todas as suas medalhas ao peito, apresentou-se no tribunal como um vencedor. Os magistrados mostraram-se realmente amaveis com elle, admittiram circumstancias attenuantes e só foi condemnado a tres mezes de prisão, e mais cento e cincoenta marcos de multa, como indemnisação a favor da familia Boege.

Bartek pulou de raiva. Dirigiu vehementes censuras ao tribunal. Como! Pois o Estado não tomava em consideração os seus serviços militares?

Tiveram de o mandar calar, ameaçando-o com outra condemnação por insultos ao tribunal do imperio.

Bartek, na prisão, meditava nas suas façanhas de Gravelotte, de Sédan e de Paris. Seria injusto acreditar que esta condemnação arbitrária não fez bulha. Alguns polacos, membros do parlamento, explicaram n'uma sessão quanto os seus compatriotas eram actualmente maltratados. A bravura de que déra prova o regimento de Posen devia merecer a esse povo de bons soldados um pouco mais de consideração. Pozeram tambem em relêvo que Pan Boege abusava da sua situação de mestre-eschola em Poguembin para bater nas creanças polacas e para as insultar.

Chovia n'essa tarde; todos os membros do Parlamento começaram a bocejar e passou-se á ordem do dia.

Bartek continuava na prisão, ou melhor na enfermaria da prisão; a pedra que lhe atiraram á cabeça tinha reaberto uma das antigas feridas.

Quando o não prostrava a febre punha-se a cogitar que combatêra contra os francezes talvez para nada.

Magda via-se em serios embaraços. O termo para pagar as rendas expirára. Não sabia onde ir buscar dinheiro.

O abbade de Poguembin desejava auxilial-a, mas o pobre não tinha nem um ceitil em caixa. A parochia era pobrissima. Pan Yarzinski, proprietario da localidade, com certeza a soccorreria, mas estava ausente. Corria o boato de que estava em Berlim a fazer a côrte á noiva. A pobre Magda não sabia que voltas havia de dar á vida. Vender o cavallo ou uma das vaccas? Mas approximava-se o tempo das ceifas e ninguem precisava de gado. Torcia as mãos com desespêro. Lembrou os serviços de Bartek. Allegou que antes da guerra o marido podia trabalhar no moinho e que nem uma só vez deixára de pagar o que deviam.

Nem sequer lhe responderam. Appellou para o auxilio dos amigos, dos vizinhos; mas a guerra tinha-os empobrecido a todos. Não se atrevia a recorrer ao usurario Just, porque lhe devia dinheiro e não lhe tinha pago nem ao menos os juros.

Just é que a foi procurar.

Um dia, que estava assentada á porta de casa, sem fazer nada, porque lhe faltava a coragem para se mover, seguia o vôo das môscas no ar, e invejava-lhe a sorte.

— Oh! meu Deus! exclamou de repente...

Just, com o seu grande nariz, de cachimbo na bôcca, acercou-se da vedação e disse:

— Bom dia.

— Bom dia, replicou Magda.

— E o meu dinheiro?

— Oh! meu bom senhor Just, espere ainda algum tempo. Sou uma pobre mulher; prenderam o meu homem. É preciso pagar as rendas em tempo competente, e não sei o que hei de fazer. Espere mais algum tempo, meu bom senhor Just.

E Magda, lavada em lagrimas, beijou a mão sapuda de Just.

— Pan Yarzinski deve voltar breve, emprestar-me-ha dinheiro e pagar-lhe-hei a sua conta.

— Mas como ha de pagar as rendas?

— Ainda não sei, a menos que não venda uma vacca.

— Pois está bem! eu lhe adiantarei o dinheiro necessario.

— Que Deus o abençôe, meu bom senhor Just; apesar de protestante tem bom coração. Oh! se todos os allemães fôssem como o senhor ninguem os odiaria.

— Mas não lhe posso dar nenhuma quantia sem juros.

— Bem sei, bem sei...

— Depois faremos contas de tudo quanto me deve.

— Está combinado, senhor Just... Que Deus o recompense.

— Estou na cidade, leva-me lá o documento.

Magda foi aconselhar-se com o prior. Que lhe podia dizer senão que o praso era muito curto e o agio demasiado? Lamentava profundamente que Pan Yarzinski não estivesse na aldeia; tel-a-hia ajudado. Viu-se obrigada a acceitar as condições de Just.

Augmentou a divida com mais trezentos marcos, isto é, o dobro das rendas que devia já. Mas tinha absoluta necessidade de dinheiro para governar a casa. Bartek, a quem Magda foi visitar á cadeia, assignou a obrigação.

O victorioso estava muito mudado, o corpo alquebrara-se-lhe, emmagrecêra e andava embrutecido.

Recorrêra da sentença, mas o recurso fôra rejeitado.

— Oh! dizia á mulher, vejo que me enganei redondamente.

Magda observou:

— Boege faz mil judiarias a Franck. Fui procural-o, quil-o enternecer, mas respondeu-me: "Os allemães são agora numerosos em Posen, não receiam ninguem.„

— Não ha dúvida que são os mais fortes, commentou Bartek convencido.

— Sou uma pobre mulher, mas sempre direi que Deus é mais forte.

— Tambem é só n'elle que tenho esperança, declarou Bartek.

Ficaram ambos silenciosos. Passado um instante, Bartek perguntou:

— E como ha de ser com relação a Just?

— Se Deus nos dér boa colheita, poderemos pagar-lhe; talvez Pan Yarzinski nos ajude tambem. Dizem que vae casar com uma menina muito rica.

— Voltará breve?

— Não se sabe. No castello affirma-se que deve vir d'aqui a pouco tempo com a esposa. Agora está tudo inçado de prussianos, em Poguembin e na cidade. São numerosos e tem-nos na mão... Como me podia defender de Just? Assignei uma obrigação que nos colloca na sua dependencia, porque se não lhe pagamos ficará com a casa. Just é melhor que os outros allemães. Mas gosta de dinheiro; estou certa que não nos poupará, como não poupa os outros. Fui tão tôla que não comprehendi a razão porque me offerecia dinheiro! Mas que fazer agora? Dize lá! Tu és capaz de bater os francezes, mas que farias se não tivessemos casa para morar, nem pão para comer?

O vencedor de Gravelotte levou as mãos á cabeça.

— Ó Jesus! ó Jesus!

Magda tinha bom coração; o desgôsto de Bartek entristecia-a, e disse-lhe:

— Não te apoquentes. Se Deus nos dér boa colheita, salvamo-nos. Tenho esperança: o trigo é de primeira ordem, e a terra, essa não é alleman. Não te enganará porque a amanhei emquanto andavas na guerra e ella nos recompensará.

Magda ria atravéz das lagrimas.

— Porque a nossa terra não é alleman...

— Magda! exclamou Bartek, fitando-a com os olhos enternecidos, Magda!

— Que é?

— Oh! tu és como... como...

Bartek sentia-se muito commovido e cheio de gratidão, mas não sabia como exprimir os seus sentimentos.

CAPITULO IX

Magda era uma mulher ás direitas. Tratava Bartek com dureza, mas tinha-lhe affeição. Quando se zangava chamava-lhe imbecil, mas era por desabafo. Para desvanecer essa má impressão, dizia algumas vezes:

— Ainda que Bartek pareça estupido, não é!

Ora Bartek não era esperto e o governo da casa pesava todo sobre Magda.

Uma semana depois da sua primeira visita á enfermaria da cadeia, voltou ahi muito alegre.

— Como tens passado, Bartek? exclamou com ternura. Não sabes que já chegou Pan Yarzinski? Veiu com a mulher, uma verdadeira perola. Agora está riquissimo.

— E que tenho eu com isso?

— Cala-te, tonto! respondeu Magda, e ouve. Fui cumprimentar Pan Yarzinski e vi-a. Veiu ao meu encontro como uma rainha, muito nova e tão bella como a aurora. Trazia um magnifico vestido azul. Cahi a seus pés, deu-me a mão a beijar. São macias e pequeninas como as d'uma creança. Parece uma santa. É boa e condoe-se dos soffrimentos do povo. Pedi-lhe para que nos salve, que Deus a recompensaria.

Respondeu-me:

— Hei de fazer por si tudo quanto puder.

— Tem uma voz tão linda! Quando lhe contei a maneira como os allemães nos tratavam em Poguembin, disse-me:

— Ai! não é só em Poguembin!

E começou a chorar tanto que o marido veiu vêr o que era. Tomou-a nos braços e beijou-a na bôcca e nos

olhos: a gente fina não é como nós. Depois perguntou ao marido:

— Que tencionas fazer a favor d'esta mulher?

E elle respondeu:

— Farei tudo quanto queiras.

— Que Deus faça feliz a boa senhora! a ella e seus filhos, e lhe conserve a saude.

Yarzinski conversou commigo:

— Fez mal em se metter nas mãos dos prussianos, mas quero salval-a e dar-lhe-hei dinheiro para pagar a Just. Estão proximas as eleições, e é preciso não deixar o povo votar nos seus oppressores. Livral-a-hei do agiota e ralharei com Boege.

A senhora deitou os braços ao pescoço do marido e beijou-o. Depois falou de ti e disse:

— Está muito fraco, intercederei a seu favor. Hei de provar que não é possivel acabar a pena n'este momento. Insistirei para que o ponham provisoriamente em liberdade e para que termine o tempo que lhe falta no inverno, porque na quadra que corre é necessaria a sua presença na lavoira.

— Comprehendes? Hontem Pan Yarzinski veiu á cidade, hoje o medico irá a sua casa e falar-lhe-ha de ti. O doutor, que é polaco, passará o attestado. No inverno voltarás para a prisão como um rei volta a palacio. Terás de comer e lenha sem te custar dinheiro, e agora virás para casa trabalhar. Pagaremos a Just. Pode ser até que Pan Yarzinski não leve juros. E se não arranjarmos dinheiro para o outomno, falarei á senhora. Que Deus os recompense! Percebes!

— Percebo, é uma boa senhora, commentou Bartek com vivacidade.

— Deitar-te-has a seus pés, e, se Deus nos dér boa colheita, estaremos salvos. Vês d'onde nos vem esse luar de esperança? Que não é dos allemães? Deram-te ao menos um ceitil pelas batalhas que ganhaste? Apedrejaram-te, foi o que fizeram! Has de ir deitar-te aos pés d'essa boa senhora.

— Vou, está descançada! exclamou Bartek.

O proximo fim de tantos tormentos fez sorrir o veterano. Dias depois, participaram-lhe que em attenção ao seu estado de saude ficava livre até o inverno.

Passado algum tempo o *landrath* mandou-o chamar á sua presença.

Bartek apresentou-se-lhe todo tremulo.

Este bomem que, á ponta da baioneta, tomára bandeiras e canhões, tremia ao vêr um uniforme qualquer. Sentia que os allemães lhe eram hostis, cheios de malevolencia e que procuravam molestal-o. Podiam n'o fazer, porque eram poderosos, não duvidava reconhecel o...

Apresentou-se ao *landrath* da mesma maneira e sorte que se apresentára a Steinmetz: direito, rigido, contendo a respiração. Havia alli tambem alguns officiaes. Ao vêl-os, a disciplina militar tornou a empolgar Bartek.

Os officiaes, atravéz dos seus monoculos de aro de oiro, examinavam-n'o com ar desdenhoso. O *landrath* falou em tom de commando; não quiz ouvir razões. Ordenou, impôz a sua vontade, sem sequer tentar persuadir.

Morrêra, em Berlim, um membro do Parlamento e deviam fazer-se novas eleições para o substituir. O *landrath* disse a Bartek:

— Agora tu, meu nescio polaco, vae votar em Pan Yarzinski, atreve-te, quero vêr isso!

As sobrancelhas dos officiaes contrahiam-se como as fauces d'um leão terrivel. Um d'elles repetiu, cortando a ponta do charuto:

— Sim, atreve-te!

E Bartek nem ousava respirar. E quando ouviu a ordem:

— Meia volta!

Executou o movimento e sahiu. Só então tomou fôlego.

Fôra-lhe dada ordem para votar em Pan Schulberg de Kryvda Partiu á pressa para Poguembin, para trabalhar nas ceifas.

Sahiu muito contente da cidade, e pelo caminho ouviu

o cantico que tão agradavel e lisonjeiro sôa aos ouvidos dos camponezes. Era a canção que entoavam as espigas, cheias e doiradas, embaladas pelo vento. Bartek ainda se sentia fraco, mas o sol reconfortava-o.

— Oh! pensava o pobre soldado desgostoso, ha ainda coisas boas no mundo!

E avistava, a distancia, Poguembin.

CAPITULO X

Chegára a época das eleições.

Marya Yarzinski sentia a cabeça esvaída. Só falava, só pensava, só sonhava com a urna.

— Realmente, adoravel castellan, a senhora é uma excellente politica, disse-lhe um dos seus nobres vizinhos, beijando-lhe a mão com galanteria.

Marya fez se vermelha como uma cereja, e respondeu com o seu mais gracioso sorriso:

— É verdade! trabalho o mais que posso.

— Esteja descançada, Pan José ha de ser eleito.

— Oxalá que seja assim! No meio de tudo não é por meu marido, e sim pela causa commum.

Começaram a conversar da questão que os preoccupava. Pan Yarzinski propozera-se por Kryvda. Mizerov estava perdido, era escusado contar com a gente d'essa localidade, ia toda com Pan Schulberg.

Marya encarregara-se de Poguembin.

E não perdêra tempo. Viam-n'a de dia pelas estradas, visitando casas e herdades, levantando, graciosamente, com uma das mãos a sáia, e com a outra segurando a sombrinha. Andava por todos os lados a defender corajosamente a candidatura.

Falava com os habitantes, entrava em todas as vivendas, perguntava pelos doentes, e interessava-se pelos trabalhadores. Mesmo que não fôsse a campanha eleitoral, procederia da mesma maneira, porque tinha bom coração. Mas adorava a politica.

N'uma manhan, ao saber que o Parlamento fôra dissolvido, chorou de raiva. No dia immediato houve tumultos em Poguembin, mas não se atemorisou.

O marido reprehendeu-a, um dia que andava de casa em casa a zombar em alta voz dos prussianos. Não havia perigo. O povo acolhia-a sempre com jubilo, beijava-lhe as mãos, e fazia-lhe muitas festas. Era tão meiga, tão boa e tão linda que parecia que quando entrava em qualquer habitação entrava com ella a felicidade.

Foi tambem a casa de Bartek.

— Ó minha santa e bondosa senhora! exclamou Magda beijando-lhe as mãos.

Bartek, obedecendo a sua mulher, deitou-se-lhe aos pés. Franck, muito admirado, roía as unhas.

— Espero, Bartek, disse a joven senhora, que votarás por meu marido e não por Pan Schulberg.

— Ah! meu Deus! exclamou Magda, quem ha de votar por Schulberg?! Só ao ouvir o nome d'um allemão sinto o interior revoltar-se de colera!

— Meu marido disse que pagaria a Just a sua conta.

— Oh! que Deus a abençôe!

Magda voltou-se para Bartek e perguntou:

— Porque ficas ahi calado? É de poucas palavras, explicou a Marya.

— Votas em meu marido, não é assim? repetiu Marya. És polaco, e todos nós nos devemos auxiliar uns aos outros.

— Preferia cortar-lhe a cabeça, desabafou Magda. Mas mexe-te! Anda! Estás ahi parado como um frade de pedra.

Bartek tornou a beijar a mão da joven, mas ficou sombrio e concentrado: pensava no que lhe ordenára o *landrath*...

.....

Chegou o dia das eleições. Pan Yarzinski contava com a victoria. As pessoas mais gradas tinham regressado da cidade depois de votarem. Esperavam no palacio de Poguembin o resultado do escrutinio que o cura lhes havia

de trazer. Depois realisar-se-hia o jantar, e á noite os Yarzinski partiriam para Posen e de lá para Berlim.

Algumas das aldeias tinham já votado na vespera, de modo que o resultado final devia ser breve conhecido.

A sociedade, reunida no palacio, mostrava-se alegre. Marya deixára de se inquietar; tinha, pelo contrario, muitas esperanças. Sorria para todos e todos lhe admiravam a gentileza. Eram um verdadeiro thesouro que Pan Yarzinski encontrára. Não podia estar um minuto quieta. Conversava com os convidados e explicava-lhe o motivo porque o esposo devia ser eleito.

Não que fôsse precisamente ambiciosa, mas porque se lhe mettêra na juvenil cabeça que havia numerosas reformas a emprehender e que, por consequencia, seu marido tinha uma grande missão a cumprir. Conseguiu deslisar por meio dos hospedes e falar com o feliz candidato. Puxou-lhe pela manga e segredou-lhe ao ouvido: "Senhor deputado!„ Sorria, e ambos se sentiam felizes. Beijar-se-hiam de boa vontade, mas deante de gente de fóra não era conveniente.

Todos assomavam ás janellas a vêr quando chegava a boa nova. O deputado que tinha de ser substituido era polaco. Era a primeira vez que os prussianos apresentavam um representante seu no circulo.

Eram as recentes victorias alcançadas na guerra que lhes davam tamanha audacia.

Marya teve receio durante um momento. E se á ultima hora roubavam a urna?

Mas a mesa não era só composta de allemães e explicaram-lhe como se fazia a votação.

Ouvíra contar como se realisava o acto eleitoral mais de dez vezes, mas agora o seu interesse estava de tal modo excitado que não podia socegar e perguntava:

— Quer o povo ter um defensor ou um inimigo no Parlamento? Toda a questão se resume n'isso. Vamos sabel-o. Ao longe, na estrada, avistava-se uma nuvem de pó.

— Ahi vem o abbade! Ahi vem o abbade, repetiam todos.

Não era o ecclesiastico, era um creado a cavallo que vinha da cidade.

Marya empallideceu. Contavam com a victoria, mas nos ultimos momentos o coração pulsava-lhe apressado.

Precipitaram-se todos ao encontro do creado.

— Trazes noticias?

— O nosso candidato está eleito?

— E o resultado? Já se sabe qual é?

As perguntas choviam e succediam-se sem interrupção. O creado atirou com o chapéo ao ar e gritou:

— O nosso amo está eleito!

A joven senhora cahiu n'uma cadeira comprimindo o coração.

— Viva! viva! gritaram os convidados.

A gente da casa corria a bradar:

— Viva! Os allemães ficaram vencidos. Deus dê muita saude ao novo deputado e a sua esposa!

— Mas onde está o prior? perguntou alguem.

— Deve estar a chegar, respondeu o creado. Ainda estão a descarregar listas.

— Ponham o jantar na mesa, ordenou o dono da casa

— Viva! responderam os convidados em côro.

Só se ouviam cumprimentos e felicitações. Marya não podia conter a alegria e, sem se preoccupar com quem estava, lançou os braços em volta do pescoço do marido e abraçou-o com effusão.

N'este momento, chegava o cura com o velho Kyerz de Poguembin.

— Vamos a saber, quantos de maioria?

O sacerdote ficou a principio silencioso em presença d'estas physionomias venturosas; depois, em tom breve, respondeu:

— Schulberg foi eleito!

A estupefacção foi geral, seguida immediatamente d'uma tempestade de exclamações.

— Schulberg foi eleito! Mas é impossivel! Como pode ser isso? O creado veiu dizer-nos que tinhamos ganho; explique-se depressa.

Pan Yarzinski viu-se obrigado a tirar da sala a pobre Marya, que não conseguia abafar os soluços com o lenço.

— Ah! que desgraça! que desgraça!

Ouvia-se na aldeia os gritos de alegria e de triumpho sôltos pelos allemães, que andavam pelas ruas a celebrar a victoria.

Pan Yarzinski voltou d'alli a pouco á sala com sua mulher um pouco mais socegada. Dizia-lhe:

— Então, é preciso mostrar boa cara á adversidade.

— Narre-nos agora como se deu o facto, solicitou o vencido, muito calmo.

— Não podia succeder d'outro modo, senhor, respondeu Kyerz: toda a gente de Poguembin votou em Schulberg.

— Que diz? Isso não pode ser! Como o sabe?

— Digo a verdade, vi-o com os meus proprios olhos: vi Bartek Slovik votar em Schulberg.

— Um homem assim devia ser expulso da localidade, opinou um dos circumstantes.

— Todos quantos estiveram na guerra votaram como elle. Dizem que receberam ordem para isso.

— Mas é um abuso, um verdadeiro abuso! É uma fraude. A eleição não pode ser validada! gritavam algumas vozes.

O jantar que se seguiu a esta má noticia foi bem triste.

A noite, os Yarzinski partiram, mas em vez de ir para Berlim, como esperavam, foram residir para Dresde.

Miseravel, maldito, detestado, desprezivel, Bartek estava assentado á porta de casa, completamente indifferente á mulher, que lhe não dava palavra, e o olhava como se olha um estranho .....

.....

Deus proporcionou uma abundante e magnifica colheita; e, no outomno, Pan Yust, que mandou penhorar a casa de Bartek, ficou encantado por vêr que não fizera mau negocio.

Um certo dia, caminhavam pela estrada de Poguem-

bin, debaixo d'uma chuva miuda e contínua, tres pessoas. O homem, alquebrado e de cabeça baixa, tinha o aspecto d'um velho. A mulher soluçava por ter sahido da casa que fôra sua, para sempre. A via publica estava deserta; nem um homem, nem um vehiculo. Só a grande cruz da bifurcação extendia os braços para a chuva que cahia cada vez mais densa e escurecia os campos.

Bartek, Magda e Franck encaminharam-se para a cidade, porque não podiam encontrar trabalho na aldeia.

O vencedor de Gravelotte e de Sédan ia acabar de cumprir o tempo de cadeia a que fôra condemnado no processo instaurado por Boege.

Os Yarzinski continuaram a viver em Dresde.

FIM DO «BARTEK, O VICTORIOSO»

Lillian Morris

CAPITULO I

Fui para a America em setembro de 1849, disse o capitão, e desembarquei em Nova Orléans que, n'essa época, era metade franceza. De Nova Orléans, subi o Mississípi e dirigi-me para uma grande plantação de assucar onde encontrei trabalho e bons salarios. Mas como era muito novo então e cheio de audacia, gostava de variar e tinha horror á escripta, não me demorei no emprego e comecei a viver nas florestas.

Arranjei companheiros e passámos algum tempo perto dos lagos da Luiziania. Em meio de crocodilos e de serpentes sustentávamo-nos de caça e de pesca, e de quando em quando enviávamos, por via fluvial, para Nova Orléans, grande quantidade de madeira de que auferiamos bons lucros.

As nossas expedições chegaram a paizes longinquos. Fômos até "Blody Arkansas„, que quasi não tinha habitantes e era uma especie de ermo.

Uma tal vida, cortada de trabalhos, de perigos, de encontros sangrentos com os piratas do Mississípi e com os indios, que n'esse tempo abundavam na Luiziania, no Arkansas e no Tennessee, tudo isso me robusteceu a saude e me deu tal conhecimento do sertão que pude lêr n'esse grande livro da natureza tão bem como qualquer guerreiro "pelle vermelha„.

Depois da descoberta do oiro na California, sahiam todos os dias de Boston, Nova York, Philadelphia e outras regiões orientaes, grande numero de emigrantes. Uma caravana d'estes emigrantes, que conhecia a minha reputação, escolheu-me para ser seu guia com o titulo de capitão.

Acceitei de boa vontade o cargo porque, n'esta quadra, diziam-se maravilhas da California e tinha empenho em ir até o Far West, sem comtudo conservar illusões ácêrca dos perigos da viagem.

Actualmente a distancia entre Nova York e S. Francisco é transposta, em caminho de ferro, n'uma semana, e realmente o deserto só existe a oéste de Omaha. Outr'ora era muito differente.

As cidades e as villas que se encontram agora entre Nova York, tão bastas como sementes de papoula, não existiam então, e até Chicago, que se desenvolveu mais tarde como um cogumelo depois da chuva, era apenas uma pobre aldeia de pescadores, aldeia que nem vinha indicada nas cartas.

Era necessario viajar com carretas, homens e mulas atravéz d'uma região inteiramente selvagem e habitada por ferozes tribus indias: crows, blackfeet, pawnees, sioux e orickarees, impossiveis de evitar, porque essas tribus movediças como a areia, não tinham residencia fixa. Como viviam do producto das caçadas, percorriam os grandes plainos em busca de bufalos e de antílopes.

Eram muitos os contratempos e os perigos que nos esperavam; por isso todos sabiam que quem se interna pelo Oéste deve ir preparado para soffrer e expôr a vida com frequencia.

A responsabilidade que ia assumir assustava-me um pouco; mas depois de a acceitar, o meu dever era dispôr tudo para nos pôrmos a caminho. Os preparativos duraram mais de dois mezes, porque tinhamos que transportar vehiculos de Pittsburgh, comprar muares, cavallos, armas e arranjar provisões de toda a especie.

No fim do inverno estava tudo prompto. Desejava par-

tir n'aquella estação afim de atravessar na primavera as grandes campinas que se extendiam entre o Mississípi e as Montanhas Rochosas. Sabia que no estio, n'estas vastas planicies, morre muita gente de doenças contagiosas provocadas pelo calor intenso que alli reina, e, por esta razão, decidi levar o comboio, não pela estrada do sul, por S. Luiz, mas por Iowa, Nebraska e norte do Colorado.

Este itenerario era mais perigoso por causa dos indios, mas era, sem dúvida nenhuma, o mais salubre. O plano que projectava excitou a principio quasi uma revolta entre os homens da caravana. Declarei que se não quizessem obedecer, podiam escolher outro capitão. Submetteram-se porfim e partimos nos primeiros dias de primavera. Passei tormentos até as pessoas que capitaneava se habituarem ao meu caracter e ás condições da viagem.

É verdade que eu inspirava confiança porque as ousadas excursões que fizera no Arkansas tinham levado a minha fama até a turbulenta população da fronteira, e o nome de "Ralph, o Audaz„, com que fôra cognominado nas selvas não era desconhecido da maior parte dos meus homens. No emtanto, pela ordem natural das coisas, o capitão ou o guia via-se muitas vezes collocado n'uma posição crítica nas suas relações com os emigrantes. Incumbia-me designar todas as noites o sitio do acampamento. De dia, era mistér vigiar a marcha da caravana que se extendia, a miude, a mais d'uma milha pelos campos fora. Devia collocar sentinellas nos logares onde parávamos e escalar e organisar o serviço de vigilancia.

É verdade que o temperamento dos americanos possue um espirito de organisação desenvolvido no mais alto gráu. Mas, em consequencia das fadigas da marcha, a energia enfraquece e apossam-se dos mais activos, velleidades de rebeldia. N'essas horas difficeis ninguem se sujeita a andar a cavallo todo o dia para reconhecer o terreno, e a estar de sentinella de noite. Todos procuram eximir-se ao trabalho e desejam ficar deitados preguiçosamente na carreta.

Afora estes attrictos, no convivio com os yankees, um

capitão deve saber conciliar a disciplina com uma certa dóse de benevolencia, o que é coisa delicada. Pelo caminho e nas horas de vigia de noite dispunha d'uma auctoridade soberana sobre os meus companheiros, mas durante o descanço do dia, nas herdades e nos acampamentos, o meu papel de chefe desapparecia. Cada um era senhor de si, e, mais d'uma vez, fui obrigado a perdoar a aventureiros insolentes. Uma occasião porém, em presença de numerosos espectadores, tive ensejo de mostrar que o meu pulso era rijo, e, desde então, nunca mais houve discussões.

Conhecendo a fundo o caracter americano, sube sempre conservar-me sereno. A minha paciencia e a minha boa vontade hauriram a sua fôrça, é preciso confessal-o, n'uns rasgados olhos azues que, do fundo d'um vehiculo, se fixavam, a miude, em mim com certo interesse. Esses lindos olhos pertenciam a uma joven cuja fronte era emmoldurada por admiraveis cabellos de oiro. Chamava-se Lillian Morris.

Era delicada, esvelta, tinha um ar melancholico e feições bem delineadas, apesar de infantis.

Desde o principio da viagem, que esta rapariga de aspecto sério attrahia a minha attenção. Mas os deveres que cumprem ao capitão occupavam-me completamente o tempo.

Durante as primeiras semanas, troquei com miss Morris apenas duas palavras mais além da saudação quotidiana. No emtanto, condoendo-me da sua juventude e do seu isolamento (não tinha parentes na caravana), prestei á joven alguns serviços insignificantes.

Não precisava de velar por ella com a auctoridade d'um chefe, nem de a defender da ousadia dos galanteadores do comboio, porque, entre americanos, qualquer rapariga nova está sempre em segurança. Se os yankees não tem a excessiva polidez dos francezes, professam um grande respeito pela mocidade.

Por causa da sua compleição delicada pul-a na carreta mais confortavel, a cargo d'um guia de grande ex-

periencia, chamado Smith. Arranjei-lhe um encôsto sobre o qual podia dormir á vontade; além d'isto, emprestei-lhe uma quente pelle de bufalo de que tinha grande porção em deposito.

Apesar d'estes serviços serem de pequena importancia, Lillian parecia sentir extrema gratidão e não se cançava de a exprimir. Era evidentemente uma pessoa muito affavel e muito modesta. Vinham com ella duas mulheres, a tia Grovernor e a tia Atkins, que a tratavam com immenso mimo. Era d'uma excessiva meiguice. A "avesita„, como a designavam as duas mulheres, depressa se tornou popular na caravana.

As minhas relações com a "avesita„ até certo tempo não foram demasiado estreitas. Quando reparava que os mais angelicos olhares da joven se fixavam em mim com particular sympathia, attribuia essa sympathia ao simples facto de ser eu talvez o unico que possuia o habito das conveniencias entre a gente da caravana. Lillian, cuja distincção de maneiras era evidente, via em mim um homem que se approximava d'ella, mais que nenhum outro, pela educação.

O interesse que me manifestava era lisonjeiro para a minha vaidade; redobrei de desvelos para com ella, espiava com frequencia os seus olhares, e cheguei a perguntar a mim proprio qual a razão porque não notára ha mais tempo uma tão adoravel creatura capaz de inspirar ternos sentimentos a qualquer homem de bem.

Desde então gostava de fazer caracolear o cavallo em volta da carreta de Lillian. Durante o calor que, passada a briza matutina, nos incommodava immenso de tarde, as mulas arrastavam-se indolentemente, e a caravana alongava-se de tal fórma na planicie que um homem que se collocasse ao pé do primeiro vehiculo não avistava a cauda do comboio. Ia, com frequencia, d'um ao outro extremo da caravana, deixando o cavallo caminhar á vontade, feliz por vêr, ao passar, essa cabeça deliciosa e esses lindos olhos que tão rapidamente me tinham fascinado. A começo, seduziu-me mais a phantasia que o coração. Sen-

tia-me feliz por ter a certeza que não estava inteiramente só no meio de tantos estrangeiros, visto aquelle encantador ser se occupar de mim.

Não havia n'isso só o amor proprio satisfeito, mas uma verdadeira felicidade em sentir que tinha perto de mim um coração que me poderia comprehender. Os meus pensamentos, o meu affecto, concentravam-se agora n'essa formosa menina. Graças a ella, não andaria perdido n'estes interminaveis plainos e florestas, nem ficaria esmagado sob o pêso de sonhos indefinidos.

Sentia-me menos só, e encontrava n'esta viagem um interesse inesperado.

A principio, quando a caravana acampava nas selvas, fazia-o com uma confusão que me pungia. Actualmente, quando determinava que se fizesse alto sobre qualquer eminencia, o aspecto d'esses carros brancos, singularmente illuminados pelo sol e immersos na herva espessa como navios no oceano, o espectaculo dos homens a cavallo e em armas, disseminados n'uma pinturesca desordem, enchiam a minha alma de delicia e de ventura. Não sei de onde me vinham ao espirito taes comparações. O panorama evocava em mim os exodos do Velho Testamento que, como um patriarcha, devia conduzir á Terra Promettida. Os guizos das mulas e os incitamentos dos conductores acompanhavam como uma musica os dôces pensamentos que me invadiam.

Tive de me contentar durante muito tempo com a simples troca dos nossos olhares, porque a presença das duas mulheres que viajavam com Lillian, não me deixava á vontade. E depois, quando me convenci que existia um sentimento ainda inexplicado entre nós, assaltou-me uma timidez extranha. Os meus cuidados augmentaram, e approximava-me da carreta com frequencia, para pedir noticias da saude da tia Atkins e da tia Grovernor afim de justificar d'esta maneira e de distribuir com egualdade as attenções de que rodeava Lillian. Ella comprehendeu perfeitamente o meu plano, e esta communhão de pensamentos começou a tornar-se como um idolatrado se-

gredo, desconhecido de todo o mundo. Não levou muito tempo que olhares, algumas palavras trocadas e ternas considerações me parecessem insufficientes.

Essa joven, com a sua brilhante e fulva cabelleira e de olhar meigo, attrahia-me de modo irresistivel. Comecei a pensar n'ella todo o dia e toda a noite. Quando depois de rondar as sentinellas, ia envôlto na pelle de bufalo, para a carreta, procurava fechar os olhos para descançar, mas parecia que varios enxames de mosquitos e de abelhas zumbiam sem cessar aos meus ouvidos: "Lillian! Lillian!„ Nos meus sonhos nunca a sua imagem se tirava de deante de mim.

Quando despertava o meu primeiro pensamento voava para Lillian como uma andorinha, e mais ainda, o coração enchia-se-me de coisas maravilhosas ao lembrar-me d'ella. A attracção constante da sua imagem que o meu pensamento soffria sem cessar, não provinha apenas d'um interesse particular pela formosa orphan, nascia d'um sentimento mais dominador, sentimento que nenhum homem na terra pode vencer quando o empolga a valer.

Enganei-me a principio com a natureza d'esse sentimento, porque a doçura de Lilian conquistára todos os corações, presumia que o dominio que exercia sobre mim era egual ao que exercia sobre todos. Todos a amavam como filha, e tinha provas d'isso todas as manhans. As suas companheiras eram mulheres rudes, sempre dispostas a azedar-se. Vi, mais d'uma vez, a tia Atkins quando de manhan penteava Lillian, beijal-a com a affeição d'uma mãe. Outros dias, ia encontrar a tia Grovernor a aquecer nas suas mãos as da joven que sentíra frio durante a noite.

Os homens rodeavam-n'a de cuidados e de amabilidades. Havia, no comboio, um tal Henry Simpson, moço aventureiro do Kansas, intrepido caçador e rapaz honesto, mas tão orgulhoso da sua pessoa, tão insolente e tão brutal que, durante o primeiro mez, tive de o castigar duas vezes para o convencer que havia na caravana alguem mais forte que elle e sobretudo de maior importan-

cia. Era ouvir Henry falar de Lillian! Elle que não respeitaria o presidente dos Estados Unidos, perdia na sua presença todo o orgulho e arrogancia. Repetia a cada instante: "peço-lhe perdão, miss Morris." Dir-se-hia um cão prêso e domado. Realmente esse molosso estava prompto a obedecer ao menor gesto d'aquella pequenina mão infantil.

Nas paragens, Henry diligenciava estar sempre ao pé de Lillian para lhe adivinhar os mais insignificantes desejos. Accendia a fogueira e procurava-lhe um logar ao abrigo do fumo. Cobria de musgo o sitio onde ella devia assentar-se e collocava-lhe por cima as mantas do cavallo. Escolhia para as suas refeições as mais bellas peças de caça, e isto com uma tal cortezia e timidez que contrastava com as suas maneiras rudes. Comecei a sentir por elle uma especie de mau humor que se assemelhava muito a ciume.

O unico desabafo que podia ter era zangar-me em silencio quando Henrique, aproveitando a folga, fazia o que mais lhe convinha para se approximar de Lillian.

O meu serviço não acabava nunca. Em marcha, os carros caminhavam uns após outros, frequentemente com grandes intervallos entre si; mas quando, no descanço do meio dia, estávamos em terreno descoberto, dispunha-os, conforme o costume do sertão, lado a lado, de fórma que um homem mal poderia passar por meio d'elles. É difficil comprehender quanto me custou e quantas difficuldades tive de vencer para estabelecer esta linha defensiva.

As mulas são, por natureza, bravías e intrataveis, pegam-se, não querem andar, mordem, escouceiam e levantam-se. As carretas, sacudidas por taes choques, voltavam-se a miude. Então o relinchar das muares, as vozes dos guias, o soar dos guizos, os latidos dos cães, toda esta algazarra produzia uma confusão geral. Depois de conseguir pôr tudo em ordem, tinha que olhar pelos apparelhos dos animaes e pelos tratadores, cujo trabalho consistia em levar os solipedes a pastar e em seguida a dar-lhes de beber. N'este meio tempo, os homens da guarda avançada

internavam-se no matto para caçar e voltavam de todos os ladôs com rêzes mortas; tudo se reunia então em volta das fogueiras, e por vezes nem havia tempo de comer e de tomar fôlego.

Quando partiamos, depois do descanço, redobrava de vigilancia: para evitar balburdias e alaridos, prendia as mulas em logar de as deixar á sôlta.

Os guias, para se eximirem ao trabalho de tomar por um desvio e para evitar uma passagem difficil, combinavam-se entre si, de modo que era necessario não os perder de vista.

Estas combinações originavam dissidencias e rixas extremamente desagradaveis.

De quando em quando, dirigia-me, a cavallo, para além dos exploradores para examinar as cercanías e procurar, conforme a estação, os locaes onde havia melhor agua e os mais faceis de defender em caso de ataque, e, em geral, os propicios para acampar de noite.

Havia momentos em que amaldiçoava os meus deveres de capitão, mas ao mesmo tempo a sua responsabilidade enchia-me de orgulho. Regosijava-me ao pensar de mim para mim que eu era o chefe do bando e que Lillian sabia que a sorte de todos estes seres, que caminhavam atraz dos carros nos immensos plainos, estava na minha mão.

CAPITULO II

Depois de atravessar o Mississípi, parámos para passar de noite o "Cedar-River„, cujas margens estão orladas de algodoeiros.

Quando me afastei para reconhecer o terreno, via, a certa distancia, os homens nomeados para cortar lenha nos bosques proximos, munidos de machados; via os que estavam de folga e que aproveitavam o bom tempo e a noite calma para vaguear pela campina em todas as direcções. Era muito cedo, porque, habitualmente, fazíamos alto de tarde, cêrca das cinco, afim de partir no dia immediato ao romper do dia.

Encontrei n'esse momento Lillian Morris. Apeei-me immediatamente e, com o cavallo pela brida, approximei-me da joven, feliz por me encontrar a sós com ella, ao menos por alguns instantes. Perguntei-lhe porque, nova e inexperiente, emprehendêra uma jornada tão fatigante que intimidava até os homens vigorosos.

— Nunca teria consentido que fizesse parte da caravana, disse-lhe eu, se não suppuzesse, nos primeiros dias da viagem, que era filha da tia Atkins. Sente-se com forças para continuar? É necessario preparar-se para encontrar a viagem menos facil do que imagina.

— Sei tudo isso, respondeu sem erguer os seus bellos e pensativos olhos, mas tenho de continuar e sinto-me verdadeiramente feliz por estar aqui. Meu pae está na California, e, pela carta que me escreveu de cabo Horn, sei que está doente, com febres, em Sacramento. Pobre pae!

Estava costumado a fazer bem e a amar-me, e foi por minha causa que partiu para a California. Não sei se o encontrarei vivo, mas sinto que, indo para onde reside, cumpro o meu dever de filha.

Não havia resposta a dar a taes palavras, tanto mais que o ensejo das objecções passára.

Lillian deu-me esclarecimentos mais precisos ácêrca do pae. Forneceu-m'os com grande prazer. Soube que Mr. Morris fôra juiz do supremo tribunal de Boston, que é o tribunal mais importante do Estado. Tendo perdido todo o dinheiro que possuia, fôra para as minas da California, recentemente descobertas, com esperança de alcançar novos capitaes para sua filha, a quem queria mais que a vida.

Acommettêra-o a febre no valle insalubre do Sacramento, e, vendo que estava para morrer, enviára a Lillian a sua derradeira benção.

A pobre creança vendeu o pouco que ainda lhe restava e resolveu ir ter com elle.

A principio tencionara viajar por mar, mas os conselhos da tia Atkins fizeram-n'a mudar de idéas.

A tia Atkins, que era de Tennessee, tendo ouvido contar a amigos meus diversos episodios que me aconteceram nas margens do Mississipi, repetira tudo a Lillian, bem como as minhas expedições audaciosas em Arkansas. Elogiara-lhe a experiencia que adquirira nas viagens pelo sertão, e o cuidado e as attenções que prodigalisava aos mais fracos (o que era considerado por mim como um simples dever).

A tia Atkins fez uma tal descripção da minha pessoa a Lillian, que esta, sem hesitar, quiz fazer parte da caravana que partia sob a minha direcção. Nas suas exaggeradas narrativas, a tia Atkins não se esqueceu de mencionar que eu era nobre de nascimento. Assim se explica o interesse e a sympathia que eu despertára no espirito de miss Morris.

— Esteja descançada, affirmei-lhe, quando acabou a sua historia, ninguem a melindrará aqui e nenhum des-

velo lhe faltará. A proposito de seu pae, devo dizer-lhe que a California não é um paiz doentío e ninguem morre lá de febre. Em todo o caso, emquanto eu viver não ficará só; e, por agora, que Deus a abençoe e a proteja.

— Obrigado, capitão, respondeu commovida.

E continuámos a falar tranquillamente; mas o coração batia-me com violencia. A pouco e pouco a nossa conversa tornou-se mais communicativa.

— Ha por acaso alguem entre nós que não seja amavel comsigo? perguntei, longe de prevêr que a interrogação ia ser causa d'um equivoco.

— Ninguem, respondeu, todos são amaveis: a tia Atkins, a tia Grovernor e até Henry Simpson. Toda a gente é affavel.

O nome de Simpson soou-me mal, senti como a mordedura d'uma serpente.

— Henry é um tratador de mulas, respondi, tem a seu cargo as carretas.

Mas Lillian, absorta nos seus pensamentos, não reparára na mudança da minha voz, e continuou a falar como de si para si:

— Tem bom coração e ser-lhe-hei reconhecida toda a vida.

— Miss Morris, interrompi eu, vamos direito ao fim: pode dar-lhe a sua mão. Imagino, porém, que não me escolherá para confidente dos seus segredos.

Ao ouvir estas palavras fitou-me com surpresa, mas não respondeu nada, e continuámos a andar, observando um silencio molesto. Não sabia que dizer-lhe: o meu coração estava cheio de azedume contra ella, contra mim, contra todos.

Sentia que os zêlos me invadiam completamente, mas não podia luctar mais. Soffria tanto que disse, de chofre, sêcca e rapidamente:

— Boa noite, miss Morris.

— Boa noite, respondeu Lillian com socego, voltando a cara para esconder duas lagrimas que lhe corriam pelas faces.

Montei a cavallo e dirigi-me para um sitio onde se erguiam vozes. Reconheci entre ellas a de Henry Simpson. Apossou-se de mim um immenso pesar, porque me parecia que essas duas lagrimas me tinham cahido no coração. Esporeei o cavallo, e, n'um minuto, encontrava-me pela segunda vez ao pé de Lillian.

— Porque chora, miss Morris? perguntei

— Oh! senhor, respondeu, sei que pertence a uma familia nobre, disse-m'o a tia Atkins e tem sido tão bom para mim...

Lillian fazia vãos esforços para não chorar, mas não pôde conter-se, nem acabar a resposta, porque a voz entrecortou-se-lhe de soluços.

Pobre creança! melindrára-a no fundo da alma com o que lhe dissera a respeito de Simpson. Ah! bem me importava a mim com a minha aristocracia! O que tinha era ciume, e agora que a via tão desditosa, sentia desejos de me estrangular. Peguei-lhe na mão e disse-lhe impressionado:

— Lillian! Lillian! não me comprehende. Tomo a Deus por testemunha que não foi o orgulho que falou em mim; não tenho nada que mais estime na terra que estas pequeninas mãos. É verdade! sim, atormentava-me o que quer que fôsse e tinha necessidade de me apartar de si; mas não posso supportar as suas lagrimas, e juro-lhe que estou mais desgostoso que Lillian pela pena que lhe causei. Está muito longe de me ser indifferente, e se não occupasse o meu espirito, o que pensa de Henry não me magoaria: é um bom rapaz; mas não se trata d'isso. Veja qual é o resultado das suas lagrimas; perdôe-me com a mesma sinceridade com que eu imploro o seu perdão.

Ao dizer isto, agarrei-lhe nas mãos e levei-as aos labios. Esta alta prova de carinho produziu o seu effeito. Lillian não cessou logo de chorar, mas no meio das lagrimas, vi nascer um sorriso, semelhante a um raio de sol que surge atravéz do nevoeiro. Enchia-me o peito um influxo novo a que não podia subtrahir-me. Dominava-me o coração um sentimento affectuoso e terno. Continuámos a andar em si-

lencio, e em volta de nós, tudo me parecia delicioso e bom.

A hora ia adeantada. A temperatura era admiravel e na atmosphera crepuscular havia tanta claridade que toda a planicie, com as plantações de algodoeiros ao longe, com os carros da caravana e com os bandos de ganços bravos que voavam para o norte atravessando o céo, parecia banhada d'uma luz côr de rosa e doirada. Nem um sôpro obrigava a herva crescida a inclinar-se. De longe chegavanos o marulhar das ondas de "Cedar-River„ e ouviamos o relincho dos cavallos no acampamento.

Esta noite tão bella, esta terra virgem, e a presença de Lillian puzeram-me n'um tal estado que a minha alma estava prestes a voar para os céos. Julgava-me semelhante a um sino em vibração, a repicar sons alegres. Havia instantes em que desejava agarrar outra vez na mão de Lillian, leval-a aos labios e conserval-a entre as minhas. Mas receava offendel-a. Durante este tempo, caminhava a meu lado, calma, dôce, pensativa ; as lagrimas tinham seccado e, de quando em quando, levantava para mim os olhos fulgurantes. Então continuávamos a falar e, devagarinho, approximávamo-nos do acampamento.

Este dia, durante o qual experimentára tantos abalos, devia terminar alegremente, pois a gente do comboio, encantada com a temperatura esplendida que reinava, resolvêra organisar uma festa ao ar livre.

Após uma ceia mais abundante que de costume, accendeu-se uma grande fogueira em frente da qual se devia dançar. Henry Simpson mandára, para isto, cortar a herva na extensão de alguns metros quadrados e deitára n'esse espaço areia trazida de "Cedar-River„. Quando todos os espectadores se reuniram no logar assim preparado, Simpson, com universal surpresa, começou a bailar uma giga ao som das flautas dos pretos. Deixava cahir as mãos ao longo do corpo, que mantinha immovel, ao passo que os pés sapateavam agilmente, batendo com os calcanhares no chão. Os movimentos dos pés eram tão rapidos que só a custo se seguiam com a vista.

As flautas principiaram a tocar desesperadamente; appareceu um segundo dançarino, depois um terceiro, depois um quarto, e a alegria tornou-se geral. Os espectadores acercaram-se dos pretos que constituiam a orchestra, e rufaram em caldeiras de cobre (caldeiras destinadas a lavar a terra que contem oiro), ou batiam o compasso com ossos entalados nos dedos, o que produzia um som semelhante ao das castanholas.

De repente ouviu-se o grito: "Ahi veem os musicos!„ A assistencia formou um circulo em volta da sala de dança improvisada, e appareceram os nossos pretos Jim e Crow. Jim trazia um pequeno tambôr coberto com uma pelle de cobra; Crow vinha com os ossitos de que já falei. Olharam um para o outro durante um momento, revirando o branco dos olhos, em seguida começaram a cantar uma canção sua, interrompida por movimentos violentos e precipitados do corpo. Durante instantes a toada foi triste, depois, de golpe, tornava-se selvagem: o "ah„ prolongado da palavra "Dinah„, que terminava cada verso, transformava-se por fim n'um verdadeiro urro muito semelhante ao dos animaes. A medida que os dançarinos se exaltavam e excitavam, os movimentos tornavam-se mais desordenados, e porfim acabaram por embater com tal fôrça, de darem taes pancadas um no outro, que se fôssem brancos a pelle ter-lhe-hia estalado como uma casca de noz. Estas formas negras, illuminadas pelo clarão brilhante do lume, apresentavam nas cabriolas estravagantes um espectaculo inteiramente phantastico. Aos seus cantos, ao rufar do tambôr, ao som das gaitas de folles juntavam-se os gritos dos espectadores: "Hurrah! por Jim! Hurrah! por Crow!„ e desfechavam tiros.

Porfim, os negros, sem poder mais, atiraram-se ao chão e começaram a gemer. Ordenei que déssem a cada, uma porção de agua ardente, o que os reanimou; mas não tardou muito que os circumstantes pedissem um discurso.

O alarido e a musica cessaram immediatamente. Apertei o braço de Lillian, que estava em cima d'um carro, e voltei-me para a gente da caravana.

Quando vi esses vultos illuminados pelo reverbero da fogueira, essas formas macissas de largos hombros, de physionomias com barbas hirsutas, armados de facas que lhes pendiam da cintura, julguei que estava n'algum theatro extraordinario ou que me tornára chefe d'uma quadrilha de ladrões. Eram, todavia, excellentes pessoas, apesar da vida de muitos ter conhecido grande somma de vicissitudes, mas constituíamos, n'esse momento, um pequeno mundo apartado da sociedade e entregue a si proprio, com um destino commum e ameaçado dos mesmos perigos.

Ahi, no acampamento, o hombro d'um encostava-se ao hombro do vizinho, todos se convenciam que tinham eguaes deveres. Os sitios adustos, os desertos aridos que nos rodeavam, impunham a essas creaturas audaciosas um grande e reciproco auxilio. Pensava n'esta verdade contemplando Lillian, a pobre e inoffensiva joven que vivia sem receio no meio de tantos homens e que, com effeito, estava ahi tanto em segurança como se estivesse ao abrigo do lar paterno. Disse então tudo quanto sentia, e como convém a um chefe militar, que era ao mesmo tempo o irmão d'esses aventureiros.

Interrompiam-me a cada instante para bradar: "Hurrah! pelo polaco! Hurrah! por Big Ralph!„ e davam palmas. Mas o que me pôz no auge da alegria foi divisar, entre as mãos queimadas pelo sol, duas mãositas que os clarões da fogueira tornavam vermelhas e que se agitavam como duas pombas brancas. Despertou então em mim um immenso amor pelo deserto, pelos animaes ferozes, pelos indios, pelos proscriptos, e exclamei com profunda convicção: "Conseguirei tudo; matarei tudo quanto se atravessar no meu caminho e conduzirei a caravana, se tanto fôr mister, até o fim do mundo. Que Deus me castigue se não sou sincero!„

Um hurrah! sonôro e prolongado respondeu a estas palavras e todos começaram a cantar com grande enthusiasmo o hymno dos emigrantes: "Atravessei o Mississípi, atravessarei o Missurí.„ Então Smith, o mais edoso dos colonos, um mineiro que vinha de Pittsburg da Pensyl-

vania, respondeu ao meu discurso. Agradeceu-me em nome dos presentes e elogiou a habilidade que demonstrava na direcção da caravana.

Depois de Smith falou outro homem, outro e outro Os oradores pullulavam. Alguns sahiram-se com allusões engraçadas, entre outros Henry Simpson, que gritava de tempos a tempos: "Que seja enforcado se não digo a verdade!„ Quando se acabaram os oradores, tornaram a ouvir-se as flautas, os ossos resoaram e os rapazes começaram de novo a dançar uma giga.

Anoitecêra completamente; a lua surgiu no firmamento e brilhava com tanta claridade que a chamma das fogueiras empallidecia ante os seus raios. As pessoas, os animaes, os carros estavam simultaneamente banhados por uma luz vermelha e por uma luz prateada. Era uma noite esplendida. A algazarra do acampamento apresentava um singular mas agradavel contraste com o calmo e profundo somno das selvas.

Offereci o braço a Lillian e démos uma volta pelo acampamento. A nossa sombra passou por defronte das fogueiras e foi depois perder-se na ondulação da alta e escura herva tão mysteriosa como os espiritos desconhecidos. Vagueávamos sós. Dois escocezes das montanhas principiaram a tocar na gaita de folles os accordes plangentes, langorosos de *Bonnie Dundee*. Parámos a certa distancia e escutámos durante algum tempo em silencio. De subito, olhei para Lillian, que baixava os olhos, e sem eu proprio saber porque o fazia, apertava de encontro ao peito e com amor a mão que me pousava no braço.

O coração de Lillian começou tambem a bater com tal fôrça que lhe sentia as pulsações como se o tivesse agarrado. Puzémo-nos a tremer porque comprehendiamos que se erguia alguma coisa nas nossas almas, um sentimento poderosissimo, e que as nossas relações teriam, de futuro, outro caracter. Eu, por mim, deixava-me arrebatar com delicia. Esquecia que a noite era scintillante, que as fogueiras estavam perto e que havia pessoas que andavam disseminadas por aqui e por alli.

Desejava tanto lançar-me a seus pés ou pelo menos mergulhar os meus olhos nos seus! Mas Lillian, apesar de se me encostar ao braço, voltava a cabeça como se quizesse occultar a physionomia na sombra. Queria falar mas não podia; parecia-me que a minha voz era outra, e que, se pronunciasse a palavra: "Amo-te„, cahiria prostrado, submisso como um escravo.

Era ainda moço e pouco ousado, e percebia que se dissesse a Lillian: "Amo-te!„, me converteria n'outro homem. Terminaria um periodo da minha vida e começaria outro. E, apesar de vêr a felicidade n'essa mudança, continha-me, porque essa grande claridade offuscava-me. E depois, quando o amor não vem dos labios e sim do coração, não ha nada mais difficil que falar d'elle.

Atrevêra-me a apertar a mão de Lillian de encontro ao meu pêito, conservávamo-nos silenciosos, não tinhamos coragem para pronunciar a palavra: "Amor„, e no emtanto não podiamos falar d'outra coisa: era impossivel em tal momento.

Porfim levantámos os olhos e contemplámos as estrellas como quem reza uma oração. N'este momento, porém, alguem nos chamou e voltámos para traz. A festa acabára, mas para a terminar dignamente os emigrantes resolveram cantar um psalmo antes de ir descançar. Todos se descobriram e, apesar de haver entre elles pessoas de differentes crenças, tudo ajoelhou na herva da campina e começou a cantar o psalmo: "Errando na solidão„. O espectaculo era imponente. Durante as pausas, o silencio era tão completo que se podia ouvir o crepitar do fogo e o murmurio das cascatas no rio.

Quando me ajoelhei ao lado de Lillian fitei-a uma vez ou duas; os seus olhos rutilavam extranhamente, tinha os cabellos em desordem; cantando o hymno com devoção, parecia-se tanto com um anjo que senti vontade de lhe dirigir uma prece.

Depois do psalmo cada um foi para o seu alojamento. Segundo o costume, fui rondar as sentinellas, depois pensei em ir descançar como os outros. Mas d'esta vez, quando

o écho começou a sussurrar aos meus ouvidos como fazia todas as noites: "Lillian! Lillian! Lillian!„, sube então que, além, dormiam n'uma carreta os olhos dos meus olhos e a alma da minha alma, e que no mundo inteiro não havia para mim nada mais caro que essa joven.

CAPITULO III

Ao romper do dia atravessámos "Cedar-River„. Chegáramos a uma eminencia: entre o rio e o Numébago, que se inclina em vertente suave para o sul, até a grande cintura de florestas, que formam o limite do Iowa, extendia-se uma enorme planicie.

Pela manhan Lillian não ousou levantar os olhos para mim. Vi que estava pensativa; pareceu-me que andava envergonhada, inquieta. Que falta commetteramos na noite precedente?

Quasi não sahiu do carro. As tias Atkins e Grovernor, suppondo que estava doente, rodeavam-n'a de desvelos e de cuidados; só eu conhecia a causa da sua perturbação: não era nem fraqueza, nem remorso de consciencia, era o combate d'um ser innocente com o presentimento que um poder novo e desconhecido a arrebataria como uma folha para regiões longinquas.

Era uma prova bem visivel que não devia mudar de modo de proceder e que, cedo ou tarde, ella se conformaria, se submetteria a esse poder, esqueceria tudo e se deixaria dominar.

Uma alma pura experimenta aos primeiros symptomas do amor um medo instinctivo, receia o mal que lhe póde causar e fraqueja. Lillian apresentava-se como fatigada d'um sonho penoso. Quando comprehendi o estado da sua alma a alegria diminuiu no meu coração.

Não sei se era um sentimento digno, mas quando de manhan, ao passar perto do carro que a transportava, a vi

melancholica, pendida como uma flôr, afigurou-se-me que eu era como as aves de rapina que sabem que a pomba não lhes escapará.

Não desejava causar-lhe o mais pequeno desgôsto, porque ao amor que o meu peito sentia por ella alliava-se uma extrema compaixão; no emtanto, coisa singular, apesar dos meus sentimentos por Lillian, o dia inteiro passou para nós no meio d'um grande constrangimento, como se nos tivessemos offendido mutuamente. Dava tratos á imaginação para encontrar um meio de estar a sós com ella, ainda que fôsse apenas por um instante, e não o encontrava.

Felizmente a tia Atkins veiu em meu auxilio; declarou que a joven precisava de exercicio, que a permanencia no pequeno carro lhe prejudicava a saude. Tive a inspiração de a fazer montar a cavallo, e ordenei a Simpson que lhe apparelhasse uma egua. Não havia sellins de senhora na caravana, mas existia uma d'essas sellas americanas de cepilho muito alto que as amazonas usam nas campinas da fronteira, que lhe podia servir.

Disse a Lillian que galopasse tanto quanto quizesse, contanto que nos não perdesse de vista.

Extraviar-se n'um vastissimo plaino era assaz difficil. Os homens que eu mandava caçar circulavam a distancias consideraveis em todas as direcções. Não havia indios a temer, porque esta parte do sertão até Numébago era visitada pelos pawnees, que só appareciam no momento das grandes caçadas que ainda não tinham principiado. No emtanto a parte sul da floresta era frequentada por numerosos animaes que pertenciam a especies carnivoras. D'essa banda a prudencia não era superflua.

Para falar com franqueza, esperava que Lillian, para estar em segurança, não se apartasse do meu lado. Esta resolução permittiria que estivessemos muitas vezes sós.

Habitualmente, durante a marcha, examinava o terreno a grandes distancias da caravana, tendo apenas um ou dois exploradores na frente e á rectaguarda todo o comboio.

No primeiro dia em que vi a minha gentil amazona cavalgar a meio galope, com as tranças a adejar, devido ás reacções do cavallo, segurando com difficuldade a sáia que fluctuava, fiquei fascinado com a expressão encantadora que se lhe imprimia no rosto.

Quando se approximou vinha muito animada; sabia que ia tomar parte n'uma excursão dirigida por mim, o que nos permittia caminharmos juntos, mas fingiu ignoral-o. O meu coração batia como o d'um collegial.

Começavam a invadir-nos ternos e ardentes desejos, e fui impellido por uma tal fôrça invisivel que me inclinei para Lillian, como para apertar a cilha da montada, e pousei os labios na mão que descançava no cepilho da sella.

Apoderou-se de mim uma ventura desconhecida e inexprimivel, maior e mais profunda que todas as voluptuosidades.

Apertei essa pequenina mão, approximei-a do peito e disse:

— Lillian, se Deus me désse todos os reinos da terra e todos os thesouros da existencia, preferir-lhe-hia uma trança dos seus cabellos porque a minha alma e o meu coração pertencem-lhe para sempre. Lillian! Lillian! nunca mais me apartarei de si, seguil-a-hei atravéz das montanhas e dos desertos, beijarei as suas pégadas e peço-lhe apenas que me ame um pouco. Diga-me só que ha no seu coração um pequeno logar para mim.

Ao proferir estas palavras julgava que me estoirava o coração. Lillian respondeu muito confusa:

— Oh! Ralph, bem sabe... conhece tudo!!!

Não sabia que fazer, se rir, se chorar, se fugir, se permanecer; parecia-me que acabava de escapar a um grande perigo e que nada na terra conseguiria inquietar-me.

Desde então, tanto quanto as minhas occupações o permittiam, andávamos juntos, e essas occupações tornaram-se cada dia menos absorventes á medida que nos approximávamos do Missurí. Talvez nenhuma caravana fôsse tão feliz como a nossa durante o primeiro mez de trajecto.

Os homens e os animaes acostumaram-se pouco a pouco á disciplina e aos deveres quotidianos; era menor a necessidade de os vigiar; conquistára a confiança de todos e a ordem era completa. Tínhamos provisões em abundancia, e a estação boa que chegou prematuramente pôz toda a gente de bom humor.

Convenci-me que, graças ao meu plano ousado de conduzir a caravana, não pelo caminho habitual, mas atravéz Iowa e Nebraska, evitáramos um calor insupportavel, verdadeira tortura na região insalubre comprehendida entre o Mississípi e o Missurí, onde as febres e outros flagellos dizimam as fileiras dos emigrantes. Aqui, em consequencia da frescura do clima, os desalentos, as fraquezas eram menos vulgares e o nosso trabalho tambem menos fatigante.

É verdade que o percurso por S. Luiz, n'um certo logar, era perigoso por causa dos indios, mas o comboio, que se compunha de duzentos a trezentos homens bem armados e decididos, não tinha motivos para se inquietar.

As tribus selvagens, principalmente as que habitavam Iowa, não receavam atacar os brancos, mas quando sabiam que as nossas fôrças eram muito superiores ás suas, recuavam antes de se empenhar em combates serios.

O essencial era proteger as mulas e os cavallos das acommettidas nocturnas. A perda d'esses animaes no meio das selvas põe as caravanas em difficil posição; mas nós podiamos contar com a actividade e experiencia das sentinellas, que, na maioria, conheciam os estratagemas dos indios tão bem como eu.

Quando a disciplina e a ordem de marcha do comboio ficaram bem estabelecidas, e que os homens se compenetraram do que exigia d'elles, tive muito menos que fazer durante o dia e pude então dedicar-me mais áquella que me avassalára o coração.

Á noite adormecia com este pensamento: "Ámanhan verei Lillian!„ De manhan despertava repetindo: "Hoje verei Lillian „ E cada dia me sentia mais feliz porque cada dia a amava mais.

O pessoal da caravana acabou por notar a minha assiduidade ao pé da joven, mas ninguem encontrou motivos para murmurar.

Uma vez, o velho Smith disse ao passar junto de nós: "Que Deus os abençôe, a si capitão e a si Lillian„. A união dos nossos nomes fez-nos felizes para o resto do dia.

A tia Grovernor e a tia Atkins segredavam a miude aos ouvidos de Lillian, que se ruborisava muito, mas não queria nunca dizer porque. Henry Simpson olhava-nos frequentemente com ar taciturno; talvez albergasse na sua alma algum projecto contra nós, mas não ligava a isso grande importancia.

Todas as manhans, ás quatro horas, ia descobrir terreno á frente da caravana. Adeante de mim, os exploradores marchavam a cêrca de quinze metros. Cantavam cançonetas com que as mães lhes tinham embalado os berços. Após mim, á mesma distancia, desenrolava-se pelo campo a caravana, como uma fita branca. E que delicioso momento! Duas horas depois ouvia, de repente, o trote d'um cavallo; voltava-me e via a minha bem amada, a vida da minha alma que se approximava.

A briza matutina fazia fluctuar a cabelleira de Lillian. Era a carreira do cavallo que a desatára, ou Lillian que intencionalmente a pregára mal, porque a travêssa sabia que eu gostava de a vêr com os cabellos sôltos? E quando o vento atirava com as tranças para o meu lado e que as beijava feliz, Lillian fingia não reparar.

Ensinei a Lillian a phrase polaca: "Dzien dobry„, (bom dia). Quando a ouvia pronunciar essas palavras, ainda lhe queria mais. A recordação do meu paiz, de minha familia, dos annos decorridos, do que passára, do que já não existia, tudo isso volteava deante dos meus olhos como gaivotas no oceano. Mais d'uma vez teria rompido em soluços, mas envergonhado, reprimia nas palpebras as lagrimas que estavam prestes a correr. Lillian, ao vêr quanto o meu coração se impressionava, repetia com attrahente melodia: "Dzien Dobry! Dzien Dobry! Dzien Dobry!„ Como era possivel não amar essa musica acima de tudo?

Ensinei-lhe então outras phrases, e quando os seus labios não podiam articular as palavras sem dificuldades e que zombava da sua pronuncia, amuava como uma creança, fingia que estava cheia de colera e de resentimento. Nunca nos zangavamos, só uma vez se levantou uma nuvem entre nós.

Uma manhan, a pretexto de lhe encurtar um loro do estribo, mas na verdade porque despertaram em mim intentos audaciosos, comecei a beijar-lhe o pé. Fugiu com elle cingindo-o ao ilhal do cavallo e exclamou: "Não, Ralph! isso não! não!„ Afastou-se, e, apesar das minhas súpplicas, não quiz voltar para junto de mim.

Todavia, receando maguar-me demasiado, não foi para a caravana. Fingi um pesar cem vezes maior que realmente sentia, e, retirando-me em silencio, continuei o caminho como se estivesse desesperado.

Sabia que este desgôsto a impressionaria. Com effeito, dentro em pouco, alarmada com o meu silencio, começou a galopar da banda em que eu estava e a olhar para mim de frente como uma creança que quer saber se a mãe ainda está iráda. Eu, que desejava conservar um rôsto contristado, voltava a cara, para não desatar a rir.

Andávamos tão alegres como os escaravelhos do matto, e algumas vezes, que Deus me perdôe! eu que era chefe da caravana, sentia-me tão creança como Lillian.

Algumas occasiões, quando iamos a cavallo, ao lado um do outro, voltava-me de subito dizendo que tinha uma coisa importante e nova a communicar-lhe, e ao vêl-a muito attenta, segredava-lhe: "Amo-te, Lillian.„ Então, por seu turno, dizia-me ao ouvido: "Tambem eu te amo.„ E era assim que confiavamos os nossos segredos no meio das selvas, onde só o vento nos podia escutar.

Os dias, por esta forma, succediam-se com tanta rapidez que me parecia que as manhans se ligavam ás tardes como os élos d'uma cadeia sem fim.

De quando em quando surgiam algumas peripecias que variavam esta monotonia tão agradavel.

Um domingo, o mestiço Wichita apanhou a laço um

antílope, de grande corpulencia e com elle uma corça que dei logo a Lillian. Arranjou-lhe uma colleira a que prendeu um guizo d'uma das mulas.

Baptisou-a com o nome de *Katty*. Uma semana depois estava domesticada e vinha comer á mão.

Durante a marcha eu cavalgava a um lado de Lillian e *Katty* corria do outro lado, levantando os grandes olhos que pareciam pedir-nos algumas caricias.

Para além do Nimébago, a caravana extendia-se sobre a planicie como por cima d'uma mesa: a campina era immensa e rica.

Em certos sitios, os exploradores, mettidos na herva, desappareciam completamente. Os cavallos espojavam-se n'ella como se fôra um rio. Mostrava a Lillian todas estas coisas novas para ella, e, vendo-a encantada com taes bellezas, orgulhava-me que este reino que me pertencia lhe agradasse tanto. Estávamos na primavera, approximava-se o fim de abril: era a quadra em que a herva attingia a sua maior altura e que tudo quanto era susceptivel de desenvolvimento vicejava com pujança.

De dia, as selvas, mandavam-nos, como de mil incensorios, perfumes inebriantes. Quando soprava o vento e sacudia este espaço florido, a vista ficava extasiada com o matiz dos cambiantes: azul, vermelho, verde, branco, todas as côres imaginaveis.

N'este espesso taboleiro, erguiam-se grandes hastes amarellas em volta das quaes se enrolavam os fios prateados d'uma planta chamada "Lagrimas„, cujos cachos, formados por pequenos bagos transparentes, tinham grande parecença com o pranto.

Os meus olhos habituados a lêr nos campos, descobriam, uma a uma, os especimens que conhecia. Alli, via-se a kalumna de folhas largas, que cura feridas; além, surgia a planta denominada "Meias vermelhas e brancas„, que fecha as corollas á approximação de qualquer pessoa ou animal; mais distante a "Machadinha indiana„, cujo aroma violento adormece a sensibilidade e envenena completamente quem o respira.

Ensinava Lillian a lêr no grande livro de Deus. Dizia-lhe:

— Estás destinada a viver nas florestas e nas campinas; é util conhecêl-o bem.

Em certos sitios appareciam de repente, como oasis, mattas de algodoeiros intercallados com pampanos e cipós, que formavam brenhas impenetraveis, onde a hera se enroscava nos machtia cheios de espinhos, semelhantes a rosas bravas.

Á sombra d'este arvoredo cresciam flôres por todas as bandas; reinava alli uma mysteriosa tristeza; os lagos, a coberto da folhagem copada, acabavam por seccar; da ramagem florida sahiam cantos deliciosos de aves desconhecidas.

Quando, pela primeira vez, mostrei um d'estes oasis a Lillian, com as suas bellas grinaldas de flôres entrelaçadas, estacou maravilhada e, pondo as mãos, exclamou:

— Oh! Ralph, é possivel?

Assustava-a um pouco a idéa de penetrar n'esta escuridão. Mas, uma tarde, de calor excessivo, e quando soprava um vento ardente na planicie, penetrámos, a cavallo, n'um d'esses bosques.

Parámos em frente d'um lago que reflectia a imagem dos cavallos e os nossos semblantes. Ficámos durante minutos silenciosos como se estivessemos n'uma cathedral gothica sombria e solenne.

Fazia fresco, a luz do dia coava-se atravéz da folhagem; algumas aves occultas nos ramos chilreavam: "Não! não!„ como se nos convidassem a não ir mais longe.

Katty começou a tremer e refugiou-se ao pé dos cavallos. Lillian e eu olhámo-nos de repente; pela primeira vez os nossos labios encontraram-se e, depois de se encontrar, não puderam mais separar-se.

Ella bebeu a minha alma e eu bebi a sua; o halito d'um misturou-se com o halito do outro e os nossos labios ficaram unidos.

Os seus olhos velaram-se e as suas mãos, que collocára nos meus hombros, tremeram como agitadas pela febre. Apoderou-se d'ella uma especie de esquecimento da pro-

pria existencia, desfalleceu e descançou suavemente a cabeça no meu peito. Estavamos ambos ébrios de delicias e de extase. Não ousava bolir, tanto a minha alma se sentia feliz, porque a amava cem vezes mais que o posso exprimir. Erguia os olhos para ver se atravéz da espessa folhagem podia descobrir o céo.

Quando recuperámos os sentidos, sahimos d'esta arcaria de verdura. No plaino, o sol e a briza abrazadora envolveu-nos completamente. Deante de nós extendia-se um interminavel e brilhante panorama.

Na relva e nas pequenas elevações pesquisadas pelos cães bravos debatiam-se gallinhas de matto. Esses timidos seres, que se acautelavam como um exercito em frente do inimigo, fugiam quando nos approximávamos.

Em frente, a caravana estava rodeada de cavalleiros. Agora que voltava para um mundo inundado de luz, parecia-me que sahia d'uma camara escura. Lillian experimentou a mesma sensação. A claridade do dia regosijava-me, mas este excesso de luz, que era como oiro em pó, e a memoria dos deliciosos beijos que ficaram impressos nas faces de Lillian, enchiam-n'a de alegria e de tristeza.

— Ralph! tomaste a mal o que fiz? perguntou-me de chofre.

— Que idéas tens, querida da minha alma? Que Deus não me perdôe se no meu coração ha outros sentimentos que não sejam os do respeito e da maior affeição por ti!

— Não me pude conter, porque te amo com toda a minha alma, explicou ella, e os seus labios começaram a tremer, chorou em silencio e apesar dos meus esforços para a acalmar, ficou triste todo o dia.

CAPITULO IV

Chegámos por fim ao Missurí. Os indios escolhem geralmente esta épocha para atravessar o rio e para cahir sobre as caravanas. A defeza é mais difficil quando alguns carros estão n'uma das margens e os outros no rio. Os animaes de tiro, que são teimosos, estrebucham para passar e produz-se uma certa desordem entre os conductores.

Notára antes de nos approximarmos d'essa via fluvial que havia dois dias nos seguiam differentes espiões indios. Tomei as precauções necessarias e dirigi o comboio d'um modo inteiramente militar. Não permitti que as carretas se demorassem no matto como o deixava fazer a léste de Iowa; os homens deviam estar juntos e promptos a combater.

Quando chegámos á margem encontrámos um váu; ordenei a dois pelotões, com sessenta homens cada um, que se entrincheirassem nas duas margens, em pequenos fortins, a fim de proteger a passagem das iras do inimigo. Os demais emigrantes deviam escoltar o comboio. Mandava avançar as carretas a pouco e pouco para evitar tumultos. Graças a estas disposições tudo se passou na melhor ordem e o ataque tornou-se impossível, porque os assaltantes tinham de se apoderar d'um ou d'outro entrincheiramento antes de poder acommetter os que atravessavam o rio.

Estas medidas estavam longe de ser superfluas. O futuro encarregou-se de m'o demonstrar, porque dois annos

depois, os kowas massacraram quatrocentos allemães exactamente no sitio onde hoje está Omaha.

A minha gente ouvira mais d'uma vez as narrativas que vinham do Oeste, confirmando os terriveis perigos que ameaçam as caravanas no momento de vadear as aguas amarelladas do Missurí. Vendo a firmeza e a facilidade com que resolvêra o problema, depositaram em mim cega confiança, e principiaram a considerar-me como um espirito omnipotente.

Estes elogios e este enthusiasmo pela minha pessoa chegaram aos ouvidos de Lillian, e vi nos seus olhos enternecidos que me convertêra para ella n'um heroe lendario. A tia Atkins disse-lhe:

— Se o nosso polaco a proteger, pode dormir á chuva, que não lhe cahirá uma gotta d'agua em cima.

E o coração de Lillian exultava. Durante o tempo da travessia, só pude estar com ella alguns raros instantes, só os meus olhos lhe exprimiam o que os meus labios não podiam dizer. Estive a cavallo todo o dia ora n'uma ora n'outra margem. Tinha pressa de sahir o mais depressa possivel d'estas aguas escuras, que arrastavam comsigo arvores putrefactas, folhas, herva, e o limo insalubre do Dacota infeccionado de febre.

Ao cabo de oito dias estávamos na margem direita do rio, sem se ter inutilisado nenhuma carreta. Apenas soffremos a perda de sete mulas ou cavallos. Tinham sido mortos no primeiro dia em que foram lançadas frechas contra nós. Em compensação, os meus homens, segundo o terrivel costume do sertão, mataram e escalpellaram tres indios que tinham conseguido metter-se por meio das mulas. No dia seguinte recebemos a visita de seis guerreiros dos "bloody tracks„ da tribu dos pawnees. Assentaram-se ao pé das nossas fogueiras com ares arrogantes, reclamando cavallos e mulas como indemnisação dos seis bandidos mortos pelos nossos. Declararam que, em caso de recusa, nos atacariam immediatamente quinhentos combatentes.

Não me importava muito com os seus quinhentos

guerreiros, porque o meu comboio estava em boa ordem, e bem defendido pelos entrincheiramentos. Percebi que estes parlamentarios tinham sido simplesmente enviados para fornecer aos selvagens pretexto para nos acommetter, fingindo serem elles os offendidos.

Tel-os-hia expulso immediatamente, se os não desejasse mostrar a Lillian. Contemplou-os, occulta no carro, um pouco assustada, quando estavam assentados em volta do fogo, immoveis, com os olhos fitos nas chammas, com as vestes forradas de cabellos humanos, de clavas, com os cabos ornados de plumas, e com os rostos pintados de preto e de vermelho em signal de guerra.

A despeito d'estes preparativos, recusei energicamente o pedido, e, passando do papel defensivo ao offensivo, declarei que se desapparecesse uma unica mula da caravana, iria á sua tribu e esmagaria os ossos de quantos encontrasse.

Reprimindo a custo a raiva, foram-se embora brandindo as clavas com os compridos braços em signal de desafio. Para que as minhas palavras lhes ficassem bem gravadas na memoria, no momento em que partiam, appareceram duzentos dos meus homens preparados de antemão, com aspecto bellicoso, fazendo resoar as armas, afim de lhes provar a nossa superioridade. Esta rapida manobra fez uma profunda impressão nos embaixadores selvagens.

Horas depois Henry Simpson, que fôra atraz d'elles para os vigiar, voltou muito trémulo a participar-nos que se approximava um numero consideravel de indios. Como conhecia perfeitamente a sua maneira de proceder, sabia que eram meras ameaças, porque os indios armados de arcos não dispunham de numero sufficiente para arrostar com as nossas carabinas de longo alcance.

Recommendei a Lillian que se tranquillisasse: tremia como um vime. Estávamos todos convencidos de que se ia ferir um combate. Os mais novos, cujo espirito guerreiro começava a ferver, desejavam-n'o com ardor. Ouvimos dentro em pouco os urros dos "pelles vermelhas„ que se

mantinham fora do alcance das espingardas á espreita do momento favoravel para o ataque.

No nosso acampamento ardiam durante toda a noite immensas fogueiras de algodoeiros e de salgueiros. Os homens estavam ao pé dos carros, as mulheres cantavam psalmos para acalmar o medo; as muares, que não tinham sido levadas como de costume para a pastagem, estavam prêsas por traz das viaturas, nitriam e mordiam uma nas outras. Os cães, farejando a presença dos indios, uivavam. Em summa, havia no acampamento um barulho enorme. Nos curtos momentos de silencio ouviamos os tristes e pavorosos gritos dos postos avançados indios que repercutiam com écho lugubre.

Cêrca da meia noite, o inimigo tentou incendiar o matto, mas a herva humida com o orvalho da primavera não quiz arder, apesar de haver alguns dias que não cahíra uma gôtta de chuva na região.

Ao rondar em volta do acampamento, antes do pôr do sol, tive a felicidade de vêr Lillian durante um instante. Encontrei-a adormecida pela fadiga. A sua cabeça descançava nos joelhos da tia Atkins, que, armada d'um cutello, jurára exterminar a tribu inteira se qualquer indio ousasse approximar-se da sua protegida.

Eu contemplava esse delicioso semblante não só como apaixonado, mas com uma ternura quasi maternal, e senti, como a tia Atkins, que faria em pedaços quem quer que ameaçasse o meu thesouro. Era a minha alegria, era a minha delicia. Sem ella via deante de mim uma vida errante, sem objectivo, cheia de commoção e de penas. Não tinha ante os olhos a prova mais evidente? As selvas, o retinir das armas, as noites a cavallo, os combates com os ferozes "pelles vermelhas„, e mais perto, junto de mim, na minha frente, o somno tão sereno d'essa creatura adorada, cheia de confiança em mim, a tal ponto que bastou a minha palavra para a convencer que não haveria combate, e por isso adormecêra tão socegada e tão calma como se estivesse no seio da familia.

Quando comparei estes dois quadros, reconheci pela

primeira vez quanto esta vida tão aventurosa e sem futuro me exgottára, e comprehendi que não teria já felicidade nem descanço sem Lillian. Se ao menos estivessemos no fim da jornada, pensei, se ao menos estivessemos na California! Mas só tinhamos realisado metade da viagem e ainda essa metade era a mais facil; ora a fadiga começava a definhar esse querido semblante pallido. No emtanto aguardava-nos além um bello e rico paiz com o seu céo azul e a sua eterna primavera. E emquanto seguia o fio d'estes pensamentos cobri os pés da joven com a minha veste de bufalo, para que a frescura da noite não lhe fizesse mal, e voltei para o outro extremo do acampamento.

Era tempo, porque se cerrára, vindo do rio, um espesso nevoeiro. Os indios podiam aproveitar a nebrina para os seus fins. As fogueiras diminuiram de intensidade a pouco e pouco e começaram a apagar-se. Uma hora depois as sentinellas só se distinguiam a pequenas distancias. Dei ordem para bradar "alerta„ de minuto a minuto, d'alli a instantes só se ouvia no acampamento o "alerta estou„ que corria de bôcca em bôcca como as palavras d'uma ladainha.

Os indios pareciam tranquillos como se fôssem mudos. Este silencio começou a inquietar-me. Ao romper do dia apoderou-se de nós um grande cançaço. Sabe Deus quantos dos meus homens estavam sem dormir! De mais a mais, o nevoeiro, que era excessivamente penetrante, entorpecia-nos. Não seria melhor, raciocinei, em logar de ficar á espera dos indios, atacal-os e disseminal-os por todos os lados?

Não era só uma idéa de uhlano, mas a consequencia d'um raciocinio imperioso, porque um ataque ousado e feliz podia dar-nos proveitosa fama, que, espalhando-se pelas tribus selvagens, nos puzesse em segurança durante um certo tempo.

Deixei atraz de mim cento e trinta homens sob o commando de Smith, velho lobo do sertão, ordenei a cem outros que montassem a cavallo, e avançámos com cau-

tela, mas com animo decidido. O frio tornara-se muito incommodo, e, d'este modo, era-nos ao menos permittido aquecer um pouco. A dois tiros de espingarda, mettemos a galope e, no meio d'um fogo de mosquetaria, arremessámo-nos como um furacão sobre os selvagens. Uma bala atirada por um desastrado que vinha comnosco assobioume ao ouvido mas mal roçou pelo chapéo.

Chegáramos agora ao alcance do fogo dos indios, que estavam bem longe de esperar por uma acommettida, porque era seguramente a primeira vez que os emigrantes rompiam hostilidades. Nos primeiros momentos ficaram paralysados pelo terror, depois fugiram em todas as direcções, uivando de medo como feras e deixando-se matar sem se defender. Uma porção d'elles, encurralados de encontro ao rio, sem retirada possivel, luctaram com pertinacia, e preferiram atirar-se á agua a render-se.

As suas lanças, cujas pontas eram feitas de hastes de veados, e as clavas de pedras duras, não eram perigosas, mas manejavam-n'as com habilidade. Vimos tudo isto n'um abrir e fechar de olhos. Aprisionei um d'elles, um famoso velhaco a quem parti as armas com o machado na occasião do combate.

Apoderámo-nos de algumas dezenas de cavallos, mas que eram tão bravos e tão viciosos que não podiam servir para nada. Fizemos alguns prisioneiros, todos feridos. Ordenei que os tratassem bem e dei-lhes liberdade a pedido de Lillian, fornecendo-lhe cobertores, armas e cavallos. Os pobres diabos, suppondo que os iamos torturar, entoavam os seus monotonos canticos de morte. A principio apavoraram-se com o que lhes aconteceu. Pensavam que os libertávamos para os caçar depois á moda d'elles, mas ao vêr que nenhum perigo tinham a recear, foram-se embora cantando a nossa bravura e a bondade da "flor pallida„, nome por que tinham designado Lillian. O dia acabou por um triste acontecimento que lançou uma sombra na alegria de todos e n'esta victoria tão importante e tão imprevista.

Entre os meus homens não havia nenhum morto ; um

certo numero, todavia, recebêra feridas mais ou menos sérias. O' mais gravemente ferido foi Henry Simpson, que se mostrára d'um ardor incrivel durante o combate.

Á noite o seu estado aggravou-se sériamente. Sentindo-se morrer, pediu para me fazer uma confidencia. Mas o desgraçado não pôde falar porque tinha a maxilla quebrada por uma pancada de clava.

Apenas murmurou: "Perdão, meu capitão, perdão!„ Logo depois estorceu se nas derradeiras convulsões. Adivinhei o que queria dizer, recordando-me da bala que sibilára de manhan aos meus ouvidos. Perdoei-lhe como convém a um bom christão. Sabia que levava comsigo para o tumulo um profundo e ignorado amor por Lillian e suppunha que procurára a morte.

Morreu á meia noite; enterrámol o debaixo d'um copado algodoeiro, ao pé do qual colloquei uma cruz.

CAPITULO V

No dia immediato continuámos a marcha. Na nossa frente extendia-se um plaino ainda mais comprido, mais elevado, mais agreste, uma região que os brancos receavam atravessar; n'uma palavra, estávamos em Nebraska.

Durante os primeiros dias, caminhámos velozmente por planicies sem arvoredo, mas inquietava-nos a falta de lenha. As margens do "Platle-River„, que atravessa a todo o comprimento estas campinas sem fim, estavam, na verdade, cobertas de vimes e de salgueiros, mas o rio, cujo leito é pouco profundo, transbordára, como succede todos os annos na primavera, e viamo-nos obrigados a afastar d'elle.

N'essa épocha passávamos as noites ao pé de fogueiras alimentadas com estravo de bufalo, combustivel insufficientemente sêcco que deita muito fumo e dá pouca chamma.

Apressámo-nos a alcançar o "Big-Blue-River„, onde encontrámos madeira em abundancia. A região em redor de nós apresentava o aspecto d'um paiz quasi virgem. De quando em quando, na frente do comboio que desfilava em linha, appareciam rebanhos de antílopes de pêllo ouriçado e branco no ventre. Por momentos, na herva densa, poderiam tomar-se por bufalos de enormes cabeças, com olhos raiados de sangue e de narinas moveis. Depois as enormes cabeças agrupavam-se e fugiam para longe.

Os indios, a comêço, não se mostraram. Mas, passados alguns dias, vimos tres cavalleiros indigenas que desap-

pareceram como phantasmas. Soube então que a lição que lhes déra no Missurí me valêra a alcunha de "Big Ara„. Mudaram-me o nome de "Big Ralph„ em "Big Ara„, apôdo terrivel entre as numerosas tribus dos ladrões das selvas. A bondade com que tratára os prisioneiros captivára esse povo cruel e vingativo, mas não desprovido de sentimentos cavalheirescos.

Quando chegámos ao grande rio "Blue„, resolvi fazer uma paragem de dez dias nas suas margens arborisadas. A segunda parte do caminho que se prolongava deante de nós era mais difficil que a primeira, porque para além dos plainos ficavam as Montanhas Rochosas e mais longe as desoladas terras de Utah e de Nevada.

As mulas e os cavallos, apesar das pastagens abundantes, estavam magros e pareciam extenuados de fadiga. Era da mais alta importancia que refizessem as fôrças descançando alguns dias. Acampámos por isso no triangulo formado pelo rio "Blue„ e pelo "Beaver Creck„.

Era uma forte posição protegida dos dois lados pelo rio e do terceiro pelos vehiculos; posição inexpugnavel especialmente por causa da agua e da lenha que nos rodeavam. O trabalho do acampamento era quasi nullo. Não havia necessidade de excessiva vigilancia e os emigrantes podiam empregar o tempo com toda a liberdade. Os dias estavam esplendidos. A temperatura continuava a ser deliciosa e as noites eram tão quentes que se podia dormir ao ar livre.

A gente da caravana sahia de manhan para a caça, e voltava ao meio dia, carregada de antílopes e de aves sertanejas que se viam aos milhões por toda a parte. Passava o resto do dia a comer, a dormir, a cantar, ou a caçar, para se distrahir, gansos bravos, que voavam aos bandos por cima do acampamento.

Não me lembro de ter passado na minha vida dez dias mais bellos que estes que decorreram á beira dos dois rios.

Passava as manhans e as tardes ao pé de Lillian. Não eram visitas rapidas e momentaneas que lhe fazia,

quasi que compartilhava agora da sua existencia. Convencia-me de minuto a minuto que amaria sempre essa dôce e encantadora creança que apreciava cada vez mais profundamente. Durante a noite, em logar de dormir, pensava constantemente n'ella, dizendo de mim para mim que me era tão indispensavel para viver como o ar para respirar. Deus sabe quanto adorava o seu lindo semblante, as suas compridas tranças e os seus olhos tão azues como o céo de Nebraska, e o seu corpo esvelto, flexivel e delicado que parecia dizer: "Ampara-me e defende-me para sempre; sem ti, não posso caminhar pelo mundo fóra.„ Possuia ainda outros encantos: a sua meiguice e a sua sensibilidade.

Encontrei muitas mulheres na vida, mas nenhuma como esta. Quando penso n'ella os meus desgôstos desapparecem.

A alma de Lillian Morris era como a sensitiva que murcha quando lhe tocam. Grata ás minhas palavras, comprehendia tudo e respondia a todos os meus pensamentos como a agua transparente e profunda reflecte o que se passa nas margens. O seu coração puro abria-se ao amor com tanta timidez que comprehendi quanto o seu affecto seria divino quando me cahisse nos braços. E sentia então no peito um grande impulso de reconhecimento por ella.

Era a unica na terra a minha bem amada; tão modesta, que me custava immenso a persuadil-a que amar não é um crime, e torturava constantemente o espirito para a convencer. As nossas entrevistas á beira do rio foram impregnadas de dulcissimas commoções até que se realisou a minha ventura suprema.

Partimos uma manhan, ainda não era bem dia, para "Beaver-Creck„. Desejava mostrar-lhe os castores, cuja tríbu estava a cêrca de meia milha do acampamento.

Caminhando com a maior precaução ao longo do rio, depressa chegámos ao sitio onde queriamos ir. A margem formava uma pequena bahia, tranquilla como um lago. A angra, estava rodeada de grandes arvores; diversos cho-

rões mergulhavam os ramos na agua. O dique construido pelos castores extendia-se, a distancia, na calheta. Sufficientemente elevado, represava a agua do pequeno lago sobre cuja superficie limpida se erguiam as casitas d'esses animaes intelligentes.

É provavel que nenhum homem tivesse chegado a este logar occulto a todas as vistas por arvores seculares. Afastando com precaução a folhagem dos salgueiros, olhámos para a agua que era muito azul e tão liza como um espelho.

Os castores não trabalhavam ainda. A pequena cidade aquatica dormitava placidamente, e reinava um tão grande silencio no lago que ouvi a respiração de Lillian quando inclinou a doirada cabeça perto da minha atravéz dos ramos; então as nossas cabeças tocaram-se. Enlacei-lhe com o braço a cintura para a suster no declive da ribanceira, e assim, a sonhar, esperámos pacientemente a apparição dos castores.

Acostumado a viver em paizes selvagens, amava a natureza como uma segunda mãe. Presenti que ia assistir a um maravilhoso espectaculo da creação, que provava a omnipotencia de Deus.

Era muito cedo; o dia começava a alvorecer por meio do arvoredo; o orvalho cahia em fio das folhas dos salgueiros e a paizagem illuminava-se gradualmente a cada instante.

Pouco depois, na outra riba, vimos gallinhas do matto cinzentas, com peitos negros e lindissimas cristas. Bebiam da agua clara e erguiam os bicos apóz cada gole.

— Oh! Ralph, como se está bem aqui! suspirou Lillian.

O meu sonho era possuir uma casa de campo n'um logar solitario, onde vivesse com ella longos dias tranquillos e calmos. Pareceu-nos que estas alegrias da natureza nos pertenciam, que este socego era o nosso socego, e que esta luz fulgurante, era a luz que devia illuminar sempre a nossa felicidade vindoura.

N'este momento, na superficie unida desenhou-se um

circulo, e da onda sahiu com lentidão o focinho barbudo d'um castor purpurisado pelos raios da aurora; depois surgiu segundo e os dois animaesitos nadavam assoprando com as narinas. Formavam na agua pequenas linhas azues.

Treparam para o dique, assentaram-se e começaram a chamar. A estes gritos, levantaram-se como por encanto diversas cabeças grandes e pequenas. Ouviu-se um borborinho no lago. O bando parecia folgar, gritando a seu modo, com delicia. Mas o primeiro casal, sempre em cima do dique, soltou um silvo prolongado, e, n'um instante, metade dos castores subiu para o dique, e a outra metade, nadando para as margens, refugiou-se na base dos salgueiros onde a agua começou a rodomoinhar. Ouviu-se então um ruido semelhante ao da serra que indicava que os animaes trabalhavam cortando os ramos e a cortiça.

Lillian e eu contemplavamos estas idas e vindas, os trabalhos e os brinquedos d'esses seres tão pacificos quando não são perturbados pelo homem.

Lillian, desejando mudar de logar, mexeu por descuido n'um ramo, e, n'um abrir e fechar de olhos, todos os castores desappareceram. Só a agua revôlta indicava que existia no seu seio um pequeno mundo. Pouco tempo depois, o rio tornou-se limpido e envolveu-nos o silencio, apenas interrompido pelas aves do bosque que picavam nas cascas das arvores.

O sol, n'este meio tempo, alteara-se por cima das arvores e começava a aquecer intensamente. Como Lillian não se sentia fatigada, resolvemos dar volta ao lago.

No caminho, encontrámos um arroyo que atravessava o bosque e ia lançar-se no lago, na banda opposta. Lillian não o pôde atravessar, e, apesar da sua resistencia, tomei-a nos braços como uma creança e metti-me pela agua dentro.

Este regato era um manancial de ventura.

Para evitar uma queda, obriguei-a a passar os dois braços em volta do pescoço, e a encostar a cabeça ao meu hombro! Colloquei devagarinho os labios nas suas fontes e disse-lhe:

— Lillian! minha Lillian! E transportava-a assim por cima da agua.

Quando cheguei á outra margem, desejava leval-a mais longe, mas fugiu-me dos braços quasi brutalmente. Apoderou-se de nós uma certa perturbação. Assustada, começou a olhar em volta de si, fez-se muito pallida e tomou um ar severo.

Continuámos o caminho, peguei-lhe na mão e apertei-a de encontro ao peito. Havia momentos em que tinha medo de mim proprio. O sol tornára-se abrazador; o céo projectava sobre a terra um calor excessivo. Não se sentia o menor sôpro de vento; as folhas pendiam immoveis. Apenas se ouvia o ruido das aves que espicaçavam os fructos. Tudo parecia esvair-se e adormecer. Pairavam no ar não sei que extranhos encantamentos, e só então me lembrei que tinha Lillian a meu lado, na floresta, e que estávamos sós.

A fadiga começou a apoderar-se da minha bem amada, a respiração tornou-se oppressa, precipitou-se e o seu rôsto, habitualmente pallido, cobriu-se por instantes d'uma grande vermelhidão. Perguntei-lhe se não queria descançar.

— Oh! não! respondeu com vivacidade, como se se defendesse d'um pensamento íntimo; mas depois de dar mais alguns passos, parou subitamente e suspirou:

— Não posso, na verdade, não posso caminhar mais.

Tomei-a de novo nos braços e transportei esse adorado fardo para a margem do rio, onde os ramos dos salgueiros pendidos até o chão formavam uma arcaria fresca e cheia de sombra.

Colloqueia-a n'essa alcôva de verdura, em cima do musgo, ajoelhei e, quando a contemplava, senti o coração apertar-se-me como se fôra para morrer, o seu rôsto estava amarello como a cêra e os seus olhos fixos encaravam-me com susto.

— Lillian! Que tens? exclamei, sou teu.

Deitei-me a seus pés e cobri-lh'os de beijos.

— Lillian, continuei, minha esposa adorada como nenhuma no mundo!

Ao pronunciar estas palavras, agitou-a todo o seu ser um estremecimento; e, de subito, lançando os braços em volta do meu pescoço com fôrça desusada, como n'um accesso de febre, repetiu:

— Meu caro! meu bem amado! meu marido!

Fugiu-me a luz dos olhos, esqueci tudo.

Não sei como depois de se dissipar a embriaguez pude recuperar o uso dos sentidos. Atravéz da folhagem coava-se uma dôce claridade. No fundo do lago sorria um resplendor a outro resplendor. Os habitantes das aguas tinham adormecido; a tarde estava magnifica, calma, embebida de tons rubros. Era tempo de regressar ao acampamento.

Quando sahimos de debaixo dos salgueiros, fitei Lillian: o seu rôsto não manifestava nem tristeza nem enleio, os seus olhos apenas exprimiam uma terna resignação. Em redor da sua adorada cabeça brilhava uma rútila aureola de sacrificio e de dignidade.

Quando lhe extendi a mão, reclinou meigamente a cabeça no meu hombro, e sem tirar os olhos que tinha pregados no céo disse-me:

— Ralph! repete-me que sou tua esposa e repete-m'o muitas vezes!

Como no deserto que atravessávamos não se podia celebrar outro casamento além da união de dois corações, ajoelhei-me, e quando ella fez o mesmo a meu lado, exclamei:

— Ante Deus e ante o Céo, declaro-te minha mulher, Lillian Morris, e tomo-te por esposa! Amen!

A estas palavras respondeu:

— Agora, Ralph, sou tua, tua esposa para sempre e até a morte!

A contar d'esse instante considerámo-nos casados; não era já minha noiva, era minha mulher legitima.

Este pensamento encheu-nos de jubilo, e no meu coração despertou um novo e íntimo sentimento de respeito por Lillian e por mim proprio, uma grande estima que fez o nosso amor nobre e sagrado.

De mãos dadas, de cabeça erguida, voltámos para o acampamento, onde estavam inquietos com a nossa ausencia. Partíra uma porção de homens em varias direcções para nos procurar. Fiquei até surprehendido ao saber que alguns d'elles andaram em volta do lago, sem nos descobrir. Nós não ouviramos os seus brados.

Reuni toda a gente e, depois de formados em circulo, peguei na mão de Lillian, e, collocando-a no centro, disse:

— Meus amigos, sêde testemunhas que na vossa presença chamo a esta mulher minha esposa e declarem-n'o perante a justiça, perante a lei, perante quem quer que seja que o pergunte de Leste a Oeste.

— Assim o faremos, hurrah! por ambos! responderam em côro.

O velho Smith perguntou então conforme o uso a Lillian se consentia em me tomar por esposo, e quando proferiu: "Sim„, estávamos legalmente casados ante o povo.

Nas regiões longinquas do Occidente e nas fronteiras onde não ha nem cidades, nem magistrados, nem egrejas, os casamentos realisam-se por esta forma, e se um homem chama á mulher que vive com elle, esposa, essa declaração é absolutamente válida para todas as formalidades legaes.

Todos os meus homens acceitaram o casamento com o maior respeito, e todos se rejubilaram, porque, apesar de os tratar mais severamente que outro qualquer chefe, reconheciam que procedia sempre com justiça, e de dia para dia testemunhavam-me cada vez mais dedicação e rodearam minha mulher de todos os respeitos.

Começaram então as festas e os divertimentos. As fogueiras flammejaram; os escocezes foram buscar as gaitas de folles, cujos sons tão agradaveis nos eram; os americanos agarraram nos seus ossos favoritos, e foi no meio de cantos, de gritos, e de tiros de espingarda disparados em honra dos noivos que decorreu a nossa noite de nupcias.

A tia Atkins abraçava Lillian a cada momento, ora ria, ora chorava, ora accendia o cachimbo que logo se apagava. Sensibilisou-me immenso a seguinte cerimonia que

está em uso na população americana tão nomada, que passa a maior parte da existencia em carretas.

Quando a lua se occultou, a gente da caravana atou ás espingardas ramos de vime inflammados e em procissão, com o velho Smith á frente, fômos de vehiculo em vehiculo. Ao chegar perto de cada um d'elles perguntávamos a Lillian:

— É aqui onde vives, é este o teu lar?

A minha bem amada respondia:

— Não!

E continuávamos a marcha.

Quando nos approximámos do carro da tia Atkins, apoderou-se de todos uma grande commoção, porque era n'elle que Lillian viajára até ahi. Quando em voz baixa respondeu mais uma vez: "Não„, a tia Atkins agarrou-se a Lillian, beijou-a e exclamava lavada em lagrimas: "Minha querida, meu amor!„ Lillian tambem chorava, e então os corações d'esses homens endurecidos enterneceram-se por seu turno e todos os olhos se marejaram de lagrimas.

Quando me acerquei do meu carro, custou-me a reconhecel-o, de tal fórma estava coberto de ramos e de flôres. Quando o cortejo chegou ahi os homens ergueram os fachos e Smith perguntou em voz alta e solenne:

— É aqui que desejas viver?

— É aqui! é aqui! respondeu Lillian.

Todos se descobriram e fez-se um tal silencio que ouvi o crepitar do fogo e o ruido dos ramos a arder que cahiam no chão.

N'esse momento o velho mineiro de cabellos brancos, extendendo as mãos nervosas para nós, pronunciou:

— Que Deus vos abençôe a ambos e á vossa casa!!! Amen.

Tres hurrahs responderam a esta benção. Todos se afastaram deixando-me a sós com a minha idolatrada esposa. Quando o derradeiro homem desappareceu, Lillian encostou a cabeça ao meu coração e suspirou:

— Para sempre! para sempre!

E n'esse momento a luz das nossas almas excedia em esplendor a das estrellas do firmamento.

CAPITULO VI

De manhan, muito cedo, deixei minha mulher adormecida e fui em busca de flôres. Repetia a cada minuto: "Casados! estamos casados!„ E este pensamento enchia-me de tal alegria que levantei os olhos para o céo e agradeci a Deus o ter permittido que vivesse até o momento supremo em que o homem sente necessidade d'um affecto terno e sincero.

Agora era meu, pertencia-me um ser encantador. E eu que por unicos bens só tinha esse pobre carro, encontrava-me de repente riquissimo. Encarava com piedade a minha antiga situação e admirava-me o ter vivido tão só durante toda a vida.

Nunca suppuzéra que na palavra "esposa„ se podia resumir toda a felicidade d'uma existencia.

Desde que principiei a amar Lillian não via nada acima d'ella: só pensava por ella e para ella; agora que era minha mulher, receava enlouquecer de alegria. Minha mulher! isto é, minha para sempre. E era a mim, pobre homem, que pertencia tal thesouro! Que me faltava agora? Nada! Se essas campinas não fôssem tão abrazadoras; se não houvesse perigo para a minha amada; se não me visse obrigado a guiar essa gente até o sitio ajustado, talvez não me dispuzesse a ir á California, talvez me fixasse em Nebraska com Lillian.

Ia para a California para pesquizar oiro, mas, presentemente, essa idéa fazia-me sorrir. Que maior riqueza podia desejar? Acaso precisamos de oiro? Não! escolheremos

qualquer sitio, onde a primavera reine todo o anno; cortarei arvores para construir uma casa e viverei com ella. Uma charrua e uma espingarda bastam para provêr ao nosso sustento. Não morreremos de fome. Taes eram os meus pensamentos emquanto colhia flôres; e quando tinha um bom braçado voltei para o acampamento. No caminho encontrei a tia Atkins.

— A pequena ainda dorme? perguntou-me, retirando durante um segundo da bôcca o inseparavel cachimbo.

— Dorme, respondi.

Ao que a tia Atkins, piscando o olho, retorquiu:

— Feliz maganão.

Lillian não dormia porque a vimos descer do carro, e alpendrando as mãos por cima dos olhos para os abrigar da luz, principiou a mirar para todos os lados. Vendo-nos, correu para nós, rosada e fresca como a aurora. Quando lhe abri os braços cahiu n'elles offegante e começou a repetir: "Dzien dobry! Dzien dobry! Dzien dobry!„

E, encarando-me bem de frente, perguntou-me com um sorriso travêsso: "Sou tua mulher?„ Que havia de responder? abracei-a demorada e ternamente. O velho Smith quiz encarregar-se dos trabalhos que me incumbiam até recomeçar a marcha. Visitámos de novo os castores e d'essa vez, para atravessar o regato, levei-a ao collo sem que oppuzésse a menor resistencia.

No dia immediato subimos o "Blue River„ n'uma pequena piroga vermelha. Mostrei a Lillian, n'uma curva do rio, diversos bufalos que aguçavam as pontas no solo.

Dois dias antes de partirmos cessaram as nossa excursões. Em primeiro logar por causa dos indios que appareceram nas vizinhanças, e tambem porque a minha querida mulher estava um pouco adoentada. Empallidecia e perdia as fôrças. E, quando lhe perguntava qual era a causa d'essa fraqueza, respondia sorrindo e com intimativa que não era nada. Velei-a durante a noite. Cuidei d'ella tão bem quanto pude, resguardando-a do menor sôpro da briza. Morria de inquietação.

A tia Atkins piscava os olhos mysteriosamente cada

vez que falava da doença de Lillian. Deitava-lhe taes baforadas de fumo que a pobre creança desapparecia em meio de tantas nuvens. Andava um pouco preoccupado por causa dos tristes pensamentos que, de quando em quando, assaltavam Lillian. Mettera-se-lhe na cabeça que talvez não fôsse permittido amar como nós o faziamos, e uma vez, collocando o dedo na Biblia, que liamos todos os dias, disse com melancholia:

— Lê, Ralph!

Li e senti-me com effeito penetrado d'um extranho sentimento: "Quem não tem confiança na palavra de Deus, e adora e serve uma creatura mais que o Creador, nunca será abençoado...„ Quando acabei a leitura ella commentou:

— Se Deus está descontente commigo, sei que na sua infinita bondade só me punirá a mim.

Tranquillisei-a affirmando-lhe que o amor era como um anjo que hauria as preces nas nossas almas para as levar a Deus.

Depois d'isto não conversámos mais sobre tal assumpto, porque tinham começado os preparativos da viagem. A installação dos carros e dos animaes, e mil outras occupações tomaram-me todo o tempo. Quando, porfim, soou a hora da partida, dissemos adeus a esse rio que fôra testemunha da nossa felicidade. Mas quando vi o comboio desfilar de novo na planicie, as carretas umas atraz das outras com as parelhas de mulas na frente, fiquei satisfeito em pensar que de instante a instante se approximava o termo da viagem, e que, dentro de alguns mezes, veriamos a California, para onde nos dirigiamos no meio de tantas difficuldades. Nos primeiros dias de marcha correu tudo muito bem.

Para além do Missurí, quasi até as Montanhas Rochosas, o terreno prolongava-se continuamente em extensões infinitas. Os animaes extenuavam-se rapidamente e não podiam trabalhar. Não nos podiamos approximar de "Platte River„, apesar das aguas terem baixado, porque era, na época das grandes caçadas da primavera, frequentado por

uma multidão de indios que enxameavam as margens á procura das manadas de bufalos.

O serviço nocturno tornou-se difficil e muito fatigante. Não se passava uma unica noite sem alarmes.

No quarto dia, depois de ter passado para além da bifurcação do rio, dispersei um bando consideravel de salteadores indios, no momento em que tentavam apoderar-se das nossas mulas. O mais custoso, porém, era passar as noites sem fogo. Era-nos impossivel acercar de "Platte River„ e faltava-nos com frequencia combustivel; de manhan cahia uma chuva brumosa. O estravo dos bufalos, que em caso de necessidade substituia a lenha, estava humido, não ardia.

Os bufalos tambem me causavam inquietações. Viamos, de quando em quando, no horisonte manadas constituidas por milhares d'esses animaes que se precipitavam como um furacão assolando tudo na passagem. A furia d'estas manadas era tão violenta que podia destruir um comboio.

Para completar a nossa infelicidade, o matto estava infestado de aves de rapina de todas as especies. Depois dos bufalos e dos selvagens appareciam-nos os terriveis ursos cinzentos, os grandes lobos do Kansas e do territorio indio. Vimos muitas vezes, á borda dos regatos, onde paravamos para descançar, ao pôr do sol, collecções completas e variadissimas de feras que vinham refrescar-se do calor do dia.

Uma tarde, um urso precipitou-se sobre o mestiço Vichita, que Smith e Tom puderam felizmente soccorrer, e que a não ter sido assim ficaria esquartejado. Fendi a cabeça do monstro com um machado que brandi com tal fôrça que cortei ao mesmo tempo a extremidade d'um grosso ramo de nogueira. O animal, apesar de ferido, arrojou-se a mim e só cahiu quando Smith e Tom lhe desfecharam no ouvido um tiro de carabina. As feras eram tão ousadas que, durante a noite, penetravam até o comboio, e, no decorrer d'uma semana, matámos dois que estavam a menos de cem metros da caravana. Esta vizinhança fazia

com que os cães não cessassem de ladrar desde o crepusculo até amanhecer.

Gostára d'este modo de vida. No anno precedente estivera em Arkansas durante os grandes calores e ficára encantado. Mas agora que reflectia que n'uma d'essas carretas a minha querida mulher tremia de susto em logar de dormir, desejava que os indios, os ursos, os jaguares se sumissem nas profundas dos infernos e ambicionava com toda a minha alma um pouco de socêgo para essa fragil creatura, tão mimosa e tão adorada que quizera trazer sempre ao collo.

O meu coração sentiu um grande allivio quando, depois de tres semanas cheias de difficuldades, descobri as aguas limpidas d'um rio. Esse curso é agora chamado "Republican River„. N'essa épocha ainda não tinha nome inglez. Circumdavam-n'o uma linha de escuros salgueiros, que se extendiam como um véo de luto ao longo da toalha transparente; podiam fornecer-nos combustivel em abundancia, e apesar da lenha do salgueiro crepitar no fogo e arremessar grande somma de fagulhas, ardia melhor que o estravo de bufalo.

Deliberei dar um novo descanço de dois dias n'este sitio, porque os rochedos disseminados aqui e alli nas margens do rio eram indicio d'uma região escarpada, de collinas pouco afastadas que precediam as Montanhas Rochosas. Estávamos já muito acima do nivel do mar, o que era facil conhecer pela frescura das tardes.

Esta differença de temperatura entre os dias e as noites fez-nos muito mal. Algumas pessoas, como o velho Smith, tiveram febre e foram obrigados a recolher-se aos carros.

Recebêra os primeiros germens da doença nas margens do Missurí e o muito cançaço auxiliou o desenvolvimento do empaludismo. A proximidade das montanhas dava esperanças d'uma prompta cura. Emquanto a saude não chegava, minha mulher tratava d'elles com dedicação; mas tambem Lillian começava a fraquejar. Mais d'uma vez, quando acordava de manhan, o meu primeiro olhar fixava-se no

seu formoso rôsto e o meu coração pulsava inquieto vendo a sua pallidez e os circulos azulados que lhe rodeavam os olhos. Acontecia com frequencia, quando a contemplava por essa fórma, despertar, e então sorria-me e adormecia outra vez. Daria n'esses momentos metade da minha saude tão robusta para estar na California; mas essa terra estava ainda longe, muito longe.

Findo os dois dias continuámos a marcha, e chegámos á tarde a "Republican River„. Avançámos ao longo da curva do "White Man„, depois mettemos pelo "Platte„ que se prolonga em grande parte pelo Colorado.

A região tornava-se, a cada passo, mais montanhosa. Caminhávamos por meio de collinas asperas. Algumas, elevavam-se a prumo como um campanario; outras, apresentavam jorramentos como os baluartes. Não faltava lenha, porque nas anfractuosidades do rochedo cresciam pinheiros e carvalhos anões. Ouvia-se aqui e alli o murmurio das nascentes. A verbena trepava pelas paredes dos rochedos. O ar era fresco, puro, salubre. Passada uma semana, cessou a febre, mas as mulas e os cavallos, obrigados a comer uma forragem onde abundava a urze em vez da herva tão nutritiva de Nebraska, emmagreciam a olhos vistos, e quando puxavam pelos pesados carros, doíam-se extraordinariamente.

Uma tarde divisámos na nossa frente altos rochedos que, de longe, se assemelhavam a grandes torres, com os eirados a fundirem-se no azul nublado: pareciam immensas muralhas, colossalmente largas, com arestas brancas e doiradas collocadas entre o céo e a terra. Ante este panorama, produziu-se um movimento geral na caravana. Os homens subiram para os tejadilhos dos carros para vêr melhor. Ouviram-se gritos de todos os lados: "As Montanhas Rochosas!„ Os chapéos voaram e o enthusiasmo pintou-se em todos os rôstos.

Os americanos saudavam a magestosa cadeia; eu, fui á minha carreta, e, apertando minha mulher de encontro ao coração, jurei-lhe mais uma vez fidelidade ante esses imponentes altares celestes, cheios de mysterios e

d'uma apparencia tão solenne em meio da immensidade. O sol declinava. O crepusculo cobriu dentro em breve toda a região e, illuminados pelos ultimos raios de sol, esses gigantes de pedra assemelhavam-se a immensas massas de carvões encandescentes. Depois, este colorido vermelho passou a um tom de violeta, a seguir escureceu mais ainda. Porfim tudo desappareceu e as estrellas brilharam no céo: era noite.

Estávamos ainda a cento e cincoenta milhas, pelo menos, da grande serra. As montanhas escondiam-se de quando em quando a nossos olhos, occultas pelas collinas, quando torneávamos alguma vertente, para tornar a apparecer de novo e minutos mais tarde se sumirem.

Caminhávamos lentamente, porque se apresentavam novos embaraços, e, apesar da precaução de nos mantermos tão perto quanto possivel do leito do rio, acontecia por vezes que as ribas eram tão escarpadas que nos obrigavam a contornal-as e a procurar passagem atravéz dos valles proximos.

N'estes valles, o chão estava coberto de tojo e de plantas bravas, que nem mesmo eram boas para as mulas e que estorvavam muito a marcha, porque as compridas hastes dos arbustos entrelaçavam-se a ponto de ser difficil passar por meio d'ellas. Algumas vezes encontrávamos o solo fendido em largos rasgões, com algumas centenas de metros de cumprimento. Era-nos impossivel transpôl-os e víamo-nos obrigados a tomar por um desvio. Outras vezes os exploradores vinham-nos prevenir que novos obstaculos se erguiam deante de nós: eram enormes rochedos que erriçavam o chão ou ainda a terra que se abria subitamente.

Um dia que marchávamos por meio d'um valle, vimos, de repente, que o solo nos ia faltar debaixo dos pés. Deante de nós abria-se um precipicio tamanho que tivemos vertigens. No fundo d'este abysmo viam-se grossos carvalhos que pareciam toscos blocos negros. Os bufalos, enxergados cá de cima, eram como grandes insectos.

Internávamo-nos cada vez mais na região dos preci-

picios. Rochas enormes, despenhadas umas sobre as outras, formavam um cháos estupendo. As pragas dos conductores e os relinchos das mulas eram reproduzidas duas e tres vezes pelo écho. As carretas que, na planicie, nos pareciam de dimensões majestosas, desciam a proporções microscopicas ao pé de tão formidaveis rochedos, e desappareciam nos desfiladeiros como engolidos por estas gigantescas fauces.

Pequenas quedas de agua que os indios chamam "aguas sorridentes„ obstruiam-nos a marcha de quinhentos em quinhentos metros; a fadiga exgottava-nos as fôrças a nós e aos animaes.

Quando, por instantes, a verdadeira cadeia de montanhas surgia no horisonte, afigurava-se-nos que estávamos sempre á mesma distancia d'ella e que continuava envôlta em bruma como d'antes.

Felizmente esta mudança contínua de paizagem, mantendo a nossa curiosidade em vibração, permittia-nos vencer o cançaço.

Nenhum dos meus homens, com excepção dos que eram naturaes das Alleghanias, tinham visto região tão adusta. Até eu contemplava com surpresa este immenso paiz, onde a natureza se deliciou a amontoar, a reunir esses grandes castellos de rochas, essas fortalezas e essas cidades de pedra.

De quando em quando, encontrávamos indios, differentes dos da planicie. Eram nomadas e muito mais selvagens. A vista dos brancos atemorisava-os, e, ao mesmo tempo, despertava-se n'elles gôstos sanguinarios. Pareciam ainda mais crueis que os seus irmãos de Nebraska. Eram de menor estatura, de côr mais negra. As suas largas narinas e os seus olhos brilhantes emparelhava-os com feras apanhadas em armadilhas. Os seus movimentos tinham a vivacidade e ao mesmo tempo a timidez de animaes ferozes. Quando falavam, punham os pollegares nas faces, pintadas de azul e branco. As armas compunham-se de clavas e de frechas; estas ultimas eram feitas d'uma especie de espinheiro das montanhas, tão forte que as não podiamos cur-

var. Em numero consideravel, esses selvagens talvez fôssem perigosos: a sua paixão predominante consistia no roubo. Os que encontrámos eram, felizmente, pouco numerosos, talvez uns cincoenta. Pertenciam aos tabeguachis, vinemucas, e yampas.

O nosso guia, Vichita, que fallava todos os dialectos indios, não lhes comprehendia a lingua.

A marcha tornara-se tão difficil, que apesar de todos os esforços, mal andavamos quinze milhas por dia. A partir d'esse momento os cavallos começaram a morrer, porque eram menos resistentes que as mulas e precisavam de sustento mais delicado.

Os homens tambem cahiam de fraqueza; durante dias inteiros tiveram de puxar as carretas junto com as mulas e ajudar a transportal-as nos sitios mais escabrosos.

A boa vontade foi abandonando pouco a pouco os mais fracos; alguns foram atacados de rheumatismo; um d'elles teve vomitos de sangue, e morreu em tres dias, amaldiçoando a idéa que lhe atravessára o espirito de sahir de Nova York. Estavamos então na peor parte do trajecto, ao pé do pequeno rio chamado pelos indios "Kiowa„.

Ahi não havia montanhas tão altas como no Colorado, mas o paiz inteiro, tão longe quanto a vista podia alcançar, estava coberto de fragmentos de rochedos que se intercallavam n'uma desordem medonha.

Estes blocos, uns de pé, outros no chão, apresentavam o aspecto de cemiterios em ruinas com os mausoleus quebrados.

Eram essas realmente as "Bad Lands„ do Colorado, semelhantes ás que se extendem ao norte acima de Nebraska.

Emfim, á custa das maiores diligencias, conseguimos depois d'uma semana sahir d'esse paiz tão agreste.

CAPITULO VII

Chegámos porfim ao sopé das Montanhas Rochosas; fiquei assombrado ao contemplar essas massas enormes de granito envôltas no nevoeiro e cujas cumieiras, cobertas de neve eterna, desappareciam nas nuvens.

A sua grande majestade silenciosa demonstrou-me como eu era mesquinho; prostei-me ante o Senhor, pedindo-lhe para que conduzisse as minhas carretas, os meus homens e minha mulher, para além d'essas muralhas colossaes.

Depois d'esta prece, penetrei nos desfiladeiros com mais confiança. Quando as montanhas se cerraram atraz de nós, sentimo-nos separados do resto do genero humano. Acima, lá muito alto, o firmamento onde voavam algumas aguias, e, em volta de nós, granito e sempre granito. Um labyrintho de desfiladeiros, de ravinas, de fendas, de vortices, de torres, de edificios silenciosos, e tambem de grutas gigantescas d'um aspecto phantastico. Estes sitios estão impregnados d'uma tal solennidade, a alma é empolgada por uma tal grandeza, que o homem sente o pouco que vale e nem sequer ousa falar baixinho.

Parece que o caminho se fecha continuamente deante de nós, e que o écho nos brada: "Não vás mais longe porque não tem sahida!„ Parece-lhe tambem que vae violar algum grande mysterio sellado pela mão de Deus.

A noite, a lua desdobrou sobre as cumiadas como um manto prateado, mas profundamente triste. Ergueram-se em redor de nós sombras extranhas, uma commoção sin-

gular apoderou-se dos mais audaciosos aventureiros. Passámos horas inteiras ao pé das fogueiras, contemplando com particular superstição as trevas dos barrancos, illuminados de quando em quando por clarões avermelhados. Parecia que ante nossos olhos ia surgir alguma coisa terrivel.

Um dia encontrámos o esqueleto d'um homem na cavidade d'um rochedo. A julgar pelos cabellos que ainda se viam no craneo, era um indio. E assaltaram-nos terriveis pensamentos, porque a caveira, de dentes cerrados, parecia dizer que quem entrava n'esta montanha não devia sahir mais.

N'esse mesmo dia, um mestiço chamado Tom, morreu instantaneamente, cahindo com o cavallo d'um rochedo abaixo. Toda a caravana sentiu immensa pena. Até ahi tinhamos jornadeado alegremente, e agora os conductores cessavam de falar aos animaes praguejando, e a caravana caminhava no meio d'um silencio que só era perturbado pelo chiar das rodas.

As mulas cada vez andavam mais resabiadas e, quando parava uma carreta, todos as outras eram obrigadas a fazer o mesmo. Estas difficuldades continuadas affligiam-me. Desejava estar ao pé de minha mulher; mas tinha de redobrar de actividade e de ser o primeiro a dar o exemplo d'uma grande coragem e d'uma absoluta confiança.

Os homens, devo declaral-o, resistiam ao labôr com a fôrça innata aos americanos. Eram, porém, os derradeiros esforços da sua energia.

A minha saude resistiu a todas as fadigas. Havia noites em que não dormia duas horas. Empurrava os carros como os outros, postava as sentinellas, rondava o acampamento, n'uma palavra, trabalhava duas vezes mais que qualquer homem da caravana. Mas era evidente que a felicidade me dava energia, porque, quando extenuado, chegava á carreta, encontrava ahi o que me era mais caro no mundo: um coração fiel e duas mãos estremecidas que enxugavam a minha fronte banhada de suor.

Lillian, apesar de adoentada, não adormecia antes do

meu regresso, e quando a reprehendia, tapava-me a bôcca com um beijo, e pedia-me que não me zangasse.

Quando lhe recommendava que dormisse, obedecia-me apertando a minha mão entre as suas. Cobria-me, com frequencia, durante a noite, de pelles de castor, sempre meiga, terna, amoravel, cuidando de mim e obrigando-me a adoral-a.

Beijava as suas roupas como se fôssem reliquias e a nossa carreta tornou-se para mim um recinto santificado como uma egreja.

Afigurava-se-me que, no meio d'estas muralhas de granito, Lillian, tão delicada, ascendia ao céo. Ante a sua imagem, a immensidade das montanhas desapparecia: só a via a ella acima de tudo, maior que tudo.

Não era para admirar que a energia que abandonava os outros se conservasse intacta em mim? Sentia que nada me faltaria emquanto Lillian estivesse a meu lado.

Depois de tres semanas de viagem, chegámos porfim a uma grande portella, á entrada de "White River„. Alli, os indios winta prepararam-nos uma emboscada que nos causou alguns cuidados, mas quando as suas frechas principiaram a cravar-se no tejadilho do carro de Lillian, arrojei-me sobre elles com os meus homens com tal impeto, que se dispersaram n'um ápice. Matámos dois ou tres e só fizemos um prisioneiro, um rapaz de dezeseis annos que, logo que serenou, conseguiu fazer-nos comprehender com repetidos gestos que havia brancos a oeste, mas pareceu-nos asserção difficil de acreditar.

O facto confirmou-se, e é facil de imaginar o espanto e a alegria da minha gente quando, no dia immediato, ao descer d'uma planura elevada, vimos um grande valle que se extendia a nossos pés. Divisavam-se não só carretas, mas tambem choupanas construidas com ramos de arvores recentemente cortados. As choças estavam dispostas em circulo; ao centro, elevava-se um grande armazem sem janellas. Pela planicie corria um rio, nas margens do qual descobrimos récuas de mulas vigiadas por guardas a cavallo.

A presença, no valle, de seres da minha raça, encheu-me de surpresa que depressa se converteu em receio, por que me lembrei que podiam ser criminosos, proscriptos que se escondiam no deserto para escapar á morte. Sabia por experiencia que esses individuos são temiveis, particularmente nos desertos, onde constituiam destacamentos militarmente organisados.

Algumas occasiões formam quadrilhas, que vivem de roubos feitos aos viajantes que se dirigem para paizes mais habitados.

Encontrára mais d'uma vez estes foragidos, no Mississípi, quando mandava madeiras pelo rio abaixo até Nova Orléans, e mais d'uma vez tive recontros sangrentos com elles. Conhecia bem a sua crueldade e a sua bravura.

Não os recearia se Lillian não viesse comnosco. Mas ao pensar no perigo que corria se fôssemos derrotados, enchia-me de pavor. E, pela primeira vez na vida, soube o que era medo. Convencêra-me que se esses homens eram criminosos não poderíamos de maneira nenhuma evitar o combate, e não ignorava que contra elles experimentaria mais difficuldades que contra os indios.

Adverti o pessoal da caravana do perigo que nos ameaçava, e dispul-os para o combate. Estava prompto a morrer para destruir esse cortiço de vespas e resolvêra ser o primeiro a atacar.

N'este meio tempo os homens do valle já nos tinham visto, e correram para nós a toda a brida dois cavalleiros. Respirei: se fôssem criminosos não enviariam mensageiros ao nosso encontro.

Depressa soubemos que eram caçadores de pelles d'uma companhia americana, que tinha o seu "acampamento de verão„ n'este local. Em logar de hostilidades esperava-nos a mais hospitaleira recepção. Os honrados obreiros do deserto tiveram mil considerações comnosco, receberam-nos de braços abertos e démos graças a Deus por se amercear da nossa miseria e de nos ter reservado um tão agradavel repouso.

Decorrêra mez e meio depois da partida de "Big-

Blue-River„ ; tinhamos as fôrças exaustas, as mulas estavam semi-mortas, mas n'este sitio podiamos descançar uma semana em perfeita segurança, com alimentação abundante para nós e herva para os animaes: era quasi a salvação.

Mr. Thornston, chefe do acampamento, era um homem intelligente e de fino trato; ao saber que não eramos flibusteiros, recebeu-nos amavelmente e offereceu-me a propria cabana para mim e Lillian, cuja saude vinha abalada.

Obriguei-a a estar dois dias de cama. A fadiga era tanta que mal abriu os olhos durante as primeiras vinte e quatro horas. Tomei precauções para que ninguem a incommodasse. Assentei-me á cabeceira do seu leito e velei por ella. Ao fim d'aquelle praso sentiu-se com fôrças para sahir, mas não consenti que se entregasse a nenhum trabalho. A minha gente tambem dormiu durante os primeiros cinco dias como pedras. Cahiam uns após outros de fadiga e de extenuamento. Foi só depois de bem repostos que tratámos de concertar os nossos trajes e roupas.

Esses bons exploradores ajudavam-nos em tudo. Eram na maior parte canadianos contractados pela companhia. Passavam o inverno a apanhar castores, "skunks„ e outros animaes d'este genero.

No verão installavam-se em acampamento, onde viviam em habitações provisorias e onde arranjavam as pelles. Os couros preparados d'uma certa maneira, eram enviados em comboios para Léste. Estes homens, contractados por um dado numero de annos, trabalhavam com zêlo. Viviam em sitios ermos onde se encontrava toda a especie de animaes em abundancia e onde estavam sempre ameaçados d'um ataque dos "pelles vermelhas„. É verdade que recebiam bons salarios. Muitos d'elles não trabalhavam por interesse e sim por gostarem da vida do deserto e das aventuras de que essa existencia está cheia.

Escolhiam de preferencia homens rijos, de saude robusta, capazes de resistirem a todas a privações. A sua alta estatura, os seus barretes de pelles e as suas compridas

carabinas faziam lembrar a Lillian os contos de Cooper. Incitada pela curiosidade principiou a interessar-se pela vida do acampamento. Reinava ahi a maior disciplina.

Thornston, o principal chefe da companhia e ao mesmo tempo o seu representante, exercia uma auctoridade perfeitamente militar.

Eram todos homens de bem. O nosso comboio agradára-lhes muito, e reconheceram não ter nunca encontrado uma caravana tão disciplinada.

Thornston louvou, em presença de todos, o meu projecto de preferir o caminho do Norte ao de S. Luiz e ao de Kansas. Disse-nos que n'esse trajecto uma caravana composta de duzentos homens, commandados por um tal Marchwood, perdêra depois de cruciantes tormentos todos os animaes de tiro, e acabára por ser trucidada pelos indios arapahoés.

Os canadianos souberam-n'o pelos assaltantes, a quem tinham derrotado n'um sangrento recontro e d'onde trouxeram grande porção de cabelleiras escalpelladas, e entre outras, a do proprio Marchwood.

Estas informações causaram grande abalo na minha gente, a ponto que Smith, o antigo veterano que a principio se oppuzéra á marcha por Nebraska, declarou em frente de todos, que decididamente eu era o mais experiente e que os meus conselhos eram sensatissimos.

Durante a residencia no hospitaleiro acampamento recuperámos as fôrças. Além da íntima amizade que se cimentou entre Mr. Thornston e eu, travei conhecimento com Mick, afamado em todos os estados. Este homem, que não pertencia ao acampamento, percorrêra os desertos com outros dois grandes exploradores: Lincoln e Kit Carson.

A sua habilidade e a sua inexcedivel coragem assegurára-lhes sempre a victoria. O nome de Mick (escreveram-se muitos livros a seu respeito), era tão temido pelos indios que attribuiam á sua palavra mais fôrça e mais valor que qualquer tratado com os Estados Unidos. O ministerio empregava-o muitas vezes como intermediario e nomeou-o porfim governador do Oregon.

Quando o conheci orçava pelos cincoenta annos, mas os seus cabellos eram tão negros como as pennas d'um corvo, e o seu olhar ousado e bellicoso era ao mesmo tempo terno e bom.

Passava tambem por ser o homem mais robusto da America do norte, e quando luctámos e que eu o atirei ao chão todos se admiraram, porque era a primeira derrota.

Este homem de coração aberto gostava muito de Lillian e conversava com ella com grande interesse quando a via. No momento de partirmos presenteou-a com um par de sapatos feitos por elle, de pelle de cabrito. A offerta vinha a proposito porque minha mulher não possuia já calçado que pudesse usar.

Finalmente, reconfortados e munidos de preciosos esclarecimentos ácêrca das direcções a tomar e ácêrca d'aquellas de que devia fugir, continuámos a jornada. Levávamos comnosco caça posta em sal.

Não era tudo: o amavel Thornston ficára com as nossas mulas estropiadas e dera-nos as suas que estavam fortes e vigorosas.

Mick, que conhecia a California, contára-nos maravilhas d'esse paiz delicioso, não só da sua riqueza, mas ainda do seu clima temperado, das suas magnificas florestas de carvalhos e das suas montanhas bem mais formosas que as dos Estados Unidos.

Penetrou-nos no peito uma grande consolação e uma grande esperança; não presentíamos as desgraças que nos esperavam antes de entrar n'essa terra promettida.

A despedida agitámos durante muito tempo os chapéos em signal de adeus.

Para mim, o dia da partida ficou-me para sempre gravado no coração, porque, de tarde, Lillian, a estrella bem amada da minha vida, enlaçando-me o pescoço com os braços, começou, muito rubra pela commoção e pelo enleio, a confiar-me um segredo ao ouvido. Quando recebi essa venturosa confidencia, lancei-me a seus pés e, a chorar de enternecimento, beijei-lhe os joelhos.

CAPITULO VIII

Duas semanas depois de sahirmos do "acampamento de verão„ estávamos fora de Utah. A viagem, apesar de fatigante, effectuou-se mais rapidamente que a primeira parte da jornada. Precisávamos ainda atravessar a região occidental das Montanhas Rochosas que comprehende um desfiladeiro chamado "Wasatch Range„. Dois importantes cursos de agua, "Green„ e o "Great River„, cuja juncção forma o immenso Colorado, e os numerosos affluentes d'estes dois rios, que cortam as montanhas por todos os lados, abriam-nos estradas faceis. Attingimos, depois d'um certo tempo, "Utah Labre„, onde começam as terras salgadas. Penetrámos então n'um paiz extraordinario, formado por grandes valles rodeados de rochedos escalvados, monotono e triste. Estas montanhas sempre semelhantes succediam-se com desesperadora egualdade. O espectaculo que se nos apresentava deante da vista confrangia-nos: pensavamos que tinhamos sido transportados aos desertos da Biblia. Os lagos eram de agua salôbra e as suas margens estereis. Não se via uma unica arvore. O solo, n'uma vasta extensão, só continha sal e potassa. Cobria-os uma singular vegetação cinzenta de folhas largas que, quando as dobravam, deitavam uma especie de sal. A viagem era extenuante. As nossas fôrças começavam outra vez a diminuir e a invadir-nos presagios de morte.

Os meus homens depressa se tornaram indifferentes á miseria que os rodeava. Passámos Utah: eram sempre as mesmas terras d'uma aridez desoladora. Entrámos na Ne-

vada, não houve modificação! O sol era tão ardente que as nossas cabeças como que estoiravam. A luz, reflectida pelo sal, cegava a vista; no ar rodopiava uma poeira que inflammava as palpebras. Os animaes, de quando em quando, afocinhavam e cahiam redondamente para o lado, feridos de insolação. A maioria dos homens ainda conservava a coragem na esperança que dentro d'uma semana ou duas appareceria no horisonte a Serra Nevada e depois a tão ambicionada California. Os dias e as semanas decorriam no meio de fadigas progressivas. Ao cabo de certo tempo tivemos de abandonar tres carros, por não haver muares para os puxar.

Oh! era uma terra de desgraça e de penuria! Na Nevada a nossa posição ainda se tornou mais crítica, porque fômos acommettidos d'uma epidemia.

Uma manhan vieram participar-me que Smith estava doente; fui vêl-o e reconheci com estupefacção que o velho mineiro fôra atacado pelo typho. N'estes climas terríveis, o excesso de trabalho, apesar dos descanços amiudados, desenvolve os germens d'essa enfermidade que progride tanto mais quanto maiores são as fadigas e as privações. Lillian, a quem Smith estimava como se fôra sua filha, e a quem abençoára no dia do casamento, insistiu para tratar d'elle.

Inquietáva-me muito esta dedicação, mas não a podia impedir de ser boa christan. Passou a seu lado dias e noites inteiras. Ao segundo dia, o velho perdeu o conhecimento, e ao oitavo morreu nos braços de minha mulher. Enterrei, com os olhos razos de agua, aquelle que fôra não só meu auxiliar mas tambem um verdadeiro pae para Lillian e para mim. Esperávamos que depois d'um tal sacrificio Deus se apiedaria de nós, mas era simplesmente o começo das nossas provações, porque, no mesmo dia, um outro mineiro cahiu doente, e de então em deante, varias pessoas se deitaram na carreta para não mais se erguer. Foi assim que nos arrastámos atravéz do deserto, com o typho por companheiro, que derrubava continuamente novas victimas. Tambem chegou a vez da tia Atkins cahir en-

ferma, mas, graças aos cuidados de Lillian, o mal foi conjurado.

Quando Lillian tratava dos doentes passava eu crueis angustias, só, na escuridão, na extremidade do comboio. Apertava a cabeça com as mãos orando com ardor a Deus. Implorava piedade para ella sem ousar dizer: "Que a tua vontade seja feita e não a minha.„ Algumas vezes, de noite, quando estava ao lado de Lillian, acordava de repente; afigurava-se-me que a Morte erguia a lona da carreta para me vir arrancar a minha bem amada.

Os instantes que não estava com ella, e succedia me isso com frequencia, eram para mim momentos de angustia e de torturas; estava quebrado, como a arvore que se quebra pelo embate do furacão. Lillian resistíra a todas as inclemencias. Eu via os homens mais robustos cahirem. É verdade que ella não era a sombra de si mesmo, com os indicios da maternidade impressos na fronte, mas parecia relativamente bem disposta e animosa, indo de carro em carro. Não ousava perguntar-lhe se passava bem. Limitava-me a tomal-a nos braços e apertal-a durante muito tempo, muito tempo, de encontro ao peito, e quando mesmo lhe desejava falar, havia uma coisa que me opprimia com tal fôrça que não poderia pronunciar uma palavra.

No emtanto a esperança começava a penetrar-me gradualmente na alma e não ouvia já resoar aos ouvidos as terriveis palavras da Biblia: "Quem adorar e servir a creatura mais que o Creador...„ Approximávamo-nos da parte occidental da Nevada onde, para além da cintura dos lagos sêccos, acabavam os terrenos cobertos de sal e os rochedos aridos. Começava a divisar-se uma linha de plainos mais elevados, mais verdejantes e mais ferteis. Durante dois dias de viagem ninguem cahiu doente. Suppunha que terminára a nossa má sorte e já era tempo. Tinham morrido nove homens, seis ainda estavam doentes e, afóra estas infelicidades, o contagio afrouxára a acção da disciplina. Os cavallos estavam quasi todos mortos e as nossas mulas eram verdadeiros esqueletos.

Das cincoenta carretas com que partíramos do "acampamento de verão,, só trinta e duas rodavam atravéz do deserto. Para cumulo da desgraça, como ninguem desejava ir a caça com receio de se afastar demasiado da caravana para poder ser soccorrido, não se renovavam as provisões. Desejando economisal-as, comêramos durante mais d'uma semana, esquilos, mas essa carne exacravel repugnávanos e mesmo assim não se encontrava em quantidade sufficiente. Felizmente para além dos lagos a caça tornou-se mais frequente e a herva mais abundante.

Encontrámos de novo os indios que, contra o seu costume, nos atacaram em pleno dia, no meio da planicie. No combate, uma machadada fez-me tal ferida na cabeça que, na tarde d'esse triste dia, desfalleci por ter perdido muito sangue. Sentia-me, porém, feliz porque era Lillian quem me tratava e por não ser obrigada a estar ao pé de doentes que lhe propagassem o typho. Fiquei durante tres dias deitado na carreta. Tres dias venturosos porque estava continuamente com ella. Podia beijar-lhe as mãos quando me mudava as ligaduras e contemplal-a á minha vontade. Ao fim do terceiro as fôrças permittiram que montasse a cavallo, mas o moral enfraquecêra, e de boa vontade fingiria estar doente para me demorar mais tempo a seu lado. Foi então que reconheci quanto estava fatigado e que anniquilamento se apoderára do meu ser.

Emmagrecêra extraordinariamente e as inquietações que em tempo tivera pela saude de Lillian atormentavam-n'a agora a ella. Quando a cabeça o consentiu, tive que aproveitar o ultimo cavallo que restava para guiar rapidamente a caravana, porque nos rodeavam de todos os lados signaes particulares e alarmantes. Sentia-se um calor quasi sobrenatural e havia no ar lufadas ardentes como se viessem d'um grande incendio que lavrava a distancia. O horisonte tornou-se triste e sombrio. Era impossível vêr o céo occulto pelo fumo. Os animaes denotavam um enervamento insolito e assopravam ruidosamente mostrando os dentes. Nós respirávamos fogo. O calor não era devido, como suppunha, aos ventos extraordinarios do deserto de Gila de que

me tinham falado no Este. Reinava por toda a parte uma tranquillidade completa, não se movia nem uma palha na planicie.

Á tarde o sol desappareceu, vermelho como sangue, e as noites eram escuras como breu. Os doentes pediam agua, os cães uivavam constantemente. Aventurei-me até um certo numero de milhas para me certificar que as campinas não estavam em chammas, mas n'este ponto não havia receio. Acalmei-me porfim pensando que o fumo proviria d'um incendio extincto ha muito tempo.

Durante o dia, notei que as lebres, os antílopes, os bufalos e até os esquilos se precipitavam para léste, como se fugissem da California, para onde nos dirigíamos com tanta difficuldade. Mas como o ar se tornára mais puro e o calor um pouco menos intenso, imaginei que tendo o fogo queimado tudo os animaes fôssem buscar sustento a outro sitio.

Era de absoluta necessidade que nos approximássemos o mais depressa possivel do foco do incendio e que nos certificássemos se poderiamos passar ou se seriamos obrigados a desviar-nos. Segundo os meus calculos, não podiamos estar a mais de trezentas milhas da Serra Nevada ou a cêrca de vinte dias de viagem. Resolvi alcançar esse ponto fazendo os nossos ultimos esforços. Viajámos durante a noite porque o calor de dia era insupportavel.

Uma noite, não podendo continuar a cavallo por causa da minha fraqueza e da minha ferida, assentára-me no carro com Lillian. Ouvi de subito as rodas rangerem no solo d'uma maneira estranha, e resoaram no mesmo instante, d'um a outro extremo do comboio, os gritos: "Parem!„ Dei um salto para fora da carreta e ao luar vi os conductores inclinados para o chão a examinarem-n'o attentamente.

De golpe bradou uma voz:

— Capitão, andamos por cima de brazas.

Curvei-me e toquei no terreno. Jornadeavamos, com effeito, por cima d'uma planicie incendiada. Mandei parar logo a caravana e ficámos o resto da noite n'este logar.

CAPITULO IX

De madrugada deparou-se-nos um espectaculo maravilhoso. Tão longe quanto a vista podia alcançar, extendia-se um campo negro como um carvão; não só os arbustos e a herva estavam queimados, mas a terra apresentava-se tão luzidia que os pés das mulas e as rodas dos vehiculos reflectiam-se n'ella como n'um espelho.

Não podiamos vêr distinctamente até onde se extendia o terreno incendiado, porque o horisonte estava coberto de fumo; mas, sem hesitar, dei ordem para voltar para o sul. Sabia por experiencia o que era caminhar por um plaino queimado onde não ha um punhado de palha para os animaes. Visto o fogo, impellido pelo vento, se ter propagado para o norte, esperava, indo para o sul, chegar a um sitio mais propicio.

Os meus companheiros obedeceram a estas ordens, mas com certa hesitação; só Deus sabia a demora que isto trazia ao termo da viagem. Ao meio dia, durante a alta, o fumo diminuiu, mas o calor tornou-se tão excessivo que não se podia respirar; depois, de chofre, operou-se uma transformação maravilhosa.

De subito a bruma e o fumo desappareceram, e, como por milagre, elevou-se deante de nossos olhos a Serra Nevada, viçosa, sorridente, coberta no cume de neve resplandecente e tão proxima que podiamos vêr as anfractuosidades das montanhas, os lagos verdes e as florestas. Pareceu-nos até que uma briza fresca, perfumada com o cheiro dos pinhaes, chegava até nós por cima dos campos

calcinados, e que dentro de algumas horas poderiamos attingir as collinas floridas.

A esta apparição a minha gente, exgottada pela miseria do terrivel deserto, ficou doida de alegria. Uns prostraram-se no chão a chorar, outros ergueram as mãos para o céo ou começaram a rir, outros finalmente empallideceram sem conseguir pronunciar uma palavra.

Lillian e eu tambem chorávamos de alegria, mas estava muito admirado, porque avaliára que nos separava ainda da California mais de cento e cincoenta milhas. Ora as montanhas estavam ahi, sorriam-nos atravéz da planicie denegrida e pareciam approximar-se por magia, vir ao nosso encontro, convidar-nos a correr para ellas.

Puzémo-nos animosamente a caminho, e ao chiar das rodas na terra carbonisada, responderam o estalar dos chicotes, os gritos e os cantos de todos.

Viajar n'este solo ardente era um simples brinquedo, por isso que, a algumas dezenas de milhas, se encontrava a California, com as suas maravilhosas montanhas de neve!!! Caminhávamos sempre com a maior coragem. De golpe o fumo occultou-nos de novo esta vista esplendida. As horas passaram, o horisonte circumscreveu-se, a lua brilhou e a noite desdobrou-se por cima de tudo.

As estrellas luziram no céo e continuámos a caminhar sem descanço. As montanhas estavam evidentemente mais longe que pareciam. Cêrca da meia noite as mulas começaram a ornear e a tropeçar. Uma hora depois a caravana estacou porque a maior parte das muares tinham-se deitado. Os conductores tentaram levantal-as mas não o puderam conseguir. Ninguem dormiu n'essa noite. Aos primeiros alvores do dia, os nossos olhares prescrutaram com anciedade o espaço e não encontraram nada. Extendia-se, a perder de vista, um ermo triste, sombrio, monotono, cortado pela linha bem accentuada do horisonte.

A minha gente estava estupefacta. Para mim era ponto de fé que tinhamos sido victimas da miragem; mas então estremeci. Que deviamos fazer? Continuar?... Mas

esta planicie abrazada prolongava-se por um espaço de centenas de milhas. Voltar para encontrar a algumas milhas a orla d'este lençol de fogo? Mas os animaes recusar-se-hiam e não teriam fôrça bastante para executar o movimento.

Que fazer pois? Era preciso tomar uma resolução. Montei a cavallo e dirigi-me para a frente; com o auxilio d'um bom oculo, descobri um horisonte mais amplo. A certa distancia enxerguei uma faxa verde; depois de uma hora de viagem alcançára-a: era simplesmente um lago, em volta do qual o fogo não destruíra completamente a vegetação.

A planicie incendiada ampliava-se para além do alcance do oculo. Era necessario, até urgente, fazer recuar a caravana e tornear o fogo. Voltei para o comboio. Esperava encontrar os carros no sitio onde os deixára, porque ordenára para aguardarem o meu regresso, mas, durante esta curta ausencia, desobedecendo ás instrucções que déra, os homens tinham obrigado as mulas a erguerem-se e a caravana continuava a marcha. Ás minhas perguntas responderam:

— As montanhas estão alli, queremos lá chegar depressa.

Nem tentei reprehendel-os, porque vi que não havia poder humano que refreasse esses desvairados.

Talvez tivesse voltado só com Lillian, mas o meu carro não estava alli e Lillian continuára a marcha com a tia Atkins. Caminhávamos sempre. Cahiu outra vez a noite e com ella uma paragem forçada. Por cima do plaino incendiado elevou-se uma lua sinistra que illuminava um deserto em cinzas.

De manhan só metade das carretas puderam ser atrelladas, porque as mulas das outras carruagens estavam mortas. O calor era terrivel; os raios do sol absorvidos por esta terra esbrazeada, enchiam o ar de labaredas. No caminho expirou um dos doentes e ninguem se incommodou a enterral-o. Deixámol-o na planicie e proseguimos na marcha.

A agua do lago que fôra examinar no dia precedente, refrescou por momentos os homens e animaes, mas não lhes pôde restaurar as fôrças. As mulas não tinham comido um unico bocado de herva havia trinta e seis horas e alimentavam-se apenas da palha que tirávamos das carretas; até este recurso lhes ia faltar.

O caminho ficou semeado dos seus cadaveres; ao fim do terceiro dia só tinhamos uma mula. Apoderei-me d'ella, á fôrça, para Lillian. Os vehiculos e as ferramentas, que nos deviam dar pão na California, foram abandonados no deserto. Todo o mundo caminhava a pé, excepto Lillian.

Não tardou que nos ameaçasse outro inimigo — a fome!

Uma parte das provisões fôra deixada nos carros. O que cada um pudéra transportar comêra-se, e em redor de nós não existiam meios de subsistencia: tudo era arido, calcinado.

Só eu, de toda a gente da caravana, possuia ainda biscoitos e um boccado de carne salgada; mas occultava-os para Lillian e estava disposto a esquartejar quem os cobiçasse. Eu proprio não comia nada e a terrivel planicie não tinha fim.

Para augmentar ainda mais os nossos tormentos, a miragem appareceu de novo ao meio dia, mostrando-nos montanhas, florestas e lagos, mas a noite apresentou-se mais terrivel que nunca.

Todos os raios do sol que a terra em fogo absorvia de tarde, queimava-nos os pés durante as trevas e encandescia-nos as guellas.

Um dos nossos homens enlouqueceu; assentou-se no chão e principiou a soltar gargalhadas estridulas. Estas gargalhadas perseguiram-nos durante muito tempo na escuridão.

A mula que Lillian montava, cahiu; os infelizes, esfaimados, fizeram-n'a em postas, n'um abrir e fechar de olhos: era pouco para satisfazer duzentos homens.

O quarto e o quinto dia passaram-se da mesma forma.

Os meus companheiros, com a fome, tornaram-se ver-

dadeiras aves de rapina. Principiaram a olhar uns para os outros com olhares rancorosos. Sabiam que eu tinha provisões, mas sabiam tambem que pedir-m'as era a morte. Só dava alimentos a Lillian de noite, para que os outros a não vissem comer.

Ella implorava por tudo quanto havia de mais sagrado para que eu tomasse tambem algum alimento, mas eu ameaçava-a de que metteria uma bala no coração se insistisse.

Lillian conseguia enganar a minha vigilancia e dava alguns biscoitos á tia Atkins e á tia Grovernor. A fome dilacerava-me as entranhas com aceradas garras e a ferida da cabeça era um ferro em braza.

Durante cinco dias só bebêra da agua do lago.

O pensamento que possuia pão e carne, que poderia dar-me a tentação de comer essas provisões, era uma tortura indizivel, e por outro lado tinha medo de enlouquecer por causa do ferimento da testa e de devorar os alimentos que eram para Lillian!

—Ó Senhor, exclamei, afastae de mim qualquer fraqueza, e que a minha mão não toque no que é destinado a sustentar a vida de Lillian!

Mas não houve piedade para mim!

Na manhan do sexto dia vi manchas vermelhas no rôsto de Lillian; as suas mãos queimavam, a respiração era sibilante. De repente fitou-me com olhar desvairado e disse com voz breve, como quem receia perder os sentidos:

—Ralph, deixa-me aqui, abandona-me! Não ha salvação possivel para mim.

Rangi os dentes; tinha necessidade de vociferar e de blasphemar; dominei-me e peguei-lhe nas mãos.

Pareceu-me vêr, deante dos olhos, tremeluzirem ziguezagues que formavam as seguintes palavras:

"Quem adorar e servir a creatura mais que o Creador...

Julguei que uma frécha me penetrava no coração. Contemplei os céos implacaveis e exclamei com a alma sacudida pela revolta:

— Adorei eu!

E a expiação começou; o meu unico thesouro, a minha santa e idolatrada martyr, ia morrer.

Não sei como eu podia existir ainda, porque era insensivel á fome, ao calor, ao soffrimento. Não via nada deante de mim, nem a minha gente, nem a campina abrazada: só via Lillian.

O seu estado aggravou-se n'essa noite. Perdeu os sentidos. De quando em quando gemia, e com voz que mal se ouvia murmurava:

— Ralph, agua! oh! como soffro!

Só tinha carne salgada e bolacha sêcca. Desesperado, abri uma veia do braço para que o meu sangue lhe humedecesse os labios. Voltou a si, soltou alguns gritos e cahiu depois n'uma prostração profunda de onde receava que não acordasse mais.

Quando recuperou o conhecimento, afigurou-se-me que me queria dizer alguma coisa, mas a febre entorpecêra-lhe o espirito. Apenas murmurou estas palavras:

— Ralph! não te apoquentes, sou tua mulher.

Sentia-me enlouquecer de dôr.

Ao setimo dia appareceu porfim a Serra Nevada no horisonte, e á medida que o sol desapparecia, a vida de Lillian extinguia-se com elle.

Quando chegou o derradeiro momento, colloquei-a de forma que o sol lhe batesse em cheio e ajoelhei-me a seu lado.

Os seus olhos muito abertos fixaram-se em mim, animaram-se por um momento e balbuciou:

— Meu querido, meu marido!...

Sacudiu-lhe o corpo um forte estremecimento, os olhos encheram-se-lhe de lagrimas e morreu...

Arranquei as ligaduras da cabeça e cahi desfallecido. Não me recordo o que se passou depois. N'uma especie de pesadêlo, comprehendi que as pessoas que me rodeavam, pegavam nas minhas armas; depois abriram uma cova e, mais tarde, a delirar, atormentavam-me as seguintes palavras:

"Quem adorar e servir a creatura, mais que o Creador...,

.....

Dei por mim, passado um mez, na California, em casa d'um colono chamado Noskynski. Quando me senti com um pouco mais de saude parti para a Nevada. A planicie cobríra-se de herva nova do mais lindo verde, de forma que nem sequer pude encontrar o tumulo de Lillian; não sei hoje onde repousam os seus restos sagrados.

Que fiz, meu Deus, para que te apartasses de mim e para que me abandonasses?

Ignoro-o!

Se me permittisses, ainda que fôsse só por uma hora, chorar junto da sua sepultura, talvez pudesse supportar a vida.

Todos os annos vou a Nevada, e procuro sempre em vão. Decorreram já longos annos depois d'essas horas terriveis e os meus labios resequidos pronunciaram mais d'uma vez:

— Cumpra-se a tua vontade.

Mas, sem Lillian, a vida é um pesado fardo.

O homem é obrigado a viver no meio dos seus semelhantes e até a sorrir algumas vezes, mas o pobre coração, ama, soffre e lembra-se.

Estou velho, e dentro de pouco tempo farei outra viagem, a grande viagem para a Eternidade.

Só peço uma coisa a Deus:

— Que nos plainos divinos encontre a minha celestial amiga e que nunca mais me separe d'ella.

FIM DE «LILLIAN MORRIS»